



ATRAÇÕES ESTRANHAS
Emma Holly



Decidida a não repetir os enganos de sua mãe, a desertora da escola secundária e destruidora de corações Charity Wills obteria uma educação de qualquer maneira que pudesse. Então, quando lhe ofereceram a oportunidade de ir à universidade grátis, ela se apressa a aceitar. Há somente um pequeno truque...

Ela deve viajar para a fazenda do B. G. Grantham, um físico solitário que gosta de jogar jogos sexuais tão exóticos como as partículas que ele estuda. B.G. obcecou-se com o inalcançável, o significado da vida, os mistérios do desejo... e a emoção de que rejeitasse é a única coisa que ele deseja ardentemente. Charity é mais que suficiente dura para proporcionar uma provocação – especialmente quando Eric Berne, seu sexy "guardião" está ali para dar uma mão. Detrás das portas fechadas da mansão isolada de Grantham, os jogos começam. Assim se inicia a educação de Charity Wills, quem está a ponto de descobrir que as possibilidades para a indulgência sensual estão além de algo que seus sonhos mais descabelados alguma vez consentiram







Comentário da Revisora Lu Avanço: O livro é bonito é trio quatro cinco o povo é dado, mas a autora não pega pesado não e imaginem um cientista daqueles loucos mesmo fazendo sexo anal kkkkk foi demais vai alegrar as meninas bjs lu.

Comentário da Revisora Livia: Apesar de todos os termos da física e química o livro é muito interessante e quente. Gostei muito de fazê-lo. Até mesmo os cientistas fazem sexo né meninas???

Nota do autor

Para aqueles de vocês que, como eu, não são fanáticos pela ciência, aqui estão os fundamentos pertinentes ao campo de B.G. Grantham.

O Quantum, ou partícula subatômica, possui muitas qualidades estranhas. Os físicos ganhadores do prêmio Nobel comprovaram que podem: A) girar em direções diferentes de uma vez, b) conduzir-se como ondas (como água) ou partículas (como balas pequeninhas), e c) mover-se mais rápido que a velocidade da luz – algo que a teoria da relatividade de Einstein supostamente proíbe.

Não obstante, foi demonstrado que as partículas envolvidas se comunicam uma à outra instantaneamente desde grandes distancias. Finalmente, as partículas quânticas existem em um estado "impreciso" onde habitam todas as posições possíveis de uma vez, criando o que é conhecido como ondas de probabilidade.

Estas qualidades contradizem as leis igualmente provadas da física Newtoniana (ou o corpo volumoso). Em outras palavras, um fóton dá a aparência de obedecer às mesmas regras como um planeta. A busca para reconciliar este paradoxo foi designada a busca para a Teoria de Tudo.

Lá por 1920, o físico alemão Werner Heisenberg formulou seu princípio de incerteza famoso, o qual indica que pelo mesmo o ato de observar uma coisa, você a troca. Para medir o impulso de uma partícula, deve modificar sua posição. Para localizar sua posição, deve trocar seu ímpeto. Quando você não tem à vista uma partícula, seu status verdadeiro só pode ser adivinhado. Para fazer a questão mais impactante, recentes experimentos sustentam a crença de alguns físicos de que a consciência mesma é capaz de paralisar as partículas "imprecisas" de muitos estados em uma. Em outras palavras, nossos pensamentos verdadeiramente podem criar nossa realidade.

– Para aprender mais, o ensaio Time Storms de Jenny Randle ou Schrödinger por John Gribbon.

Capítulo Um

- Se aproxime, - B.G. Grantham disse ao seu empregado.



Embora Eric Berne estivesse vestido, seu chefe não estava. O notavelmente solitário físico jazia de barriga para baixo em uma mesa de massagem de pele negra – seu corpo comprido, magro brilhando com lubrificante. Eric sabia que não incomodava a B.G. estar nu. A reserva de seu patrão nunca tinha sido física. Não precisava vê-lo. Desde seus ombros largos, direitos até seus pés estreitos, cada tendão estava perfeitamente formado. Se B.G. tivesse desejado, sua imagem poderia haver-se usado para anunciar colônias para homem.

Ele é o ideal grego, Eric pensou, relampejando de retorno a seus dias na U.C. Berkeley – a mente e o músculo ambos em seu topo.

Porque ele era um nadador ávido, B.G. Tinha dado de raspar o pelo do corpo. Enquanto Sylvia, a bonita massagista loira, empurrava suas mãos lentamente abaixo de sua coluna vertebral, nada estragava suas linhas lisas, atléticas.

Eric combateu uma urgência de lambe os lábios.

-Sim? Ele disse, sacudindo-se de sua fuga e caminhando até o alcance da mão. -tem uma tarefa para mim?

-De um tipo, - B.G. disse, logo gemeu enquanto Sylvia tomou seu traseiro em suas mãos e o espremeu.

A massagista era seu último descobrimento, contratada por fora de um SPA exclusivo perto de Vitória. Embora o pessoal do B.G. usualmente passava através de um processo mais longo de prova do que Sylvia o tinha feito, Eric podia saber por que tinha feito uma exceção para ela. Suas mãos eram mágicas, seu presente por intuir que classe de toque provocaria o máximo prazer formidável. Era como se ela tivesse nascido para agradar. Naturalmente, isto fascinava a B.G., cuja larga vida estudando o prazer – o que o causava, o que o aumentava – se aproximava da obsessão.

Agora suas pernas mudaram de posição ligeiramente, indolentemente, deixando transluzir seu prazer tanto como seu gemido.

A mudança de posição deixou ao descoberto o vulto inferior de suas bolas, cheio e sexualmente ruborizado. Pelos últimos três meses, B.G. retirou todo seu pessoal, dedicando-se aos trabalhos mentais até que lhe teve que recordar comer e dormir. Eric poderia dizer que a fase estava terminada e esse o apetite do B.G. Pela indulgência sensual – sempre considerável – tinha sido intensificada pela abstinência.

Uma vez mais, B.G. tomou seu lugar enquanto o ponto de apoio erótico ao redor do qual Mosswood girava. Outra vez, ele julgava quem poderia ser prazeroso e quem não seria. Sylvia pareceu sentir a mudança, seu corpo vibrando brandamente com interesse. Ela parou na cabeceira da mesa, e sua parte dianteira roçou a parte de trás de B.G. enquanto alcançava abaixo.

Ela era uma mulher preciosa – nua, é óbvio – com seios leves, altos e mamilos tão apertados como borrachas de lápis. Seu cabelo estava tão pequeno que se pegava a sua cabeça como uma boina emplumada de platina. Eric tinha motivos para saber que essas mechas eram tão suaves



como aparentavam estar. Ela era uma criatura estranha na cama, mais cômoda dando prazer que em tomá-lo. As poucas vezes que tinham tido relações sexuais ela – tinha dado a impressão que não estava completamente ali, como se perpetuamente estivesse esperando que alguém mais aparecesse– enquanto B.G. fora pego despreparado no trabalho. O efeito era desconcertante, e explicava por que seu status tinha sido tão rapidamente trocado de brinquedo a pessoal. A competência era o que B.G. mais apreciava em um empregado. Em um companheiro sexual, entretanto, um desejo pelas recompensas que ele atribuía fora era muito importante. Ironicamente, Sylvia não era o suficientemente ávida para vir bem com B.G.–Um Eric problemático suspeitava que nunca teria que preocupar-se a respeito disso.

Ele se perguntou, entretanto, se ele alguma vez se acostumaria a poder desejar a uma mulher do mesmo modo que sua boca lacrimejava por um homem.

Eric tinha sido atraído por ambos os sexos desde que ele era jovem, uma peculiaridade em seu caráter que ele tinha sido o suficientemente afortunado para aceitar quase logo que tinha decifrado o que era. Seus pais tinham sido liberais, seu círculo de amigos liberais. Antes de tomar este trabalho como mordomo sexual de B.G., ele tinha pensado que a atração por um único gênero seria questão de tempo. A bonita sexualidade séria, assim é como pensava, manteria seus pés sobre o chão.

Ele tinha conjecturado que seu velho amigo estava além de qualquer regra absolutamente. O mundo do quantum, o campo de jogos favorito de B.G., conhecia poucos limites. Conseqüentemente, B.G. não via razão pela que ele deveria inventar limites por sua conta.

- Vocês estiveram aqui, desde que, três anos agora?- B.G. perguntou, sua voz se alterou por uma combinação de desfrute sensual e a pressão de mãos acariciando.

- Algo assim, - Eric esteve de acordo.

-E nos reunimos nesta câmara ao menos duas vezes ao ano.

Reflexivamente, Eric olhou ao redor. O quarto no qual ele estava parado tinha a forma de uma pirâmide, grandes blocos de arenito cinza brandamente polidos se estreitavam fileira por fileira em um ponto central. Luzes azuis iluminavam sob cada nível, realçando a impressão que este lugar era de uma vez antigo e novo, uma justaposição que B.G. amava.

A área quântica gostava de dizer, não pode dizer a diferença entre todos os tempos e nenhum absolutamente.

Não obstante, desde que certa quantidade de crenças de seu patrão chegavam quase caprichosamente, ele podia ter tratado de provar a validade do "poder da pirâmide".

-Sim,- Eric disse, combatendo um sorriso, - sempre começamos nossas aventuras aqui.

Apesar da familiaridade da câmara, ou possivelmente por ela, Somente abrir a pesada porta tinha a qualidade de desconectar Eric de sua personalidade normal. Suas inibições se debilitavam, junto com suas idéias preconcebidas do que as pessoas sensatas fariam. Aqui, onde cada novo



ciclo de jogos começava, seus desejos falavam dentro nos mais claros tons possíveis.

Embora incomodasse algumas vezes, ele começava a pensar na pessoa em quem ele se convertia dentro destas paredes era o verdadeiro ele. A menos que isso fora certo, sua pele se apertava antecipadamente enquanto seu patrão tomava ar para falar.

- Quero que você escolha,- B.G. disse, surpreendendo suficientemente ao Eric para trazê-lo de retorno sobre seus pés.

Abruptamente, deu-se conta do que pendurava sob o tecido de suas calças: O engrossado peso de seu pênis, a tensão de suas pernas. Eric era maior e mais forte que B.G., sem ser estúpido, mas mais um atleta que um cérebro. O carisma mental de B.G. era a força que o mantinha sob controle. Pelo mesmo, Eric não teria feito uma fração das experiências de B.G. possíveis. Por isso, assim como também por sua dívida de lealdade, Eric escolhia acessar aos desejos de outro homem, por esperar sem importar o muito tempo que tomasse lhe permitir saciar seus desejos – o que não queria dizer que as rédeas nunca o exasperassem.

Essa era a idéia, é obvio: Que ninguém ao redor de B.G. pudesse predizer quando viria a liberação, que a possibilidade de que fora retida os poria desesperados. Nesse estado de frustração suspensa, a menor recompensa erótica ganhava intensidade.

Seu cabelo era reto e negro, cortado curto exceto por uma mecha que pendurava sobre seus olhos marrons escuro. Em qualquer outro, estas características teriam sido expressivas. No B.G., não davam de presente virtualmente nada. Suas emoções estavam escondidas, como era usual, detrás de uma parede de calma preguiçosa.

Só um companheiro de longo tempo como Eric podia dizer o acelerado que estava.

- Ouviu-me?- B.G. perguntou pacientemente. -Disse que quero que escolha o nosso seguinte candidato.

Os arquivos dos candidatos estavam colocados abertos sobre os azulejos de granito sob a mesa onde B.G. jazia. Um candidato era varão, a outra fêmea. Estes relatórios eram perfis em parte psicológicos, em parte história pessoal. Eric não só tinha dirigido sua recopilação, ele os tinha resumido para seu chefe. Não era procedimento padrão, mas Eric mesmo tinha tomado as fotos de longo alcance para um. Sendo esse o caso, ele conhecia o conteúdo dos arquivos intimamente.

- Escutei - disse ao B.G. - Somente não estou seguro de qual é a opção que desfrutaria mais.

Isto esporeou uma reação. Como um leopardo despertando de uma sesta, B.G. ficou de barriga para cima e se endireitou sobre seus cotovelos. Seu peito levava marcas das costuras de couro da mesa. Embora as marcas atravessassem tentadoramente seus mamilos, os olhos de Eric foram à deriva mais à frente para baixo. O pênis de B.G. estava inchado e reto, ruborizado como seu escroto mas sem levantar-se ainda. Porque seus quadris eram magros, seu eixo parecia maior em contraste. Com clareza dolorosa, Eric recordou a suavidade de sua pele.

Como B.G. indubitavelmente tentou, recordar o prazer que poderiam compartilhar piorou a



espera.

B.G. e Eric se conhecem desde que eram meninos, jogados juntos por pais bem-intencionados que pensavam que o singular gênio necessitava um amigo de sua mesma idade. Eric algumas vezes se perguntava se os Grantham e os Berne tinham suspeitado o que tinham iniciado. Do tempo ele e B.G. eram adolescentes, tinha sido assim entre eles, um jogo de fazemos o que nos atrevemos e Senhor não posso resistir. Perder o contato por algum tempo não tinha mudado sua química. B.G. era ainda o companheiro que Eric não podia tirar de debaixo de sua pele.

De modo semelhante atraída, embora não pelas mesmas razões, Sylvia chegou à ereção fluorescente de seu cliente. Porque ver uma necessidade e não satisfazê-la ia contra sua natureza. B.G. rechaçou-a estendendo sua mão através de seu diafragma.

Embora seu toque fosse cortês, fê-la sobressaltar-se. Não mais que isso foi necessário para fazê-la deter-se. Sylvia poderia acreditar na gratificação foto instantânea, mas como todo mundo em Mosswood, ela sabia quem era o chefe.

- Quero que você escolha ao candidato que você desfrutaria - disse B.G., seu determinado olhar sobre o rosto do Eric. - Quero que não considere os desejos de ninguém a não ser os teus.

- Meus desejos?- Eric repetiu. O cabelo em sua nuca arrepiado em uma agitação. Ele tinha necessitado dar um passo para manter sua base, mais fora de balanço do que ele poderia considerar-se pela surpresa. Sem exceção, B.G. sempre fixava as regras.

Ele suportava a última responsabilidade pelo resultado final. Trocar isso pareceu vagamente perigoso, como se o refúgio que Eric tinha encontrado aqui pudesse ser ameaçado pelo que escolhesse.

Por que B.G. queria fazer isto estava além dele.

Observando a ele, os dedos do B.G. Jogavam ociosamente através da pele barbeada de seu abdômen.

- Sim - ele disse. - Quero conhecer por qual destas pessoas você poderia ficar mais entusiasmado. De quem te frustraria mais ser privado? A quem deseja me ajudar a conduzir até sua soleira?

Eric conhecia a resposta, e a tinha conhecido até antes que desse o nome ao seu investigador para começar o arquivo.

Ele nunca tinha tido uma reação tão forte por um candidato. O pensamento de ter a esta pessoa aqui, na fazenda de B.G., Sob seu controle combinado, atravessou seu corpo como um golpe com um martelo de veludo. O arrepio varreu seu couro cabeludo enquanto ele endureceu com uma rapidez que B.G. parecia misteriosamente capaz de suprimir.

- Sabe que não pode mentir pra mim - B.G. disse por sua vacilação. - te conheço há muito tempo, e sou muito bom lendo como se sente.

O conhecimento de que isto era verdade o liberou de responder.

- Esta,- ele disse, agachando-se a tirar uma foto do montão. Sua mão tremeu ligeiramente enquanto ele a estendia.

B.G. inclinou a cabeça, Sorrindo fracamente como se a decisão fosse a esperada. Bom,- ele



disse, tornando-se para atrás contra a mesa. - aprecio sua honradez.

B.G. chamou a gestos Sylvia, quem se adiantou ansiosamente e tomou seu membro entre seus dedos bem lubrificadas. B.G. foi o suficientemente humano para tremer com o primeiro contato. Dada sua predileção pessoal, a reação a inspirou até mais para o cuidado mais delicioso. Ela o acariciou rapidamente, da raiz até a beira, o ritmo lento e hipnótico enquanto seu pênis flutuava daqui para lá com cada puxão – as correntes de seu sangue com uma força que ambos Eric e ela podiam ver.

Esta vez B.G. não a deteve, embora seus olhos, brilhassem intensamente dentro das pontas de suas pestanas escuras, mantiveram-se sobre o Eric. Como se ele se concedeu a si mesmo a autorização para ser excitado, ele se elevou à altura de sua ereção completa, suas veias enchendo-se misteriosamente, sua coroa intocada tão tensa como um tambor.

A vista que ele oferecia tentava ao extremo – e não só ao Eric.

- Quer que te chupe? - Sylvia perguntou ofegante.

B.G. estendeu a mão mais não para ela, o dorso de sua mão passou roçando a frente da coxa do Eric. Tremendo agora, Eric tratou de respirar tão firmemente como seu amigo. A sua ereção se sentiu como um pau, quente atrás do tecido pelas carícias ligeiras como pluma que B.G. fez. Seu chefe era todo o tempo cortês, sempre cuidadoso de não machucar. Era a única queixa que Eric alguma vez tivesse. Agora mesmo, Eric queria um agarre bom e firme tão desesperadamente que poderia ter gritado.

Imagens se moveram a grande velocidade através de sua mente de tomar alguém contra uma parede, de afundar loucamente dentro dele até que ele gozasse. Quem era apenas lhe importou, embora não poderia negar que a imagem obsessiva tinha um rosto.

A culpabilidade que isto especificamente inspirou não debilitou a fantasia.

-O que pensa? Seu velho amigo perguntou. - Terei-a me tomando em sua boca?

Eric tremeu sua visão interior vendo alguém além da massagista realizando a tarefa. Não acostumado a ter o poder para escolher, tomou um momento para decidir-se. Ele não tinha dúvida de qual queria, Sylvia que fora a resposta- Sim - ele disse, - mas não a deixe te fazer chegar até ao clímax.

A mão de B.G. mudou de posição lateralmente, sua palma fechando-se amavelmente entre as pernas de Eric. - Se não posso gozar, tampouco você pode.

Eric apertou seus dentes. B.G. já esfregava sua ereção, indagando pelas vulnerabilidades, lhe estirando impossivelmente dentro de sua pele. Quando seu dedo mais comprido se arrastou para a labareda rica em nervos, Eric não pôde reprimir uma contração nervosa de antecipação.

Seu zíper era uma barreira que ele desejava que seu calor pudesse derreter.

- De acordo,- ele ficou sem fôlego, conhecendo que seu chefe – seu resgatador, a verdade seja dita – o faria tão difícil como pudesse para cumprir.

- Quero que todos nós esperemos,- Eric adicionou impulsivamente. - Ninguém gozara até que nosso candidato chegue.

As sobrancelhas do B.G. arqueando-se com a surpresa – este decreto era mais seu estilo que



o do Eric— logo se relaxou enquanto seus olhos se fecharam brevemente. Sylvia tinha se dobrado rodeando a metade superior dele em sua boca. Sujeitou-lhe por um momento, sua língua dobrando contra a coroa, antes de começar a mover-se de cima abaixo. Como antes, seu passo foi lânguido, sua sucção forte. Um brilho de suor se manifestou no rosto de B.G. enquanto seu agora rígido pênis ficou molhado.

Sylvia poderia fazê-lo gozar se ele não tomava cuidado. Não obstante, "Cuidadoso" era o segundo nome do B.G.

Apesar da batalha pelo controle que devia estar atravessando, quando falou, sua voz era só um pouco rouca. Para o alívio de Eric, ele não parecia zangado por sua demanda. - Isto,- disse B.G., - Isso deverá resultar mais divertido que o usual.

Eric obteve a impressão bem definida e algo inquietante de que, além de fazer sua própria eleição, ele tinha reivindicado a do B.G.

Capítulo Dois

Charity Wills estava atrasada. Metendo-se apressadamente às escondidas em sua bonita cadeira ergonômica, pôs sua taça do cartão Fininvest de Seattle ao lado de seu teclado, muito cansada para preocupar-se em mostrar as coxas. Tinha um montão de coxa para mostrar, como ocorreu, sendo suas pernas grossas e sua saia muito curta. Ela mordeu os lábios enquanto jogava um olhar no relógio. Diabos. Quatro meses neste trabalho e ela tinha ainda que estar em seu escritório a tempo.

Ela tinha estado segura de que poderia ser pontual se tentasse. Tinha começado a sair da cama a tempo por uma vez, então passava a manhã olhando seu relógio de pulso a cada minuto e fazendo um mantra de não devo chegar tarde.

Apesar de seus esforços, parecia que o universo ia contra ela. De pé até o fim, ela tinha estado bem. A fila em seu quiosque de café normalmente rápido só se viu ligeiramente mais longa do costume. Infelizmente, a mulher diante dela, uma californiana com cabelo vermelho resplandecente, tinha mudado seu pedido três vezes. Quando a mulher finalmente partiu dando meia volta com seu meio leve, meio espesso café com leite macchiato¹, ela tinha tido o descaramento de sorrir a Charity como se esta fosse a manhã mais agradável do mundo. Pode ser que para ela fosse, mas Charity começava a pensar que sua mãe estava certa. Talvez não fosse a mulher determinada destinada a realizar uma façanha.

¹- Não é um simples leite com café. O próprio nome assim o diz, leite manchado (com café), mas não misturado. É cremoso e suave, servido num copo alto, não muito largo e dependente das leis da física para o manter em camadas.



Exasperada, ela soprou sua escura franja ondulada de seus olhos.

-09h22min,- notou o tipo do seguinte cubículo em cima.

-Estava-se aproximando mais.

Seus braços magros estavam dobrados na baixa parede da divisória. Ele sustentava seu queixo sobre eles enquanto sorria. Ele atuava segundo a idade: Metade dos vinte, embora seus óculos – sem mencionar sua aura de responsabilidade – o fizeram parecer mais velho. Era lindo, ela supunha, em uma forma do tipo nerd. Ela só desejava que ele não encontrasse suas imperfeições tão entretidas. Ela não podia ajustar se não tinha sido feita para ser um traje.

É obvio, não tinha sido feita para ser garçonne, tampouco. Esse trabalho só tinha durado um mês.

- A cafeteria estava abarrotada,- ela disse, odiando sentir a necessidade de explicar. Ele não era seu chefe, e a quem lhe preocupavam perto de vinte e dois minutos insignificantes?

Seu sorriso cobrou um brilho de interesse enquanto ela puxava a prega de sua apertada saia negra. Geralmente falando, ela não teria estado coibida. Charity gostava de ser uma garota em cada forma possível. Gostava de ser olhada, agradava-lhe que segurassem as portas, gostava quando os automóveis a deixavam cruzar diante deles em vez de esperar. Para ela, ser mulher era uma gratificação preciosa. Tristemente, as outras mulheres neste escritório não estavam de acordo. Poucas mulheres de Seattle conheciam o significado de arrumar-se, mas aqui levavam ao extremo, vestindo calças sérias e camisas simples, que abotoam embaixo – como se trabalhar para uma assinatura de alta tecnologia requeresse que elas se vestissem como homens. Embora Charity recusasse a ir tão longe, tinha decidido deixar seus tops que mostram o ventre em casa.

O que era uma vergonha, realmente. Seu companheiro de cubículo teria saído correndo por seu piercing do umbigo.

- Você sabe, Charity,- ele disse, - se posso ser tão atrevido para te chamar por seu nome pessoal– enquanto vejo como continua esquecendo o meu – na Future Tech situada bastante atrás. Ninguém vai gritar com você, desde que seu trabalho seja feito.

-Sei,- ela sussurrou de volta, sujeitando a parede para começar a rodar sua cadeira confidencialmente mais perto. - Não fui repreendida uma vez. Mas todos chegam a tempo. De fato, todos chegam cedo. É completamente fora do normal. Ninguém deveria estar tão ansioso de chegar a um trabalho. E de qualquer maneira, sei que seu nome é Dão.

-Dave,- ele corrigiu, rindo brandamente.

-Dave. -Ela golpeou seu punho contra sua cabeça.

-Amanhã juro que o tatuarei em meu braço.

- Posso pensar a respeito de lugares mais interessantes que esse,- ele disse, logo se



ruborizou e limpou sua garganta. - Deveria encontrar um trabalho que você goste. Então não se importaria sair da cama.

Seu ar de irmão mais velho foi arruinado pelo fato de que ao imaginá-la na cama o fez ruborizar igualmente. Charity imediatamente se sentiu melhor por estar atrasada. Estranhamente pontual ou não, seu colega de trabalho era humano. Ela estava a ponto de gracejá-lo quando escutou seu nome sendo chamado sobre a P A.

- Charity Wills,- disse a voz feminina refinada. - Por favor dirija-se a Recursos Humanos logo que se desocupe.

Charity amaldiçoou sob seu fôlego. Este trabalho tinha sido relativamente passível, mas parecia que sua sorte tinha acabado. Resignada mas desafiante, ela se dirigiu para fora.

-Provavelmente não é nada,- Dave disse atrás dela, mas ela caminhava severamente corredor abaixo.

O melhor a respeito de trabalhar na Future Tech tinha sido a localização. A diferença da Corporação Microsoft, que tinha um horripilante, excessivamente mascarado "campus" fora de Redmond, Future Tech estava alojado em no centro da cidade os edifícios mas dissimulados de Seattle, uma torre alta, redonda com diferentes departamentos organizados em camadas ao redor de um eixo central. Como os escritórios eram, ostentosos. Pisos de madeira pálidos. Tetos altos com pilares expostos. Muitas plantas e janelas por tudo lado. As paredes do cubículo eram o suficientemente baixas para que você realmente pudesse ver o mundo exterior. No momento, dada a névoa típica das manhãs de verão da cidade, a vista era de trezentos e sessenta graus de cinza. O Space Needle² flutuava ao oeste deles como um fantasma, e Elliott Bay podia também ter sido Neverland. Pela tarde, quando as nuvens queimavam completamente, Charity podia ver a MT. Rainier... assumindo que ela ainda estava aqui.

Assegurou a si mesmo que não poderia ser despedida ainda. Isso, depois de tudo, geralmente requeria uma advertência.

Opôs-se a afundar na depressão tão familiar de ser despedida. Ela não acreditava que tinha sido uma má funcionária – o justo é que dançava ao som de sua própria melodia.

Quando ela se aproximou da sala de Recursos Humanos, seu coração se sacudiu inesperadamente em seu peito. Uma figura familiar estava sentada apoiando-se em cima de seus joelhos em uma das cadeiras cromadas da área de espera. Eric Berne, um vendedor que algumas vezes levava seu chefe para almoçar, tinha uma sólida musculatura elástica de homem bonito. Alto e ao ar livre, com olhos cinza e cabelo descoloridos pelo sol, brilhava como se tivesse saído do porto na baía. Em lugar disso, ele colocava seu físico de amplos ombros em trajes Saville Row belamente feitos à medida que daria para ela pagar uns meses de aluguel. A primeira vez que o tinha visto –em seu primeiro dia aqui, o suficientemente interessante– ela quase engoliu a língua. No momento, suas mãos bem proporcionadas estavam abraçadas entre seus joelhos. Seu olhar

² -O Obelisco Espacial ou Space Needle é uma torre de 184 metros, edificada em Seattle.

Foi construído em ocasião da Feira Mundial, para a Exposição do século XXI, em 1962. O projeto da torre foi criado por Edward E. Carlson e inspirado na Torre de Stuttgart, na Alemanha.



estava sobre a toalha de mesa, em sua testa uma ruguinha de pensamentos sérios.

Ele não deveria tê-la atraído; Não era seu tipo absolutamente. Charity gostava dos tipos divertidos, os tipos que talvez não se barbeavam todos os dias, os tipos que diferenciavam um Chili Pepper a um Stone. Talvez seus namorados não fossem prêmios. De fato, talvez algo estivesse mal com qualquer tipo que ela pudesse conseguir. Importava que era muito cômodo estar com eles. Isso era o que contava quando as luzes se apagavam.

Apesar de saber isto extremamente bem, cada vez que via Eric Berne – ou cheirava, quanto a isso – seu pulso começava a tamborilar entre suas pernas. Estava tão obcecada que começava a imaginar que o via em todas as partes. No supermercado. No parque. Rondando pela sala de tatuagens, em todas as partes. Cada vez que pensava que o via, ele se ia quando começava a olhar – o que não mantinha seus hormônios refreados por completo. Ele era sozinho tão ardente e apetecível, tão completamente fora de sua liga. Um tipo como Dave que provavelmente poderia enrolá-lo provavelmente sobre uma cerveja. Este homem passaria cinco minutos com ela e saberia que precisava crescer.

-Hum, olá,- ela disse, porque não tinham sido apresentados e parecia estranho que ela soubesse seu nome.

- Está esperando entrar?

Ele olhou para cima, lentamente, com nenhuma expressão que ela pudesse ler, embora seu sulco permaneceu onde estava. Ela sentiu um zumbido aborrecido quando seus olhos encontraram os seus.

- Não,- ele disse no que ela pensou como a voz de privilegiado da Costa. -Estou aqui para falar com você. O Sr. Green foi o suficientemente amável para me emprestar seu escritório. Pensei em te esperar aqui fora.

Ela conteve seu fôlego sem querer. A forma que ele falava, e sustentava seu olhar, sugeria que ele conhecia perfeitamente bem quem era ela. Passou-lhe pela cabeça que esta poderia ser alguma classe de esquema estranho para lhe pedir um encontro– entretanto até ela sabia que isso seria inapropriado. Ele tinha estado seguindo-a, ou era ela que finalmente tinha cruzando a linha? Confundida, ela sacudiu com força seu polegar sobre seu ombro.

-Poderia, ah, simplesmente entrar.

Ela quase tropeçou sobre seus saltos enquanto virava. Vá, ela pensou. Que maneira de convencer ao Sr. Ardente de que é completamente espasmódica.

Como se ele fora muito cavalheiro para notar, Ele a seguiu para dentro e fechou a porta, logo tomou o assento atrás do escritório do senhor Green. Ele não brilhava como em casa exatamente, mas como se tivesse o direito de assumir o controle sem importar que gostasse do espaço. Ele endireitou sua gravata, dobrou os punhos de sua camisa cara, e pulverizou suas mãos como estrela de mar sobre o arquivo que estava posado totalmente centrado sobre o feltro do mata-borrão verde. Todos os pensamentos de citar cenários inapropriados fugiram de sua mente.



De nenhuma forma esse arquivo podia ser dela. Eram quase 5 centímetros. Até ela não tinha colecionado tantas queixa em um par de meses.

- Pensei que fosse um vendedor,- ela falou pelos cotovelos .

- Trabalho para um dos assessores do Future Tech. Ocasionalmente trato com empregados. Por que você não se senta, e te direi do que se trata isto.

- Oh moço,- ela disse. -Nunca é bom quando lhe dizem que se sente.

Para o alívio de Charity, ele sorriu. Ela não estava acostumava a que as pessoas recebessem bem seu senso de humor, sem que isto a fizesse parar de brincar.

-Asseguro, senhorita Wills,- ele disse,- que não te chamei aqui para te xingar. Ninguém tem nenhuma queixa de seu trabalho.

- Não têm?

Ele riu de sua dúvida automática.

- Não, senhorita Wills. De fato, seu chefe diz que é rápida, precisa, e nos permite ver - ele se referiu à página de cima do arquivo: o dela, aparentemente, apesar da brevidade de seu emprego. -Ele mencionou que você é especialmente boa com os visitantes.

-Isso é porque são em sua maioria tipos de ciência,- Charity disse. - Gostam quando paquero. Um pouco, você sabe. Estritamente um pouco de flerte do tipo sério. - Sentindo que cavava por si mesma um buraco, puxou de sua prisão fortificada muito curta. - Poderia comprar saias mais longas. O dinheiro esteve um pouco ajustado, mas não me importaria manter este trabalho se ajudaria a vestir-se mais conservadoramente. Nunca trabalhou em nenhum lugar onde a qualificasse para uma cadeira ergonômica.

Eric parecia pensar que isto era gracioso, embora sua oferta fosse genuína. - Suspeito que as pessoas que trabalham aqui gostam de suas saias justas como estão. São... festivas.

-Do que se trata isto então? Se não estou sendo despedida ou me vai fazer saber como vestir...

Ele dobrou suas mãos em cima de seu arquivo. Combinado com sua expressão repentinamente séria, o gesto fez a pele de sua nuca arrepiar. - Espero que tenha paciência comigo,- ele disse, -enquanto explico a proposta que temos em mente.

-A Proposta?- O tom de Charity se agravou pela brilhante bandeira vermelha que tinha começado a ondear em sua cabeça.

Pela primeira vez desde que sentaram, a postura do Eric escorregou. Sobressaltando-se brevemente, ele agitou sua mão. - Pensamos que poderia desfrutar de uma colocação que utilizasse seus talentos um pouco mais que arquivando.



Utilizando seus talentos não soou muito melhor que uma proposta. Mais, por que ele estava dizendo nós? Charity sabia que ela tinha o tipo de aparência que para alguns homens saltava a conclusões das quais algumas eram certas. Ela era curvilínea e suave e de olhos muito grandes, orgulhosa de sua pálida pele resplandecente e seu exuberante cabelo até os ombros. Amava sua feminilidade, vendo-a como um golpe de sorte que era divertido compartilhar. O que não amava era a sugestão de que, por sua aparência, ela deveria ser tola.

Erguendo-se até seu completo um metro e sessenta e sete de altura – ou tão perto disso como poderia chegar enquanto se sentava abaixo – ela se preparou para cortar esta hipótese tola. - Me perdoe se te interpretar mal, mas se você espera me fazer cair em uma armadilha como alguma classe de 'acompanhante' para clientes potenciais, você pode pensar outra vez. Saí de empregos que trabalhos por menos que isso. E não me dá medo ir embora.

Eric sorriu diante disto, uma resposta desconcertante, por não dizer mais.

-Sei. Por isso é que pensamos que é perfeita para este posto. É amigável, é – se perdoar que o diga assim – sexualmente aventureira embora também capaz de dizer que não. Emocionalmente, você apresenta evidências de ser flexível. Parece, como quem diz, o capitão de seu navio. Está tudo no arquivo, Charity o Sr. Massey e eu tivemos muito cuidado para garantir seu arrebatamento.

Charity sacudiu sua cabeça para ver se poderia limpá-la. Era uma medida de seu espanto por chamá-la por seu nome de batismo desviou sua habilidade para pensar mais de tudo. - Dave Massey? O tipo que tem o cubículo ao lado do meu?

- O Sr. Massey tem um grau em ciência condutista,-disse Eric, como se isto desculpasse tudo. - E a licença de um detetive particular. Eu acredito, este arquivo foi recolhido para seu benefício.

- Você me seguia. Foi você, como, o Tipo Louco Stalker³.

Um indício de cor avançou lentamente acima de seu pescoço. - prefiro pensar nisso como ser responsável, como poderá ver uma vez que me escute até o final.

Antes que ela pudesse fazer a greta que sinceramente esperava o reduziria de tamanho, ele começou a deslizar papéis do arquivo e passá-los através do escritório. A Charity recordou um tubarão com truques de cartas. Talvez ele esperava distraí-la de sua cólera. Na verdade, ela não poderia negar um pouco de fascinação. Isto era como uma má garota da: Esta é sua Vida.

-Aqui está o pouco que ele encontrou a respeito de sua infância,- disse, golpeando ligeiramente um relatório ordenadamente escrito. - Mãe solteira. Pai desconhecido. 'tios' diversos se uniram a seu grupo familiar e se foram. Viveu em seis estados antes que tivesse doze anos. O Sr. Massey teoriza que esta é a fonte de sua adaptabilidade.

- Uma cópia de cadernetas de qualificações velhas uniu o montão. - Não terminou a escola secundária, mas trouxe seu GED. Três professores separados mencionaram que era brilhante mas

³ - jogo de computador



não se aplicava. Foi à universidade trabalhista secretarial enquanto trabalhava como bailarina exótica. Com êxito levou aos tribunais um patrão por perseguição sexual. Garçonete brevemente. Você teve variados trabalhos em escritório onde se desempenhou bem mas se recusou, em suas palavras, 'a se converter em um parasita corporativo' e demonstrou, em suas palavras, 'uma falta de interesse notável em ascender.'

- Essas foram companhias realmente aborrecidas,- Charity disse em sua defesa. - não era valioso ascender nelas.

-Exatamente. - Eric pronunciou a palavra com uma sinceridade e uma aprovação que ela não esperava. - O que precisa é a maneira de convencer alguém a te contratar para fazer um trabalho que desfrutará. Para a que necessitará uma educação aceitável e alguém que pague a conta. Uma educação do tipo Harvard, onde seu cérebro será desafiado, onde poderá encontrar uma ambição que te envolverá o suficiente para construir um pouco de segurança. Acredito que está cansada de viver como uma cigana.

Charity estava muito afligida para ser educada. Tomou um momento para que ela fizesse algo mais que suspirar.

-Está louco?- Ela demandou uma vez que ela recuperou seu fôlego. - Talvez cresceu acreditando que poderia ser algo que queira, mas as mulheres como eu não podem chegar a Harvard.

-Você pode,- ele insistiu. - Tudo o que vi em seu registro sugere que não é carente de inteligência. Sim, necessitará de ajuda, mas a Future Tech pode arrumar isso. Teria tutores, mentores, pessoas que poderiam guiar através das diferentes disciplina que poderia escolher.

-E fariam isto por que...?

Eric suspirou e retornou seus papéis de novo a uma pilha. Ele parecia relutante a responder. - está familiarizada com o trabalho de B.G. Grantham?

- Acredito que sim. Ele escreveu esse livro Raridades de Quântico a respeito de viagens pelo tempo e universos múltiplos, que todo mundo comprou e que ninguém leu.

Ele fez uma careta com sua descrição, mas reconheceu que ela tinha recordado bem. -O importante para você,- ele disse, - é que B.G. Grantham é o assessor de Futuro Tech para quem trabalho. Ele consulta para eles – um grupo de peritos de um homem, poderia dizer. Não poderia saber isto, mas os verdadeiros gênios criativos, a classe que inspira revoluções, é extremamente estranha. A maioria dos cientistas necessitam que alguém mais lhe dê início a seus máximos pensamentos. Estamos parados sobre os ombros de gigantes, como Newton disse.

- E B.G. Grantham é um gigante?

- Falando sem rodeios: Sim. Se não fosse por suas contribuições aos campos de tecnologia médica, para desenhar e a informática, Future Tech não teria podido desenvolver a metade dos



instrumentos que produzem grande lucros. Sem B.G. Grantham, Future Tech seria uma vítima mais do colapso da alta tecnologia.

- Situação desagradável,- ela arrastou as palavras, ignorando a nuvem que cruzou seu rosto, -especialmente para os pacientes que necessitam essas coisas caras.

- Melhor uma coisa cara que nenhuma absolutamente quando é sua única esperança. Sem ânimo de ofender quando digo isto, mas B.G. Grantham ajudou a mais pessoas nos últimos cinco anos que você ou eu o faremos em nossas vidas inteiras.

Charity não poderia discutir a possibilidade disso. Ela agarrou os braços de sua cadeira.

- Vamos esclarecer isto. Você quer que eu me deite com este Einstein cujo cérebro salva o mundo.

-Não. -as mãos agraciadas de Eric esmagadas no mata-borrão. -Se isso fosse tudo o que quiséssemos, não requeireríamos a um candidato com seu espírito.

-Okay,- disse Charity, sentindo-se como Alice debaixo da toca do coelho. -então para que me quer?

- Quero que ceda a meu chefe a responsabilidade de cumprir com suas necessidades sexuais – ou as adiar, como tem probabilidade de ser o caso. Quero que o deixe controlar seu prazer.- Eric se recostou seriamente sobre o escritório para explicar. - B.G. está obcecado com o atrativo de coisas que parecem fora de alcance. A Teoria de Tudo⁴. O significado da vida. Os mistérios da alma humana. Sobre tudo, ele está fascinado pela forma em que a negativa afia o desejo, especialmente em pessoas com fantasias eróticas bem desenvolvidas.

-Poderia ter imaginação, como você o põe, mas o que você poderia pensar, não estive me balançando dos candelabros!

- É seu potencial de te balançar o que interessa. Se você tivesse estado em todas as partes que ele esperasse tomar, perderia a metade da sua diversão.

Esta paixão para convencer sugeria – para Charity, ao menos que Eric estava escondendo um truque.- ele é horrendo?

- Não. Ele é realmente atraente. De minha idade. Perfeitamente dotado.- Seu mal-estar para admitir isto enredou o interesse de Charity. Tinha o menino dourado inclinações secretas? Com um puxão em seu pescoço, ele continuou rapidamente. - Ele não poderia jogar estes jogos também como o faz se não fosse atraente. Seu desejo é seu prêmio senhorita Wills. De qualquer forma que ele o possa evocar, ele o fará. Ele encontra a provocação refrescante, diz que limpa sua mente de obsessões científicas. Logo, quando ele retorna a trabalhar, ele está renovado.

⁴ - A Teoria de Tudo- livro de astronomia e astrofísica



Charity esfregou seu rosto, perguntando-se como um príncipe de colher de prata como Eric devia vender este emplastro de pântano. A menos que ela perdesse seu toque, seu mundo era de criadas e pôneis de pólo e dias de festa em Hamptons com uma fodida família com bom gosto. Ela esmagou a tentação de perguntar se seus pais conheciam seu trabalho. No fundo não era seu assunto. Ela poderia ser bonita, mas uma garota como ela nunca seria mais que um passeio pelo lado selvagem para um homem como ele.

Suspirando, ela se reclinou na parte de trás de sua cadeira. -Esta é a coisa mais louca que alguma vez ouvi.

- Esperava que parecesse assim,- Eric concordou.

- Mas pense na aventura. Além de que, em realidade poderia salvar ao mundo. Não todos aos vinte e quatro anos de idade podem dizer isso.

A risada de Charity foi só meio depreciativa. -o que aconteceria se eu não gostar dele? O que ocorreria se ele fizer algo que me assuste?

- Duvido que o fizesse. B.G. não é perigoso da forma que quer dizer. Mas se o quisesse, traríamos você de volta e lhe pagaríamos justo como te disse. À instrução para qualquer lugar que queira, mais todos os adornos extravagantes. À matrícula para qualquer lugar que lhe agrada, mais todos os sinos e assobios. Você não teria que estudar ciência, cada. Estou seguro que Future Tech gostaria de te contratar, mas têm trabalho para toda classe de habilidades.

-Harvard, né?

-Yale é muito agradável, também, ou Stanford... se pode agüentar os californianos.

Charity suprimiu um sorriso. Transplante da Costa Oeste ou não, Eric Berne era o suficientemente Seattleita para desfrutar golpear duramente a seus vizinhos. -Em realidade pensa que posso fazer isto?

- Penso que a oportunidade de dar a volta a sua vida vale um intento muito sério.

Ele provavelmente não compreendia que a insultava sugerindo que não tinha estado tentando-o todo o tempo. Provavelmente pensava que deveria sentir-se adulada por esta oferta. Sentia-se adulada, mas isso não queria dizer que também não pudesse estar desgostada.

- Meninos ricos estúpidos passam pelas universidade todo o tempo,- ele disse mais persuasivamente.

- O dinheiro de seus pais e influência política o assegura. Por que não deveria gostar a uma garota preparada como você reclamar para si suas vantagens?

Era isto mais adulação, ela não teve dúvidas. Quando ela pensou a respeito disso, entretanto, por que não deveria ir à universidade? Pelo menos, ela provaria que não tinha medo. Assim é que ela tinha que esfregar com o pé algum cérebro excêntrico. Por tudo o que sabia,



poderia ser divertido.

Ela nunca tinha encontrado a um gênio antes.

-Tudo o que tenho que fazer é conhecer este tipo?

- Tudo o que tem que fazer é conhecê-lo. Mesmo o que nos escrevemos. Sorrindo, Eric tirou um contrato debaixo de seu arquivo, logo colocou uma magra caneta de prata na parte superior.

- Simplesmente assina seu nome e comece um futuro novo.

O fato que ele estivesse preparado fez Charity fazer uma pausa.

-Eeh,- ela disse. -acredito que melhor ler isto primeiro.

As regras pareciam o suficientemente simples. Ela teria a um guardião – um servente erótico, soava como que transmitiria os desejos do misterioso senhor Grantham e a manteria em sintonia sensual. Os castigos seriam impostos por infrações, mas nenhum dano – físico ou de outra maneira – se faria. A ela lhe daria prazer ou o recusaria isso a seu desejo. Se em qualquer momento ela se sentia incômoda com o que fora pedido, só teria que dizer a seu guardião e ele a moveria rapidamente para casa sã e salva , o mais importante, paga em sua totalidade.

O mesmo acordo de confidencialidade que ela tinha assinado quando se uniu a Future Tech terminava o contrato. Isso estava bem para ela. Com seu passado, Charity entendia o valor de não contar cada coisa.

-Tão basicamente,- ela disse, esfregando-a têmpora ante o atordoamento, -estamos falando de correntes mas não de látigos? Quando Eric assentiu, ela soltou seu fôlego. - Você sabe, seu chefe realmente tem a esta companhia sobre um barril, obrigando-os a facilitar todas estas coisas.

- Consideram isso parte de seus benefícios. Mais, duvido que você tomaria a sério se me aproximasse de você em qualquer parte a não ser aqui. É uma medida de confiança, Charity, que façamos esta oferta sem saber o que dirá. Potencialmente, você não crê que só este seqüestro a reputação do B.G. Grantham a não ser a do Future Tech também.

Gostou da forma como expôs isto. Ele tinha feito seu lançamento, e agora deixava a escolha a ela. O único sinal que ele podia estar impaciente era o tamborilar da caneta em sua coxa.

-Alguma vez foi rejeitado por alguém que você escolheu?

-Nunca,- ele disse. - Vangloriamo-nos sobre que tão bem escolhemos a nossos candidatos. Pelos últimos três anos, todos e cada um honraram seu acordo.

Nestes tempos, isso era quase um milagre.

Adiante, disse a voz interior que nunca soube se era confiável. Abre a porta. Esta é a maneira que quer ir.



Não importa que sua mãe com muita frequência tinha seguido suas intuições diretamente para o Estupidivile. Que mais tinha que passar Charity ? Não importava o que Eric disse, ela sabia que não era o cérebro maior do oeste.

-Bem,- ela disse em voz alta, estendendo a mão para a caneta. - adivinho que posso dar este disparo.- Ela assinou com um floreio do que ela se orgulhava, logo levantou a vista. -quem é meu pequeno escravo?

-Perdão? - disse Eric.

- Meu guardião. O tipo que se supõe que manterá meu motor acelerado ao máximo.

-Hum. - O rosto do Eric brilhava como se tivesse tomado muito sol.

- Esse seria eu.

-Você! -Ela supôs que sua reação foi arruda, mas estava muito assombrada para mantê-lo dentro. Quão último tivesse esperado era que ele conseguiria um emprego como esse.

-Sim,- ele disse, -a menos que -tenha algum problema comigo assumindo essa posição.

O bufo da risada de Charity foi dirigido a si mesma em vez dele, mas ele apertou os lábios de qualquer maneira.

-OH, não,- lhe deu confiança, incapaz de resistir. - não tenho problemas contigo assumindo qualquer posição absolutamente.

-Bom,- ele disse, ignorando seu duplo sentido. Ainda rígido, - levantou-se da cadeira e uma vez mas puxou dos punhos de sua camisa. Suas pequenas abotoaduras de ouro relampejaram exoticamente. - Confio que recordará que não presto contas a você. Eu, estritamente falando, não sou escravo de ninguém.

Charity se viu forçada a engolir de volta outra risada dissimulada. Embora ela suspeitava que ele não era alguém com quem jogar, não podia conter sua vertigem.

- Confio que me perdoará,- ela disse, -quando digo que essa é uma alucinante desgraça.

Capítulo Três

O chefe de Eric o tinha acusado mais de uma vez de ser um apreensivo, mas Eric não havia sentido esta hiper- ventilação das ações de seu anterior patrão estivessem a ponto de vir abaixo.



Deixá-la tomar a eleição correta para ela, ele pensou enquanto ela olhava sobre o contrato. Nem sequer é a eleição de B.G..

Em alguma parte dentro dele, sua libido riu. Não ajudava cravar os olhos nela enquanto lia. Ela era a fêmea mais naturalmente feminina que alguma vez tivesse encontrado: Suave e com curvas dos pés a cabeça. Seus olhos eram violeta Liz Taylor, seus lábios picado por uma maliciosa abelha. Ela os tinha estado mordendo a primeira vez que ele tinha visto teclado em seu escritório. Algo sobre o hábito inconsciente tinha enviado uma sacudida foto instantânea de possessividade através de suas veias. Após, ele tinha sido incapaz de ter calma. Como poderia, quando qualquer homem com a metade de seu cérebro de lagarto intacto a acharia atraente?

B.G. teria explicado a reação de Eric com um sarcasmo sobre suas partículas tendo conhecido as dela em uma anterior vida. Está amarrado, haveria dito. Um peão para as leis da física. Eric mesmo tinha uma razão mais simples.

Charity Wills era Mulher com um "M" maiúsculo.

O que realmente o atraía, entretanto, o que o mantinha nervoso assim como também seduzido, eram as coisas que via em seus olhos. Por tudo o que suas enegrecidas pestanas evocavam dormitório, a alma que nadava detrás deles não era a de nenhuma sereia. Esta garota tinha o andar ferino, difícil a sua maneira, mas ferino. Uma vez que ele tinha percebido isto, nada do que Dave Massey descobriu o assombrou.

Seus olhos não podiam esconder quanto ansiava ser amada.

Ele queria que ela tivesse cada vantagem que Future Tech pudesse dar, queria que encontrasse o tipo de homem que ela realmente deveria estar tratando de conseguir. B.G. poderia dar a ela um pingão disso. Talvez então poderia ele.

Este pingão de ego vacilou quando ela expressou seu espanto de que ele era seu guardião. Dos muitos resultados que ele tinha visualizado, esse não era um. Pego fora de balanço, que se encrespou por sua piada a respeito dele assumindo a posição, o suficiente para que ele a pusesse incômoda o que não era no mas mínimo como tinha a intenção de começar.

Ele não tinha querido, necessitava que ela confiasse nele se este jogo ia sair perfeito.

Fazendo o melhor que possível para relaxar-se, ele esticou sua mão através do escritório para saudar.

-Sinto se te decepcionei, mas me alegro de que vamos ser colegas.

Suas boas maneiras pareceram pô-la nervosa. Sua mão revoou para o pescoço de seu ajustado Top azul antes de chegar para unir-se à sua. Para sua surpresa, dados a seus comentários brincalhões, quando ele segurou seus dedos estavam frios. Ele subiu sua segunda mão para esquentá-los sem pensar duas vezes.



Talvez ela não era tão valente como parecia.

-Não se preocupe,- ele disse, sua voz instintivamente escura e suave. - É nossa responsabilidade ver que você desfrute a si mesma, não ao contrário. Você não pode falhar, não importa o que faça.

-Isso será uma primeira vez,- ela disse com uma risada áspera.

- Seus desejos são os que B.G. espera excitar. Realmente, Charity, você não pode se desviar do bom caminho.

Com o uso de seu nome, a cor se levantou como vinho por suas bochechas pálidas como nata. Muito tarde ele se precaveu que tinha traído o componente mais pessoal para seu interesse.

-Pode me chamar de Eric - ele disse, deixando cair sua mão enquanto seu rosto ameaçou esquentar.

Sua estupidez pareceu curar a dela. Ela ergueu a cabeça para um lado, um sorriso jogando ligeiramente ao redor de seus lábios.

-Isso parece poderosamente informal,- ela disse, sua voz revelando o tom nasal mais leve. - Está seguro que você não preferiria Amo Eric? Ou Asquerosa imundície Número Dois?

-Esses não são realmente o tipo de jogos que jogamos.

-Não?

Ele negou com a cabeça. - Você verá como trabalhamos quando começarmos.

- Pensei que tínhamos começado.

Ele sorriu ante seu tom abastecido. -Ainda não.

-Nesse caso, há algo de eu gostaria de esclarecer primeiro.

Ele se esticou, mas ela não tinha em mente mais negociação. Em lugar disso, ela chegou ao redor do escritório e ficou pé a pé com ele. Sujeitando suas lapelas, ela derrubou sua cabeça para um beijo lento, de boca aberta. Para a súbita desilusão de Eric, sua boca era tão irresistível como o resto dela. Embora ela não agarrasse em cima da forma que ele quis, ele ficou sem fôlego quando ela o empurrou, seu coração golpeando como se tivesse deslocado ao redor do piso.

Tudo o que ela teve que fazer para senti-lo foi desenroscar suas mãos.

Quando sua língua saiu para lamber o sabor dele de seus lábios, ele pensou que ele tinha explodido.



Com um sorriso de prazer feminino, ela fechou os botões de seu traje.

-Aqui,- ela disse, dando a seu peito uma palmada. -Esse era um relógio apagado, vaqueiro, para permitir que eu saiba que estas genuinamente interessado.

Ele tratou de falar através de sua rouquidão. - Uau. Hum. Eu somente... né, chamarei o chofer e farei que traga o carro perto.

Ele teve que desabotoar seu casaco outra vez para alcançar seu celular. Charity Rio, tomando a oportunidade de olhar o que ela tinha tido a gentileza de cobrir. Sua sugestão definitivamente ao princípio fez medir o telefone. – Acenderei o relógio,- ele advertiu uma vez que o pegou. Então você terá que te comportar.

Mais que tudo, seu sorriso se fez mais amplo. Duas covinhas profundas apareceram em suas bochechas. Vendo-as, o estômago de Eric deu um tombo alarmantemente agradável.

Ele começava a suspeitar que Charity Wills tinha um pouco mais espírito para o que qualquer deles estivesse preparado.

Sem nenhum estado de ânimo para falar com Dave, o detetive "particular", Charity pediu ao Eric recuperar sua bolsa enquanto ela esperava pelos elevadores. Ele o deu quando retornou.

- Dave não quis te fazer algum dano,- ele disse. -Investigar era seu trabalho.

- ah,- disse Charity.- É um intrometido.

O elevador soou fechado, encerrando-os. Ainda ronronando pelo beijo, o qual tinha parecido uma boa idéia no momento, Charity tratou de fingir que não podia cheirar a colônia com aroma de bosque do Eric. Empregada má ou não, ela sabia que não era inteligente ficar muito animada por seu colega de trabalho.

Meu guardião, ela corrigiu, uma emoção larga, quente deslizando-se abaixo de sua coluna vertebral. Ela pressionou suas coxas juntas em defesa própria, mas isso não poderia preservar seu corpo de voltar-se úmido. O que lhe faria Eric, ela se perguntou, e o que poderia ela fazer a ele?

Ela se situou um pouco atrás dele quanto foram descendo ao carro, seu olhar indo à deriva da dobra ligeiramente enrugada de suas calças de linho para a largura de suas costas atléticas. As curvas pequenas de seu cabelo na base de seu corte se aderiam misteriosamente a seu pescoço. Como se ele sentiu seus olhos, ele correu um dedo ao redor do pescoço de sua camisa branca. Ela estava segura de que ele não tinha estado suando antes que se beijassem.

- Já chegamos,- ele disse à medida que golpeava sobre o vestíbulo de mármore negro. Devido a isto, Charity soube que o tinha irritado. Ele não chegou a ela como um homem que falasse somente para fazer ruído. Ela teria celebrado sua vitória se o conhecimento não tivesse enviado um pulso fresco de excitação entre suas pernas.

A este passo, ela ia suplicar por dentro da hora. Enquanto seu chefe podia gostar de



implorar, ela tinha a sensação de que a incomodaria.

- iremos a seu apartamento,- ele disse, - para que assim possa fazer suas malas.

O carro, uma limusine realmente, e uma distração bem-vinda esperava na rua . A auto-estrada Park se elevava atrás de um espaço verde feito pelo homem cavalgar, a auto estrada 5 sobre uma ponte de concreto. Charity gostava de comer seu almoço ao lado de suas cascatas. Sentia-se peculiar pensar que não voltaria lá hoje.

Para sublinhar a mudança inesperada em seu destino, o condutor uniformizado da limusine apareceu. Ele estava constituído como um lutador, do tipo Entretenimento Mundial de Luta, até sua juba de cabelo loiro. O estilo estava desconjurado com sua boina brilhante e expressão profissionalmente sóbria. Detrás dos reflexos de suas lentes escuros, ela o sentiu olhando sua aproximação. Perguntou-se se ele, também, era um jogador no jogo de Grantham. Certamente estava dando um pouco de vibração, como se ver quem era ela pudesse ter relevância para ele.

Ele trazia um fone de ouvido, do tipo que os recepcionistas usavam para livrar-se de ter que sustentar o telefone. Charity considerava os aparelhos uma forma de escravidão, mas a este tipo não parecia importar. -Sujeitos aproximando-se,- ele murmurou no microfone, como talvez ele assistia muita TV.

Mas isso estava bem. Qualquer coisa que coloque-o em seu trabalho. E para seu tipo de aparência sexy.

- Uau,- ela disse, fingindo que não tinha advertido sua atenção enquanto ela deslizava sua mão admirada sob a capota da limusine.

Ficando em marcha, o motor ronronou sob o espaço negro. Deve ser bonito levá-lo a trabalhar todos os dias.

- É um Rolls,- Eric informou. - Um Phantom personalizado V12 injetado direto com molas de ar que se nivelam sozinhos. Vamos fazê-lo virar a esquina. Os carros são uma espécie de prazer para mim.

Ela se permitiu um sorriso privado para os moços e seus brinquedos, logo obedeceu o gesto cavalheiresco do chofer para entrar atrás. O assento era de couro, claro que era, reclinava bastante bem e cheirava bem. Sua saia justa nos quadris se deslizou diretamente através disso. Eric a seguiu com a relutância de um homem que preferia conduzir. Ele se sentou justo o suficientemente longe dela para que seus joelhos não fizessem contato. Charity retificou este descuido girando de lado, causando que suas meias raspassem suas calças de linho. Como se não lhe ajudasse isso, seu olhar deu um golpezinho nas suas coxas.

Gratificada, Charity , pôs seu cotovelo no respaldo e situou sua mandíbula sobre sua mão. Exato como prometeu Eric, a limusine deslizou silenciosamente da sarjeta. As colinas de Seattle poderiam ser um desafio para os pedestres, e não diga para os carros, mas a limusine não se



esforçou nem uma vez. Ela sentiu mais que viu o condutor espiar no espelho retrovisor. Que ele conhecesse o caminho para sua casa sem lhe ser dito não a surpreendeu. Como os Rolls, esta aventura era uma máquina bem lubrificada.

- Ele não é um chofer ordinário, ou sim? - Charity perguntou.

-Não,- admitiu Eric, parecendo fascinado por seus olhos. Os seus tinham um anel azul ao redor de suas cinza nuvens de tormenta. - Maurice foi contratado porque é bom, mas não a muito tempo , ele veio da Fazenda do B.G justo como você.

- Estava você ali? Seu corpo comichou enquanto uma possibilidade se levantou em sua mente. -foi você seu guardião?

- Fui.

- Adivinho que, né, plataforma para ambos os lados, então.

-Faço-o-. Aparentemente sem ofender-se, ele se voltou sobre o assento, seus dedos refletindo sua postura que sustentava sua mandíbula.- Ambos, homem e mulher pulsam meus botões, por dizer assim. Espero que não se incomode.

Ela pretendia pensar enquanto lutava com o desejo de retorcer-se. Dificilmente não a incomodaria! - penso que isso está bem,- ela confessou para quando pensou que tinha vacilado o suficiente tempo. - Sempre me perguntei até o que obtêm os moços com outros moços. Justamente não o tivesse adivinhado. Te olhando, parece alguma espécie de beato.

-Se fosse exatamente o que pareço, então não poderia cumprir com meu trabalho.

- É bom nisso?

Seu sorriso foi lento e delicioso. - Essa pergunta é para que você a responda ao seu devido tempo.-A forma que olhou nela, a luxúria que pôde comunicar com somente seus olhos, fez uma lavagem de calor apressar-se fora de seu coração. Esses olhos continham todas as coisas que ele queria fazer com ela mas que não estavam permitidas, coisas com as que ela não poderia começar a sonhar, coisas que ela não poderia atrever-se a fazer com qualquer outro. Ele inclusive não a havia tocado, e ela estava molhada.

Charity teve o pressentimento que ela estava inclusive mais fora de seu ser de que tinha temido.

-Puf,- ela disse, rindo nervosamente enquanto ela se recostava e abanava seu rosto. - me recorde não duvidar de você outra vez.

Ele correu um dedo suave por seu lábio inferior.

- Dúvida de mim tudo o que você queira. Desfruto transbordando expectativas.

Charity se conteve de admitir ele já o tinha feito.



Eric estava agradecido de que a pudesse pôr nervosa. A vantagem quase restaurou sua sensação de estar a cargo. Porque "quase" devia ser o melhor que ele poderia esperar, guardou silêncio pelo resto de viagem no carro. Foi breve, justamente uma expedição acima de Highway 5 (auto estrada) no grande Phantom, logo ao Leste pelo Capitol Hill.

Compreensivelmente, considerando suas restrições econômicas, o apartamento de Charity estava sobre uma das ruas de mais má fama do bairro. A meia quadra abaixo, a porta escurecida cuja popular tatuagem Apocalipse Eric tinha usado durante sua vigilância não fazia nada por dar confiança. Sem ser informado, Maurice ficou no carro enquanto Charity guiava Eric para cima. O chofer não murmurou em voz baixa sobre que o senhor G não gostaria disto. Eric não se enganava. Ele sabia que Maurice adorava cada aspecto de seu trabalho, desde seu uniforme até estar conectado para ser fiscalizado. Até os contratemplos, como separar Eric e seu cargo, era simplesmente alimento para sua vida rica em fantasias. Isto, tanto como suas habilidades excelentes de condução, era o que tinha conduzido B.G. a conservá-lo.

Sorrindo para si mesmo, Eric seguiu Charity acima de uma escada repleta de manchas que pareciam estar desde a fundação do estado.

Ao menos o apartamento era uma melhoria. Dentro do estúdio do terceiro andar, Charity fazia seu próprio pequeno oásis, com brilhantes cortinas indianas e mobiliário de lojas de artigos usados.

Uma cortina frisada que separava a cozinha do quarto individual. Sua cama era uma boxspring e um colchão empilhado no piso.

Ela devia ter tido habilidade para fazer coisas crescer, porque a janela sustentou um conjunto imponente de impressionante cactos, uma samambaia monstruosa de aspargo, e uma vista da baía distante.

Eric tinha melhor critério que deixar seu olhar atrasar-se ali. Um aviso muito enérgico de quão alto estava o pôs mais enjoado que seu beijo. Ele partiu dando meia volta com os dentes apertados. Contra suas expectativas, o resto do apartamento estava limpo.

- Volta sua atenção por aqui,- Charity sugeriu com um sorriso fantasioso, -e te mostrarei por que alugo esta aglomeração.

Ela empurrou abrindo as duas portas corrediça para revelar um closet grande, um tubo de madeira entupido com roupas e os acessórios. Por aspecto geral deles, muito pouco do conteúdo qualificaria como sensato. Ele se perguntou se ela tinha encontrado algo o suficiente conservador para ir trabalhar.

-Posso não ser hábil,- ela disse, -mas normalmente sou um sabujo (raça de cachorro) para uma troca.



- Deus,- ele respirou, incapaz de reprimir um sorriso.
- Uma vergonha de riquezas que escolher.

-Não é seu desafio habitual , hein?

- Não, certamente. Afligido mas entretido, ele estava sentado sobre sua cama, já atormentando seu cérebro sobre como podia exceder o que ela possuía - Diga que: Escolha o seus favoritos – o que seja que te faça se sentir sexy e confortável.

- Estou muito confortável dentro da maioria das coisas.

Seu tom continha uma advertência que o fez sorrir.

-Nenhuma preocupação,- ele a reconfortou. - Você não pode comover a ninguém em Mosswood.

Isto causou que ela risse com deleite genuíno.

Ele se alegrou de escutar o som, logo se incomodou. Ele se mantinha esquecendo de que isto era comercial, que isso não era – não de verdade – só para seu prazer.

Muito inquieto para sentar-se enquanto ela fazia suas escolhas, ele caminhou com passos largos e lentos ao redor da desordem ordenada, tomando inventário de suas posses. Sua mãe, uma esnobe nascida em vez de uma culta, teria estado horrorizada por tal amor ao brilho e brilho. Eric estava encantado. O lugar era bonito por toda sua mesquinharia. Porque ninguém mais o fazia por ela, Charity tinha feito um lar.

Uma sacudida o esperava em sua prateleira de livros. Ao lado de uma pilha de revistas de modas, ele divisou o nome de B.G. Saltou fora da coluna vertebral por uma cópia anterior da livraria de Raridades Quânticas, bolorento e menos coberto de pó – o tipo de livro que você poderia pegar em uma venda de objetos usados por uma moeda de dez centavos. Parecia a última coisa que uma garota como Charity encontraria intrigante, embora aqui estava.

As sincronicidades não aleatórias, B.G. poderia haver dito. Nossas mentes forjando significado fora do caos.

Eric estava a ponto de perguntar se ela tinha lido quando uma foto cravejada com pedras púrpuras falsas atraiu seus olhos.

A foto mostrava uma Charity ligeiramente menor parada sobre um raquítico barco no cais, braço dado com uma mulher que podia ter sido sua irmã. Vestidas em shorts e top a jogo, riam grosseiramente enquanto cada uma sustentava o extremo oposto de um peixe do tamanho de uma sardinha. Era um quadro feliz, mas algo a respeito dela pôs triste ao Eric.

- Sim,- ela disse, mais perto do que ele se precaveu. Ela tinha chegado por trás dele sem um



som. Ela cheirava a xampu de laranja e a mulher ardente, a combinação instantaneamente pondo seu próprio selo em seu cérebro. Sua mão o roçou onde sujeitava o marco cintilante. - Ela está em Los Angeles agora, acredito. Cortei o contato entre nós. O último namorado de mamãe era um vendedor de drogas. Simplesmente um 'organizador de delírios ' segundo ela – como se essas bolsas de pílulas que carregava ao redor fossem caramelos. Amo a minha mãe, mas isso foi muito para mim. Tinha tido bastante de observá-la provar que quão estúpidas são as mulheres Wills no que se refere a homens.

- Você não é estúpida.

_ Fui, como pudeste ver em meu arquivo. - Ela suspirou e tocou o rosto sorridente de sua mãe na foto.

- Eu trato de ser mais esperta. É só que nunca parece funcionar.

Ele colocou a foto de volta e começou a confrontá-la. - Charity, se você não encontrar gosto fazendo isto, se você tiver qualquer dúvidas de tudo, podemos cancelar. Você não deve preocupar-se sobre o dinheiro. Pagaria de meu próprio bolso.

Ela sorriu, a expressão inclinando seus olhos violeta. - Não temo correr riscos. Fiz muitas coisas tolas em minha vida, e passei através de todas elas. Se ir contigo resulta ser estúpido, então me vou arrumar isso também. Digo, tudo o que tenho são meus instintos. Até se estão equivocados, são tudo o que tenho. Uma pessoa tem que decidir qual caminho tomar apoiado em algo. Não quero perder uma experiência que poderia ser boa.

Sua atitude inspirou admiração e um pingo de medo. Para pensar nela seguindo adiante como ela era, ano após ano, perdendo os empregos e enganchando-se com namorados mais descuidados, nem mesmo tratando de jogar ao seguro..._Você obteve seu entendimento, ele quis dizer. Sua razão. Mas isso era presunçoso. Quem era ele para exortar a ninguém sobre sua vida? Ele tinha feito umas poucas coisas colossalmente tolas por si mesmas.

-Assegurar que esta seja uma boa experiência,- ele disse, apartando suas ondas sedosas de seu rosto.

-Custe o que custar, assegurarei-me.

Por um momento seus olhos foram amplos e estrelados. Logo ela riu, uma risada afogada gutural que pôs foguetes dentro de sua virilha.

- Galahad,(cavalheiro)- ela brincou.

Ele a beijou ainda enquanto ria. Porque quis. Porque ninguém estava aqui para detê-lo. Por como ele realmente queria o nome dele para poder reclamar. Inclinando sua cabeça por acesso, ele deslizou suas mãos abaixo de seu luxurioso e pequeno corpo e devorou sua carne apertada contra sua parte dianteira.

Seu pênis tamborilou como um motor, mas ela não lutou. Em lugar disso, ela envolveu seus braços detrás de seu pescoço e se derreteu, retorcendo-se contra ele quando seu agarre não foi o suficientemente próximo. Uma coxa subiu e envolveu o lado de seu quadril. Incapaz de resistir, ele



deslizou sua mão lentamente abaixo de suas costas para cavar seu traseiro. Nada mais ela usava sobre as meias. Sua buceta estava molhada. Quando ele roçou as pontas de seus dedos ao longo, seu ronronante prazer o fez desejar lançá-la em cima da cama. Não se importou que B.G. esperasse que ele esperaria. Não se importou que este trabalho tivesse preservado não só seu orgulho mas também sua prudência. Nesse momento, ele teria trocado tudo o que tinha para ser um Joe comum a ponto de obter a posição.

- Mm,- ele disse, incapaz de restringir o som enquanto ele cuidadosamente a apartava com a mão. Outra vez ela o teve ofegando. - Okay. Não estamos fazendo isto agora. vamos seguir as regras.

Seu olhar se estreitou, e ela dobrou seus braços através de seu peito. Ele viu que tinha tido que escolher uma palavra menos que afortunada.

- Você esteve de acordo,- recordou, -a menos que queira voltar.

Ela pôs seus olhos em branco diante dele e retornou a sua bolsa de lona vermelha, dispondo-se a fechar o zíper.

- Espera,- ele disse. - quero te vestir para nossa viagem.

-Você quer me vestir.

- Sim.

Ela cravou os olhos nele, seu rosto intransigente e fechado. Ele pensou que estava a ponto de protestar, mas ela o assombrou. Sem advertência ou ruído, ela puxou seu Top de um só golpe e escapou de sua minissaia. Seu sutiã era o clássico azul Victoria Secret's, de meia taça com mimosas flores bordadas que cobriam quase nada de tudo. Apesar de seu desejo por conservar a mão mais alta, a respiração do Eric saiu fora de seus pulmões. Sua figura era realmente algo, fazendo seu sangue sentir-se repentinamente pesado dentro de suas veias. As meias, entretanto, tiveram que ir.

Antes que ele pudesse abrir a boca para pronunciar as palavras, ela as tirou e as atirou em seu rosto. Ele as apanhou, e a um sopro de sua excitação. Embora o perfume passasse como um relâmpago por ele, ele fez o melhor que pôde para soar tranquilo. Ele prometeu a si mesmo que seu púbis pulcramente recortado, agora encantadoramente exposto, não ia ser seu Triângulo das Bermuda pessoal de luxúria.

- Possui a calcinha que faz jogo com esse sutiã?

- É uma tanga,- ela estalou como se ele, ou qualquer homem, não consideraria isso alguma coisa senão algo vantajoso.

Ele sorriu e, depois de um batimento do coração, ela o fez, também.

- Bem. Encontrarei.



Extraíndo a tanga azul de uma gaveta, ela a pôs com mais delicadeza do que tirou bruscamente o resto de seus objetos de vestir. Eric apreciou a função, assim como também o resultado final quando ela deu a volta. Seu piercing do umbigo brilhou intermitentemente. Ele tinha estado olhando muito abaixo para adverti-lo antes.

- Muito agradável,- ele disse, acrescentando um incontável suspiro masculino.

Pelo que ganhou um beliscão na bochecha.

-Bem- Ela pulverizou seus braços, obviamente desfrutando de seu atordoamento. -Vou desta maneira, ou há algo que em particular que você quer por cima?

Já sabia a resposta. Ele tinha divisado a coisa perfeita logo que ela abriu a porta do armário. Indo diretamente para isso, ele tirou um recatado vestido cor de rosa reto com uma dobra abaixo do pescoço.

Ele o colocou com gentileza em sua cama, logo acrescentou um par de sapatos brancos de verniz antiquados. Tudo do que o traje carecia era um chapéu sem aba e um par de luvas.

- Esse é meu vestido de entrevistas,- ela objetou.

- É, uma roupa totalmente aborrecida de boa garota.

- Por favor,- ele disse. - adoraria te ver nisso.

Ela pôs na sua frente de um puxão .- pensei que você queria que vestisse o que me fizesse sentir sexy.

- Vestir isso me faz sentir sexy.

- Bem. Alguma vez ouviu falar da bolsa de seda e a orelha de porca?

-Você já é uma bolsa de seda. As roupas não podem alterar isso de qualquer maneira.

Ela fincou seus punhos em sua cintura e colocou seus pés separados. Ela não era terrivelmente alta, mas o comprimento de suas pernas a fazia parecer como se fosse. Suas coxas tinham um pouco de músculo, somente o suficiente para trazer a mente uma versão pornográfica de uma amazona. - quero um suborno antes que ponha isso.

-Esta não é uma negociação.

Pouco impressionada, Charity, emitiu um sorriso. – Ridículo , você tem uma ereção do tamanho de Telhas, e a tem desde antes que eu tirasse minhas roupas. Quer que esteja de acordo contigo. Sabe que estará desiludido se não o faço. Por isso "- ela fez um drama da palavra "- fortemente sugiro que cheguemos a um acerto.

Ele se viu forçado a conceder seu ponto.



-O que quer?- Ele perguntou prevenido.

Acolchoou a ele, descalça e de sutiã, mover a puxões muitas mulheres, que vieram ao mundo para serem desobedientes a aurora do amanhecer do tempo. Ela se deteve com seus mamilos de duros roçando sua camisa.

- Quero que você me mostre o que você faria para um tipo. Na cama. Se você tivesse sua escolha de coisas favoritas.

Ele piscou, sobressaltado. Ninguém nenhuma vez o tinha perguntado que mostrasse suas preferências assim. Ele não teria adivinhado que a petição empacotaria tal punção.

- É seu trabalho,- ela assinalou quando ele fez uma pausa. - Talvez você não tenha permissão de gozar completamente, mas se supõe que deve manter meu motor acelerado ao máximo. Garanto que isto resolverá o problema.

Ele desejou que pudesse discutir mas realmente não poderia formar as palavras. Ele supunha que estava a cargo aqui. Por outra parte, se ela decidia que gostava da ação homem sobre homem, teriam mais opções eróticas sobre a rua, mais opções que ele desejava explorar muitíssimo mais. O que ele fizesse agora poderia assegurar que teria a oportunidade – com tal de que ele não cedesse toda biografia de autoridade. Com sua mandíbula juntando-se pela frustração com a realidade desse risco, ele enredou sua mão através de seu cabelo.

-Você quer,- ela disse, a declaração passando através dele como se estivessem conectados por condutores elétricos.

-Quer foder-me como a um homem.

Ele sentiu o rubor ser abrasando através de seu rosto, logo viu seu eco no obscurecimento de seus olhos. Esta idéia a acendia.

- Bem, ele disse, seu corpo decidindo-se por ele.

- Tire suas roupas. Quero-te de barriga para baixo nessa cama com seu rabo no ar.

Sua boca ficou frouxa pela surpresa, com excitação, e logo – sem uma palavra de argumento – ela fez o que ele pediu. Tirou seu sutiã e sua tanga e subiu sobre a cama. Um travesso rosa bala sustentou seus quadris justo no ângulo que ele desejava. A curva suave de seu quadril fez água em sua boca.

Ele vacilou, logo fez o que estava desejando ardentemente, dando uma bofetada a um lado de seu traseiro com a palma de sua mão. Ele o fez justo o suficiente duro para fazê-la saltar, para experimentar que tão firme era. Ela esfregou a carne avermelhada como se picasse.

-Cada favor tem um preço,- ele disse enquanto ela tomava fôlego para protestar. Sua voz não era tão constante como deveria ter sido, mas silenciou a dela.

-Você tem que pagar até se ninguém vir nos salvar.

Quando ela o estava olhando muito, alerta interessada e, seus olhos eram muitos brilhantes



para suportá-los, sua curiosidade muito perto à inocência.

-Não observe,- ele ordenou, pressionando sua cabeça de volta para baixo. - Não te quero vendo o que faço.

Ela tremeu, mas a reação pareceu mais como excitação que nervosismo. Eric poderia reclamar ambos ele mesmo. Seus dedos estavam duros enquanto ele descia abaixo seu zíper, seu estado atual convidando a acidentes. Ele só soltou seu fôlego quando seu pênis esteve livre. Seus sapatos foram os seguintes, logo suas calças e sua cueca. Ele não teve paciência de tirar as meias. Quando montou nela, sua excitação pendendo quente ao ar livre, seus ombros tensos.

Por um segundo, ele pensou a respeito de fazer o que ele especulava que ela temia.

- Tenho lubrificante,- ela disse, claramente tratando de sondar o jogo. - Mais uma caixa de camisinhas. Estão na gaveta da mesinha de noite.

-Chsss.- Ele fez voar com um sopro seu cabelo a um lado e beijou a parte de trás de seu pescoço. Quando arrastou sua língua ao longo de suas vértebras, ele saboreou sal. Para seu alívio, ela se retorceu agradavelmente com o toque. Enquanto ela pudesse estar nervosa, ela não se assustaria verdadeiramente.

- Não farei nada ao que você não esteja acostumada até que estejamos ambos seguros de que você gostará. Nunca te faria mal, carinho. Só quero que se sinta bem.

-Se esse for o caso, deveria ter tirado a camisa.

Ele riu e tratou de alcançar o lubrificante.

- Agora mesmo, ali está sozinho uma parte de mim que precisa sentir.

- Poderia adivinhar qual,- ela disse, suas palavras amortecidas por sua colcha. -Mas penso que preferivelmente te deixaria demonstrar.

Capítulo Quatro

Charity o ouviu lubrificar a si mesmo. Ele estava de joelhos atrás dela, ultrapassando seus quadris. Ela desejou olhar mas conseguiu conter-se. O som era extremamente pessoal – como a masturbação – sua mão escorregadia esfregando de cima abaixo pelos contornos de seu pênis endurecido.

Ele foi lento em torno disso, como se não lhe ajudasse que gostasse do que fazia.

- Poderia ajudar,- ofereceu com voz rouca.



-Espera,- Ele disse, a qual ela começava a pensar que era sua palavra favorita.

Ele a lubrificou, também, dando massagem a suas nádegas até que tudo o que ficou da palmada foi um lugar agradavelmente quente. Ela duvidava que ela se sentisse muito como um homem para ele, mas a ele não pareceu importar. As pontas de seus polegares esfregaram círculos atrasados sobre seu cóccix, a pressão hábil e bem-vinda. Ela sentiu como se ele batesse um recorde imprevisível de energia sexual, uma que era mais profunda do que ela tinha adivinhado. A sensação titilou dentro dela como um peixe nadando.

Aparentemente, as pessoas em Mosswood obtiveram toda classe de treinamento.

Ela mordeu os lábios enquanto ele descendia cautelosamente. Apoiando a parte superior de seu corpo sobre seus cotovelos deixou que o peso de seus quadris a pressionasse abaixo. Suas coxas se voltaram ligeiramente para fora para enlaçar os seus. Sob sua coberta de pêlo, seus músculos eram fortes. Aposto que é um remador, ela pensou, visualizando ele e a sua equipe da universidade ricocheteando abaixo de um rio com rochas cobertas em hera levantando-se dos bancos. Para chamar a atenção pela sensualidade da imagem, sua ereção se situou perfeitamente entre suas bochechas. Seu calor a fez começar a rodar sua cabeça de um lado a outro.

Ela se sentiu muito bem para estar quieta.

-Não se mova,- ele advertiu, -ou terei que me deter.

Sua excitação não diminuiu quando ele moveu a si mesmo, um milímetro deslizando de uma vez. O primeiro impulso bem lubrificado o empurrou para cima, enquanto o seguinte o devorou lentamente abaixo. Seu pau estava tão rígido que ela suspeitava que se fosse mais rápido o faria gozar. Pelo sexto alargado golpe, suas mãos estavam apertadas em sua colcha. Ela poderia sentir ambas, sua tensão e a dela, seus braços começando a tremer, seu fôlego ficando ruidoso e áspero.

Ela o desejava dentro dela com uma ferocidade que enrolava os dedos do pé.

Ele devia haver sentido isto, porque sua cabeça se agachou para sussurrar em sua orelha. - Não se mova,- ele repetiu, embora ela não acreditasse que o tivesse feito.

- Sente-se tão agradável, carinho. Suave como seda. Não posso me arriscar a permitir empurrar agora mesmo.

- Me fale a respeito de sua primeira vez,- ela sussurrou para trás, esperando o distrair o suficiente para durar. Ela não queria que isto acabasse um segundo antes do que deveria.

Seus movimentos fizeram uma pausa, mas ele não se apartou.

- Quer dizer minha primeira vez com um homem? Isso deve ter sido quando fui à universidade. Experimentando, adivinho, foi debaixo dos olhos dos meus pais. Temo que minhas primeiras poucas experiências não têm o valor para uma história. Em sua maior parte andava a prova, se você sabe o que quero dizer.



- Lembro-me desses dias.

- Espero que todos o façam. Ele intercambiou seu peso em cima de um antebraço e deixou sua outra mão serpentear levantado seu lado. Seus nódulos acariciaram o avultamento de seu seio.

- A gente fica mais cômoda quando continuam.

Lhe ocorreu que ele provavelmente sabia mais de todas as coisas que ela tinha feito.

Ela não teria que agonizar sobre se esconder ou divulgar sua história sexual, não tinha que preocupar-se com desprezo ou espanto. A compreensão era peculiar mas um pouco agradável. Fez seus músculos relaxarem ao mesmo tempo, afundando-a mais profundo na cama. A mudança nela aliviou algo em Eric. Ele gemeu com deleite, não a fricção mais, simplesmente pressionando seus quadris de trás para frente.

Poderia ter sido sua imaginação, mas ela pensou que seu pênis estava mais cheio antes. Quando ele empurrou a ponta para a parte pequena de suas costas, deixou atrás um rastro de umidade.

-Me conte a respeito de sua primeira vez excitante,- ela disse, sua petição saindo mais baixa do normal. - A primeira vez que realmente te balançou fora.

- Ah,- ele disse. -Esse deve ter sido B.G.

Eric tinha retornado de seu primeiro semestre na universidade extremamente saturado de si mesmo. Uma vez que ele tinha concluído que nem relâmpago nem censura social o golpeariam matando-o, ele havia fodido seu caminho de um extremo de U.C. Berkeley⁵ até o seguinte. Garotos, garotas, até um professor ardente de filosofia caiu por seus encantos. Eric poderia ter deixado Southampton sendo um menino, mas ele definitivamente tinha voltado feito um homem. A quem importava se suas qualificações estavam no lago? Ele tinha provado a si mesmo um garanhão para ser reconhecido.

Com todos estes triunfos para mantê-lo ocupado, ele não se precaveu quanto ele estava desejoso de ver seu companheiro de infância. Ele tinha estado em casa um dia e meio quando sua mãe o mandou através de seu pátio para o do Grantham.

- Benjamim vai querer vê-lo ,- ela disse, franzindo seu rosto diante da bolsa de lã da lavanderia que ele tinha deixado com a criada. - Desde que foi à escola, ele tem feito uma visita por semana. Para falar. A mim! Você sabe que ele deve estar sentindo saudades se faz isso.

⁵ -A Universidade de Berkeley (UC Berkeley), foi fundada em 1868, é uma extensão da Universidade da Califórnia (UC), em Berkeley, situada no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Foi nomeado a melhor universidade pública nos Estados Unidos por U.S. News and World Reports



A idéia do B.G. sentindo saudades teve um atrativo estranho e elogioso. O velho amigo do Eric tinha habilidades sociais razoavelmente boas – sempre e quando a pessoa com quem ele tratasse estivesse disposta a aceitá-lo como era. Ele não era tímido, de todos os modos, não como as pessoas tendiam a assumir que os prodígios seriam.

Contente, mas preferindo que sua mãe não o visse, ele encolheu de ombros em sua jaqueta militar danificada e rangeu através das folhas que ao jardineiro faltava rastelar. Apesar de seu desejo de dar a impressão de ser frio, manteve seu passo. Bravo, ver o B.G. seria bom. Eric poderia mostrar seus novos créditos sexuais, talvez até conseguir o valor para finalmente provar por onde atacava o moço gênio.

Ele sorriu com o pensamento enquanto ele se separava de um empurrão suas mãos em seus bolsos, logo deu um passo em cima do caminho de cascalho que dava até a porta do B.G.. B.G. vivia na casa de campo que igualava às do Stratford-On-Avon detrás da casa de seus pais. Ele pagava o aluguel, de acordo com a mãe de Eric, e estava dedicado a alguns sossegados projetos com os intelectuais de física na universidade do estado de Nova Iorque.

Recordando isto, um pouquinho de vento soprou das velas de Eric. Não só B.G. fazia muito tempo tinha terminado a universidade – incluindo a graduação da escola– ele estava empregado com salário em um trabalho que era provavelmente mais importante que algo que Eric fizesse alguma vez .

Felizmente, a desconfiança em si mesmo em que ele poderia haver-se derrubado foi interceptada por B.G. pondo sua cabeça fora da janela dianteira. Seu rosto estreito, ligeiramente triste se dividiu em um de seus sorrisos estranhos.

- Oi !- Ele chamou. - Estive esperando que fizesse uma visita.

Eles não se abraçaram quando B.G. abriu a porta, mas B.G. apertou o braço de Eric quanto chegou perto. O estranho, assobio de poder que seu toque sempre tinha tido estava intensificado pelo recente e mais empírico conhecimento de Eric de quão divertidos podiam ser os homens na cama. As inibições que o preservaram quando eram menores tinham sido apagadas.

Ele poderia fazer insinuações amorosas a B.G. se ele quisesse. B.G. poderia rechaçá-lo, mas Eric o conhecia o suficientemente bem para ficar convencido que não deixaria uma estupidez temporária danificar sua amizade. B.G. simplesmente não tinha os mesmos preconceitos que outras pessoas.

Poderia fazer, pensou com assombro incipiente. Poderia beijar B. G. esta noite.

Sua boca ficou seca de um desdobramento repentino de nervos. Não afetado por seus tremores, seu pênis empurrou mais comprido dentro de sua cueca curta, espessando-se e endurecendo-se até, dentro de segundos, o algodão o abraçou apertado. Eric sempre tinha sido rápido para excitar-se, um traço que ele ocasionalmente encontrava inconveniente. Ele estava contente que tivesse de retorno a ele. Abstraído pela resposta do Eric, ele o conduziu através de



um labirinto previsível de livros e jornais para a cozinha bem ventilada da casa de campo, a única parte da casa que ele mantinha limpa. O decorador da mãe de B.G era responsável pelas cortinas de chita, o avô de B.G dos gabinetes brancos construídos à mão.

-Estou tratando de desenvolver um conceito de ' agora', - B.G. explicou, - para um livro que decidi escrever. Infelizmente, não estou seguro que tão bem transmito minha idéia. Penso que necessito uma melhor analogia.

-Não diga!,- disse Eric, ouvindo pela metade, tentando recordar se o traseiro do B.G tinha estado assim lindo antes. Seu amigo vestia umas calças jeans descoloridas, mais cômodas do que ele recordava. Talvez, como Eric, B.G. tinha tido um pouco do impulso de crescimento pendente.

Os pensamentos de onde ele poderiam ter aumentado fez que as palmas de Eric se umedecessem.

-Ali,- B.G. disse, apontando triunfalmente o balcão do bar mobiliado do café da manhã.

Recuperando sua atenção com um esforço, Eric coçou a cabeça. - seu conceito de ' agora ' é um par de esteiras ?

-Agora são os macarrões pequenos que utilizei para formar uma ponte entre as esteiras O dilema é que a concha da massa é muito grande.

- 'Agora ' pode ser o conector no meio entre o passado e o futuro mas, na verdade, é tão efêmero que dados os limites da capacidade para gravar eventos de nosso cérebro, é virtualmente inexistente. Logo que você se dá conta disso, é o passado. Pessoalmente, não estou convencido de que o presente exista em uma forma real, mensurável. 'Agora' poderia ser similar a um neutrino⁶, uma partícula tão pequena que pode também não ter massa.

- Não penso que os macarrões venham tão pequenos como os neutrinos. Digo, se os macarrão tivessem menor massa, então seguro não encheriam.

Como sempre, as piadas do B.G eram liberadas impassivelmente e caíam do céu. Tomou perto de um segundo para que Eric risse. -Só contigo,- ele brincou, - poderia estar tendo esta conversa.

- mas vê meu dilema?

-Com certeza.- Sorrindo, Eric aceitou uma garrafa de cerveja de seu amigo. Ele não reconheceu a etiqueta, mas estava fria e cara provavelmente o produto de algum processo oculto

⁶ -Neutrino é uma partícula subatômica dificilmente detectada porque sua interação com a matéria é muito fraca, sua carga é neutra e sua massa extremamente pequena. A sua formação se dá em diversos processos de desintegração em que sofre transição para um estado de energia mais baixa, como quando o hidrogênio é convertido em hélio no interior do Sol. Neste momento são gerados todos os comprimentos de ondas.

A maioria dos neutrinos que atravessam a Terra são provenientes do Sol, e mais de 50 trilhões deles passam através do seu corpo a cada segundo^[1].



de fermentação que B.G. admirava.

B.G. bebeu a metade da sua em dois goles, logo olhou para Eric com um rosto mais sério do acostumado.

- Perdi-te,- ele disse, acalmado mas alerta, aparentemente preparado para deixar ao Eric ler o que fora que desejava dentro do que dizia. Porque ele poderia tratar de dizer algo, Eric se esforçou em não ruborizar-se.

- Perdi a você, também, homem.

-Hm," disse B.G. como se pensasse que duvidava disto. A unha de seu dedo polegar rasgou uma tira da etiqueta de sua cerveja, depois do qual ele tomou ar e o deixou sair fora enquanto falava. Para o B.G. isto era quase um ataque nervoso.

-O que é isso? Eric perguntou, apoiando-se ao lado dele no balcão do café da manhã. Aconteceu algo enquanto fui?

B.G. fez uma careta, aparentemente impaciente com sua própria vacilação. Um gesto de sua mão varreu fora.

- Perdi minha virgindade,- ele disse. - Logo, descobri que queria discutir a experiência contigo. Estudei o processo de antemão, é obvio. Psicologicamente. Fisiologicamente. Usei os métodos mais estatisticamente fidedignos de profilaxia. Estou razoavelmente crédulo de que meu funcionamento foi adequado.

Não havia ponto em pedir ao B.G. que não falasse disto tão analiticamente. B.G. falava da maneira que tinha sentido para ele. Se a alguém não gostava, esse era seu problema. Em vez de desperdiçar seu fôlego, Eric puxou uma cadeira da cozinha de debaixo da mesa, voltou-a atrás, e sentou.

-Assim que... como foi isso?- Ele perguntou. Quanto a isso, quem foi ela?

-Lembra daquela estudante de artes teatrais que ensinei cálculo uns anos atrás?

A ruiva com o bagageiro?

- Topei-me com ela na livraria SUNY. Porque nós já não tínhamos uma relação baseada na confiança, e porque lhe interessava me iniciar, fomos a seu apartamento e tivemos contato sexual.

-Espera um minuto.- Eric colocou sua cerveja na mesa com um golpe seco. -Você não lhe disse que era virgem.

- É obvio que o fiz. Se não o tivesse feito, ela teria notado minha inexperiência. Somente pareceu justo lhe informar de antemão.- Preocupado, ele puxou a cadeira ao lado de Eric. A diferença de seu amigo, ele se sentou na sua olhando para frente. -Ela disse que as coisas deram errado?



- Não deram errado,- Eric disse. - Embora a maioria dos tipos não o teriam admitido. - Confio, né, que tudo saiu bem?

- foi... muito prazeroso.

Ele tinha um olhar em seu rosto – uma combinação de pena e lembranças agradáveis – que fez Eric desejar que ele pudesse retroceder um filme do grande acontecimento. Trocou de posição em seu assento por um aumento súbito de sua ereção, precavendo-se de que a ele em realidade, realmente gostado de observar.

- Mas? - Apressou, sua voz simplesmente um pouco grossa.

Perdido outra vez, B.G. fez uma pausa para aferrar o degrau de acima da cadeira do Eric. Com seu físico recém desenvolvido, suas mãos eram mais sexy do que Eric recordava: Largas e flexíveis, com um respingo ligeiro de cabelo escuro. Eric conteve seu fôlego para que B.G. continuasse. Depois de outro inquieto agitar par trás para acomodar os dedos, ele fez. -Quando terminamos de ter relações sexuais e me vestia para ir a casa, precavi-me – chegou a minha consciência que o que tinha feito não teria sido minha primeira eleição para uma primeira vez.

Seus olhos escuros se elevaram e sustentaram os do Eric, escurecidos com inseguranças que Eric não acreditava que alguma vez tivesse visto neles antes. Nem para salvar a vida, teria podido partir dando meia volta. Cada centímetro de sua pele parecia ter estalado em calafrios quentes.

Este era o sinal do qual as pessoas falavam que procuravam nas festas, o olhar que dizia, estou interessado. Toma sua oportunidade. Eric a tinha visto o suficiente por si mesmo. Ele só não se precaveu de quanto poder teria quando o viu nos olhos do B.G.

-Jesus,- ele murmurou, tremendo enquanto rompia o encanto. -Em qualquer lugar que vou, você está ali na minha frente.

-Você não era virgem,- B.G. objetou. Você se deitou com ao menos três garotas na escola secundária.

- Não quis dizer isso,- Eric disse com apenas fôlego suficiente para uma risada. B.G. saltou a escola secundária inteira, assim o boato de suas mãos devem ter trabalhado horas extras. Toque que fez B.G. prestar atenção, e mais estimulado do que ele poderia expressar, Eric ficou ao lado do rosto de seu velho amigo. A pele do B.G. estava levemente quente. - Quero dizer que você está aqui antes que eu nisto. Você resolveu o que quer enquanto ainda tento pôr minha cabeça nisso.

Eric logo que pôde ouvir o B.G. quando falou. -Quer fazê-lo? Pôr sua cabeça sobre isso?

As calças do Eric se sentiram apertados o suficiente para estrangular seu palpitante pênis. Ele colocou sua segunda mão contra a bochecha de B.G., emoldurando seu rosto entre suas mãos. -Minha cabeça e todo o resto.



- Nunca o tenho feito, você sabe. Não com um homem. Temo que não saberei como.

-Mostrarei. A paciência fazendo migalhas, Eric o reduziu completamente, pressionando seus lábios, uma vez, brevemente, sobre os de B.G. -me acredite, estaria eufórico para mostrar qualquer coisa que você deseje.

-Qualquer coisa?- B.G. queixou-se duvidosamente.

Eric o puxou para frente para beijá-lo outra vez, gemendo enquanto a boca de B.G. abria-se ansiosamente. Sem importar sua lentidão em ter relações sexuais, B.G. tinha conseguido aprender algumas outras coisas. Seu beijo foi perfeito: Duro e ávido mas não muito rápido, úmido e generoso mas não desordenado. Amando cada sabor, Eric gemeu e voltou sua cabeça para um ataque mais profundo.

Beijaram-se como se tampouco ousassem deter-se, como se não pudessem conseguir nunca outra oportunidade para fazer esta coisa pela que eles tinham estado morrendo. Um gemido comprido, lento assinalou que B.G. tinha um recesso por buscar ar.

-Tire a roupa,- ele disse. - estive sonhando tocar sua pele por anos.

Eric moveu sua boca ao pulso que estava correndo no pescoço de B.G., suas mãos tratando de correr justo tão rápido sob os botões de sua camisa.

-Anos?-Ele disse. -Esteve querendo me tocar por anos?

-Desde aquela viagem de acampamento de fim de semana com os escoteiros quando tínhamos treze anos.

- Não,- Eric respondeu incredulamente.

- Masturbei-me em meu" saco de dormir "todas as noites.

-Jesus, assim eu fiz.

- Nem sequer podia ejacular ainda. Somente me esfreguei mesmo e pensei a respeito de você deitado ao meu lado até que não podia agüentar do bem que me sentia. Foi o primeiro orgasmo que tive certamente.

Eric não podia parar sem tocá-lo um instante mais . Ele o beijou outra vez, comendo a boca de B.G., sem até preocupar-se com a técnica. Desta vez foi ele que interrompeu para respirar. Enquanto Eric se balançou da cadeira que tinha formado uma barreira entre eles, os olhos do B.G. brilhavam intensamente com interesse. Voluntariamente, levantou seus braços para que assim também Eric pudesse despir sua camisa suada sobre sua cabeça.

Sua passividade era tão excitante para o Eric como o que despi-lo revelou.



-Ouça,- Eric disse, encontrando um peito forte e um grupo insuspeito de abdominais com tanquinho, - Esteve se exercitando.

-Algo,- B.G. admitiu timidamente. - Eu gosto muito dos músculos que vi em você. Eric estremeceu quando as mãos do B.G. deslizaram-se entre os lados de sua camisa aberta, acariciando seu estômago com as pontas dos dedos. - Eu gosto do modo em que se sente, também. Quero te beijar aqui, Eric. Quero fazer tudo o que nossos corpos possam.

- prepararemos o terreno para tudo, - Eric ofegou, arrancando seus braços fora da camisa. - Algumas coisas tomam um pequeno trabalho preparatório.

Subiram simultaneamente dentro dos braços um do outro, beijando-se avidamente de novo até quando tratavam de retirar com força as roupas restantes . B.G. quase marcou algo crucial quando ele puxou bruscamente para baixo o zíper de Eric.

-Sinto muito,- ofegou. - OH, Meu Deus, é grande.

O gemido de surpresa o endureceu ainda mais, enquanto a mão de B.G. tocava-o. Eric amaldiçoou pelo modo que o toque inexperiente estava a ponto de fazê-lo gozar. Caiu de joelhos logo que B.G. tirou sua calça jeans.

-Minha cama,- disse B.G. enquanto Eric começava a puxar B.G. sobre ele no piso.

-Aqui.

-Mas necessito –

- Não posso esperar.- Eric correu suas mãos firmemente pelas costas de B.G. Estavam nus agora, e a urgência de pele e músculo era divina. O roçar minúsculo de cabelo sobre o cócix de B.G. Exigia um roçar próprio. Eric murmurou em seu pescoço em lugar disso e lutou para não morder. Deus sabia o que B.G. pensaria a respeito disso.

- Esfregue-se contra mim. Quero senti-lo em mim quando gozar.

-Espera,- B.G. implorou, apalpando para abrir a porta do refrigerador.

-Maldição, B.G. Esta não é hora para um sanduíche!

- Espera,- ele disse brandamente.

- Me espere. Simplesmente um pouco mais, e poderemos fazer o que for que diga.

Ele agarrou uma vasilha do vidro da prateleira mais baixa.

Vendo isso, o cérebro do Eric recusou processar algo absolutamente. Ele meneou sua cabeça para tratar de obter que uma parte de seu sangue se movesse mais para o norte. Ele esperava que B.G. não queria dizer que gostaria de dar seu cú agora mesmo. Não era que Eric não



quisesse; Ele somente não pensava que seu fusível fosse o suficientemente comprido para fazê-lo tão amavelmente como deveria.

Seus ombros tremeram com um pequeno espasmo enquanto B.G. arrancou a tampa.

- Eu gosto de escorregadio,-B.G. explicou.
- E quero te tocar. Quero que nos toquemos .

- Okay,- Eric disse, deglutindo atrás sua ânsia.
- Coloca-o sobre mim.

-Suficiente? - B.G. perguntou, recolhendo um dedo cheio.

Era uma quantidade verdadeiramente lastimosa. Eric recordou a si mesmo que este era o primeiro encontro de B.G. com um homem. Eric precisava tratar seu orgulho cuidadosamente. Logo pensou, que diabos. Este era B.G., quem odiava quando as pessoas o dirigiam com muito cuidado. Eric o tratava da mesma forma que ele fazia quando discutiam sobre quem era aquele cuja irmã mais velha era mais estúpida.

- Não seja miserável,- disse. - Você disse que você gosta de escorregadio. Me dê o suficiente para te lubrificar de cima a abaixo como um porco.

B.G. riu, e repentinamente tudo estava bem: A espera, a estupidez, o fato de que Eric não era realmente o perito que B.G. pensou. Lubrificaram um ao outro, rindo e ofegando e apertando algo que desejavam apertar, com golpes pressionando . Pondo ereto o pênis lançando-se através de punhos brilhantes, admirados, enquanto os mamilos ficavam tensos sob polegares que beliscavam. Eric descobriu que as bolas do B.G. eram hipersensíveis, o suficiente para sobressaltar-se cada vez que Eric as tocavam. Por sua parte, B.G. demonstrou uma facilidade bem assombrosa por ser inexperiente. A mão segurou mais tempo do que Eric teria esperado que poderia agüentar, e surpreendentemente, a tolerância do B.G. foi primeira em interromper-se.

- Se recoste,- B.G. disse abruptamente em um tom estranho, ofegante.

- OH, agora você vai conseguir . Agora que me mantiveste afastado e tirou sarro por meia hora.

-Foda-me,- B.G. disse, seu rosto escurecido. -Foda-me, te quero agora.

Ele empurrou Eric para trás com uma força e uma agressividade que Eric não tinha sabido que possuía. Apoiado em um braço , B.G. juntou seus eixos engrossados em um punho bem lubrificado.

-Sujeita me,- ele ordenou. -Envolve sua mão junto à minha.

Eric fez como ele demandou, logo gemeu quando B.G. começou a atravessar o canal que



seus dedos formavam. Seus pênis estavam como batendo-se em duelo, um indo acima enquanto o outro avançava lentamente abaixo. Porque B.G. estava inclinado sobre seus joelhos, era possível presenciar cada centímetro do drama, embora era uma luta liberar seus olhos de cair fechados de felicidade. As partes mais sensíveis de seus pênis se apertaram, ficando mais vermelhos e mais rígidos com a repetida deslizada de atrás a frente. Não passo muito antes que Eric estivesse a ponto de explodir.

-Dois minutos- advertiu,- ele falou com voz áspera, logo estremeceu enquanto B.G. tomava isto como um sinal de coisas em cima. As bordas lubrificadas de suas ereções fizeram um clique loucamente erótico.

- Bem. Trinta segundos... talvez. Meu deus.- A parte superior de seu crânio ameaçava levantar vôo, e suas bolas se sentiam como se enchessem de vapor. Apesar das sensações próximas de cegar, Eric não podia apartar os olhos da cabeça do pênis de B.G. Sua abertura gotejava um riacho de pré sêmen. B.G. percorreu o olhar abaixo para ver no que olhava Eric, logo se ruborizou como tomate.

- Quero te beijar,- ele disse.

Depois,- Eric exalou, chiando seus dentes por alguns segundos mais de agonia bendita.

- Mais tarde. Quero te ver disparar. Preciso observá-lo para saber que é real.

- Te amo,- B.G. disse.

Ninguém mais podia ter feito essa declaração soar com mais efeito. O olhar de Eric voou acima, ardendo de emoções muito grande para esconder. Os olhos do B.G. inclinaram-se com seu sorriso aprazível.

-Observa,- ele disse brandamente. - Observa se isso é o que quer.

-Me beije primeiro,- Eric antagonizou, meio grunhindo fora das palavras. Segure de gozar até que eu termine.

B.G. sorriu diante do compromisso, logo se agachou abaixo e o beijou mais profundo do que ele alguma vez tinha sido beijado em sua vida. Pela primeira vez, Eric soube o que um beijo de alma queria dizer. A sensação correu para fora de sua virilha, maior, mais afiada, até que se veio com um som estrangulado que foi apenas humano, sua coluna vertebral arqueando-se fora do linóleo enquanto seu esperma disparou dele em um desdobramento violento comprido, quente. Como de longe, ele ouviu o B.G. grunhir.

Assombradamente, ele não gozou, embora devia ter sido duro como o inferno conter-se.

Ainda tremendo, Eric lançou a um B.G. que não ofereceu resistência sobre suas costas. Muito ávido para perguntar se foi bom, ele empurrou a mão do B.G. de seu caminho, dobrou-se para entre suas pernas, e sugou sua brutal dureza em sua boca. A cabeça se derretia suave, o encantando como nenhum outro pênis tinha feito. Sacudiu-se com a pressão repentina de lábios e



língua.

-Eric,- B.G. gemeu. -Sim.

Eric lhe sugou outra vez, despertando um gemido tremente. Amavelmente, para não machucá-lo, empurrou a palma de sua mão contra a costura das bolas contraídas do B.G..

Dada sua sensibilidade, isto foi mais do que seu amigo poderia tomar.

Ele elevou a voz, instintivamente empurrando acima com seus quadris. Se Eric não tivesse estado sujeitando-o dentro dele, teria respirado fortemente e com dificuldade. O pênis do B.G. deu um batimento de coração duro e logo se foi, uma pulsante inundação salgada.

Claramente B.G. tinha estado esperando por esta liberação; Parecia seguir sem parar. Eric estava encantado de deixá-lo, ordenando cada espasmo com constantes puxões. Ele sabia que nunca esqueceria o som dos gemidos de B.G.

Enquanto decresceram, ele deixou seus lábios voltar-se mais suaves, lambendo meigamente para cima e através da coroa. Quando B.G. não podia suportar mais estimulação, Eric engatinhou acima de seu flanco e paralisou sobre suas costas. B.G. jazeu na mesma posição ao lado dele, ofegando e suando, impotente para mover-se exceto para estender a mão para tomar a rosada do Eric no gancho da sua. Sua respiração ecoou através da cozinha limpa, fazendo ao Eric desejar que tivessem os meios para começar de novo. Seu peito ainda estava golpeando por seu orgasmo, seu pênis ainda sacudindo-se em formigantes ondas. Sentiu-se como se tivesse sido golpeado por um caminhão muito deleitável.

- Uau,- B.G. finalmente disse com um suspiro satisfeito. - tenho que admitir, que isso esteve mais de acordo com meu conceito de uma primeira vez.

- O meu, também,- Eric esteve de acordo, embora – para ser honesto – estava muito, melhor do que ele tinha sonhado.

Ao fim da história seguiu um silêncio que pendurou em seu pequeno quarto. Eric se afrouxou fora dela como se seu corpo doesse. Charity entendeu como se sentia ele. O que ela não entendeu foi como pôde deter-se. Incrédula, ela estirou a cabeça ao redor. Ela se encontrou desejando que ele se visse um pouco mais tonto com essa ereção forte aparecendo por sua camisa. Em lugar disso, a vista destruiu qualquer esperança que ela tivesse de ter seus hormônios sob controle.- Vai me deixar assim? Depois de me dizer isso?

- Essas são as regras, Charity. Você está entusiasmado para ficar excitada, mas ninguém toma ou dá liberação sem permissão.



Em seu rosto estava a mesma aparência tensa que ela tinha visto em cada Dudley Do Right⁷ que ela alguma vez encontrou. Ela não estava segura de onde estava o problema de Eric, a não ser em sua experiência, a expressão geralmente dizia que o homem que a atraía morria por ser desviado do bom caminho.

Bem, ela pensou. Veremos quem dá permissão a quem.

- Simplesmente uma pergunta,- ela disse antes que se balançasse fora da cama. -seu chefe realmente é alguém que beija tão bem?

Seu sorriso aberto de moço afastou seu esmero .

- É tudo isso e mais. De fato, a única pessoa que encontrei que se aproxima de beijar também é

Capítulo Cinco

Eric sabia que seu elogio para Charity cravaría tanto como agradaria o qual era o que tinha disposto a seguir. O que ele não tinha adivinhado era que ao insinuar que seus beijos estavam em segundo lugar que os de B.G aumentaria exponencialmente sua determinação para afirmar seu poder.

Ela estava alegre muito belamente, ele pensou durante o passeio de barco através do estreito. O dia limpou até que o céu era não mais que um brumoso cartão postal de ilhas verde claro ao redor das quais sopravam. As Montanhas olímpicas estendiam através do horizonte como uma miragem, seu pés azuis ,seus picos acidentados frisado com neve. Apesar do drama da cena, com a exceção de algumas gaivotas girando no alto na caçada por um peixe, cada olhar masculino dentro da vista estava pego ao corpo demolidor de Charity no vestido rosado recatado.

Ela tinha uma cabeleira escura Marilyn vestida exteriormente como Jackie ou, desde seu brilhante penteado ondulado até seus sapatos de verniz de 5 centímetros de cor creme. Apesar de sua experiência ampla com mulheres e de boa aparência esse movimento sutil de suas curvas detrás da longitude da malha até o joelho o deixou fascinado. Até Maurice, normalmente cuidadoso a respeito de ir muito longe com os convidados, deixou-a persuadi-lo a ficar a seu lado no corrimão.

Quando o ex-lutador emprestou a Charity sua jaqueta para defendê-la da brisa fresca, o único recurso do Eric foi pôr os olhos em branco. Não havia, depois de tudo, nenhuma regra

⁷ - The Dudley Do-Right Show (1969)



contra ser um cavaleiro.

Ele se viu forçado a escutar, reconhecidamente com diversão, enquanto ela fez virar seu cabelo e conversava sugestivamente. Você gosta de conduzir Maurice , ela quis saber, ou era dura para conduzir? Tinha necessitado tempo para ajustar-se, ou tinha mergulhado diretamente dentro? Sua mão derivou para seu peito enquanto ela confessou que não poderia imaginar-se conduzir dessa maneira ela mesma, mas poderia se alguém lhe mostrasse pacientemente, com gentileza, tomando cuidado de que ela não se ferisse , poderia gostar tanto como o normal.

A alma simples que era , Maurice se ruborizou e gaguejou o suficiente para satisfazer à coquete mais enfastiada.

- É tão bonita,- ele finalmente exclamou, apesar de que B.G. teve que ouvir através de seu microfone.

- realmente espero que cheguemos a foder.

Charity riu disto, parecendo contente por sua franqueza. Se ela tinha adivinhado que tinham a um observador invisível, Eric não podia dizer. Sua piscada de resposta, sem ataduras nem compromissos como foi, fez ao Maurice puxar do tecido estirado no meio de suas pernas. Eric ficou impressionado pela protuberância que ela tinha conseguido inspirar.

-Já basta,- ele disse, apanhando sua mão antes que ela "acidentalmente" pudesse roçar contra ela.

-Deixa ao Maurice ao menos um fragmento de seu cérebro para conduzir.

Ela não fez careta ou puxou fora sua mão, mas seu sorriso disse que ela sabia o que sua representação tinha feito a ele. Previsivelmente, ela escolheu subir a sentar-se de frente com Maurice quando o chofer conduziu ao Phantom abaixo da rampa em Bremerton.

Ela realmente fez uma sedução em devolver a jaqueta ao Maurice, chegando inclusive a ajudá-lo a abotoar-se. Eric se perguntou se ela sabia quanto tempo ela teria que continuar com isto. Tinham um longo passeio de carro diante deles; Mosswood estava profundo no bosque Olímpico, perto da península para o lado do Pacífico. Preferindo deixar fora esse ponto, Eric balançou suas costas sem comentário. Ele disse a si mesmo que não se preocupasse. O carro não tinha janela entre os assentos. Charity não podia dizer algo a seu chofer sem que ele escutasse.

Para assegurar que ela tampouco fizesse algo que não pudesse ver, ele se deslizou adiante até a beirada de seu assento. Foi por este movimento em marcha ou pela simples presença de Charity o que enervou Maurice mais.

Quando ela tirou seus sapatos e cruzou seus tornozelos com o arranque do motor, o carro se sacudi no caminho. A inclinação de suas pernas fez a sua saia subir a meio caminho a cima de suas coxas bem proporcionadas. Atrás em seu assento, Eric tinha ordenado completar seu traje com meias verdadeiras. Agora brilhavam tenuamente como areia dourada.



Maurice elevou um suspiro sofrido.

- Sinto muito,- ele disse diante de seu sorriso inquisitivo.
- Amo a vista, mas foi um caminho muito longo desde que algum de nós conseguiu liberação.

Charity puxou bruscamente a saia para seus joelhos. –O que você está dizendo ? Pensei que o jogo não começaria até que chegasse à fazenda.

-Bom, né- Maurice lançou um rápido olhar atrás, mas Eric não desejava censurar sua resposta. Aparentemente, seu aparelho de surdez não lhe deu direção, de qualquer modo. - Usualmente esse é o caso, mas Sr. Berne começou os procedimentos cedo. Logo que você foi selecionada, ele disse que todo mundo tinha que esperar até que você chegasse. Inclusive não nos permitiu nos masturbar.- Sua voz foi um sussurro ,como se Charity fosse uma dama para que seus ouvidos fossem profanados. Eric duvidava que ela o notasse. Suas bochechas estavam excitadas com o que poderia ter sido cólera mas que provavelmente não era. Seus pés caíram ao chão com um golpe seco, e ela se voltou sobre o couro para enfrentar ao Maurice. - quanto tempo faz isso?

- Três semanas,- Maurice respondo. - Três semanas e doze horas luxuriosas sem um orgasmo- Ele riu de seu tom triste. -começava a orar por um" orgasmo involuntário durante o sonho -assim poderia deixar de coxear ao redor.

-Três semanas,- Charity repetiu, logo pressionou sua língua entre seus lábios.- O que teria acontecido se tivesse desobedecido?

As mãos grandes, quadradas do Maurice trocaram de posição no volante. - Bom,- ele disse com um sorriso que provavelmente a surpreendeu. - Se realmente tivéssemos atuado despreocupadamente, então teríamos sido atirados a ponta pé. Se somente tivesse comportado mal um pouco, então teria sido castigado.

-Você diz isso como se fora algo bom.

- OH, é uma coisa boa, acredita em mim, até se isso te volta uma pessoa louca.

Molhando seus lábios outra vez, Charity negou com a cabeça diante da incredulidade.- não acredito que alguma vez aprenderei como seguir as regras.

-Verei,- Maurice predisse. - Depois que tenha estado esperando um tempo, depois de que tenha sido estimulada até que pensa que vai ficar louca, quando você finalmente alcançar algum, Isso simplesmente quase faz estalar sua cabeça por completo. Nunca tive sexo assim antes que viesse a Mosswood. Nunca soube que existissem. Uma vez, realmente tive um orgasmo pelo som de uma mulher rindo. Para falar a verdade, usualmente sinto quando o senhor Grantham volta a trabalhar,

- porque então fazemos o que queremos. Não sei dessas coisas de física, mas B.G. Grantham é um gênio em dirigir a gente para cima.



-Mas você desejaria preferivelmente que não tirei o sarro agora?

- Não deteria você,- Maurice admitiu com uma risada tranqüila. - A coisa é, que três semanas é muito mais do que somos capazes de estar sem nada. Todos temos um pouco azuis as bolas agora.

Charity piscou, assimilando isto, logo começou a contemplar fora de sua janela. Estavam passando através de um dos pitorescos povoados vitoriano da península. Quando se retorceu ligeiramente em seu assento, Eric suspeitou que ela não podia haver-se interessado menos pelo encanto turístico. Ela pensava que tão duro devia ser para todos eles sobre quão tão duro poderia ser para ela dentro em breve .

Apesar da razão provável para seu silêncio, ele teve o melhor critério para assumir que ela se rendia.

Ela tomou uma decisão antes que a expressasse, deixando-os conduzir profundo nas montanhas antes que as palavras saíssem.

As árvores eram grossas aqui: Pinheiros do Oregon do velho desenvolvimento sombreavam os negros topos cobertos com musgo. Este era o parque Hoh Rainforest, um dos maiores e mais férteis que ficavam no mundo. Além da estrada e seu carro -o único que ela tinha visto durante milhas - poderiam ter entrado em terra primitiva. Charity nunca tinha estado por esta parte de Washington, não tinha reconhecido tinha tantas sombras de verde. O sol mesmo parecia uma substância estranha quando se filtrava através da tela viva.

-Não falta muito- Maurice disse,- suas primeiras palavras em um momento.

Sua voz conservava uma beira de excitação tensa. Ela o olhou, em seus nódulos apertados no volante, no monte sólido entre suas coxas. Sua ereção martelava por não importar que fantasias o tivessem fascinado. Pelo que ela tinha escutado de seu excêntrico anfitrião, parecia improvável que ele obtivera a liberação que tinha estado pedindo em qualquer momento próximo. Isso era então pelo que sua antecipação por aproximar-se de Mosswood era pior que cruel.

Fala sem temor, ela se ordenou a si mesma. Diga o que você quer. O pior que podem fazer é recusar.

-Pare o carro,- ela disse com tal determinação que Maurice obedeceu com um chiado de freios.

Ele se voltou a ela inquietamente.

- O que é isto? Há algo errado ?

Em vez da resposta, ela olhou para Eric. Ele se tinha deslizado atrás no assento uma vez que



tinha compreendido que ela não ia apalpar a provas do Maurice enquanto conduzia. Agora, tão acalmado como ele tinha estado antes que ela o beijasse, ele cruzou seus braços e curvou seus lábios em um sorriso débil, previsível .

Isto, mais que outra coisa, determinou seu caminho. Ela não podia, sob qualquer condição, ser tratada como se fosse de segunda divisão. Talvez ela fosse comparável a ele, mas não lhe importava. Ela exigiria respeito de todos os modos.

- Quero que este homem me tome, e não irei mais longe até que o faça.

-O que? -Disse Maurice, obviamente horrorizado.

-Charity- Eric começou com condescendente cautela.

Ela elevou uma mão para silenciar seu protesto.

- Conheço as regras, mas antes que me dita às obedecer, quero provas.

-Provas- Os olhos estreitados do Eric cobraram um brilho de laser.

-Provas de que isto vale. A prova de que deixar a seu chefe jogar com meu libido criará uma experiência fora do normal. Se ele não pode provar isso- Charity sacudiu seu polegar para o Maurice.

- Duvido que alguém possa.

-OH, moço,- disse Maurice, soando esmigalhado enquanto esperava que ocorresse. Charity não considerou voltar a cabeça. O olhar apaixonado de Eric continha todas as respostas pelas que ela se preocupava.

- Você deve ter o poder de tomar decisões. Você é que preferiu que o pessoal de seu chefe esperasse três semanas.

- Escolhi por todos nós. B.G. e eu estivemos esperando, também.

Sua voz estava rouca, mais baixa que seu tom normal. O som tocou sobre seu interior como uma mão acariciando. Ela desejou beijá-lo então, desejou com uma dor profunda e feroz pressionar seus lábios desde sua boca severa, fina até a ponta de seu pênis endurecido. Ela sabia pelo rubor em seu rosto que ele estava tão em condição de balançar-se como Maurice. Com isso em sua consciência, ela o esperou para que decidisse. Depois de um minuto, fez.

- Me dê seu microfone,- ele disse a Maurice, Confirmando sua suspeita de que mais que um laçao estava no outro extremo. Ela estava decepcionada de que Eric não escolheria ele mesmo, mas intrigada por que o misterioso senhor Grantham provavelmente escutaria.

Tristemente, Charity não podou ouvir uma palavra do que ele disse. A única prova que falava foi o rosto sério do Eric e as inclinações de cabeça.



Ao final, devolveu o microfone ao Maurice. -Aqui está o trato,- ele disse. -Você- ele apontou para o Maurice - pode chegar ao clímax com minha descrição. -Você - ele apontou para o Charity - não pode. E os dois nos poremos de acordo sobre você antecipadamente para que pague a pena que B.G. e eu poremos.

-Pena?- Charity disse, estando pouco disposto a lhe dar carta branca.

-Nada que te faça mal ou te assuste,- Eric lhe assegurou. -Mas não te direi agora o que te custará depois.

Charity esfregou o sulco sob seu lábio inferior. -Se estiver de acordo, então te quero ali. Quero-te o suficientemente perto para que veja e ouça cada golpe. E - ela continuou antes que ele pudesse falar - Não te quero consultando a seu chefe pela permissão.

Eric sorriu como um gato. - A permissão não é necessária. Ele já insistiu em minha presença para ajudar.

Sua excitação despertou com o calor em seus olhos. A energia entre ela e Eric estava zumbindo no ar.

Quase esquecido, Maurice resmungou uma maldição. -Vocês dois vão me matar. Acredito que preferiria te observar fazê-lo que gozar eu mesmo.

-Essa oferta não está sobre a mesa,- Eric disse, ainda sem apartar a vista dela. - Ao menos não hoje. Assim é que Charity, está de acordo em pagar nosso preço?

A pele de Charity zumbiu violentamente.

- Estou,- ela tratou de dizer, mas tudo o que saiu foi um sussurro.

-Maurice, conduz o carro para a beira da estrada e sai.

Maurice realizou esta manobra brandamente.

- Você sai fora também, - Eric disse a Charity.

Charity obedeceu com os olhos muito abertos. Ela tinha posto seus sapatos de volta, e seus tornozelos se cambalearam na mescla de cascalho e erva. Sem dúvida ela tinha esperado que fazê-lo a sua maneira requeria mais de uma briga. Ela era afortunada de que B.G. permitisse espaço para a espontaneidade.

Para o alívio de Eric, a estrada estava tão tranqüila como se estacionassem em terra selvagem. O sussurro das agulhas de pinheiro era o único som que se acrescentou ao deles. Devido que eles tinham feito escala na parte superior de uma colina, se qualquer carro viesse, estariam capacitados para divisar sua aproximação. Eric não tinha planejado isto, mas estava bem. Ao B.G. não gostaria que seus jogos privados fossem material de intriga pública.



B.G. deixou a cargo, ele pensou, o conhecimento lhe dando um estremecimento. Eu digo o que acontece agora.

-Começa com seu cinturão,- ele disse, apontando para o Maurice.

Maurice estava respirando pesadamente, o peito de grande lutador indo de cima abaixo, o chapéu de chofer agarrado em uma mão. Sua ereção empurrou para fora a parte dianteira de suas calças, linhas de tensão irradiavam ao redor. Quando Charity chegou a puxar a língua da fivela de seu cinturão, seus olhos se aproximaram desejosos.

-Olha-a,- Eric ordenou à chofer.

- Sei que quer vê-la tirando-o fora.

Maurice ficou sem fôlego enquanto ele obedecia.

O som do cinturão chiando livre era forte. Apesar do generoso inchaço apenas coberto diante dela, Charity deslizou os olhos para o Eric quando o fez.

-O zíper? -Ela perguntou servicialmente.

Sua inclinação de cabeça a fez deslizá-lo para baixo, retirando as metades à parte como a fita de um presente. mais dos boxers de Maurice apareceram, cinzas a jogo com seu uniforme. Eram o suficientemente soltos para que sua ereção não transpassasse a abertura. O comprimento não era o atributo mais distintivo do Maurice. Em lugar disso, seu pênis era tão grosso aproximadamente como uma garrafa de cerveja e tão duro para entrar em um espaço apertado. Recordá-lo fez Eric um pouco mais excitado para estar cômodo.

Saber que ele não era o único nesta condição piorou a excitação. Quando Charity afundou seus dentes em seu carnudo lábio inferior, sua excitação indo direto a dolorosa urgência. Lutou para recuperar a compostura enquanto ela fazia uma pausa pelas instruções.

-Coloca a mão em suas calças,- ele falou com voz áspera, incapaz de soar imperturbável. Tiro o ar.

-Não gostaria você de fazê-lo?

Um tremor percorreu abaixo de sua nuca. Sua voz foi tão arruda tão ele.

- Já o tenho feito,- ele disse. -Agora quero te ver.

Poderiam ter estado sozinhos, pela maneira em que seu olhar se uniu sobre o dele. Abruptamente ele estava enjoado, como se a terra firme sob seus pés balançasse. Uma libélula saiu rapidamente das samambaias, mas seu cérebro logo que tomou nota. Seus olhos eram espelhos. Ele se viu neles, as vezes que ele se havia sentido tão fascinado e inseguro como ele sentia que ela estava. Admitir o eco o assustou, mas ele não soube como deter o deslizamento que ele sentiu que estavam tendo.



Cairia com ela em qualquer lugar, ele pensou, sem importar onde se dirija o prumo.

Repentinamente sentindo-se muito vestido, ele se sacudiu fora de sua jaqueta e tirou sua gravata. Este parcial despir a inspirou a seguir.

-Okay, - ela disse, uma sílaba ofegante, logo se voltou para Maurice. A cabeça loira sapé do condutor foi abaixo, sua atenção ávida em sua indagadora mão. A boca no microfone estremeceu com sua excitação.

-Alguma vez fez isto antes?- Ele perguntou, chupando ar enquanto sua palma envolvia a pele.

-Tocar a um homem"?

Ele riu de sua confusão.

- Ter sexo para uma audiência.

-Ah- Ela sorriu. - Não, realmente. Esta vai ser a primeira.

-O senhor G. pode verte, também,- Maurice falou pelos cotovelos . Há uma câmara em miniatura nesta coisa.

-Está ali? Charity voltou sua cabeça a um lado. - É obvio que você esta assumindo que ele não estará muito ocupado te olhando.

Maurice sorriu em resposta a sua adulação. Antes que ele pudesse responder com um elogio, ele estremeceu e ficou mudo.

Ela o fez sair. Eric engoliu diante da vista. O pênis de Maurice se via até mais grosso em sua mão magra feminina. Sua cor resplandecia na luz verde brandamente irado, podia ser, pelas três largas semanas das que tinha prescindido. Os joelhos de Maurice estremeçiam em suas calças, sua disposição exausta, seus punhos agarrados com força de nódulos brancos em seus lados. Seu casaco, o qual ele tinha apreciado desde que o recebeu, tinha caído na erva. Embora Eric sabia que Maurice fazia o inexprimível para não ficar envergonhado, os sinais de sua explosão iminente estavam claros. Eric desiludiu a Charity empurrando seu agarre abaixo uma só vez antes que ele pusesse sua mão em seu pulso.

Mesmo com a alta, Maurice se sacudiu e gemeu.

Charity o apertou além disso.

-Deixa-o ir,- Eric disse. -Ele chegou muito longe para um trabalho longo da mão.

- O que há sobre um beijo?- Charity sugeriu brincalhonamente, seus olhos pesados



desfrutando com o que ela tinha produzido. - Estive pensando que necessito um exemplo mais generoso para comparar.

Só lhe ridicularizava ofensivamente, mas Eric deu resposta com uma firmeza que a agarrou de surpresa.

-Seus beijos me pertencem.

Sua boca irresistível se abriu em uma respiração.

-Para você ?

-Para mim e B.G.

A emenda foi relutante, o decreto incomum. Ela sorriu, e ele soube que ele inadvertidamente tinha acariciado seu ego.

O arrasto de palavras que ocasionalmente descendia sua voz grossa. - Bem, vaqueiro. Meus beijos pertencem a você e seu chefe. Me diga o que tenho permissão fazer para Maurice.

Para isto, Eric não necessitou consulta.

- Se recoste sobre a capota até onde possa. Vou erguer seu vestido para cima.

A capota estava quente enquanto Charity estendia a si mesma com o passar do metal, suas mãos subindo instintivamente . Suas curvas aplanaram contra o carro, o efeito estranhamente reconfortante.

Eric "bom," disse. "Mantém justamente assim.""

O ar fez cócegas em suas pernas enquanto seu vestido subiu. Eric dobrando o tecido sob seus quadris para assegurá-la. Ela estava vulnerável então, na melhor forma possível. A correia azul diminuta não cobria muita coisa. Não ajudou perguntar-se que tipo de vista completa obteria seu chefe.

- Siiimmm,- Maurice murmurou, obviamente desfrutando da vista.

Como qualquer garota sensata, Charity tinha posto a alça em cima de sua cinta liga. Agora Eric se aproveitou desta conveniência, retirando abaixo da parte de tecido até que caiu na terra.

- A acaricio? -perguntou ao Maurice. Você gostaria de saber se ela está molhada?

O sim de Maurice se estrangulou.

A mão de Eric se curvou sobre sua pele, primeiro acariciando suas nádegas antes de deslizar-se quente e suave entre suas pernas. Ele vacilou com o que encontrou, logo empurrou o dedo indicador lentamente dentro dela. Ele não esfregou, somente sentiu no ponto mais profundo, a pressão sutil mas agradável. Charity pressionou sua bochecha no carro.

-Está apertada? - Maurice murmurou, aparentemente preocupado.



-Está,- Eric confirmo. - Mas penso que você lhe enganará isso com um pouco de trabalho. Ela está muito quente, depois de tudo, e muito molhada.

Charity ouviu um som que poderia ter sido o começo dos dentes do Maurice a tagarelar. Com seu braço esquerdo livre, Eric se esticou ao redor dela e através da janela do passageiro, Produzindo um pequeno som no caro porta-luvas. Ela voltou sua cabeça para o som. Ele tirou uma caixa de camisinhas e um pote pequeno de vidro de lubrificante.

- Ajudarei,-disse ao Maurice. - Se lubrifique bem. Não deveria ter um momento difícil.

Seu dedo a acariciou uma vez antes de retirá-lo.

-Quieta,- disse quando ela tinha começado a olhá-lo preparar ao Maurice. Ela se sentia tão sensual e relaxada que não poderia discutir. Já seja que as declarações de Maurice foram certas ou não, ela nunca tinha tido uma experiência como esta. Este encontro não envolvia conjeturas e nenhuma pressão. Ela não tinha que apurar-se a respeito de enlouquecer a seu companheiro com algum truque que tivesse aprendido no passado. Não tinha que preocupar-se se o tipo era o suficientemente bom para fazê-la gozar. Gozar não era esperado ou permitido. Tudo o que tinha que fazer era seguir ordens.

Ela não teria adivinhado que desfrutaria estar tão passiva, mas seu corpo não sabia como fazer. Estava cremosa com a excitação, tão desinteressada como um gato dormitando no sol. Os gemidos amortecidos de Maurice ao ser vestido com a caminha, suas maldições à adição meticulosa do lubrificante, somente a fizeram sorrir. Nenhum homem estava prestando qualquer atenção a ela. Livre para satisfazer-se, ela inclinou seu traseiro mais alto para seu prazer.

- Preparado para começar? - Eric perguntou ao Maurice. - Quero que você dure um momento.

-Assim o farei,- Maurice respondeu ofegante.

- Olha-a! Está ruborizada justo como uma rosa.

Charity sorriu para si mesmo mas não se incomodou em menear sua cauda. Ela não queria fazer rir a seus observadores. Gostou de quão sérios estavam. Isto, parecia, seria uma Fodida Muito Importante.

- Se aproxime,- Eric disse. Vejamos como emparelham suas alturas.

O ruído de passos triturou o cascalho, e o calor detrás dela aumentou. Um debate breve aconteceu durante o qual os homens se decidiram a deslizar seu corpo mais alto na capota até seus pés ficaram pendurados fora do chão. A colocação a fez sentir-se intrigantemente indefesa.

- Quero tocá-la,- Maurice disse.



-Adiante,- Eric permitiu graciosamente.

Uma mão grande, quente a cavou amavelmente entre as pernas. A palma de Maurice era calosa, mas seu agarre era agradável. Seu polegar perambulou atrás, dando uma ardência do tipo que gostava.

-Já basta,- disse Eric antes que ele pudesse ir longe.

Um ruído que ela não tinha tido intenção de fazer escapou por sua garganta, um ruído que se ela fosse honesta provavelmente se qualificaria como um gemido. Decidida a não fazer outro, ela pressionou seus lábios entre seus dentes. Poderia haver-se economizado a moléstia. Eric não enfocava a atenção nela.

-Estende suas mãos ao lado das dela no capo, ele disse a Maurice. -E mantém seu peso fora de suas costas. Não te quero sustentando seus quadris ou empurrando duro.

- Mas... como se supõe que isto passe se não a possa agarrar? Você sabe que sou muito grande para escorregar para dentro facilmente.

- te guiarei. Manterei-lhe o suficiente estável.

- Quero me conduzir até o final,- Maurice disse, claramente pugnando contra lhe suplicar.

- Quero senti-la ao redor de minha raiz.

- Fará,- Eric o reconfortou. -Você somente não poderá fazê-lo imediatamente.

Ela estava o suficientemente perto para ouvir zumbir o microfone do Maurice. A julgar pelo gemido de Maurice, seu chefe não passou sobre a disposição de Eric. Só imaginar o que poderia ele lhe estar dizendo a fez gotejar excitada abaixo do interior de suas coxas. Ela soube quando o viu Maurice porque ele gemeu até mais forte.

Eric tomou isto como sua pista a guiar ao outro homem em posição atrás dela. Feito isto, os dedos de Eric o guiaram para a entrada. Ela ouviu estertores, calças, e logo uma ponta da impossivelmente larga glande pressionando contra seu portal.

Ela sabia que Eric o sustentava no lugar.

-Ali,- ele disse. -Sente quão pronta está- A ponta enorme se meneava ao longo e ao largo, já seja porque Eric a movia ou porque Maurice estava assim de excitado. Com seus quadris pendurados na beira do acalorado carro, Charity era mais dependente da ajuda inclusive que Maurice. Felizmente, Eric apertou sua segunda mão baixo ela para suportar seu montículo. Seu agarre se sentiu precioso, embora ele evitou seus melhores lugares.

-Empurra,- disse ao Maurice. - Lentamente. Não acredito que seu corpo te detenha agora.



As palmas de Maurice empanaram o capo quando a pressão contra ela aumentou. Ele entrou bem, mas com uma cercania que o fez gemer. Charity batalhou por tragar de volta um grito. A elasticidade que ela sentia dentro era assombrosa, no beira muito agradável de ser. Ela tratou de estender suas pernas, mas sua colocação pendente não permitiu. Maurice foi deixado para que manobrasse de trás para frente como melhor pudesse.

-Mais profundo,- ele gemeu quando ele finalmente entrou pela metade.

Eric o agradou dobrando uma de suas coxas a um lado.

Repentinamente Maurice deslizou dentro até o final. -OH, homem,- ele disse, seu pênis avançando a saltos dentro dela. OH, homem, isto é realmente bom.

Charity acreditou que sim, também, seu sexo sacudindo-se avidamente ao redor do dele. Quase não se importou que a entrada desde atrás não provesse a fricção correta para que ela chegasse ao clímax. A prova de sua gratidão foi recompensa bastante.

-Você pode se mover,- Eric lhe recordou. -somente que não rápido.

Uma inspiração rápida marcou ao Maurice que avançasse lentamente para trás, seguido por um grunhido de deleite enquanto ele empurrava outra vez. A cinta liga que recobria suas calças passava roçando suas meias. Charity sabia que nunca olharia a um chofer da mesma forma outra vez.

-Mais lento,- Eric advertiu. - quero cem golpes antes que goze.

- Cem!- Os músculos do Maurice se ataram como se ele estivesse já na beira. De todos os modos, Charity se precaveu que ele não se recusou.

Seus dedos pressionaram ao lado dos seu no capo reluzente, a tabela de seu peito virando-se mais perto com a conta de Eric. Às vinte, seus braços estavam suando. Aos trinta, sua respiração começou a assobiar. Aos quarenta, ele ofegou como um trem de carga e teve que deter-se.

-Não posso,- ele implorou, tremendo de pés a cabeça. - Estou a ponto de explodir. Minhas bolas estão tão prontas que acredito que tratam de engatinhar acima de meu intestino.

- Posso puxá-las para baixo,- Eric ofereceu.

-Te ajudar a retroceder da beira.

-Vim por isso,- Maurice disse com mais que um indício de pânico. -Vim quando a gente tratava de me ajudar a me deter.

- Tomarei cuidado. Não te manipularei mais o necessário.

Maurice gemeu com as palavras, seu pênis inchando-se ominosamente dentro dela. -Só me



deixe gozar,- ele disse esfarrapadamente, e Charity não sabia se rogava ao Eric ou ao invisível B.G. - foram três fodidas semanas. Nunca tínhamos recebido instruções de esperar tanto tempo. Me acredite, posso provar a ela quão boa está aqui e agora.

-Não,- Eric disse. -Se você não crê que possa durar cem, então você deveria sair fora.

Os nomes que Maurice chamou Eric então eram logo que apropriados para um subordinado. Quando a diatribe acalorada acabou, Charity falou sem temor.

- Tenta,- ela disse, sua coluna vertebral arqueando-se lentamente com a tensão que enchia suas extremidades. - eu gostaria de ter sessenta mais.

Maurice gemeu, mas ela soube que foi uma rendição. Eric realizou não importa que truque que ele tinha estado descrevendo e, um por um, bufo por bufo, ela obteve seus golpes restantes.

Ela não podia haver-se imaginado quanto gostaria. Sua boceta se sentia como se obtivera uma massagem lenta.

-Bem,-disse Eric quando golpeou o último. -O passeio até o final é teu.

Maurice liberado, agarrou seus punhos nos dele e apertou seus dentes ligeiramente em seu pescoço. Seus impulsos alargaram, ficando mais fortes, mais rápidos, até que ela quase pensou que a poderiam fazer gozar. Ela teve que recordar-se a si mesmo relaxar-se.

-Foder,- o ouviu dizer contra sua nuca. - Abre mais suas pernas. Sim. Sim!

Uma quebra de onda de golpes duros, rápidos assinalaram seu desejo de tomar o controle. Empurrou sua passagem além de seu limite, seu corpo estava fazendo exatamente o que desejava. Um som como um soluço torceu de seu peito. - Foder,- ele disse outra vez, apertado e desesperado, e então nada saiu a não ser um grito rouco, comprido, tão cru nenhum ruído que ela alguma vez tivesse ouvido. Nesse instante, ela soube que era pouco mais que um receptáculo, uma suave passagem apertada para tomar sacudidas de prazer cruzando velozmente sua carne.

Ele gozou em contrações velozes pulsos extenuantes que foram com muito, mais compridos dos que ela teria acreditado que um homem poderia experimentar como se cada semana ele tivesse esperado para ter seu próprio minuto. Quando os espasmos terminaram, Maurice paralisou. A única parte dele que se moveu foi sua mão acariciando fracamente sobre seu cabelo.

-Obrigado,- ele resmungou enquanto ela tentava não sentir-se muito esmagada. -Isso - ele chupou uma respiração rendida - foi o melhor em toda a vida.

Charity haveria dito que eram bem-vindas mas ela não era a menos convencida de que ele a agradecesse. Por sua parte, ela tremia como uma folha com luxúria não correspondida. Passar sem gozar, era suficientemente ilógico, tinha sido mais fácil quando Maurice estava trabalhando para a dele. Agora ela não tinha nada para distraí-la da promessa do Eric de uma pena.



- Deveria te fazer esperar,- ele disse enquanto a ajudava a deslizar livre do carro, -mas suspeito que necessita seu castigo agora.

Charity não soube como discutir com isto e careceu da respiração para isso em todo caso. Ela observou como Eric puxava uma mala elegante de couro do porta malas. Dentro estava uma espécie do traje de banho rígido de couro de aventura amorosa que era em parte princesa guerreira e parte vestuário de coelhinha Playboy.

-Se isso vier com orelhas,- obteve Charity abrir a boca- volta para casa.

Eric riu e, uma vez que ela tinha saído fora de seu vestido, ele pegou ao traje para ela dar um passo. Eric sustentou o traje para que ela desse um passo dentro dele. Quando esteve posto, ele o atou comodamente acima das costas.

- Veste perfeitamente,- ela disse, gostando da sensação disso apertando-a.

- É obvio que o faz. Foi feito a suas medidas. Ninguém a não ser você o vestiu.

-Desculpa minha ignorância, mas como isto é um castigo?

- É um espartilho de castidade,- Eric disse. - Se te fixar, então a entre perna de reforço está rígida e grossa, como estão as taças do peito. É impossível te estimular enquanto você o traga posto ao menos pela rota das zonas erógenas padrão.

Seu dedo patinou através de seus ombros nus, manifestado onde ela não poderia ser estimulada. Um estremecimento de força incomum perseguiu sua carícia leve. O que fora que Eric reclamava a respeito dela necessitando este castigo, não necessitava ser um gênio para imaginar que este aparelho ia aumentar sua frustração especialmente desde que era intrinsecamente sexy.

-Muito engenhoso,- ela disse, escolhendo orgulho sobre protesto.

Do espartilho de castidade é também impossível sair sem ajuda,- ele adicionou placidamente.

O brilho de luz em seus olhos estava muito perto de esfregar dentro.

Capítulo Seis

Charity tinha a estranha sensação de não estar decidindo sobre seu corpo quando ela retornou ao carro com o homem. Seu objeto de roupa interior de couro, coberta agora por seu



vestido, poderia ter sido em parte a razão mas não toda. A roupa do homem estava posta perfeita, o rubor de excitação sexual desvanecendo-se de sua pele. O carro estava tal qual tinha sido. Até, pareceu incorreto que Maurice simplesmente se metesse atrás do volante e começasse a conduzir, tão incorreto como Eric encolhendo-se em sua jaqueta e endireitando sua gravata.

Charity se sentou atrás com ele, uma opção que chegou mais naturalmente do que devesse. Mesmo que estritamente falando Maurice tinha sido o que devia levá-la, era sua conexão ao Eric a que parecia mais forte agora. Ela não pensou que isto fosse algo bom. Em sua experiência, sua vida amorosa tendia a andar mais suave quando ela não queria ao tipo em questão muito.

Como se ele sentisse seu humor, colocou sua mão sobre sua coxa, estirando seus dedos o suficiente para ser possessivo. O toque foi tão bem-vindo que não lhe ajudaria começar a rodar seu sexo contra do assento. Aí foi quando ela averiguou o verdadeiro caráter tortuoso do espartilho. Ela logo que tocou algo através da rígida placa triangular de reforço.

- Estas bem?- Eric perguntou, seu sulco habitual ameaçando aparecer outra vez em meio de sua frente.

-Bem,- ela disse. - só estou... inquieta.

Seus olhos se escureceram ante sua admissão. - Não ficará insatisfeita para sempre. B.G. não desperdiçaria sua sensualidade desse modo.

No momento, Charity estava mais interessado no que Eric faria que no B.G., mas ela manteve em privado o pensamento. - estou satisfeita a respeito de uma coisa ao menos,- ela disse com um sorriso -pesarosa. -Esperar gratificação parece ter efeitos dramáticos.

Eric fez um ruído de concordância, um cruzado entre um gemido e um grunhido, um que lhe disse que seu pequeno episódio fora do carro não o tinha deixado imperturbável. Se isso não a tivesse convencido, então a carpa detrás de seu zíper o faria. Ela riu, aplaudiu sua mão, logo voltou seu olhar à paisagem mais segura de fora. Ela notou no mesmo instante que ele tirou sua mão de sua perna, embora ela tratou de fingir que não notou.

Rodaram até a fazenda pouco momento depois ou ao menos para o formidável portão que se via. A barreira era de ferro negro forjado, completado com adornos curvados e pontas de lança e relâmpagos de advertência de que o ferrolho estava eletrificado. Dois pilares de pedra o ancoravam de cada lado. O direito mantinha uma modesta placa de bronze afirmando que isto era Mosswood. O esquerdo se situava na sombra de uma pequena casa de guarda.

O homem uniformizado que saiu se via como para o que realmente lhe tinha contratado-tão oposto a outro jogador do jogo de Grantham. Com sua mão na parte traseira de sua pistola embainhada, ele se apoiou até a janela aberta de Maurice, cruzou umas palavras com ele, logo olhou com atenção atrás a Eric e ela. Ela sentiu como se seu espartilho gritasse sua presença sob suas roupas, mas sua expressão, ou a falta dela, foi todo o trato. Depois que ele ficou com o olhar por um tempo o suficiente longo para memorizar seu rosto de cor, ele pôs dois dedos em sua boca



e soprou um agudo assobio. Um pastor alemão que parecia ansioso, de aparência mais feliz que seu amo mas não menos eficiente, saiu de entre os arbustos para farejar ao redor e debaixo do Rolls.

- Uau,- disse Charity, - isso é algo da segurança que seu amigo tem.

- É apenas uma precaução,- Eric disse, obviamente acostumado a ela. -Alguns dos projetos nos que B.G. trabalha são sensíveis.

- Bem, tudo o que posso dizer é, me alegro que deixei minha reserva escondida em casa.

Maurice riu enquanto passaram pelo portão abrindo-se. Charity estava feliz de que alguém recebesse sua piada embora, pelo meio sorriso que Eric tampou com sua mão, possivelmente ele o fez, também.

Ansiosa por ver um pouquinho de onde ficaria, ela se moveu até pendurar seus braços sobre o assento dianteiro. Diante deles, o passeio de carro se curvava agradavelmente através das densas árvores. Sua superfície estava pavimentada com calhaus musgosos organizados em leques. Tão fantástico como se via o caminho, Charity não esperava que continuasse muito longe. Para sua surpresa, os minutos passaram e ela ainda não via nada a não ser bosque de velho crescimento por toda parte.

- Há uma casa, verdade? O Sr. Grantham não vive em uma caverna.

- Há uma casa,- Eric lhe assegurou, o humor distorcendo sua voz. -Está a algumas milhas da entrada.

Eric teve que saber que ela não pendurou com a flor e nata, mas ela não teve que lhe recordar. Apesar de sua determinação, ela não poderia conter um estertor quando as árvores se dissiparam para revelar a residência.

-Céu santo,- foi toda a exclamação que ela pôde dirigir. Ela tinha estado esperando uma casa vitoriana aborrecida: As torres, as cortinas atirando bruscamente nas janelas do apartamento de cobertura, a zona de arbustos fez um corte em formas góticas delicadas. O que ela percebeu foi um artigo e duas colunas do Architectural Digest,⁸ com linhas modernas para cima e janelas que resplandeciam douradas dentro da melancolia das folhas. Partes do complexo clandestinamente, deixavam aparecer envidraçadas cúpulas e pirâmides através da terra firme.

Confusa, Charity se recostou.

-Estupendo,- ela disse, esquecendo-se de mover-se de novo até que Maurice veio ao redor do carro para ajudá-la a sair.

Para seu prazer secreto, Eric reclamou seu braço depois disso.

⁸ Architectural Digest=Revista de arquitetura e urbanismo



-Por aqui,- disse, conduzindo-a para uma pesada porta, de aço escovado que estava protegida por um beiral de vidro. Uma câmera zumbiu à vida enquanto Eric tocou o sino. Ela pensou em perguntar por que ele não tinha uma chave, logo acreditou que este seria outra medida de segurança.

-Dêem seus nomes,- disse uma voz imaterial do computador.

Não tiveram uma oportunidade, porque a entrada prateada se balançou abrindo-se, a porta fazendo um som como o de um refrigerador rompendo seu selado a vácuo. Charity suspeitava que podia ter escondida uma abóbada do Fort Knox.

Ela adivinhou imediatamente que B.G. Grantham se levantava detrás disso. Era alto e magro, menor do que ela esperava, com um murcho cabelo escuro roçando seus olhos. A individualidade de seu rosto a golpeou imediatamente. Seu nariz largo, magro lhe dava o ar mais leve de intelectual, embora ele realmente era muito belo para capacitar como um nerd. Ele estava vestido casualmente dentro de calças de algodão café claro, pés nus, e uma camisa de linho branca. Sua postura era casual, também, um braço apoiado na porta aberta. Assim e tudo, sua coluna vertebral parecia mais reta que a da maioria das pessoas.

-Bem-vinda a Mosswood, Charity,- ele disse formalmente. - Estou tão feliz em conhecê-la em carne e osso.

-Né, igualmente,- ela disse, tentando não ruborizar-se.

Quando passaram dentro, seu anfitrião apertou o ombro de Eric. Logo ele confrontou a Maurice. Sua expressão era difícil de ler: Não severo, não zangada, não aparentando ser autoritária. Em sua maioria, ele só parecia vigilante.

-Senhor Grantham,- disse o chofer, sua boina pressionada em seu peito em uma forma estranhamente passada de moda.

Grantham inclinou sua cabeça em reconhecimento. - Maurice. Você passará a tarde no quarto misterioso. Por favor se refresque, logo se reporte a mim ali e me espere.

Isto soou o suficientemente inocente, mas pela forma em que Maurice estremeceu, Charity soube que justamente tinha sido dito a natureza de seu castigo. A ameaça foi suficiente para lhe endurecer outra vez.

Grantham não olhou para ver se Maurice obedecia mas sim voltou-se para ela. Ele olhou, se for possível, ainda mais benigno que antes. - Charity,- foi tudo o que ele disse, igual tinha feito para seu chofer.

Régio como um rei, ela pensou divertidamente. Os Destinos deviam estar rindo de uma garota como ela trocando a um palácio como este. O átrio no qual estava de pé era uma elevação



de mais aço e vidro como uma estufa cubista, exceto a estufa estava fora. À frente da porta, dois quadrados de ângulos engraçados formavam arcos amplos. Acomodações passavam rapidamente detrás deles, similarmente banhadas de luz. O mobiliário era de cores areia e mar, cada um uma obra de arte perfeita. No que pareceu ser a sala de estar, uma passarela de vidro com forma de V, verde pendurava suspensa na metade do alto do espaço. Charity não podia começar a calcular o que um lugar como este custaria. Provavelmente mais do que ela poderia ganhar a duração de uma vida inteira.

É igual, ela disse sua confiança em si mesma vacilante. Se você não tivesse algo que estes meninos de pôster do Ralph Lauren não quisessem, não lhe fariam seu seguinte brinquedo.

-Se você for me chamar Charity,- então disse ela, seu olhar no risco sinuoso, abstrato de um entalhe do copo, - melhor se preparar para que eu te chame de B.G.

Quando ela se voltou, viu que o tinha sobressaltado. Ele esfregava o bordo de uma mão através de seu afiado queixo . Eric pôs no chão sua mala como se necessitasse suas mãos desocupadas para proteger a seu chefe. Por agora, Charity o ignorou. Isto era entre ela e B.G.

-Você é mais nova que eu,- B.G. disse, mais por curiosidade que por discutir. - Por que você não deveria me falar respeitosamente?

- Tenho suficiente idade para votar, sou o suficiente maior para beber, e tanto como a mim concerne o suficiente maior para chamar a um companheiro adulto por seu nome de batismo.

-Você me chamou de senhor Grantham no carro. -Seus olhos vivos com interesse, seu rosto e corpo permaneceram quietos.

- Não tinha o conhecido ainda. Agora já o fiz.

- Você crê que me chamar B.G. nos porá em igualdade de condições. Você pensa que nossos estados precisam nivelar-se porque te vi nua.

-Você fez mais que me ver nua.

- Suponho que o fiz, Maurice deu realmente um espetáculo- . Ele deu um passo para ela em um emplastro de luz salpicada do sol, quase o suficiente perto para tocar. Seus lábios tinham um delicado corte precioso.

- Não sempre observo, Charity, mas sempre me reservo o direito. Há poucos quartos nesta casa na qual não possa ver.

-Te observarei alguma vez?

Eric chupou uma respiração, mas B.G. sorriu pela primeira vez, uma expressão que teve uma doçura inesperadamente tola.



- Isso poderia arrumar-se,- ele disse, - por um trato apropriado. Para ser honestos, entretanto, não oferecerei algo igual que vale o entretenimento de meus convidados.

-Você me desculpará se duvidar isso.

Ele riu brandamente e, sem sequer olhar, ela sentiu Eric relaxar.

-Maurice estará bem? Ela se atreveu a perguntar.

Os olhos cafés do B.G não só enfraqueceram, esquentaram-se. - não tenho dúvida no mundo que ele desfrutará de sua penitência, especialmente se você tivesse a gentileza de assistir.

Ela não poderia responder a isso, o prospecto de atormentar ao chofer recentemente satisfeito parava o ar preso em seus pulmões. A submissão não podia ser seu estado natural, mas atormentar aos homens quase o era.

-Por que não acompanho a seu quarto?- B.G. sugeriu. - Logo você verá que tão acessível é cada área comum.

Para sua surpresa, Eric não os seguiu, mas ali havia muito para ocupar-se para preocupar-se por isso. B.G. não tinha mentido a respeito de que a casa estava ao descoberto. Ao menos a metade das paredes era de vidro claro. Um comprido corredor turco os guiou com o passar do centro de um vestíbulo largo de calcária. Enquanto eles procediam a baixar as ordenadas separações, ela podia ver dentro de cada quarto. Só os banheiros tinham essas paredes necessárias para resistir a essas cargas foram feitos de coisas mais pesadas. Estavam compostos de blocos enormes que luziam arenosos.

- Golpeou duramente a terra,-disse B.G. disse. -muito bom isolante.

-Abraçador de árvores? Ela perguntou, provocando um pouco.

B.G. respondeu serenamente. -Você sabe que abraço um tronco de vez em quando.

Seu quarto mostrava de cima um pequeno pátio com uma fonte na qual um querubim exposto à intempérie vertia água de um vaso. O espaço era sombreado mas atraente – certamente para as aves. Gorjeavam dentro e para fora da piscina como se fora tempo de festa.

-Bonito,- ela disse, embora não fazia jogo com a casa absolutamente.

- É de uma fazenda na Inglaterra. Enviei as pedras aqui e as remontei. Prefiro que o lugar em que vivo reflita períodos arquitetônicos variados.

Esta era precisamente o tipo de conversa a que Charity não sabia como contribuir. De roupas poderia falar. A televisão. O último namorico de Hollywood. Mas algo remotamente intelectual a dava por perdida. Não é que ela não soubesse nada, somente que temia ser estúpida. Para quando ela decidiu que era seguro dizer, o tema tinha mudado. Francamente, teria estado



mais a gosto se B.G. moveu-se diretamente a saltar sobre seus ossos. Ela não estava acostumada a estar assim nervosa.

- Sei que isto não pode comparar-se a estar em casa,-disse B.G., -mas espero que esteja a gosto.

- Não me preocuparia com isso. Meu apartamento inteiro poderia encaixar aqui dentro duas vezes.

Ela estava contente de que B.G. não o tivesse visto. Em contraste com isto, suas coisas só podiam ver-se baratas. Tudo aqui havia o epítome do bom gosto: Pálidos pisos de madeira, uma cama baixa Queen Size, uma graciosa cadeira e um escritório, e um biombo uso japonês atrás da qual ela supunha que poderia se trocar se ficasse tímida. Madeiras escuras se estendiam através do teto, facilmente três metros e meio sob sua cabeça. Apesar de sua simplicidade, o quarto comunicava uma sensação de luxo além de qualquer lugar no que ela tivesse vivido. Um banheiro conduzida para a esquerda, o qual ela decidiu explorar uma vez que estivesse sozinha.

- Voltei a arrancar isso para você,- B.G. disse, apontando para a tela de plasma que ficava por cima de sua cama. Os rabisco que se moviam dentro dela a fez pensar em uns do Etch A. Sketch⁹ feitos de luz. Há uma câmara atrás dela, está claro, mas a imagem, ou o que vai ser uma pintura, é um computador de um sistema complicado jogando fora em uma forma caótica.

-Pois bem, ouça,- disse Charity, -que idiota por não adivinhar!

B.G. nem riu nem se deu por ofendido. Em lugar disso, ele deu um passo a sua esquerda e colocou sua mão no ombro. Um zumbido agudo se moveu através dela ante o toque, seguido por uma quebra de onda de calor.

Uau, ela pensou, desestabilizada pelo efeito. Dois tipos com mais que sua parte de química.

-O clima é um exemplo de um sistema caótico complicado,- ele explicou. - Obedece as leis da física clássica, mas há também muitas variáveis interagindo uma com a outra para fazer mais que o que se supõe que o futuro nos reserva. Pior, a ciência é só precisa a curto prazo. A menor mudança desencadeia uma cascata imprevisível. Isso é o que você trata de dizer com o antigo ditado popular a respeito de que uma mariposa batendo suas asas no Brasil e causando um tufão em Hong Kong.

-Algumas pessoas,- ele adicionou, - afirmam que o caos é uma metáfora perpétua. Embora a vida seja imprevisível, obedece certas regras: A genética, a psicologia, coisas como isso. Provavelmente, cada acontecimento é de um desenho mais grandioso, como é o caso com o caos.

⁹ Etch-a-Sketch? Brinquedo dos anos 80 onde pode desenhar usando dois *dials*, botões que giram e controlam os dois eixos de um ponto; o X e o Y. Se girar os dois juntos, consegue-se fazer uma diagonal. Ou seja, muito difícil fazer um desenho sem tirar o ponto da tela, com uma linha contínua. e ainda tendo que coordenar os dois controles, horizontal e vertical.



Entretanto, é difícil ver o padrão da vida até que esteja completo. Isso põe à humanidade no bosque em lugar de sobre as árvores.

- Assim é que se esse ponto de luz fosse eu, e então se girasse para a direita isso justo fez ser minha decisão de vir aqui em vez de ficar em casa?

- Poderia ser,- B.G. disse e sorriu angelicalmente. - Atrevo-me a concluir que aceita nosso convite? Você entende, confio, que as mesmas regras que solicito aos outros lhe solicite. Tem proibido obter qualquer liberação a menos que eu diga.

- Entendo. Estou bastante segura de que o posso dirigir.

Abruptamente mais diabo que anjo, B.G. esfregou suas mãos palma com palma. - Nesse caso, deveria compartilhar o resto das regras. Primeiro, quando sua presença não é solicitada, você estará em liberdade de vagar pela casa a vontade. Qualquer área que esteja fechada para você estará fechada, à exceção dos quartos dos outros residentes. Por cortesia, pedirei que não entre.

- Farei, -Charity esteve de acordo. -posso perguntar, se sou a única convidada de Mosswood?

- Temos residentes adicionais,- ele disse. -Gente como Maurice quem realiza trabalhos úteis. Você, entretanto, é a única convidada em si. Conseqüentemente, toda nossa atenção estará em você. Cada um estaria dedicado a ver você, sobre tudo, que tenha uma experiência extraordinária.

-Porque você gosta de estudar o desejo.

B.G. deu-lhe um assentimento cortês. - Falando de nossos residentes: Se você se encontrar com uma bonita loira no vestíbulo, e ela perguntar pela natureza de seus desejos, se assegure de não responder. Sylvia é uma massagista maravilhosa, mas assim que se localizada para jogar os jogos. Trato de não deixá-la participar a menos que esteja sob minha supervisão ou do Eric.

-De acordo,- disse Charity, desconcertada. - não direi a qualquer loira bonita o que desejo.

-Obrigado,- disse B.G., -e agora, se posso te fazer uma petição?

Ela usou um encolhimento de ombros para encobrir um tremor inexplicável.

Ele deu um passo ao redor para estar frente a ela, uma mão em seu ombro enquanto o outro chegou a descansar gentilmente sobre seu quadril. Por um segundo, ela pensou que iam dançar. Embora a mão que tocava seu quadril era pouco mais que um peso sobre seu espartilho de pele, o duplo contato a fez sentir como se uma corrente fortemente sexual corresse através de seu corpo.

Aparentando ser inconsciente do efeito, B.G. inclinou-se para olhar em seus olhos. -Posso te



beijar, Charity?

Ela teve que sacudir seu cérebro antes que funcionasse.

- Você pede permissão?

- Acredito na escolha.

-Quando te acomoda, quer dizer.

Seus lábios se curvaram fracamente. - Mesmo que não o faça. Os presentes mais doces são dados à mãos cheia.

- É o físico mais estranho que alguma vez conheci.

-Sou o único físico que conheceste, mas isso não responde minha pergunta.

- Bem, suponho que não posso dizer não, não é assim? Supõe-se que me faça rogar.

- Só se te fazer rogar é um capricho pessoal.

-Queremos provocar você, Charity, para intensificar seu desejo até sua nota mais alta.

A mão que tinha esquentado seu ombro se elevou para acariciar sua bochecha, a carícia tão leve como se ela fora de cristal. Seus olhos continham um entusiasmo que ela não entendeu, uma fome que ela suspeitava que não tinha nada que ver com ela. Ela estava disposta a apostar que ele tinha um capricho pessoal, ou uma agenda oculta. Essa foi a mola de relógio que o impulsionava.

Como se ele tivesse todo o tempo no mundo, ele varreu a ponta de seu dedo indicador através das pestanas superiores de seu olho esquerdo. O comichão a fez tremer outra vez.

-Um beijo,- ele disse, - é meramente um aperitivo. Aguça o apetite em vez de saciá-lo.

- E se não quiser um beijo?

-Então deveria recusar. O que não deveria fazer é mentir. Isso me tira a paciência. Se você for muito complacente, então não vai agradar a você mesma. É obvio- ele a convidou com outro sorriso brilhante - não prevejo que ser sincera seja uma prova para você.

-Não,- ela esteve de acordo com um sorriso tímido,- sou excessivamente honesta.

- Que desejais então? Uma amostra do que vai vir ou umas quantas horas mais para se preparar?

Ela pensou que a maioria das pessoas gente poderia fazer-se viciada em fazê-lo sorrir.

-Que diabos,- ela disse. - Coloca um sobre mim.



- Devo te erguer,- ele disse, -ou isto não será muito cômodo.

Ela pensou que ele queria dizer elevá-la em seus braços. Em lugar disso, ele a levou para a mesa e a sentou em cima. Apesar de sua altura, ela era ainda um pouco mais baixa que ele. Ele apoiou suas mãos no ébano gentil ao lado de seus quadris.

Com sua cercania, seu calor se voltou uma força sutil, fascinante. Ela não o poderia declarar sob juramento, mas ele parecia mais quente do que tinha estado antes.

-Relaxe,- ele disse como um hipnotizador. -Você não tem que provar nada a mim.

Suas palavras fizeram seu pescoço levantar. Ela o deixou beijar , seus lábios roçando com delicadeza de frente para trás. Eram lábios suaves, sensitivos e elásticos. Ela estava acostumando-se à sensação deles quando seu braço rodeou suas costas. Sua palma deslizou lentamente acima de suas costas do espalmo.

-Relaxe,- ele cantou docemente outra vez, acrescentando uma lambida ao sussurro de seus lábios.

Seus lábios pareceram separar-se por eles mesmos. O beijo se aproximou, seus dedos amassando o formigamento de seu couro cabeludo. Ele empurrou sua língua longe o suficiente para fazer cócegas a seu paladar superior. Ele tinha gosto, como uma limpa primavera. Quando sua língua seguiu a dele atrás, ele a chupou, ficou, mas com uma pressão deliciosa, alternadamente que fez a suas vísceras ferver. Era como se ele conhecesse o ritmo secreto de seus nervos respondendo. Não lhe importou o quão molhada ficou. Por este beijo valia se acalorar e se tomar a moléstia por ele.

Justo quando ela decidiu que tinha que ter mais, ele o rompeu.

- É muito doce,- ele disse, sua voz muito suave para dizer se a deixava rouca. - A próxima vez te beijarei mais profundo. A próxima vez te convidarei a que beije a seu modo.

Ela não podia falar, não podia fazer nada a não ser olhar à intensidade inquebrável de seus olhos café escuro. O que passou pela cabeça, deste ex-menino gênio? O que significava para ele ter podido reduzir a uma mulher a caramelo derretido com um só beijo e um beijo de classificação PG a tudo isto!

- Eu gostaria de te tentar um pouco mais,- ele disse, ainda dentro da fila de beijar. - por que não tira esse vestido encantador e me segue abaixo ao vestíbulo? Vou ver Maurice-

- É uma ordem?

Ele negou com a cabeça.



- Então eu gostaria.

A forma da curvatura de seus lábios com sua resposta a fez pensar que tinha revelado mais do que deveria.

O quarto de mistério era o favorito de B.G: Uma reprodução do estúdio fictício do Sherlock Holmes. As novelas do período emprestavam sobriedade aos livros de bolso suave nas prateleiras, uma boina de caçador pendurava do cabide para casacos, e um velho arquivo de madeira continha cartas de delitos reais e imaginários. A bibliotecária que os tinha recolhido tinha sido uma bomba. Ela estava casada agora, mas cada vez que B.G. vinha aqui, ele recordava sua permanência com ele. Ele não a perdeu precisamente, mas a recordava. Algumas vezes se perguntou por que ele não conseguia perder mais pensamentos dos que se foram.

Mas ele não poderia contemplar isso agora. Charity o tinha seguido para dentro.

- Isto é tão estupendo!- ela exclamou enquanto Maurice saltava sobre o assento da janela onde ele tinha estado lendo ainda outro Dashiell Hammett. Maurice amava as histórias distintivas do detetive. B.G. suspeitava que Maurice começava a fingir que ele era um detetive particular do momento que ele veio aqui. Charity parecia não ter muita inclinação pelo escapista chofer, mas B.G. estava curioso de vê-los interatuar. A atrairia qualquer homem de aparência agradável? Ou tinha preferências? Eram estas e outras perguntas que ele tinha, as que os aproximavam.

Agora o par olharam um ao outro, Charity em seu atraente espartilho de couro, Maurice em seu traje de rua. O chofer se via dez anos mais novo fora do uniforme.

Não obstante, ambos aparentavam menor idade que B.G.- Um efeito devido mais à forma de pensar que à cronologia. Como o ponto de luz na tela de Charity, ela e Maurice viviam na segadora vida repleta de beleza. B.G. invejava-os um pouco, embora não tivesse mudado de lugar.

-Está diferente,- disse Charity, inclinando a cabeça nos jeans do Maurice e a cabeça branca.

-Você esta genial,- replicou Maurice.

Seu sorriso era mais que apreciação masculina. Do que, tem afeto a ela já, B.G. pensou. Parecia uma boa indicação de que ela era agradável. Tristemente, os perfis psicológicos só se podiam predizer até certo ponto. As pessoas tinha que provar ao sujeito em pessoa.

-A cadeira,- B.G. disse amavelmente, recordando ao Maurice por que estavam aqui. - é hora de pagar sua indulgência.

Maurice sabia qual cadeira queria, um trono como vitoriano com tapeçaria vermelho profundo. Ele olhou para isso, logo a Charity.

- Ajudo,-ela disse alegremente.



Maurice grunhiu diante disso e se sentou. Sua habilidade para desestabilizá-lo parecia igualmente alentadora. Uma mulher que punha nervosos aos homens era uma mulher difícil de esquecer.

- Se você for o suficientemente amável faça as honras,- disse B.G. então , -essas correias de pele precisam ser fechadas.

Charity prendeu os pulsos do Maurice, logo seus tornozelos. Ela não brincou ou fez teatro, simplesmente o prendeu dentro. B.G. não poderia contar de tudo se ela se envergonhava exercitar seu dom para a sedução diante dele, ou desejava aliviar o castigo de Maurice. Se era o último o que desejava, então falhou. como sempre, o procedimento excitou ao seu chofer. Seu rosto ficou excitado e seus jeans apertados. Através disso tudo, as maneiras de Charity foram amistosas e casuais.

Não uma sonhadora da submissão então. Ao menos, não uma sonhadora de atar a outros.

- Assim?- Ela perguntou, recorrendo a ele.

-O último jogo se sujeita entre suas pernas.

Isto despertou um incremento leve no tamanho do aprendiz.

-Okey-okey,- ela disse como se não tivesse ocorrido. Ela ficou em cócoras para encontrar as correias atrás do assento, momentaneamente distraíndo-o com uma vista espetacular de seu traseiro.

-O terceiro buraco,- estipulou uma vez que se recuperou. - Maurice prefere isto apertado.

Ela vacilou quando as mãos grandes, bruscas de Maurice agarrado com força na cadeira. Desde onde B.G. estava, presenciou todos os sinais da completa excitação. Ela devia ter duvidado poder ajustar bem as correias ao redor de seu pênis. - não quero te machucar,- ela disse inquietamente.

B.G. gostou que dirigisse a palavra ao seu prisioneiro, embora fosse desnecessário. Maurice, por outra parte, não estava preocupado por afinar os pontos do jogo sexual seguro.

-Faça,- ele a urgiu roucamente. - é o que necessito.

Para o prazer do B.G, ela olhou para ele pela confirmação.

- Ele não será machucado. Maurice não confia em seu controle. Não poderá desfrutar de seu castigo a menos que saiba que não pode dar prazer a si mesmo.

Nisto, um completo rubor subiu a suas bochechas. Fingindo ignorar a reação, ele a arquivou para um estudo futuro. Enquanto Charity terminava de sujeitar a última restrição acompanhada pela música agradável dos grunhidos do chofer, B.G. sacou um telefone celular muito magro de seu bolso do peito.



- Michael,- disse no telefone, -por favor fita de jogo treze no quarto de mistério.

Nada se não eficiência , ao encarregado da vigilância sexual do Mosswood tomou só segundos ter a tela levantando do piso diante de Maurice. A finta correria durante uma hora, apresentando uma recopilção das cenas favoritas do chofer, a maior parte implicavam disfarces diversos. Quando terminasse, ele estaria tão frustrado como antes da indulgência que tinha sido permitido com sua mais nova convidada.

Maurice lutou em suas ataduras enquanto começava a jogar, como se as imagens explícitas expusesse um perigo literal. Charity cravou os olhos em seus olhos saltados.

-O deixemos para seu entretenimento,- B.G. disse-lhe. -Suas reações serão menos inibidas se estiver sozinho.

- Menos inibidas? Ela disse com um boquejo pequeno, logo sacudiu a si mesma. -está seguro de que ele estará bem?

-Um Membro de meu corpo administrativo virá a ele o minuto que ele golpeie o botão de chamada na cadeira.- Ele dobrou sua mão ao redor de seu cotovelo.- Vêem. Estou seguro de que você gostaria do sair fora desse espartilho. Talvez descansar um pouco e se acomodar?

Ela liberou uma respiração como alguém saindo da superfície de um sonho. - Sim,- ela disse, - eu gostaria disso.

Ela dirigiu ao Maurice um último olhar antes que saíssem. Absorto como estava, o objeto de sua atenção não notou. Desta vez ela não exteriorizou preocupação. Aparentemente, de qualquer maneira que fossem seus sentimentos com a submissão, gostava muito de ver outros sendo denegados. As engrenagens na cabeça do B.G se acenderam enquanto ele calculava como tirar o melhor proveito disso.

Assim é que começa, ele pensou. Outro desenvolvimento lento de uma alma humana. Apesar de todas as razões para ser cuidadoso na execução de seu plano, apesar das muitas variáveis que poderiam sair mau, B.G. esperava com ânsia o que estava por vir.

Depois de tudo, se esta garota podia tocar suas débeis emoções, então ela não teria problemas sacudindo as do Eric ao chão.

Capitulo Sete

No momento que Eric levou as coisas de Charity a seu quarto, ela tinha ido. Ele



deliberadamente ficou atrás para dar a ela e ao B.G. tempo a sós, mas ele não tinha esperado que ambos saíssem. A ausência de Charity em particular causou uma pontada que ele lamentou ter que reconhecer. Supunha-se que esta experiência era sobre ampliar seus horizontes e aumentar sua confiança. Não se tratava de conservá-la para ele.

Ele deixou sua grande bolsa na cama, acreditando que ela preferiria desempacotar seus pertences. Vagando, seus pés o conduziram para a suíte de B.G. Ele não necessariamente acreditava que encontraria ao par juntos, mas a parte menos desenvolvida dele precisava assegurar-se.

A porta do B.G estava aberta quando chegou. Seu apartamento privado era um dos quartos do subsolo do complexo, com uma clarabóia geodésica que deixava entrar uma inundação de beira suave, mágica de sol. A atmosfera de dentro era acolhedora a prova de sons, naturalmente a sala de estar decorada em quantidades muito pequenas de azul e creme com móveis que eram o mais tradicional na casa. A própria mãe do Eric se haveria sentido como em sua casa com este velho encanto europeu.

Somando-se ao ambiente, estantes de livros coroados com frontispícios e flanqueado por colunas que estavam transbordantes com a variada biblioteca pessoal do B.G. Publicações científicas muito usadas, romances, e não ficção tinham sido retirada do espaço onde fora que tivesse estado mais perto quando B.G. colocou-os sobre chão. Aqui e ali um título mais apropriado para que as garçonetes pouco educadas saltarão, como Mente Poderosa para o Novo Milênio! E Estão Sozinhos os Humanos? Porque B.G. não poderia falar ou tirar sarro por conservar estas coisas, Eric tinha aprendido a fingir que não as via. Agora começou pôr os olhos em branco ante Dez Passos para o Êxito e entrou.

B.G. estava sentado sob a clarabóia em uma das cadeiras alargadas de aspecto francês. Estava sozinho, o qual fez ao Eric mais feliz do que deveria. Uma mesa sobre um braço brilhante de mogno estava balançando na frente dele, permitindo que ele tamborilasse ao ritmo das letras em seu laptop. Mesmo que ele estivesse de férias, B.G. mantinha uma correspondência com cientistas incluindo aspirantes aos mesmos. Nenhuma escola intelectualmente elevada que conseguisse obter seu email teria que esperar em vão por uma resposta. B.G. afirmava suas perguntas ou preservavam de voltar-se antiquado. Eric estava bastante seguro que ele estava sendo agradável. Era um dos traços que a maioria admirava em seu amigo.

Que B.G. ficasse antiquado era uma possibilidade que Eric não podia conceber.

Depois de escrever no computador algumas frases mais e golpear enviar, B.G. olhou para cima. -Ouça,- disse com um sorriso de boas-vindas que deu à consciência do Eric outro aperto. - Vem me perguntar sobre nossa convidada?

Eric tomou assento na esquina do sofá que fazia jogo com a cadeira do B.G. Como todo seu mobiliário, era mais confortável do que parecia. Como B.G. gostava de dizer, não havia uma peça no lugar em que você não poderia te pôr a trabalhar. Soou bobo quando ele o disse, mas ele nunca emprestou atenção se Eric riu.



-Estava-me perguntando o que você pensa dela,- Eric confessou.

B.G. sorriu, fechou seu laptop, e balançou a mesa a um lado.

- Acredito que ela não te decepcionará.

-Minha preocupação é que não decepcione a você.- As palavras não foram estritamente verdadeiras por que era a reação de Charity a que o afetava mais mas a declaração chegou tão facilmente como se fora sincero.

-Eric, Eric, Eric,- B.G. repreendeu duramente. - não é um delito se pôr em primeiro lugar.

- Eu sei,- Eric disse. - Faço. - Ao menos uma vez bastante vergonhosamente. Apesar do aviso privado, ele não se opôs quando B.G. tomou seu rosto entre suas mãos e o beijou amavelmente para calá-lo. A tensão de suas lembranças se esgotou enquanto os dedos do B.G deslizaram em seu cabelo, seus polegares esfregando brandamente círculos debaixo de suas orelhas. B.G. cantarolou com satisfação enquanto ele relaxava. Poderia ter sido a imaginação de Eric, mas quando o beijo se fez mais fundo, ele pensou que saboreava um indício de Charity.

Seu estômago se apertou do mesmo modo que ficou duro. Ele estava palpitante quando B.G. afrouxou o beijo. Pela primeira vez desde que ele podia recordar, o silêncio se sentiu abafado.

- Quer montar uma cena para ela?- Eric perguntou, sabendo que B.G. entenderia de quem estava falando. - talvez encenar algo com o Maurice?

B.G. sustentou seu olhar um momento antes de falar. Sua expressão era aprazível mas intensa. Eric não tratou de identificar o que jazia detrás dela. A insondável emocional de B.G era notícia antiga.

-Não,- seu chefe disse ao final. -Eu gostaria de estudá-la um pouco mais . Os investigadores são úteis, mas não podem dizer os desejos mais profundos de uma pessoa. Quero julgar por mim mesmo o que faz palpar à senhorita Wills. Suspeito que ela vai valer o tempo suplementar. - Ele alisou seu polegar através da sobancelha do Eric, persuadindo-o a continuar no lugar.

- Não se importa esperar um pouco? Antes que jogue com ela?

- Suponho que o entendo,- disse Eric, em lugar de pôr em palavras quanto a desejava imediatamente.

- Bom, sim, mas não quero te desagradar.

- não estou.

- mas você a acha atraente?



- É obvio que sim. Quem não?

B.G. levantou a cabeça. -Ela é diferente dos outros,- disse, e Eric não quis perguntar se queria dizer diferente em geral ou diferente para o Eric.

- Fez uma escolha adequada.

Ele encolheu de ombros. -Ela tem um montão de fogo.

B.G. fez um ruído tranqüilo que podia ter sido uma risada. - Sim, fogo é uma palavra boa. A gente também poderia dizer que ela é sexo sobre rodas. Maurice estava realmente inspirado por ela hoje- Sua mão se arrastou para baixo ao centro do peito do Eric, abaixo de seu peito, e sobre seu cinto, as pontas de seus dedos vindo a parar-se a uma polegada da estirada ponta de sua ereção.- Você gostaria de tomar a algum dos outros enquanto isso?

-Não,- Eric disse, possivelmente muito rapidamente. - prefiro esperar até que Charity esteja pronta.

- Hum- B.G. desviou sua mão para que assim o calor de sua palma pendurasse por cima da lança do Eric. - Penso que poderia ser muito paciente. Talvez precisa terminar.

- Eu?- A palavra era alarmada saindo dele.

- Ou pensou que seu posto te põe além de minha atenção pessoal?

-Não, mas dificilmente penso que necessito.

-Desabotoa sua camisa,- B.G. disse brandamente, o cortando. Ele inclinou a cabeça para a caixa de cartão com tampa que estava sobre a pequena mesa redonda ao lado de sua cadeira. Embora seu envoltório era difícil de descrever, os músculos na virilha do Eric se apertaram. Ele tinha visto caixas como esta antes.

- Scarlet Creations me enviou um pacote hoje,- disse B.G., confirmando suas suspeitas. - Uns poucos produtos novos que gostaria que os ajude a ajustar. Acredito que poderiam ser úteis esta noite.

Scarlet Creations era uma pequena companhia de brinquedos sexuais em que B.G. tinha investido dinheiro como uma brincadeira depois que solicitaram seu conselho sobre a melhor forma para reduzir a força de torção em um balanço de teto. Dada sua estranha sorte financeira acostumada que Eric se recusava a atribuir a sua mais sensacionalista leitura não foi surpresa que sua parte da aventura tivesse agora um valor cinco vezes maior do que tinha sido originalmente. Como agradecimento por sua ajuda permanente, a companhia enviava presentes periódicos alguns mais bem-vindos que outros.

- Só promete que não implica roupa interior comestível.



- Não é assim,- disse B.G. - Não pensei muito desta oferta para mim mesmo. Não, enviaram a última versão de seu anel favorito de pênis, e algumas poucas peças personalizadas que sugeri que poderiam desenvolver-se.

Eric fez uma pausa em tirar as abas de sua camisa de suas calças frouxas. -personalizadas?

- Qualquer pode as usar,- disse B.G., parando para ajudar com os botões. -Mas foram desenhados com seus gostos em mente.

A camisa do Eric estava aberta agora, e as palmas de B.G correram com admiração sobre sua pele. - nunca me cansarei disto,- ele murmurou. - tua sensação. A respiração mais dura sob minhas mãos.

Esta doçura inesperada teve aos olhos de Eric picando. Logo B.G. tirou fora sua primeira surpresa, um tubo de pomada de aroma mentolado que esfregou ao redor do beira exterior dos mamilos de Eric. B.G. estava no correto a respeito de que este envio atendia ao gosto do Eric. Ele sempre tinha sido suscetível ao jogo dos mamilos.

-Estimula o fluxo sangüíneo,- disse B.G. enquanto puxava fora as pontas com gentileza.- Isto os porá duros e os manterá dessa maneira por horas. E, é mais discreto que usar um par de pinças sob sua camisa . - Suas pestanas baixadas para admirar os resultados. - Bonitos, rosados e bicudos. E nenhum intumescimento, suponho.

-Não,- Eric confirmou. -A sensação é muito agradável. Até sem o B.G. acariciando-o, o formigamento o transpassou em rajadas peculiares mas agradáveis. Ele estava tão sensível que podia sentir cada movimento do ar. Quando B.G. tocou o centro do mamilo, ele saltou.

-Bom,- disse B.G. -Você pode me dizer mais tarde se pensa que devemos provar isto em Charity.

Sem prévio aviso, a imagem dela em seu apartamento, retirando suas roupas sobre sua cabeça, voltou rigorosamente de novo. Seus mamilos tinham sido rosa pálidos, cheios e suaves exceto por um endurecimento nas pontas. Ele se arrependeu agora de não havê-los sugado. Ele soube que teriam sido suaves.

As lealdades rasgadas, ele esclareceu a voz pelo estalo continuado repentino de seu pênis.

Ele e Charity tinham atuado sem tomar em conta a ninguém quando isso ocorreu. A diferença de sua cena com o Maurice, B.G. nem podia observar o que tinha feito Eric, nem ouvir a história que tinha pedido a ele que lhe contasse – uma pessoal, por não dizer mais. Eric tinha dado a Charity uma janela sobre a relação dele e do B.G. do mesmo modo que ele tinha estado excluindo a seu velho amigo. -Eu, né, estudarei os efeitos com ela em mente,- ele disse com inquietação.

-Bom,- disse B.G. outra vez e aplaudiu seu braço. A diferença do Eric, ele parecia



repugnantemente livre do gen da inveja. - Agora deixa cair suas calças e se incline sobre a parte de atrás dessa cadeira.

Eric vacilou brevemente e logo obedeceu. Como ele tinha esperado, os olhos do B.G. ampliaram-se com o estado de sua ereção. Em vez de comentar ou de decidir que ele não necessitava estimulação depois de tudo, ele chamou a gestos ao Eric para que desse a volta. Eric se reforçou a si mesmo nos braços da cadeira enquanto B.G. acariciou a longitude de seu flanco.

Eric soube que ele tinha a intenção de lhe tranquilizar. A comodidade de um companheiro era todo o tempo crítico para seu chefe.

- Usaremos lubrificante normal para isto,- ele disse, afastando-se por um momento atrás dele. - Até que estejamos seguros de que as coisas de hortelã não lhe adormecerão. Ele contactou o interior das coxas do Eric. - um pouco mais aberto por favor. E relaxe.

Algo escorregadio e frio o acotovelou desde atrás. Eric não reconheceu a forma como um de seus brinquedos normais.

- O que é isso?

- Um Plugue anal vibrante operado por controle remoto.

- Sei.

-Sim,- B.G. esteve de acordo. - desejava que tivesse um nome mais estético, mas suponho que isto é preferível a algo bonito.

- inclusive no posso imaginar. Eric ficou sem fôlego e lutou para não esticar enquanto a coisa deslizou além dos centímetros ricos em nervo dentro de sua entrada. O plugue era pequeno, não mais que do tamanho do polegar, com uma base alargada e a sensação disso disse que era borracha. A ponta realmente não alcançava sua próstata. Eric suspeitava que a omissão não seria de muita ajuda uma vez que seu mecanismo se acendesse. - Você mantém o controle remoto?

B.G. riu. - Sim. E não quero que você deixe saber que o tem. Poe esta noite, este brinquedo será apenas entre nós. Mais tarde, entretanto, recomendo que diga a Charity. Descobri que ela gosta da idéia do sofrimento sexual de outras pessoas.

Eric tratou de processar esta informação sem ressentir como a tinha obtido B.G. provavelmente. Sem prévio aviso, um zumbido de dentro o teve agarrando a cadeira. B.G. tinha ligado o vibrador. Embora o som fosse baixo, a sensação não era. Como seus dedos se voltaram garras, desde seu cabelo picando seu couro cabeludo até os dedos dos pés, suas bolas e suas nádegas tremendo deliciosamente. As sensações eram tão intensas, ele pensou que estava arruinado. Felizmente, do mesmo modo que ele sopra um fôlego pelo controle, as vibrações tranquilizaram de volta a um batimento do coração lento, penetrante. Seu pênis se sentia como se estivesse preenchido, mas não no perigo iminente de disparar.



- Se quer conservar esse brinquedo em segredo, melhor te concretizaria a reservar isso para você mesmo. Ele encontrou sua voz só depois de que a coisa se apagou.

-Demônios,- ele disse. - Se quer conservar esse brinquedo em segredo, melhor se limitar a pô-lo a nível baixo.

-Devidamente anotado,- B.G. disse. - Agora vejamos se pode se levantar.

Ele podia – apenas. Quatro fitas do veludo estreitas passavam da base do plugue, dois das quais B.G. puxou para frente para que assim corressem entre suas bolas e coxas. Ele os amarrou sobre os ossos do quadril do Eric às fitas correndo desde atrás. O brinquedo se sentia seguro mas estranho, fazendo-o consciente de lugares que normalmente esquecia. Feliz por ser recordado, sua ereção se sacudiu contra seu abdômen.

A distribuição de laçadas devia haver-se visto divertida porque B.G. sorriu.

-Foda-se,- Eric disse, e o sorriso se converteu em um amplo sorriso.

Infelizmente para seu orgulho, seus joelhos não eram o suficientemente estáveis para dobrar-se. B.G. recuperou suas calças e os levantou.

Tem sorte de comprar estes frouxos,- ele disse enquanto fechava o zíper e abotoava o cinto.

Eric esperou até que os olhos de seu amigo subissem. - sempre me sinto afortunado quando estou contigo.

-Como me sinto eu contigo.

Brevemente, B.G. tocou sua bochecha. Ele pareceu envergonhado, o qual não era como era ele, voltando-se precipitadamente a recuperar seu assento. Uma vez ali, ele apontou um controle remoto a uma distância dos painéis. A parede retrátil se deslizou para acima revelar um banco de telas de circuito fechado, cada tela de cristal líquido mostrando uma área diferente da casa. Esta é a idéia de vigilância do B.G., as imagens foram muito claras.

-Sente-se, ele disse, gesticulando para o sofá. -Já veremos se podemos descobrir onde foi nossa convidada.

Charity não foi longe em suas explorações, em sua maior parte porque tudo o que ela encontrava a tentava a deter-se e olhar ao redor.

Uma série de bibliotecas abertas fora do vestibulo de seu quarto, cada uma organizada ao redor de um tema. O quarto de mistério que ela já tinha visto, mas a biblioteca de astronomia era estupenda, também. Quando ela pegou a um botão pela porta, o quarto se converteu em um planetário completo com constelações dando voltas nas paredes. O quarto românico – para



convidadas mulheres, supôs – era uma mescla entre salão de chá e um bolo de bodas, sobre a parte superior tão louca com babados que a fizeram sorrir. Embora ela não conhecesse bem B.G., ela o podia imaginar rindo para si mesmo enquanto o planejava. Ela tinha uma sensação de que ele era mais absurdo quando estava sozinho.

Embora pareciam cenários decorados, as habitações davam indício de uso. As almofadas estavam esmagadas, os lombos das plantas gretados, exceto a ausência das pessoas que tinham deixado a roupa criava a impressão de uma cidade fantasma. Poucas vezes, ela pensou que vislumbrava a alguém fora do ângulo de seu olho, logo se voltava para encontrar o lugar vazio. Ela se opôs a ocupar do medo que isto causava. Não havia forma de que a fazenda do Grantham fora uma casa enfeitada. Simplesmente tinha a sensação de presença.

Seu primeiro humano vivo se mostrou na cozinha, uma Senhora Álvarez, uma maternal cozinheira espanhola falante que não a deixou sair até que comeu um delicioso sanduíche cheio de feijão.

Assim fortificada, ela vagou abaixo de outro vestíbulo, este pintado em desenhos gregos azuis e brancos. Conduzia a uma piscina coberta cor safira que se estendia através de um conservatório elegante. O liso mármore branco cobria o piso, enquanto as palmas plantadas em vasos de barro sussurravam segredos ao ar agitado por ventilador. O ornamento mais chamativo, entretanto, era a loira magra, nua que nadava lentamente em perfeita forma – talvez loira a respeito da qual B.G. tinha advertido. Curiosa por encontrar a alguém que esperançosamente falasse inglês, Charity esperou até que a mulher saiu, coberta com um lençol de água em sua forma como uma ninfa.

Ela devia ter estado acostumada a estar nua. Em vez de perder o tempo com uma toalha, ela alisou as gotas de seu curto cabelo limpo com as palmas de suas mãos. Seus frios olhos verdes estudaram Charity sem expressão, mas Charity tinha sido a menina nova em muitos bairros para atuar acovardada. Sabendo o valor de uma aparência confiante, Charity sorriu.

-Você é a nova convidada,- a banhista disse com um acento lânguido. Charity se perguntou se alguém a não ser outra mulher tivessem escutado o desafio em seu tom.

- Isso mesmo. Sou Charity Wills.

Ao fim, a mulher tratou de alcançar uma toalha, entretanto tudo o que ela fez com ela foi oportuno para a pele dourada entre seus seios assombrosamente descarados. - sou Sylvia, a massagista.

- Doce trabalho. Conseguindo esfregar suas mãos sobre todos os tipos ardentes.

A boca de Sylvia se franziu e sorriu ao mesmo tempo. - sou justo tão parcial para as garotas ardentes.

-OH,- disse Charity, abruptamente sentindo-se ingênua. - É obvio que é. É



convenientemente flexível em um lugar como este.

-Sim, é, embora fui contratada tanto por estes Sylvia meneou seus dedos magros – -como por meus gostos ecléticos.- Ela levantou uma sobrancelha pálida como se Charity não pudesse saber o que eclético queria dizer. -Tem um rubor precioso,- ela adicionou, ocasionando fazê-lo mais profundo. -Tanta gente apenas fica vermelha.

- Estou um pouco fora de meu mundo aqui,- Charity confessou.

A Sylvia aparentou gostar disso. Trouxe uma piscada de aprovação em seus olhos. Charity pensou que ela poderia ser o tipo de fêmea que era mais agradável quando ela se sentia superior. A seguinte pergunta de Sylvia foi amigável. -alguma vez estiveste com uma mulher?

-Não...,- Charity respondeu lentamente, insegura de que queria ir aonde isto se dirigia.

-Possivelmente você não crê que seja digno de tentar.- O tom de Sylvia se tornou frio. Possivelmente inconscientemente, sua postura era agora combativa: As mãos na cintura, pés plantados amplos. Os músculos de suas coxas bem proporcionadas estavam justo o suficientemente tensas para notá-lo. Aparentemente, a esta nórdica fada da neve gostava de se exercitar. Em seguida, apesar de que Sylvia não tinha emitido a menor ameaça, Charity não decidiu não conseguir seu lado mau.

-Hum,- ela disse. - temo que estar com uma mulher nunca foi uma minhas fantasias.

- Então qual tem?- Sylvia quase ronronou.

A mudança repentina em sua maneira recordou a Charity que esta era exatamente a pergunta que não se supunha que respondesse. -OH, isto e aquilo,- ela disse, agitando sua mão vagamente. -O usual.

-A Submissão?- Sylvia sugeriu. -O castigo corporal?

Se tivesse estado escuro, os frios olhos verdes da Sylvia teriam resplandecido. Ela parecia positivamente faminta por conhecer as excentricidades de Charity.

- Isso é o usual?- Charity perguntou, tratando de fazer uma piada.

- Devo estar mais fora de meu mundo do que pensei.

- Sei que você não está desgostada,- Sylvia disse, sua certeza alterando-se.

Charity não teria adivinhado que ela seria tão fácil de ler.

-Não,- ela disse. -Mas sua pergunta é um pouco pessoal.

Quando Sylvia jogou para trás a cabeça desdenhosamente, suas mechas secando



começaram a flutuar para baixo. -Todo mundo está aqui por algo, algum sonho escuro, secreto que têm o desejo de cumprir.

Apesar do desconforto de Charity com esta conversa as palavras de Sylvia, e a paixão com a que elas foram pronunciadas, enviaram um brilho de calor para seu sexo. Ela podia ver por que B.G. havia sentido a necessidade de lhe advertir. Sylvia era insidiosa.

_ Qual é seu sonho secreto?- Ela perguntou, seu tom quase tão íntimo como o de Sylvia. Ela não tinha querido fazer a pergunta para que saísse dessa maneira, mas a surpresa rápida nos olhos da Sylvia esteve a cargo.

- Sou submissa,-disse Sylvia. - vivo para agradar aos outros.

-Tolices,- Charity burlou, tão segura como Sylvia tinha estado a respeito dela. - Ali se obtém algo que quer para você mesma, em lugar de agradar a qualquer outro.

Seu sorriso tomou a Sylvia por surpresa. A massagista olhou às escondidas para cada lado, talvez indo em busca de observadores. - não é realmente nada,- ela fez .

-Você pode dizer,- Charity disse. - Caralho, arrumado que você poderia dizer a alguém aqui. Não é como se não tivessem visto tudo.

Sylvia se reclinou e assim de perto Charity podia cheirar o cloro em sua pele. - O que realmente eu gostaria,- ela disse em um sussurro próximo, - é uma surra boa, enérgica. Nada contra o senhor Grantham. Ele é um patrão maravilhoso. Mas ele não tem o estômago para pôr o traseiro de uma mulher vermelho.

-Hum,- disse Charity e esfregou seu nariz. -Esse é um dilema.

Sylvia se endireitou e riu. – Te envergonhei. Sinto muito.

- Não, não. Sou eu que perguntou.

A expressão da Sylvia se voltou ardilosa.

-Você se vê forte,- ela disse.

-Possivelmente você gostaria de fazer a prova.

-Eu?- Repentinamente Charity teve problemas para tomar fôlego.

-Por que não? Os peixes gordos provavelmente observam enquanto. Você sabe como são os homens. Por que não dá aos atormentadores uma pouco de sua medicina?

A idéia continha alguma súplica. Observar qualificava como "supervisão"? B.G. podia falar por um alto-falante para detê-la completamente? Ela sempre tinha pensado se você inspirar a alguém a confiar em você, não os deveria fazer sentir-se mal a respeito do que tinham descoberto.



Rechaçada Sylvia agora parecia muito perto de quebrantar sua regra.

- É admitido isso?- Ela perguntou incertamente.

-Absolutamente,- Sylvia declarou, -tanto como que nenhuma de nós goze.

-Pois bem,- disse Charity, -se tudo o que você quer é uma surra, acredito que poderia fazer isso.

-Excelente,- Sylvia respondeu, prontamente colocando-se de barriga para baixo sobre o azulejo de mármore. Sua pele se via até mais dourada contra sua brancura. Ela pôs sua cabeça em seus braços dobrados.- Eu não gosto de dar instruções, assim é que por favor procede como gosta. E não se preocupe por me machucar. Sou muito mas forte do que parece. Também deveria saber que se molhasse suas mãos primeiro, faria um melhor ruído.

-Sabe,- disse Charity, - para uma pessoa que não gosta de dar instruções, faz bastante facilmente.

-Você perguntou o que desejava,-disse Sylvia. -se eu não te disser, quando terei outra oportunidade de conseguir?

Desde que Charity não poderia discutir com isso, ajoelhou-se para molhar sua mão na piscina quente, logo retornou ao lado de Sylvia. Seu bem tonificado traseiro estava ligeiramente levantado, já seja deliberadamente ou simplesmente antecipadamente, não podia dizer. Charity teve que admitir que a posição fazia uma curva bonita em sua coluna vertebral.

Você pode fazer isto, disse-se a si mesma. Teve vontade para esmurrar a suas chefas bastante freqüentemente.

-Cava sua mão quando me surrar,- Sylvia disse em seus braços.

- prefiro isso em vez de plano.

-Está segura de que não quer me instruir? Por que posso esperar.

- Tenho feito,- Sylvia disse, sua dignidade ferida pelas brincadeiras de Charity. - Pode proceder.

Charity teve que morder os lábios contra uma risada pelos primeiros poucos golpes, mas, fiel com sua palavra, Sylvia manteve em privado mais recomendações. Imediatamente estava retorcendo-se contra o piso e repartindo poucos miados que Charity encontrou surpreendentemente estimulante. Os olhos de Sylvia estavam tão apertadamente fechados, que Charity pensou ela devia haver partido a outro mundo. Por alguma razão, isto simplificou sua tarefa – não é que fora de fato dura. Para ser honestos, era entretido exercitar tanto poder com tal simplicidade.

Era, em sua forma, tão fascinante como observar Maurice lutar em sua cadeira de castigo.



-Me diga,- disse Charity, tratando a sua vítima para uma particular enérgica bofetada. -como qualifica Eric... o senhor Berne sobre o medidor de surras?

- Ele é melhor,- Sylvia ficou sem fôlego, -mas ele, também, carece da vontade para fazer uma ardência estupenda.

- Hah!- Disse Charity, preparando seu braço para outra descida rápido. Sorte para você, que Wills é meu sobrenome.

Adotando seu brio para superar aos homens, ela liberou uma quebra de onda de golpes rápidos, agudos, cuidando para deixar qualquer parte do traseiro da Sylvia ficar também vermelho. Não importa quão arruda afirmasse Sylvia que ela era, Charity tinha poucas vontades de danificá-la.

-OH, OH, OH!- Sylvia chorou, mas porque parecia como um ruído feliz, Charity manteve seus esforços. Na verdade, se Sylvia não ficasse agradecida, ela o poderia fazer com ladrilhos. Esta coisa rápida tomava bastante energia do braço de uma pessoa.

-OH, Arne,- Sylvia gemeu, provavelmente transportada para outro momento. - Faz. Faz tão duro como pode. Você sabe que o necessito. Você sabe que sou muito má para gozar sem marca!

Parecia mal educado mencionar que seu nome não era Arne. Aspirando um fôlego que encheu o pulmão, Charity se reagrupou para alguns últimos golpes finais de foguetes.

Enquanto o primeiro que ela deu, Sylvia gemeu e disse algo que soou como a versão nórdica do OH, Meu Deus, sim!

-Sim,- ela gemeu, recuperando-o suficiente para falar inglês. -mais, mais ... OH, Meu Deus, rápido pare!

Charity se deteve imediatamente, mas Sylvia estava estremecendo-se no piso, moendo seus quadris contra o mármore como se ela tivesse a intenção de empurrar seu corpo até o final. Tomou um minuto até que a sacudida se detivera, depois da qual seu fôlego foi tirando bufos esfarrapados. Seu traseiro resplandecia rosado – muito mais rosado do que Charity tinha tido a intenção de pô-lo. Como se o desconforto disto deveria consistir em nada, Sylvia suspiro euforicamente e se sentou .

-Você me fez chegar ao clímax,- ela disse, seus olhos verdes amplos.

Charity se ruborizou, apesar de que tinha sido óbvio. - Sinto muito, Sylvia. Sei que - supunha-se - que não faria isso.

-OH, não.- Sylvia estreitou suas mãos ferventemente, as apertando o suficientemente duro para doer. - Você é maravilhosa. Isso não tinha ocorrido desde... pois bem, de um menino que



conheci quando era uma adolescente.

Antes que a mente de Charity pudesse funcionar rapidamente, pensamentos semi horripilantes de uma Sylvia menor de idade, a outra mulher agarrou seu rosto e plantou um grande beijo molhado direto em sua boca. Como os beijos eram, não estava mau, talvez um pouco duro mas não mal. Os lábios de Charity zumbiam quando Sylvia a deixou ir.

Só então se lembrou de que ela tinha prometido não beijar a ninguém a não ser o Eric ou B.G.—Não é que Sylvia lhe tivesse dado opção.

-Hum,- Charity disse, golpeada longe de seu balanço normal. -De nada, acho.

Sylvia sacudiu sua cabeça em uma risada, um gesto que a fez parecer alguém com dezoito anos. Charity não pôde ajudar sorrindo de volta. Sylvia obviamente enjoada, confundiu seus pés e saltou para a porta, seus seios de taça de chá balançando atraentemente. Ela fez uma pausa na entrada como uma fada iluminando uma flor. — Te verei na hora do jantar, Charity Wills. E obrigado. Isso valeu qualquer castigo.

Charity se alegrou de que ela acreditasse assim. Por sua parte, ela não ficou ainda convencida que ela tivesse o desejo de pagar.

Capítulo Oito

Maurice recolheu Charity para jantar. Como sempre, ela teria chegado atrasada sem a ajuda, tendo perdido a noção do tempo ao pintar as unhas dos pés de rosa. Alguém- Eric, ela assumiu, tinha estendido um traje sobre sua cama. Selecionado do que ela havia trazido com ela, incluídos suas calças super baixas jeans favoritas e uma blusa curta com fechamento na frente azul bebê.

A roupa íntima era nova: Objetos de seda autentica que provavelmente custariam uma dinheirama. Felizmente, sustentava-a acima e ficavam muito bem. Embora se não fosse assim, ela não teria considerado usá-lo, não esta tarde de qualquer maneira. Ela tinha empurrado sua sorte o suficiente jogando com Sylvia. Se ela se comportava por algum momento, então talvez escapasse do castigo. Ela certamente não queria ser jogada a patadas. Estranho ou não, suas experiências estavam longe de ter sido entretidas. Ela poderia suportar vestir algo que alguém mais escolhesse por uma vez.

- Deus todo-poderoso,- disse Maurice, sua atenção tropeçando sobre seu piercing do umbigo. Você parece ceva para a prisão dentro desse traje.(não consegui nada melhor)

. Falsa ceva de prisão,- Charity assegurou, dando ao seu seio um meneio atrás do veludo



ajustado. Ela tinha deslizado o zíper da blusa o suficiente abaixo para mostrar a beira do sutiã rosa gelo. - Esperemos que seu chefe desfrute de uma mudança da pele e a submissão.

-Confie em mim,- Maurice disse, sua mão em seu coração. - A B.G. Grantham gostaria de você ate em um saco. Ele pode ser o Sr. Ciência, mas é um homem.

Gratificada por esta resposta, Charity o seguiu através de uma série de vestibulos subterrâneos, cada um construídos de pedras monolíticas. Porque as luzes estavam acondicionadas com detectores de movimento, a escuridão os procedia assim como os seguia. Charity encontrou o efeito ligeiramente horripilante mas interessante, lhe recordando que ela estava tendo uma aventura além da normal. Ao final da última passagem, uma porta elegante de mogno com seu próprio refletor em cima aberta a uma combinação de biblioteca /Sala de estar.

O aroma de bife assado ao carvão fez água em sua boca.

Detrás da porta, Eric e seu chefe sentados em uma mesa tão fantástica como em um restaurante fino. Os abajures derramavam atoleiros de luz aqui e lá, mas a iluminação principal provinha de um candelabro antigo ardendo no carrinho de servir que tinha sido posto entre os homens. Ela não poderia duvidar que tinham feito esta classe de coisas antes. Ambos se viam relaxados ou o estavam até que ela entrou.

Logo que ele a viu , Eric saltou de seu assento. Ela não podia estar segura, mas supunha que este era um comprimento por suas roupas. Já seja isso, ou ele sempre ficava de pé ante as mulheres. Frio como sempre, B.G. simplesmente levantou suas sobancelhas, seu olhar fixo atrasando-se abaixo de seu corpo e acima outra vez.

Sua boca se derrubou a um lado quando espiou sua perfuração.

Para sua surpresa, Maurice executou uma reverência pequena e saiu. O seu não era a único rosto faltando. Apesar da promessa de Sylvia para vê-la no jantar, massagista amante da disciplina não estava em nenhuma parte para a vista.

- "Somos os únicos?- Ela perguntou enquanto Eric tirava sua cadeira.

-Sim,- B.G. disse. - pensei que lhe daria a bem-vinda à oportunidade de chegar a conhecer seu guardião.

Da forma que os olhos do Eric se dilataram, ele não tinha sabido que este fora o plano, embora B.G. parecia pensar que não havia dito nada estranho. Ele alisou sua camisa de linho branca e encheu seu copo de água, uma cortesia que mostrou completamente que tão magros e largos seus ombros eram. - suponho que esperava que Sylvia se unisse a nós.

- Isso eu lamento,- ela disse, a experiência havendo a ensinado que era melhor admitir a culpabilidade logo que tivesse sido apanhado. - A maneira de ser dela me tomou de surpresa.



-Ela tem uma maneira de fazer isso. Ela tinha estado... dirigindo-o, embora tão perfeitamente como se ela o fizesse por você. Você parece ter um talento natural para tirar à luz as respostas mais apaixonadas de seus companheiros.

- Não tive a intenção,- a Charity disse, lembrando de sacudir seu guardanapo em seu regaço.
- foi mais que um acidente.

- Um acidente que Eric e eu desfrutamos observar, até realizou a função de nos levantar. Espero que tenha ganho uma amiga por toda vida. Mas não deveríamos deixar nossa comida esfriar. Meu cozinheiro é muito hábil. Acredito que encontrará isto a seu gosto.

-Vou ser castigada?- Charity falou pelos cotovelos fora, incapaz de suportar o suspense.

O sorriso do B.G era lento, sua curva enviando uma captação de calor através de todos seus lugares secretos. - OH, Não, Charity. Você não ganhou seu castigo . Quando for o momento correto, a farei saber disso.

Não tinham terminado o primeiro passo antes que Eric decidisse que algo estava seriamente em marcha com o B.G. Tinha tratado com candidatos eles mesmos antes, mas esta noite havia sentido pessoal. Isto era bife e vinho e conversa ordinária, como se Charity Wills fosse a típica e tradicional das convidadas. (além da ativação ocasional do brinquedo anal do B.G o efeito do qual Eric fazia quanto podia para dissimular) seu chefe estava ignorando-o. Ele falava de TV com Charity, pelo amor de Deus: perguntar o que ela pensava de Real World ou Survivor pintava um retrato mais verdadeiro da vida humana. Eric não sabia que seu chefe assistia estas coisas. De fato, teria jurado que não assistia.

Ocorreu a Eric, enquanto apertava os dentes contra uma rajada do vibrador, que B.G. poderia ter feito um pouco de estudo a consciência precisamente para assim ter algo do que falar com Charity. Se isto era certo, então estava além de qualquer trabalho preparatório que ele tivesse feito no passado. Evidentemente, B.G. acreditava importante pôr a ambos Charity a pessoa e o brinquedo a sentir-se cômodos.

- É muito gracioso,- ela disse agora, sua mão batendo no ombro de B.G, suas bochechas excitadas com o vinho e alguma acuidade fora do muro que seu chefe tinha decifrado.

B.G. inclinou sua cabeça. - Estou gratificado por haver se divertido.

- Li seu livro, sabe,- ela disse, entreabrindo um olhar nele enquanto ela punha sua taça dentro do círculo sobre a toalha. - Ou parte dele. Temo que me rendi quando você chegou à parte sobre o gato.

B.G. inclinou a cabeça entendendo. "Muitas mentes brilhantes ficaram perplexas pelo



famoso experimento de pensamento do Schrödinger ¹⁰.

Previsivelmente, Charity fez uma careta ao ser posta junto com mentes geniais. - não poderia pôr minha cabeça sobre isso,- ela admitiu, sustentando seus cotovelos ao redor de seu prato, esquecido que Eric estava seguro. Até esse momento, suas maneiras tinham estado ótimas.

- Estou seguro que entendeu a premissa- B.G. inclinou-se para frente para emparelhar-se com Charity. Ele tinha entrado em seu modo instrutivo, seu cabelo caindo sobre seu olho, seu enfoque em sua audiência. Eric esperava que isto significasse que ele estaria seguro do vibrador por algum momento. - Você poderia me recordar,- Charity disse. - Em caso de que esqueci.

- O gato imaginário de Schrödinger está encerrado em uma caixa junto com um frasco de veneno cujo selo está conectado a um acontecimento quântico imprevisível, uma partícula que tem um 50/50 de oportunidade de corromper-se ou não. Se for corrompida, então um Geiger em direção oposta aciona o fechamento hermético no frasco para romper, matando assim o gato detido. Se a partícula não se corromper, então o gato sobrevive.

-Isso é o que pensei,- Charity disse. - Mas em seu livro afirmou que nada aconteceu até que alguém abriu a caixa. Você disse até que ali havia um observador, o gato não estava nem vivo nem morto. Justamente não posso entender como poderia ser isso.

- mas você feriste no vivo do paradoxo quântica!- B.G. exclamou.

- Segundo a forma a pessoa sempre entendeu o mundo, um gato totalmente vivo é impossível. Isto, entretanto, não troca o fato que no mundo quântico (o mundo do muito pequeno) os estados contraditórios de realidade foi postos a prova, repetidamente, para coexistir.

Embora esta ferramenta educativa teria sido imprópria em uma conferência da universidade, relaxou-a o suficiente para ouvir como ele continuava.

-Me deixe tratar de fazê-lo mais claro,- ele disse. - Toma um elétron, o qual tem qualidades de ambas as ondas e partículas: Claro, condições mutuamente exclusivas. Agora digo que você tem um lançador de elétrons.

- Para demonstrar, ele recolheu um garfo e estendeu as pontas. - Este lançador de elétrons é capaz de disparar um só elétron de uma vez. diante desta pistola está uma parede com dois ocos diminutos do tamanho do elétron, já seja do qual pode ser aberto ou fechado a pedido - Para representar a barreira, ele balançou uma fatia de pão de alho restante ao seu lado. Diante desta parede -Eric, se pudéssemos tomar emprestada sua mão aqui? diante deste oco -e parede está um elétron especial- tela que detecta, representado agora pela palma do Eric. Quando um elétron o detecta, resplandece.

- Querendo ver o essencial, você abre um dos dois ocos do elétron e disparas um só elétron da pistola. Como um Newtoniana, ou corpo grande, o físico esperaria, que o elétron se comporte como uma bala diminuta, criando um ponto de luz discreto do tamanho da partícula, na tela que

¹⁰ ¹⁰ Erwin Rudolf Josef Alexander Schrödinger (Viena-Erdberg, 12 de Agosto de 1887 — Viena, 4 de Janeiro de 1961) foi um físico austríaco famoso por suas contribuições à Mecânica Quântica, especialmente a Equação de Schrödinger, pela qual recebeu o Nobel de Física em 1933. Propôs o experimento mental conhecido como *o Gato de Schrödinger*



detecta elétrons. Vendo isto, você conclui que um elétron é uma partícula.

Sustentando o queixo com a mão, Charity assentiu para mostrar que o estava seguindo.

B.G. sorriu na aprovação. -Agora,- disse, -somente para estar seguro que encontre a verdade, abre ambos os olhos na parede que se situa entre a pistola e a tela. Outra vez, disparas um só elétron, completamente esperando que passe de um olho para o outro. Em lugar disso, o elétron se comporta como uma onda, passando através de ambos os olhos imediatamente e logo interferindo com ele mesmo do outro lado, com picos e picos sendo intensificando ou sendo cancelados devido a que os registros sobre a tela não é a marca de uma única ' bala ' mas um padrão de faixas claras e escuras faixas- clássica evidência da interferência de ondas.

-Que fascinante, - você pensa, e decide que deve observar este ondulante elétron passando através de ambos os olhos de uma vez, justamente como a água o faria. Assim é que coloca os detectores diminutos pequeninos do elétron em cada um dos dois olhos do tamanho do elétron. E o que crê que ocorre?

- Estou segura que não tenho nem idéia,- Charity disse com um sorriso aturdido. Eric sorriu igualmente. Algumas pessoas tinham piadas favoritas. Este aspecto da adivinhação quântica era o equivalente do B.G..

-O que acontece,- B.G. disse, -quando instala os detectores do elétron nos dois olhos abertos, é que o elétron volta a comportar-se como uma partícula. Embora você justamente provou que é uma onda, você nunca a pode registrar passando através de ambos os olhos de uma vez, só um ou outro. É como se os elétrons que observa, e por alguma razão insondável, vê-se forçado a comprometer-se a uma opção individual.

- Mas... como pôde saber?- Charity gaguejou.

-Isso,- disse B.G., - é um mistério muito grande. Como no caso teórico do gato, a consciência humana parece sustentar a chave da adivinhação. Pode ser que criamos o nosso mundo como o observamos.

Charity caiu para trás em sua cadeira, não vendo-se completamente perplexa mas nada coibida a respeito de sua falta de conhecimento. - Você me diz que as pessoas provaram isto com experimentos verdadeiros. Isso não são físicos vadiando em poltronas dizendo ' poderia isto não estar nítido? '.

- Simplifiquei o processo pelo bem da clareza, mas, sim, os cientistas perfeitamente racionais provaram isto e outras coisas igualmente assim de estranhas. Provaram que nossos conceitos de tempo e espaço são ilusões humanas. Provaram que não só as partículas quânticas existem, mas também assim também o fazem com seus opostos espectros. Os átomos que apareceram em um certo lugar criam miragens em um segundo onde tiveram probabilidade de mostrar-se, miragens que um microscópio explorador pode recolher. Pode alegar-se, de fato, que cada preferência possível que um átomo ou uma pessoa podem fazer existe em uma penumbra quântica multiestratificada, carecendo de algo que chamaríamos realidade até que viramos nossa



atenção para um acontecimento. Os cientistas mais importantes, encontraram que a prova para sustentar estas reclamações quando se esforçavam por lhes debilitar. Para falar a verdade, Charity, a realidade é bastante mais peculiar que a pessoa comum é consciente.

-Huh,- ela disse.

-Estupendo.

Nisto, B.G. recostou-se, visivelmente devorando sua compostura ao redor dele. Ele pareceu lamentar ter deixado a seu entusiasmo desbocar-se.

- Me alegro que cria assim,- ele disse. - Mas temo que monopolizei a conversa. Por que não deixamos ao Eric te contar da época em que ele foi viajar com os Rolling Stones... "

O seu 'estou com a sensacional banda de moda a um lado', Charity não era o tipo de garota que se impressionasse deixar cair nomes famosos, ao menos não ao ponto de influenciar seu julgamento. Ainda, pareceu-lhe cortês expressar interesse quando B.G. tão obviamente o desejava.

Também, ela teve que admitir que era estranho que tivesse estado pensando somente esta manhã que tão diferente era Eric dos tipos com quem ela usualmente saía, o tipo de homem que não diferenciaria ao Sir Mick do Sir Galahad.

-Realmente?- Ela disse, voltando-se para o Eric para a confirmação.

-Viajou com os Stones?

Sua pergunta era o suficientemente simples, mas Eric se engasgou com sua água e agarrou a beira da mesa.

-Jesus,- ele disse quando tinha recuperado seu fôlego, olhando furiosamente ao B.G. por alguma razão que ela não podia ver. B.G. Devia ter feito algo que não deveria. Ele sorria inocentemente. Charity se perguntou se Eric tinha ganho algum castigo secreto.

-Sim,- disse a ela com um ar de esmerada ignorância a seu chefe.

- Viajei com os Stones em uma de suas excursões. Nada encantador. Era ainda um disfarce, como você diria. Dirigi suas relações públicas. Esse era meu campo antes que viesse aqui .

- Bem, não admira que você não teve nenhum problema em convencer-me a vir!

- OH, sou persuasivo,-disse Eric. - Teve gente que me disse que poderia vender areia na Arábia.

Ele não soava como se isto o agradasse, mas Charity não teve uma oportunidade para perguntar por que. Ela tentou chegar ao fim de seu vinho quando o sentimento mais estranho varreu através de sua cabeça, uma sensação de peso como se suas orelhas tivessem estado detidas com bolas de algodão. Um silêncio antinatural tomou conta do ambiente até mesmo o tic tac do elegante relógio no suporte da chaminé fora rabiscado. Logo, como um filme quebrado



sendo reiniciado, o copo que ela tinha estado a ponto de recolher saltou claramente e inequivocamente ao menos quinze centímetros à esquerda.

Ela estava muito comocionada para manter seu chiado feminino dentro.

Eric esteve de pé antes que o som se desvanecesse. -O que?- disse, suas mãos em seus ombros. -Carinho, o que aconteceu?

-Não o viu? Ela ficou sem fôlego, estirando o pescoço ao redor, seu coração tamborilando freneticamente em sua garganta. -Meu copo se moveu completamente só.

-Certamente não,- Eric disse.

Charity recorreu ao B.G. - É um truque, não é assim ? Fez algo enganoso para fazê-lo mover-se.

B.G. sorriu e estendeu suas mãos, muito mais complacente para sua tranquilidade de espírito. -Nenhum truque,- disse, -embora me arrependo de não advertir o incidente por mim mesmo.

- Foi real,- ela insistiu. - Não estou bêbada.

B.G. esfregou o lado de seu braço. O gesto a acalmou apesar de seu desejo de permanecer zangada. Ela tinha visto o que disse. Não necessitava que lhe seguisse o jogo.

- Acredito em você, Charity,- ele disse, impactando-a uma vez mais. - As pessoas freqüentemente vêem coisas nesta casa. É um lugar onde o impossível é convidado.

-Agora você fala como um louco.

Ele riu, sem responder a sua acusação de qualquer modo.

Sua reação a fez tremer até mais duro que o copo magicamente saltador. Sem dúvida se perguntasse, então daria a ela sua explicação pelo que aconteceu. Um gênio como ele era seguro que teria uma. Para ele, estas desenquadradas coisas provavelmente pareciam normais. O problema era, que não queria ouvir o que tivesse que dizer. Se o mundo não era o que ela pensava, então quem sabia que mais poderia ser certo? Preocupar-se com ser castigada era uma bagatela comparada com isso.

Talvez tinha tido fantasmas seguindo-a a todos lados.

Abruptamente afligida, empurrou para trás sua cadeira e parou.

-Estou cansada,- ela disse. - Preciso ir a meu quarto.



No momento em que as palavras saíram, sua fadiga se duplicou, seus joelhos tão instáveis como gelatina quente.

- Te acompanharei de volta,- Eric disse, envolvendo seus braços ao redor de seus ombros. O aperto que ele pôs em seu agarre era exatamente o consolo que ela desejava ardentemente. Por algum momento esta noite, ela tinha estado pensando que talvez seu chefe era mais interessante. Agora não queria nada mais que deixar ao Eric levar-lhe longe.

-Sinto muito,- B.G. disse, soando como se realmente assim fora.

-Acredite-me, não podia haver predito que isto aconteceria. Nunca tive a intenção de arruinar seu jantar.

-A comida foi deliciosa,- ela disse. -Por favor diga a sua cozinheira que estava maravilhosa.

- Logo, porque ela verdadeiramente não quis machucá-lo, ela pressionou sua mão a sua bochecha.

O toque o fez piscar rapidamente.

- Te verei amanhã,- ela disse.

-Sim,- ele disse. -Amanhã.

Sua respiração se entupiu como se ele tivesse pensado em dizer algo mais. Ela não estava por aí para ver o que pudesse ser.

Eric a conduziu a seu quarto, alegrou-se de estar ali para ela até se não estava seguro de que tão consciente era ela de sua presença. Ela se moveu a seu lado em um estupor, só falando depois de que ele tinha fechado a porta. Quando se deixou cair pesadamente abaixo sobre o beirada baixa de seu futon, ela se via jovem e perdida.

Perversamente, isto chutou a excitação do Eric de volta a funcionar.

- Pensei que a teoria dos quantons era teórica,- ela disse, suas mãos apanhadas com total desamparo entre seus joelhos.

Eric deu um passo diante dela e acariciou seu cabelo, um prazer que ele usufruía apesar de sua preocupação. - É teórica. Esta também muito bem respaldada.

- Você não pode provar essas coisas que B.G. disse. As partículas fantasma. A realidade imprecisa. Como pode fazer experimentos para isso?

- Bom, você provavelmente tem que ser um físico para chegar a eles. As coisas mais



importante que pessoas como eu e você devemos recordar é que essas teorias, provadas ou não, constituem um útil livro de receitas. Tal como você não tem que saber química para assar um bolo, você não tem que entender ao gato de Schrödinger para construir um laser. As teorias ganham legitimidade porque funcionam.

- Então ele não estava atrapalhando minha mente?

-B.G. tem um senso de humor estranho, mas não se inclina por jogar travessuras.

Charity suspirou tão excessivamente que uma mecha de cabelo se agitou em sua testa. Para procurar encontrar algo sólido a que agarrar-se, suas mãos pegaram atrás de seus joelhos. O toque foi imediatamente, fortemente sensual.

Ela riu ante o repentino cambaleio em sua virilha.

-Você pensa que isto é sexy.- Ela inclinou sua cabeça para cima para ver seu rosto. -você gosta de me ver sofrer uma crise nervosa.

-Admito que eu gosto de ser necessário, mas não diria que sofre uma crise. É obvio, posso ser excessivamente excitável tendo um vibrador de controle remoto sobre meus..., er, partes inferiores.

- Você está brincando- Apanhada entre a risada e a incredulidade, ela tocou sua costa para ver se ela o podia sentir.

- não esta ligado neste minuto.

Seu toque se converteu em um apertão carinhoso, um que parecia despertá-la tanto como a ele. Um rubor rosado tinha avançado arrastando-se sobre suas bochechas. - B.G. jogava contigo no jantar. Por isso é que estava nervoso. Pensei que talvez você realmente gostou da roupa que escolheu para você.

- Eu gostei,- ele disse. -Eu gosto. Especialmente o modo em que seu sutiã aparece fora dessa pequena jaqueta.- Ela tremeu agradavelmente enquanto ele devorou a etiqueta de seu zíper. - Tem os peitos mais sexys que alguma vez vi.

- Melhor que os da Sylvia? Seu tom era só uma brincadeira pela metade.

-Melhor que qualquer que você nomear.- Contente de poder reconfortá-la com isto ao menos, ele deslizou ambas as mãos em sua jaqueta com capuz, cavando sua carne arredondada através do sutiã rosa pálido. Seus mamilos saindo tentadoramente detrás da barreira sedosa.

- B.G. está nos vendo? Ela murmurou. - Ele me disse que havia uma câmara detrás dessa tela.

Poderia ate agora estar trabalhando?



Eric se opôs a um gemido enquanto suas unhas se arrastaram sobre a parte de trás de suas calças. –Você não sabe,- ele disse. –Com o B.G ., quase tudo é possível.

Ela esfregou seu rosto contra sua camisa, respirando através do algodão que cobria a pele por cima de sua cintura. Quando ela falou, sua voz era baixa. –Poderia ficar comigo esta noite? De outra maneira, vou ficar aqui como Linda Blair,¹¹ completamente aterrorizada de que meu mobiliário comece a sair do chão.

- Não deveria preocupar-se por isso. Só vi pequenas coisas ocorrer, coisas que não estava seguro de ter presenciado então.

-Sim? Conte tudo isso a Linda.

Ele riu, mas o humor não aliviou a palpitante urgência em sua virilha. Incapaz de resistir a tentação, suas mãos empurraram sua apertada jaqueta azul bebê fora de seus ombros. Até parcialmente fechado o zíper, os bordos abertos emolduraram o inchaço de seus seios.

- Quero ficar,- ele disse. - Quero acariciar dentro de você toda a noite.

-Poderíamos ? - Ela perguntou, seu tom esperançoso trazendo sua ereção a uma condição dolorosa. -É permitido isso?

-É-o,- ele disse desagradavelmente.

-Mas e se gozarmos.

-Você soa como se isso fosse difícil.- O gutural de suas palavras lhe recordou sobre o anterior comentário do B.G, de que ela desfrutava ver que os outros sofressem de negativa sexual.

- Seria duro,- ele disse. -Talvez impossível.- Mas sua mente já supunha como podia fazê-lo, seu corpo desejando ardentemente seu abraço como se fora uma droga que salva vidas. - Talvez pudesse estar dentro de você por um pouco de tempo. Tenho...- ele vacilou, inseguro de como reagiria ela, a pesar do conhecimento do B.G. - Tenho um anel novo para pênis.

- Um novo anel para pênis,- ela disse, rindo com delicadeza através de seu nariz. - não posso dizer como me intriga isso.

O alívio aumentou o surgimento em suas veias. - não é a toda prova,- ele advertiu. - Os anéis para pênis impedem ao sangue de deixar o pênis, assim é que fica duro, mas quando você está tão excitado como estou, você ainda pode ejacular.

Ela riu e abanou seu rosto. - Doce falador, você.

-Sinto muito, eu...

¹¹ Linda Blair – atriz do filme Exorcista



-Não, digo a sério,- ela disse com uma seriedade cativante. - Amo ouvir você conversar a respeito de coisas eróticas. Simplesmente te ouvir dizer ' ejacular ' põe-me quente. E eu gostaria de te ter dentro até por um momento. Lembra o duro que estava quando você roçou contra mim no apartamento.

Ela não ajudava a parar a tremedeira ante as imagens que suas palavras inspiraram, na lembrança de suas curvas lubrificadas. -Você poderia gozar se quisesse,- ele disse compulsivamente. - B.G. cobrara um preço, mas não te deteria. Entendo se necessitar consolo. Quero que esteja feliz aqui, não assustada.

Ela olhou para cima , toda ela estava acesa. - Se você me deixar gozar, então ele te fará pagar, também.

-Sim,- ele disse. -Apesar de eu ser sua mão direita, me fará pagar, também.

Seu amplo olhar, pulsando como estrela dizia que realmente ela não podia aceitar esta idéia: Que ele priorizar seu prazer a seu orgulho. -Me mostre,- ela disse brandamente. -Prova quanto me quer feliz.

-Muito,- ele jurou, apenas consciente do que dizia. -OH, Meu Deus, te quero mais do que o devido.

Tirou sua jaqueta, não querendo apressar o prazer de desvelar mas incapaz de continuar devagar. Ele fez uma pausa o suficiente longa para beijar suas unhas do pé rosados e o anel de seu ventre. Logo ele notou que seu sutiã tinha deixado marcas que ele teve que acariciar com o nariz completamente, conduzindo-o irresistivelmente para a suavidade suntuosa de seus mamilos tensos. Diante desse descobrimento ele só podia suspirar.

Ela era cetim em sua boca, bordados eroticamente contra sua língua.

No momento, ele esqueceu de suas calças jeans classificação X. O prazer que sentiu em amamentá-la roubou a força de seus joelhos. Em vez de paralisar, ele se ajoelhou no piso da madeira dura e abraçou sua cintura. Por compridos minutos deliciosos, não fez nada a não ser virar sua boca atrás e a frente .

-Mm,- ela disse, seus dedos amassando seu couro cabeludo. -Me deixe te beijar, também.

Sua sugestão rompeu sua tênue paciência. Ele se retorceu fora de sua camisa com um ruído.

Isto fez Charity sorrir.

-Aqui?- Ela disse timidamente, agilmente rodeando seus mamilos com as pontas de seus dedos. -Quer que te beije aqui?



Seu gemido de desejo foi suficiente resposta. Ela o levantou e subiu à cama, empurrando-o firmemente em cima de suas costas. Seu peito se elevava e descia em antecipação enquanto a unha de seu dedo indicador deslizou de seu peito a seu cinto. Sua voz chegou como a raspagem de um fósforo.

- Quer o anel do pênis ainda assim?

Ele negou com a cabeça. Nesse momento, ele não queria qualquer constrição nele a não ser nela.

- Deveria te cavar?- Ela ofereceu. -Deveria sentir o que te faz quando chupo?

-Sim,- ele disse, muito decidido em suas preferências para ser educado. -Aperta minhas bolas.

Sua demanda trouxe mais cor em seu rosto. Lentamente, ela trouxe sua mão a virilha de suas calças e a dobrou ao redor da costura. Seu agarre era quente, um dedo pressionando amavelmente entre as metades de seu testículo. Ela observou seus olhos para ver como gostava disso.

-OH, sim,- ele disse. -Agora ponha sua boca em meus mamilos.

Ela chupou seu lábio superior e se dobrou, sujeitando-se em cima de um bico diminuto. A sensação era tão intensa que a pele de seu ventre saltou. Sentindo isso, sua palma apertou um pouco mais forte entre suas pernas.

Repentinamente, ela rompeu em uma risada. – Tem sabor de hortelã,- ela disse. - E estas tão preparado. Penso que alguém te preparou para mim. Alguém.

Suas palavras tiveram tão poderoso efeito sobre ele como se estivesse nela. Tinha sido isto o que B.G tentava? Em lugar de preparar Charity à inversa? Sua mente estava muito distraída para responder. Quando ela situou sua boca em seu peito outra vez, ele a sentiu ainda mais, As rajadas do relâmpago que se moveram rapidamente imprevisivelmente ao longo de sua pele até as plantas de seus pés, agora ao matagal de nervos detrás de seus joelhos. Apesar da intensidade de seu prazer, ele estava ansioso. Ele queria agradá-la e não estava seguro se ele poderia em dúvida que ele acreditava ser mais alguém. Sentindo sua agitação, Charity moveu sua mão a seu estômago.

-Chii,- ela disse, entregando-se às carícias através de seu peito para o outro lado. - Serei cuidadosa para não te empurrar sobre o beira. Isto não será como com Sylvia.

O aviso do que ele a tinha visto fazer logo que era tranquilizador.

- Posso sentir,- ele disse, suas pernas tremendo inquietamente. - posso sentir em qualquer lugar que me toca diretamente através de meu pênis.



Ela o beijou na boca, profundo , faminto e duro. Apanhado acima na mudança brusca de prazeres, ele não a notou imediatamente ela retirar fora suas calças.

Ele ficou sem fôlego enquanto o ar mais fresco do quarto golpeou seu resplandecente pênis. Ele tinha esquecido dos laços negros de veludo do brinquedo em seu traseiro. Charity sopra uma risada quando apareceram.

-Muito na moda.

-Ouça, ele disse, - podiam ser rosados.

Ela engatinhou para trás dele e se levantou, escapando de suas calças jeans ao quadril. Havê-la visto nua antes não impediu que sua lisa beleza exuberante, desse um murro ao seu intestino. Além disso, ela tinha uma tatuagem que ele não tinha visto, a grande altura no interior de sua coxa, um pequeno anjo azul com asas púrpuras.

-Esse,- ele disse desde sua postura desajeitada de lenhador polonês, -é o seguinte lugar que vou beijar.

Ela o tocou com as pontas de seus dedos e sorriu abertamente. - tive um namorado que clamava que era da sorte.

- Estou seguro que cada vez que o via , era afortunado.

Ela riu categoricamente, o som um prazer para seus ouvidos. Ele não podia recordar a última vez que tinha estado brincando assim com um convidado. Até permanecendo quieta sobre ele, ela assentiu para seu banheiro. -Cada classe de preservativo que você possa imaginar está abastecido ali dentro.

- Extra grosso,- ele disse a sua pergunta tácita. - Sinto-me um pouco sensitivo.

- Olhando-o, também. - Ela meneou suas sobrancelhas diante de seu pênis oscilando de cima abaixo, agora alongando-se para sua cintura. Sua cabeça puxou bruscamente com o contato de seu olhar. -Talvez melhor traga dois.

Ele esperava que o anel do pênis ao envolvê-lo ele o faria até o final, mas uma parte dele não importou. Ele queria estar dentro dela o suficiente para arriscar-se a algo, incluindo envergonhar-se.

Quando ela retornou com as camisinhas, ele se endireitou sobre um lado da cama e os pôs fora do caminho. Com as coxas abertas amplamente, ele a puxou mais próxima a seus quadris, lhe beijando ao anjo diminuto que guardava seu céu.

- Usaremos as camisinhas mais tarde,- ele disse com seu pequeno murmúrio de protesto. - Quero beijar sua boceta antes de deslizar dentro dela. Quero te pôr tão ardente como pode estar.



Ele moveu seu pé sobre a cama, a postura abrindo seus segredos, logo deslizou seu polegar para acima e para baixo, do comprido de seus lábios exterior. Depois de dois golpes, a ponta de seus clitóris saiu de seu capuz. depois de uma dúzia, ela brilhava.

-Chega, - ele disse, atraindo-a mais perto para inalar seu perfume.

Sua exalação a fez tremer. -Eric.

-Não goze quando te beijar,- advertiu, amando a forma em que ela se estremecia. - Quero guardar isso para meu pênis. Relaxe com as sensações. Leve-os para fora em vez de jogar para dentro.

-Jogar,- ela repetiu com voz rouca.

Ele tomou todo seu botão inchado em sua boca, chupando com gentileza, manobrando sua língua um pouco em volta do eixo. Seu sabor foi diretamente ao dele dando voltas a sua cabeça. Aparentemente, ela gostou de sua técnica. Suas unhas fincaram em seus ombros, quase picando diretamente através de sua pele.

-Moço,- ela respirou, obviamente lutando por relaxar-se, - soubeste alguma vez o que está fazendo!

Até enquanto ele sorria abertamente, manteve o movimento de sua boca e seus polegares, sem tocar sua entrada mas massageando sobre os canais onde seus nervos sexuais se arraigavam profundos. Seus quadris começaram a empurrar a ele em balanços lentos, oscilantes, seu botão inchando até mais cheio, seus suspiros vindo longos e baixos. Quando suas unhas começaram a cravá-lo outra vez, ele se deteve.

-Agora pode se deitar,- disse ele, sua voz raspando fora como areia.

-Agora você esta úmida o suficiente para tomar tudo o que trouxe.

Ela se sacudiu como se tivesse estado em um sonho, logo subiu engatinhando lentamente sobre o colchão. Quando ele mudou de posição ao redor para encará-la, seu olhar fixo deslizou desde seu rosto até seu pau.

Não tinha que olhar para saber o duro que ele estava. Cada polegada transbordante gritava para seu cérebro. Um ponto diminuto perolado saia gotejando por seu pau.

Vendo isso, Charity mordeu seu lábio, logo lambeu onde seus dentes tinham estado. - Necessita a camisinha agora.

Ele ficou frente a ela sobre seus joelhos, enrolando a capa em si mesmo, amando a forma em que seus olhos seguiram cada movimento. - Necessito o anel do pênis, também,- ele disse. - Quer pô-lo?



Ela riu tremulamente. - Temo que minhas mãos não funcionam o suficientemente bem.

- Esperarei, se quiser. Curtiria tentar fazê-lo.

Sentindo aquiescência, ele deu a caixa que tinha posto no bolso de suas calças. Observá-la abrir isso teve combatendo um sorriso e ao mesmo tempo se sentiu como um rei. Ele sabia quanta experiência tinha. Que ele pudesse inspirar esta estupidez fez coisas a suas vísceras que ele estava bastante seguro que não deveria gostar tanto.

Seu coração palpitava o suficientemente rápido que ele podia ter acelerado para algo rápido em lugar de querer atrasar-se nela por horas.

-Supõe-se que envolvo isto ao redor de você? - Ela disse, cravando duvidosamente os olhos na serpente flexível de borracha negra.

- Ao redor da base de um pênis e meu testículo. A cauda circula duas vezes e logo você empurra esta proeminência pequena através do oco que se adapte melhor, algo assim como um cinturão. Desse modo, se você necessitar, é fácil de soltar.

- fácil de retirar - murmurou, mas ela o manobrou facilmente. Se ela se deu conta disso ou não, ela era naturalmente destra. Quando o fez, suas bolas estavam levantadas contra seu eixo e seu pênis quase se endireitou. O incremento na pressão o fez sentir simultaneamente mais excitado e mais depravado. A relaxação o preocupava. Ele tinha melhor critério que dar é obvio seu autocontrole. Ia ser uma luta.

-Uau,- ela disse, suas mãos atrasando-se no resultado final. Seus quadris empurraram para frente sem sua vontade, acrescentando pressão a seu toque medidor. - Não tão grosso como Maurice.

-Você é mais comprido,- ela disse, seus dedos patinando para cima sobre sua pele obscurecida. - E mais cheio ao redor da cabeça. - Meu Deus, amo o modo em que se vê. É tão fodidamente brutal.

Ele chiou seus dentes juntos enquanto ela fazia um círculo em sua coroa. -Você sentiu o tamanho que estava atrás de você?

- Senti tudo, especialmente o modo que você o prendeu quando ele deslizou dentro.

Ele grunhiu, a única palavra possível para o som luxurioso.

- Eu gostei dessa parte,- ela admitiu do mesmo modo que ele apertou suas costas em cima dos travesseiros. - eu gostei de saber quão excitado estava por ajudá-lo a entrar em mim. Desejei poder ver suas mãos em seu pau, assim como olho minhas mãos em você agora.

Ele não poderia esperar, não poderia responder exceto para grunhir. Separando suas coxas, ele equilibrou seu pênis rígido em sua abertura. No momento que sua coroa fez contato com seu



calor, seu pulso se duplicou.

- Só nós ,- ele falou com voz áspera, surpreso de escutá-lo sair como uma ameaça. -Quem quer que possa observar, somos só nós esta noite-

-Bom,- ela disse irada outra vez. -É o único que estive querendo completamente.

As palavras eram mais que suficiente para se aproximar dele, mas suas pupilas se dilataram enquanto ele pressionava dentro dela pouco a pouco, mais profundo e mais profundo, até que os ossos do quadril chocaram e se inclinaram para o próximo ajuste .

O suporte até ele poderia alcançar, Eric fechou seus olhos e saboreou sua obstinada orelha. Cada mulher se sentia diferente dentro, e cada mulher se sentia bem. Esta, entretanto, era a primeira vez que qualquer mulher havia se sentido perfeita. O ajuste de Charity era magia, um porto apertado como uma luva para guiar e recompensar seus golpes.

O suor cobriu sua testa enquanto se livrava do desejo de fazer desaparecer o anel do pênis e cavalgá-la até seu final.

-Não vai se mover?- Ela perguntou, um pouco triste.

Apesar de sua luta interna, ele sorriu, seus olhos abrindo-se lentamente. Quero que você me traga completamente encravado dentro de você. Quero que goze comigo investindo duramente dentro de você. Quero te sentir gozar contra a pele de meu pênis.

-Tomou notas? Ela disse com humorística sublevação de sobrancelha.

- Você sabe. Quero usar a cada oportunidade para aprender o que você gosta. Para diante, Charity -Ele beijou sua têmpora. - Se você for castigada, então você pode muito bem aproveitar ao máximo o pecado. Se não posso fazer você gozar ao menos meia dúzia de vezes, então estarei desiludido.

Ela riu, mas ela não discutiu, apertando sua mão entre seus quadris ajustados. Se ele não tivesse tido anos de prática contendo-se, o choque de seus nódulos o teria feito gozar completamente. Ela gozou rápido e duramente, como se precisasse liberar-se. Suas ondulações acariciaram sua lança como palpitante veludo.

- Encantador.- Disse enquanto ela ofegava no desenlace- Agora sustente meus ombros e me deixe empurrar. Quero te fazer gozar outra vez.

Ela moveu suas mãos como ele pediu, o abraçou adicionando uma inesperada intimidade. Levantando-se sobre seus cotovelos, Ele foi capaz de encontrar seu olhar. Sua expressão era tão sincera, tão confiante, que fez apertara sua garganta. Lamentou que não poderia ficar desse modo, mas ele soube que tinha que agarrá-la enquanto ela estivesse preparada.

Verdadeiro para suas expectativas, ele a acariciou para seu seguinte clímax em segundos.



-OH, Meu Deus,- ela gemeu, rebolando baixo ele. -OH, Meu Deus, não é suficientemente.

Ele deu mais pressão, tanta como podia permanecer sem gozar, acrescentando dizendo a destreza de sua mão a seu pênis empurrando. Até com isso, este orgasmo tomou mais tempo. Seu corpo poderia estar ansioso, mas seus nervos precisavam construir a um nível mais alto antes de detonar. O incremento na fricção a fez querer chorar.

Não ajudou quando seu agarre deslizou impacientemente abaixo de suas costas. Ele se esticou quando ela encontrou a base alargada do brinquedo anal, agora sendo empunhada e solta por seus glúteos.

-Quero tocar isto,- Ela disse. - Quero movê-lo de um lado a outro.

-Não o faça,- ele apertou entre seus dentes. Ele podia estar disposto a deixá-la vê-lo sofrer, mas essa estimulação adicional seria o cúmulo. Era o suficientemente mau que a coisa fora uma presença tão forte.

Suas mãos empurraram na base quando seus quadris subiram, seus estremecimentos involuntários fazendo-a gemer. -Não sei o que é pior,- ela ficou sem fôlego. - Pensar que seu chefe está observando ou me perguntar se temos liberdade de fazer o que quisermos.

- Não fale a respeito disso. Terei que me deter.

-Mas é excitante- Suas mãos passaram roçando acima de sua coluna vertebral, insistindo para que fosse mais rápido apesar de si mesmo. - Talvez ele observe. Talvez ele se masturbe e esta gotejando como você estava antes.- Ela sorriu abertamente. -Talvez ele tirou o Crisco¹².

Ele a beijou para calá-la, mas as imagens se uniram em sua mente. A ereção lubrificada do B.G. em sua mão apertada. Sua pegada se sentiria como o anel do pênis, como o agarre por ordenhar o sexo de Charity. Alguma barreira crucial começou a gretar-se. Ele socou nela mais duro, imprudentemente utilizando a sensação para apagar suas palavras.

-Eric,- ela ficou sem fôlego, claramente na beirada.

O som de seu nome o transpassou em um comprido tremor. Desesperado agora, ele intercambiou ângulos para acariciar sua parede superior. Se ele apanhava seu ponto G, ele a poderia obrigar a gozar. Se a fizesse gozar, ele poderia puxar liberando-se. Gemendo, ele beliscou o capuz de seus clitoris e a esfregou duro.

Se ela tivesse estado menos excitada, poderia ter doído. Ela gritou em lugar disso, seu pescoço arqueando violentamente com seu espasmo, seus quadris erguendo-se acima com força impressionante. Uma fervura de umidade disse a ele que tinha pego nela bem, mas seu êxito era de dois fios. A primeira ameaça de um clímax que apertava sua bolas surgiu contra sua base constrangida, muito ameno explorando além da barreira. Ele o deteve só mordendo os lábios o

¹² Crisco – marca de alimento americana (manteiga)



suficiente duro para sangrar. Mesmo assim, ele apenas se uniu a ela até o fim. A forma em que seu sexo se contraiu fez que cada célula nele doesse duramente.

Quando ela finalmente se tranqüilizou, ele suspirou aliviado.

Charity parecia envergonhada pelo que tinha feito.

-OH, Meu deus,- ela disse, pressionando ambas as mãos sobre sua boca. - Ninguém alguma vez me fez gritar. Pensei que as mulheres fingiam isso para avivar os egos de seus namorados.

Porque ele – nesse momento – saía cuidadosamente do abraço de seu corpo, sua risada sacudiu mais que um pouquinho. -Faz milagres,- assegurou a ela uma vez que se liberou. -Meu ego se sente... muito seguro.

A vista de seu lábio sangrando a distraiu de sua piada.

-Cortou-se!

- Curará ,- ele disse, quase tão adulado por sua preocupação como ele tinha estado por seus gritos. Ele a deixou tocar a lesão e cacarejar, logo se moveu para baixo a seu lado.Foi um prazer despir o anel do pênis e o preservativo. Apesar da frustração permanente de suas necessidades, ele se sentiu satisfeito. Ele tinha completado um dos seus secretos desejos, e ele tinha feito isso melhor que alguns que tentaram antes.

-Descanse- disse enquanto ela aconchegou sua cabeça em seu ombro.

- Quero você outra vez quando tiver se recuperado.

Seu fôlego se apressou fora no que pôde ter sido incredulidade ou risada. -Você descansa,- ela antagonizou, seu braço envolvendo sua cintura.

- Vou deixar você saber quando necessite de seu ' ego ' outra vez.

Sua mofa não o incomodou no mais mínimo. Como poderia assegurar isso, quando seu adormecido tom lhe assegurou que seus anteriores medos eram uma lembrança?

Considerando como a tinha deixado satisfeita a fundo Eric, Charity tinha estado segura que dormiria imediatamente. Em lugar disso, ela foi à deriva enquanto ele se afundou. Deu quase medo abraçá-lo mas não podia resignar-se a deixá-lo ir. O pior, ela não pensou que pudesse culpar à estranheza de estar em Mosswood pela força do sentimento.

Eric estava realmente, realmente bem na cama. Bem em uma forma que satisfazia seus gostos assim é que perfeitamente parecia injusto. Sua maneira ocasional não parecia ameaça; Ele a tinha deixado gracejá-lo com impunidade. E ela podia dizer que sua mente era tanto um órgão sexual para ele como o dela era para ela. Quando tinha começado a falar a respeito do B.G., ele se tinha endurecido dentro dela como se fosse pedra. Em lugar de ficar ciumenta, ela tinha desejado



ter uma janela para ver se o argumento ao que ela tinha dado voltas era certo. Nesse instante, ela teria jogado ao lixo cada princípio rebelde que possuía para conseguir pôr os três em uma cama. Ela queria observá-los possuir um ao outro. Até mais, ela queria que eles o fizessem.

Embora a assustasse admiti-lo, começava a ver por que a ameaça de ser enviada a casa era, dentro e em si mesmo, o suficiente para manter sob controle aos convidados de Mooswood.

Capítulo Nove

Charity levantou sua cabeça do travesseiro e esfregou seu nariz. O relógio resplandecendo sobre a mesa de noite dizia uma e quinze. Eric dormia como um bendito, mas para uma pessoa que dormiu pouco como ela, esta era a metade da tarde. Cautelosa para não despertar ao seu companheiro, ela pisou brandamente por volta do banheiro para uma ducha rápida no banheiro de azulejo de cor piçarra. Sentindo-se muito mais fresca, ela retornou a deitar-se.

Eric cegamente batia no colchão enquanto ela subiu, seu cabelo estava parado em picos como sorvete soft servido. O fato que ele a tinha sentido sua falta deu um resplendor em seu peito.

Ela estava bastante segura que abraçar a sua costas não era parte de seu trabalho.

-Aqui está,- ele murmurou, dobrando-se contra ela outra vez.

Ela realmente podia acolher sua estatura quando ele se enrolou aproximando a longitude musculosa de suas pernas e seus braços. Era uma sensação estranha, mas que gostou. A pelagem em seu peito se sentia mais agradável que a maioria dos homens. Ela sorriu para si mesma, ao pensar que talvez ele o polia. Talvez os tipos bissexuais tinham os mesmos instintos para a moda como os homossexuais.

-tudo Bem?- Ele disse em seu ombro. -Sem sequer preocupar-se por móveis demoníacos?

-Não- Ela devorou sua mão frouxa próxima a seu peito. -Aquilo no jantar me puxou, mas acredito que um copo saltador não é tão perigoso como muitas coisas ordinárias.

-Nem mesmo o próximo- Deixou cair um beijo meio em cima da orelha.- Conduzir pelo I-5 na hora de mas trafico é muito mais perigoso que isso.

Sua respiração se desacelerou, mas sonolenta ou não pensou que a ele provavelmente não importaria responder à pergunta que tinha estado relutante de perguntar ao B.G.



Melhor era ouvir a resposta do Eric. Devido a que não era um gênio, ela sempre poderia dizer a si mesmo que ele estava equivocado.

-Eric?- Ela disse e esperou para seu murmúrio instigando. -sabe como teria explicado B.G. o que aconteceu?

Ele respirou fundo para reavivar sua mente para a consciência. - Um deslize do caminho do tempo é o meu palpite. B.G. acredita que o tempo é linear, apenas a partir da perspectiva humana, um produto da nossa constituição neural e condicionamento social. Segundo ele, a humanidade junta-se a um pacto inconsciente perceber este mundo como uma das principais causas para o efeito, de um minuto anterior ao segundo minuto. Mas o conceito de domínio do quantum, ele e uma série de outros físicos, todos os times estão agora. Vá para trás ou para frente ou para deslocar do ponto A para o F-alvo está perfeitamente bem.

- Mas por que poderia o tempo nos fazer isso ?Por que ir ao longo do A, B, C, e repentinamente saltar a F?

Esta pergunta obviamente requereu mais consciência. Eric se sentou, logo abrandou seu travesseiro detrás de suas costas. - É possível que algo que você estava pensando ou sentindo teve tal poder que impôs seu copo para estar em um lugar diferente. B.G. acredita que a emoção forte pode provocar acontecimentos de tempo atípicos. É inclusive possível que algo que você estas idealizando fazer no futuro o faça ocorrer. Em lugar de fazer saltar em um universo alternativo.

- Um universo alternativo!

- Me deixe terminar. Em lugar de te fazer saltar em um universo alternativo onde seu copo estava já ali, sua consciência simplesmente se ajustou a isto. Só você viu, assim é que duvido que haja aí qualquer perigo de escavar as regras de acordo com esta realidade.

- Eric-

- Só te digo o que suspeito que B.G. diria. Se um acontecimento não tiver uma probabilidade zero de acontecer, então muitos físicos afirmam que deve ocorrer, em alguma ramo de realidade. Em um universo diferente, Charity, você e eu nunca nos conheceríamos.

O pensamento disto fez a sua mão direita empunhar as cobertas. - Toma minha palavra por isso,- ela disse rigidamente, "meu cérebro não tem o poder para ajustar o mundo. Isso é justamente louco. Até se as teorias dos quanta são verdadeiras, esta é vida real.

- Charity, relutantemente como eu admito isso, se houver uma coisa de que aprendi vivendo com o B.G ., é que as implicações das teorias dos quanta são reais.

São tão reais como o amigo de quem você não escuta foi chamando dez minutos depois de que te tropeça acidentalmente com sua foto na gaveta de sua cozinha. São tão reais como encontrar as chaves do carro no mesmo lugar que jura você olhou dez vezes antes. São tão reais



como uma mulher sabendo o minuto que ela fica grávida porque sente a alma do bebê. Justamente porque estas coisas são inexplicáveis não significa que haja algo ali da que ter medo. O mundo é o mesmo de ontem.

- Aposto que a seu chefe estaria em desacordo com isso. Aposto que ele diria que se pensar que o mundo é diferente, é.

Ela tinha se levantado sobre seu cotovelo para lhe confrontar. Agora, sobre o monitor por cima de sua cabeça, ela viu rabiscar o ponto de luz de âmbar da caótica piscada acendendo-se e apagando-se. O quadro se você poderia chamar assim se via mais profundo na escuridão, como se verdadeiramente fora tridimensional. Ela teve a forte urgência de arrancar a tela fora da parede e deixá-la romper-se. ao B.G. não gostaria da ruptura de sua câmera, mas a saída por sua ira poderia ser doce.

Eric pôde haver sentido sua agitação, porque acariciou seu cabelo.

- Está segura aqui, Charity. B.G. não lhe deixaria vir para te danificar mais do que eu o faria.

Tristemente, ninguém a podia salvar do tipo de dano que sentia ameaçá-la. Eric podia pensar que ele acreditava nestas coisas, mas ele falava a respeito delas como se não fossem mais que idéias interessantes com nenhuma relevância particular para ele. Ela se sentou e o confrontou, cruzando suas pernas enquanto tratava de acomodar-se.

- Quero que entenda que estou aborrecida,- ela disse, assombrada de descobrir quanto o estava. Usualmente, ela se resignava a que seus namorados estivessem desorientados.

Ele pôs uma mão sobre a dela onde sujeitava seu joelho.

- Escuto-te.

Com sua outra mão, ela arrastou seu cabelo de seu rosto. - É como ... quando era pequena, um par de vezes, sem importar o que minha mãe fizesse, ela não podia pagar a conta. Não quero que pense que é preguiçosa. Naquele tempo, naquele tempo, ela constantemente obtinha trabalhos. Mas ela os deixava perder tudo por um homem. Mudar-se ao Alaska, Se ele queria. Viver dessa maneira não era genial para seu currículo vitae. Assim umas poucas vezes, tivemos que viver fora em nosso carro.

-Isso não tem que te ocorrer outra vez.

Seu tom estava tão afetado que ela sentiu a necessidade reconfortá-lo. "Não ocorreu. Outras coisas, mas não isso. Sempre, sempre conservei um teto sobre minha cabeça. A coisa é, a primeira vez estávamos sem lar, foi tal a sacudida que logo que podia assimilá-lo. Quero dizer, sabia que minha mami não era como as outras mães. Outras mães vertiam trajes tradicionais. A minha rebolava ao redor em apertadas calças jeans. Outras mães ensinam a seus meninos a não roubar. A minha tratou de me convencer de que estava bem tomar os saleiros e pimenteiros dos restaurantes. Até com tudo isso, nunca pensei que ela não me podia manter a salvo.



Eu -como ela sempre dizia- pensava que as coisas resultariam. Quando me precavi de que a promessa era mentira, arrancou o tapete debaixo de mim. Repentinamente, não podia estar segura de algo. Repentinamente, o mundo era um lugar horripilante. Estas coisas que diz ... pensar que sejam verdadeiras me faz sentir como me sentia então.

Ele guardou silêncio, seu polegar passando rapidamente de trás a adiante através do lado interior sensitivo de seu joelho. Tudo o que ela podia dizer é que ele não tinha uma resposta e, por estranho que parecesse, o fato que ele não tratasse de fazê-la sentir melhor foi reconfortante.

-Que idade tinha ?- Ele perguntou um pouco.

- Oito ou algo assim a primeira vez. Estávamos em Houston esse verão, lembro porque o carro estava realmente quente.

Ele sacudiu a cabeça. - O pior que me ocorreu quando tinha oito foi que minha mãe me obrigar a ensinar ao B.G. como andar em sua bicicleta. Ele lia a enciclopédia quando tinha três anos de idade, mas lhe pedir que se balançasse sobre duas rodas e ele não podia lutar com isso.

-B.G. lia quando tinha três?

- Dois, realmente. Mas porque ele não falou até mais tarde, ninguém adivinhou. Uma vez que o fez, minha irmã maior, quem servia de babá para ele às vezes, começo a chamá-lo o bebê do Rosemary.

Charity riu, contente pela oportunidade. -Isso foi mesquinho de sua parte.

-Sim, foi, mas Dana maturou com a idade, e era um pouco horripilante ouvir um menino que começa a andar falando como um Ph.D""

- Ele deve ter tido um tempo difícil crescendo.

- Teve-o, embora você nunca o ouvirá admiti-lo. Ele se recusou a deixar a qualquer atemorizá-lo.

Ela tocou a mão que ele tinha posto sobre a sua, seguindo a linha de uma veia. -Você realmente o ama.

-Sim,- ele disse com facilidade inesperada. -" Ele é a pessoa que eu mas admiro no mundo. Quando tinha oito anos de idade, claro está, ele era a pessoa que eu mas ressentia. Nada como ter a um pai te ordenando que faça um amigo. Mamãe era ... é muito instada para fazer o devido. Segundo ela, nascer privilegiado significa que você esta mais que obrigado a pagar. Ninguém lhe pode fazer frente quando ela está em uma missão. - Ele sorriu abertamente com um brilho de dentes odontologicamente perfeitos. - temos um ditado em nossa casa, que Mamãe leva as calças na família e Papai leva a almofada de risada.



- Você gosta de brincar?

-Ele gosta de ser aborrecível. Ele conduziu a minha irmã a beira da mortificação uma vez quando adornou o carro de seu namorado com papel higiênico. Ele é um empregado de escritório em um banco, o qual quer dizer que ele tem que economizar a maior parte de suas piadas para nós. Juro-te, que havia vezes que tivesse trocado a meus dois pais por sua mãe- saleiro e tudo.

Ele não soava como se queria dizer isso. Ele soava como se amasse a sua gente, como se ele perdoasse a todos suas imperfeições além da evidência de que ele era mais adulto do que ela era.

Ela tratou de desviar a conversação a terrenos mais seguros. - Imagino que você terminou seu ressentimento por verte forçado a ser o casulo do B.G.

Ele riu, a lembrança esquentando o som. - Mesmo assim ele foi impossível de resistir. Ao cabo de um tempo, precavi-me que não estava nunca aborrecido quando estava com ele.

_Minha mãe não era aborrecida, ela admitiu. Muitas vezes ela era entretida.

Ihe pareceu ler a nuvem em seu humor. Ele tomou suas mãos, as recolhendo para seu coração. - desde que estou levantado agora,- ele disse com um sorriso adulator, - quer que façamos de bobo?

Charity sorriu, silenciosamente agradecendo a sua mãe por fazê-lo ser simpático. Ela estava assombrada do acessível que ele tinha sido, compartilhando histórias como se fizesse amizade. - Somente deixe dormir,- ela disse, - isto é, se não te importa ficar.

- Vivo para servir,- ele disse o qual não era realmente a resposta pela que ela esperava.

O chiado do colchão de Charity arrancou ao Eric de seu sonho. Sua bochecha estava em seu cabelo, e o sol do pequeno pátio brilhava quente em seus ombros nus. Porque Charity estava em seus braços, alguém mais devia ter baixado seu peso sobre o pé de sua cama.

Eric realmente, verdadeiramente não queria ver quem era. Seu pênis estava estirado até seu limite, bastante rotineiro pelas manhãs a não ser fora portanto que doía. Não podia ser fisicamente possível ficar duro toda a noite, mas a forma na dor reverberou em suas bolas e as coxas o fizeram pensar que o havia feito. Ele não queria nada mais que sepultar-se em Charity. Inclusive na queria despertá-la mais que um pouco, apenas o suficiente para envolver seus braços ao redor dele, apenas o suficiente para empurrar dentro e fora por sua suavidade sonolenta até que lhe disparasse completamente gotejando com sua semente reprimida. Até onde lhe preocupava, ela não tinha que mover-se. Ela poderia colocar-se baixo ele como se fora um sonho.

Seu marido teria tido o direito, pensou, a idéia vindo a ele inesperadamente.



Gemendo, ele ficou de barriga para cima e abriu seus olhos.

B.G. sucintamente vestido e barbeado, sentou-se com os braços cruzados sobre seu peito solto. Quando seu olhar alcançou a ereção de loja de campanha que Eric fez nos lençóis, seu cacarejo de desaprovação falsificada excitou a Charity.

-Mmph,- ela disse, esforçando-se em cima em seus cotovelos. -e eu aqui pensando que daria algo por nos ter aos três de nós golpeando os lençóis.

Seu rouco comentário enviou uma perceptível sacudida através do esqueleto do B.G. O rubor que seguiu intrigou ao Eric. Ele se perguntou se seu chefe não tinha considerado esta possibilidade antes. Tinham tomado a convidados juntos muitas vezes.

-Você rompeu as regras,- B.G. disse com sua marca registrada de benigna severidade. Apesar de sua calma exterior, um músculo pulsava em sua mandíbula. -Como vocês sabem, ambos têm um pouco de responsabilidade.

Eric suspeitou que o hábito que tinha Charity de explicar, ou talvez era que B.G. realmente parecia pulsar. Talvez lhe chateou que o guardião no que confiava tivesse animado a transgressão. Se isso era certo, então Eric não estava seguro de como dirigi-lo. Ele não poderia recordar a última vez que B.G. tinha estado furioso com ele.

- Eric estava me consolando,- disse Charity. -depois de que me desenquadrei.

- O primeiro clímax foi consolo. Outros foram indulgência.

-Bem- Charity tirou para fora das cobertas seus pulsos para que a coberta caísse a sua cintura. -me ponha as algemas-

Seus peitos estavam nus e preciosos. Para o alívio do Eric, B.G. negou com a cabeça e sorriu fracamente ante o espetáculo. Parecia que sua convidada podia persuadir a qualquer a estar de bom humor. - Agora, Eric precisa de minha atenção. Dele foi a ofensa maior. Entrego a Sylvia e Maurice.

- Bem,- Charity, fingindo indiferença enquanto se balançou nua fora da cama. - Espero que me permita escovar meus dentes e tudo isso primeiro.

- Tem-no,- B.G. concedeu, -mas por favor não se vista.

Ele a observou rebolar no quarto de banho, obviamente apreciando a contração e elasticidade de sua carne jovem muito fácil. Quando ela fechou a porta e estalou em um arrebatamento desafiante de "nascido para ser Selvagem,- ele forçou um sorriso.

Eric encontrou sua reação menos humorística. Para ele, parecia que a bravata para



dissimular feriu seu orgulho. - Ela responderia melhor a um castigo que viesse de você,- ele disse calmamente.

-Possivelmente- B.G. acaricio a longitude da coxa do Eric através da coberta enrugada. O toque fez a sua ereção saltar. - Mas preferiria lhe mostrar o que posso fazer antes que trabalhasse nela diretamente. Especificamente, mas bem o demonstraria em você.

- Feliz eu,- disse Eric com um tremor que ele não poderia suprimir.

-Ela verá tudo,- B.G. prometeu. - Cada estremecimento e conta de suor.

Ela não desejará que esteja dentro de você nenhuma vez absolutamente.

Quando Sylvia e Maurice chegaram ao quarto de Charity, a massagista se recuperou de seu anterior ataque de gratidão. Ela também parecia não estar desfrutado por completo o que fora que B.G. tivesse arrumado para que ela visse. A expressão em seu rosto travessa era irritante.

- Escuto que alguém lhe deu tratamento especial,- ela disse, seus punhos fincados em sua cintura.

-Espera, Syl,-disse Maurice, um indício de aço sob seu tom amistoso. - Você teve seu turno sob o projetor quando você foi convidada. Agora é o momento de seguir com o novo programa - ao menos se quiser que o Senhor G. continue deixando ficar.

- Não insinue que sou uma empregada deficiente.

- Claro que não. Você vive para ser complacente. Por isso é que estamos vestidos como escapados de um filme de praia - Ele pôs seus olhos em branco a Charity. -"Em caso que não o tenha adivinhado, ele escolheu estas coisas.

Seus trajes eram incomuns: Roupa amarela bananeira ajustada de surfista. Sylvia se via magra e esportiva em seu biquíni, enquanto Maurice avultava bastante em todas partes de seu aderido short comprido ao joelho. O tecido oleada fazia a seu pênis parecer até mais gordo.

- Não sei.- Charity pôs seu dedo em seu queixo. -Você parece do tipo quente.

-Ouça! Sylvia cacarejo. -Em caso de que não saiba, Sr. Eu-Quero-Viver em-um-criado - romance- Sensacionalista, algumas pessoas tem fetiches por este tipo de roupa.

-E se eles não o fazem,- Charity acrescentou, -então poderiam desenvolver um depois de ter uma imposição de vocês dois.



-Sei,- Maurice disse. -As mulheres sempre se mantêm juntas.

Sylvia lhe voltou as costas. - Vamos ir. Não vou ter ao senhor Grantham esperando.

- Sei que não o fará,- Maurice replicou. -Pensa que ele se apaixonará por você se saltar no momento que ele diga bú. É justamente uma lástima que não salte tão bem quando ele não esta olhando.

A resposta da Sylvia a isto foi estalar sua cabeça.

- Exatamente estou dentro para...? Charity perguntou, tentando não soar incerta.

O rosto da Sylvia se suavizou. - Nada para te assustar. O Senhor Grantham tem uma teoria sobre o que pressionará seus botões melhor.

Insegura do que fazer disto, Charity seguiu sem mais pergunta. Ela pensou que estavam na parte do complexo onde estava o quarto do B.G, porque os vestibulos eram da mesma pedra branca, livre de janelas amigáveis aos voyeurs que distinguiam ao resto da casa. Agradecidamente, suas escoltas tinham deixado de brigar. Depois de uma volta fechada à esquerda, Sylvia abriu uma porta de aço grossa.

Ela gesticulou para algo sobre o teto.

-A idéia,- ela disse, é que você se sinta segura.

O quarto ao que ela tinha trazido Charity era um negro, um cubo sem janelas com paredes tiradas o som e piso de mármore. Uma TV plaina enorme sobre uma parede. O que mais percebeu o olhar de Charity, entretanto, foi o objeto que Sylvia assinalava.

Charity -segura,- repetiu, espionando o aparelho que seus vigilantes agora desciam do teto negro. Era uma disposição complicada de correias e fivelas, anexada a ganchos no teto preso por correias de prata. A coisa se via como um tecido de aranha da S & M. O couro, em particular, Parecia muito usado.

Sylvia -muito segura,- reconfortou-a. - Enganchamos-lhe no alto para que assim o peso de seu corpo esteja perfeitamente distribuído. Mas talvez você não confie que a segunda corda o faça bem?

Foi um comentário que Charity por si mesmo poderia ter feito: humor humilde usado como uma cobertura para a amargura. - confio em você,- ela disse em voz alta. - Só me pergunto como reagirei. Nunca tenho feito escravidão assim de elaborada antes.

-Atada ao poste da cama com a camisa do namorado?

Charity escolheu tomar o espírito de travessura da Sylvia como uma piada amistosa. Por



tudo o que sabia, isso era o que Sylvia tinha querido dizer. -Um par de vezes,- ela disse. -Com sua gravata.

-Uf,- disse Maurice, sua imaginação claramente escapando dele. -Está esquentando aqui dentro, ou sou eu?

Seu humor animou Charity. -Por que não me amarra? Ela brincou. -E já veremos se a temperatura aumenta ou diminui

- Subirei o ar,- Sylvia anunciou ruidosamente, como se ela não quisesse que Maurice tivesse nem um momento da atenção de Charity. -Quando o senhor Grantham inicie seu espetáculo, estou segura que todos precisaremos baixar a temperatura.

-Vai haver um espetáculo?

Maurice não teve oportunidade de fazer nada mais que abrir a boca.

- Deixa-a desfrutar da surpresa,- Sylvia censurou.

Ela retornou aos controles para ajudar ao seu resmungão companheiro a sujeitar a Charity nas ataduras. Um por um, os laços acolchoados de pele foram escorregados ao redor de suas uniões, até os ossos dos dedos. Quando as correias começaram a carregar seu peso, a frouxidão sensual que ela havia sentido enquanto tinha estado estirada através da limusine retornou. Desta vez, era mais forte. Charity podia ter entrado neste arnês por seu livre-arbítrio, mas agora a mantinha prisioneira. Enquanto ela reconhecia isto, seus mamilos endureceram o suficiente para doer.

Rapidamente recuperado de sua moléstia, Maurice sorriu abertamente.

-Está bem, bebê?

-Ela está excelente,- Sylvia cortou.

Sem aviso prévio, ela pressionou o botão para a manivela que enrolava a corrente central. Charity ficou sem fôlego enquanto seus pés foram balançados fora do azulejo de mármore. A distância não era mais de 30 centímetros, mas o efeito psicológico era estupendo. Ela estava indefesa agora, a mercê de seus cuidadores. Uma punhalada quase de prazer doloroso despertou entre suas pernas. Era duro recordar que isto se supunha que fosse um castigo quando se sentia tão bem.

Maurice - cuidado,- disse. -Não se supõe que o arnês deixe marcas.

- Estou bem,- Charity assegurou, sua voz indevidamente rouca, seu corpo vibrando ligeiramente na rede.

- Bom, parece muito bem,- ele murmurou, seu olhar deslizando-se sobre suas amarradas



curvas.

Sylvia cacarejou como mamãe galinha. - É obvio que está bem.- Apesar de seu tom compassivo, ela ajustou a fivela detrás da cintura de Charity com uma pouca mais força da requerida.- quem não estaria depois de passar a noite recebendo orgasmos múltiplos do senhor Berne?

- Não foi toda a noite,- disse Charity.

- Não, Não, -Sylvia esteve de acordo. - Não toda a noite. O senhor Berne te deu só o suficiente prazer para te ajudar a recuperar de sua sacudida. Coisas terríveis, esses fenômenos quânticos embora tenha que me perguntar por que outras pessoas não têm o privilégio de presenciá-los.

-É bem-vinda ao privilégio se o desejar. Posso passar sem isso.

-Me perdoe, -disse Sylvia, ondeando sua mão diante de seus olhos. - Não tinha a intenção de sugerir algo diferente. Estou segura que, dada uma opção, você teria compartilhado a experiência.

Seu olhar era agora o suficientemente quente para desconcertar Charity, brilhando nela como se as duas compartilhassem um segredo.

-Né, sim,- disse Charity. -Por que deveria ser a única que enlouqueça?

Incômoda com a repentina camaradagem de Sylvia, ela voltou a cabeça para Maurice. Ele se via desconcertado pelo protesto de Sylvia, o qual fez pensar a Charity como se informou a massagista do que aconteceu no jantar do B.G. Até se B.G. tivesse câmaras em seus quartos privados, certamente não daria acesso a Sylvia.

A adivinhação teria que esperar. Um golpezinho de estática marcou a ativação da tela em circuito fechado, seguida pelo suave zumbido mecânico de uma câmera. Charity não duvidou que sua lente estava enfocado nela. Aparentemente, esta "função" ia ser em duas rotas.

Gostou desse pensamento tanto como gostava do abraço do couro. Este poderia ser um castigo, mas o entusiasmo sexual de Charity sempre tinha sido sua melhor arma.

A linha especulava o que vinha logo que B.G. dirigisse dentro do quarto cinza que se via. Era uma versão mais luxuosa do quarto negro. Tinha móveis, uma cadeira, uma mesa, um pequeno relógio de jogador de xadrez -que muitos hóspedes tinham encontrado causa para amaldiçoar- tudo pintado ou estofado de cinza monocromático. As formas do mobiliário eram exageradamente simples, como a instalação de um artista para um museu: Estudo Em Cinza Pelo Pierre Moderno.

Quando entraram, a tela que exibia o quarto mais à frente estava ligada. Eric se deteve



diante disso, sua respiração apressando-se indevidamente fora de seus pulmões. Grande como a vida, a tela mostrava a imagem de Charity em tempo real, com os olhos muito abertos e nua, suspensa de uma trama de couro e correntes. As correntes estendiam suas extremidades e levantavam seus peitos ao devorá-la ligeiramente fora da vertical. Inclinação para frente, ela parecia como se ela nadasse acima através do ar. Seus mamilos estavam afiados e vermelhos, as curvas interiores de suas coxas brilhando pálidas na clara luz brilhante. Os cachos de seu pêlo púbico se aferravam juntos em pequenas pontas molhadas.

Os dedos do pé do Eric se dobraram no tapete de lã de seda, sabendo simplesmente por olhar que ela pendurava no nível perfeito para que um homem de sua altura deslizasse dentro. Seus joelhos nem sequer teriam que dobrar-se.

Indubitavelmente consciente disto, as mãos do B.G se situaram nos ombros de Eric desde atrás. -Ela parece estar adaptada a esse arnês. Nenhuma briga, a não ser sinais definitivos de excitação aumentado. Imagino que sente não ter tomado seu prazer com ela ontem à noite. Se você o tivesse feito, então você não a desejaria tanto agora.

- Se o tivesse feito, então poderia ser castigado ainda mais. Poderia me haver excluído de ver isto.

- Me alegro de escutar que você lamenta a perda.- A mão de B.G deslizou dos ombros de Eric e abaixo de seus braços, terminando por empunhar seus pulsos justo como Charity estava algemada. Sua boca pressionando perto da orelha de Eric.- Está certo, entretanto, que tudo isto seja realmente um castigo?

-B.G .,- Eric implorou sem uma esperança no mundo por misericórdia. Verdadeiro para formar, a carícia de B.G se moveu para suas costas, as pontas de seu dedo jogando ao longo dos canais da coluna vertebral de Eric. Despiram-se antes de vir aqui, com uma intimidade que Eric sempre gostava, até se o deixava exposto. Aproveitando-se de sua nudez, B.G. situou seu eixo ereto entre as nádegas de Eric, enchendo sua divisão com um pulsante calor. Posicionando-o então como ele queria, envolveu Eric em seus braços.

Apesar da frustração de Eric, apesar de seu sentido de deslealdade, o abraço foi tão bem-vindo como se não tivesse sido tocado em anos. Ele esperava que o que fosse que B.G. estivesse a ponto de fazer não saísse o tiro pela culatra.

Os lábios de B.G se aproximaram o suficiente para que sua respiração fizesse tremer o cabelo de Eric. - liguei a câmera para nosso lado, -ele avisou, causando que a nuca do Eric tremesse de deleite. - Charity vai ver o que acontece quando seja empurrado muito duro para se conter. Ela vai compreender até onde te empurrar.

Ele se afastou caminhando enquanto Eric combatia um gemido, golpeando o interruptor que punha a seu quarto fora do modo privado. Logo tirou um par de grilhões do couro de uma pequena caixa cinza na mesa cinza.



Teria sido mais fácil para Eric se ele não tivesse visto B.G. mover-se. Seu amigo era mais sedutor quando estava nu. Nada mais fazia justiça a elegante harmonia de suas extremidades. Contra a cortina de fundo cinza, as cores de sua pele eram vívidas. Seu pênis, levantando-se de seu abdômen limpamente barbeado, pulsava duro e alto. Ele estava tão duro como Eric jamais o tinha visto, certamente mais duro do que ele usualmente estava ao princípio de um jogo.

Eric sorriu lobinamente, supôs, porque seu velho amigo vacilou e franziu o cenho.

-O que? Ele demandou enquanto Eric oferecia seus pulsos.

- Pensava que não sou o único que acha a presença de Charity inspiradora.

O cenho franzido de B.G se aprofundou. -Suba em cima dessa cadeira, - disse, deliberadamente ignorando o comentário. - vou amarrar seus pés.

A cadeira tinha um ângulo com forma de L com um sob respaldo e braços. Eric poderia apoiar a parte superior de seu corpo sobre o extremo sem que a vista de sua câmera fosse bloqueada.

- Melhor que me lubrifique,- ele disse, obedientemente esticando-se posicionando-se sobre seus joelhos. Seus braços estavam o suficiente compridos para aplanar suas mãos no piso. - não estou seguro de que possa apertar a esse monstro sem uma tonelada de lubrificante.

B.G. aplaudiu sua anca com as algemas do couro. - Sabe que sou imune à adulação. Agora se comporte, ou isto será mais duro.

- Amo-o mais duro,- Eric disse, algum diabo o fazendo brincar. -De fato, um dia vou te amarrar para que assim possa ver quão bom é mais duro.

B.G. realmente ficou sem fôlego. Em todas as aventuras eróticas dele e de Eric, nunca tinha deixado o controle formal. Eric poderia ter estado na parte superior às vezes, mas nunca com uma verdadeira mão de látego. Para o prazer de Eric, B.G. não se recuperou imediatamente. Seu persistente choque se exteriorizou em suas sacudidas enquanto ele deu volta ao redor para onde os braços de Eric envolviam a cabeça da cadeira. Três intentos foram requeridos para assegurar seu primeiro pulso.

A descompostura de seu superior fez Eric rir. B.G. teve que ajoelhar-se e beijá-lo antes que ele se detivesse. Como sempre, a magia de sua boca recordou a Eric quem era o chefe. Seus operários puxaram automaticamente dos grilhões, querendo tocar ao B.G ., desejando puxá-lo para perto.

-Xiii,- disse B.G. Pondo tranquilizadores dedos sobre seus pulsos. -Não machuque a você mesmo.

-Me beije outra vez,- Eric demandou, agarrando a madeira em lugar disso.



-Ela observará,- B.G. advertiu.

-Ela quer ver,- Eric retornou.

B.G. vacilou só um momento antes de beijá-lo comprido e lento. Eric não pensou que fosse sua imaginação que seu velho amigo pôs um pouco mais do que antes. Eric estava ofegante quando ele se afastou, e as bochechas de B.G estavam rosadas. Vire seu rosto à câmera,- ele disse como se negasse que Charity também estivesse vendo-o. - quero que nossa convidada veja tudo.

A câmera estava instalada diretamente por cima da tela. Olhar nisso era olhar a Charity. Seus lábios se moviam, mas o áudio estava desligado. -Sinto muito, poderia ter dito. Eric sorriu e negou com a cabeça. -Nenhuma desculpa era necessária. Ele estava muito perto, exatamente onde desejava estar.

B.G. viu seu mais velho amigo trocar olhadas com a convidada mais nova e pensou que era irônico recorrer a estas janelas falsas quando tudo o que estava entre as salas eram trinta centímetros de parede sólida.

Não realmente sólido, é obvio. A matéria era em sua maioria parte, volume sobre volume dele, muito além da fantasia da maioria dos laicos. Comparativamente falando, se o núcleo de um átomo fosse o tamanho de uma bola de tênis, a altura do Edifício Empire State seria necessária para suas órbitas, por isso só poderia haver uns quantos. Nesse espaço poderia conduzir mais que caminhões através dele. Considerando o vazio que era a matéria sólida, os humanos podiam ser também fantasmas – ou como fossem os fantasmas para ele. A compreensão do mundo de B.G. era o suficiente estranha para o público geral que ele algumas vezes se sentia despojado de um vínculo para conectá-lo a eles. Eric o fazia sentir-se real, e – curiosamente – assim também Charity fazia. Ela era exuberante e desordenada em sua trama, acesa e fodível. Ela articulou algo para Eric pelo qual Eric sorriu de modo reconfortante.

Considerando o calor que brilhava nos olhos de seu velho amigo, B.G. não estaria surpreso se ele estivesse meio apaixonado por ela já.

Seu estômago se apertou e uma repicagem de calor varreu seu rosto. Os hormônios, sem dúvida, e possivelmente uma quebra de onda de estresse. Se era tensão nervosa, B.G. ignorava-o. supunha-se que Eric se apaixonasse desta vez, supunha-se que encontrasse a companheira com quem ele finalmente poderia viver em uma relação estável, comprometida. Ultimamente, Eric tinha estado exibindo os sinais de um homem insatisfeito com seu estado. Havia amigos recém casados que ele não sentia como os via, longos minutos tristes passados a olhar fixamente para fora das janelas, suspiros quando pensava que ninguém poderia ouvi-los. B.G. tinha visto estes sintomas antes. O assombroso era, que não se desenvolveram muito antes. Em todo caso, ele sabia bastante bem o que significavam.

Eric necessitou a guia de um cavaleiro de lança branca de armadura brilhante. Ele podia negar a necessidade de proteger sua união com B.G., mas sem ela, não poderia ser feliz. Enquanto Eric era seu mais velho amigo, e um candidato muito pobre para lanças brancas – como



companheiros prévios tinham aprendido – B.G. tinha a obrigação de fazer o que pudesse para facilitar os desejos de seu amigo.

O desejo era, depois de tudo, uma fórmula que ele sabia como manipular.

Com isto em mente, ele deslizou a palma de sua ao longo das costas de Eric. Sua hóspede podia ver Eric em toda sua glória. Os músculos estendidos de seus ombros, resplandecendo agora com suor, eram os de um atleta entusiasta. Ele tinha os braços de um remador e as pernas de um ciclista, ambos chorando por ser acariciados. pouco disposto a resistir, B.G. sorriu ao ver o prazer esticando os dedos do pé de Eric. Ele nunca tinha entendido por que a força de Eric evocava sua ternura. Certamente, não deveria fazê-lo hoje – não com sua ameaça de manter amarrado ao B.G. ainda timbrando em seus nervos.

Essa tinha sido uma sacudida erótica imprevista.

Afastando a lembrança, B.G. recolheu seus fornecimentos e balançou uma perna para um ou outro lado da larga cadeira cinza. Ele estava atrás de Eric, um calor e uma ameaça que fez seu amigo esticar-se. Talvez seria difícil tomá-lo sem lubrificação generosa. Tenso ou não, ele notou que o olhar do Eric nunca vacilava de Charity – nem mesmo quando B.G. inclinou uma cauda de lubrificante sobre sua nádega.

O que fosse que apoiasse emocionalmente a fascinação de Eric, B.G. sabia que ele não deveria desperdiçar esta oportunidade. Ele, depois de tudo, tinha planejado desde todos os ângulos.

-Aqui está o acordo,- ele disse. - Cada minuto que você dure depois de quinze sem gozar é um minuto que você pode passar, sem supervisão, com Charity. Nenhuma regra. Nenhum limite. Nenhum observador. Vocês podem foder sem sentido se isso for o que você deseja.

A oferta não era o que esperava Eric. Ele mordeu seu lábio, já seja porque a idéia era tão atraente ou porque B.G. tinha começado a aplicar esfregando o lubrificante. B.G. não teve que recordar estender suas pernas. Eric conhecia muito bem o que exigia B.G. Ele estava, entretanto, ainda usando seu cérebro.

-Dez minutos,- ele rebateu em uma rajada de ar. - e cada minuto contigo depois disso vale duas com ela.

-Adulador.- B.G. deslizou sua mão ao redor para cavar as bolas do Eric. Seu escroto estava cheio e quente, contraía-se acima com a excitação. Um ruído invadiu a garganta de Eric. B.G. gratificado, correu um polegar suave sobre seu períneo.

Diante disto, Eric ficou sem fôlego e se retorceu.

-Enquanto respeito sua determinação para melhorar os termos,- B.G. seguiu, - temo que na realidade devo insistir em um mínimo de quinze. Por outra parte, estou disposto a admitir que



cada minuto sucessivo vale cinco com ela.

Eric levou um momento tremente para pensar.

-De acordo,- ele disse, - mas nenhuma mão ou beijo debaixo da cintura. Tem permissão só de usar seu pênis.

B.G. sorriu. Era um negocio difícil , mas uma com o que ele podia viver.

-Feito,- ele esteve de acordo e alcançou mais à frente do ombro do Eric para pôr para andar o relógio de jogador de xadrez.

Charity conteve seu fôlego na admiração. B.G. estava acariciando a si mesmo, introduzindo o lubrificante em sua ereção com puxões largos, prementes que desenharam seu sexo para cima e fora. diante dele, Eric ajoelhado no sofá, tremendo com repetidos calafrios como um cão molhado sob a chuva. Seu pênis estava inclusive mais duro que o de seu chefe, combatendo a gravidade enquanto se curvava vermelho e grosso sob seu abdômen. A dor de desejar deslizou através de Charity em ondas rodando. Por estar ali... Por tocá-los por si mesmo

Suas correias a sujeitavam muito firmemente para fazer mais que crispar-se. Ela inclusive na poderia encrespar suas mãos em punhos.

-Não são formosos?- Sylvia murmurou, seus dedos emplumando friamente abaixo do quadril de sua prisioneira. - Você pode ver quanto querem um ao outro, quanto gostam de brincar. É difícil imaginar a alguém alguma vez interpondo-se entre isso.

Charity não esbanjou saliva respondendo. Ela suspeitava que queria interpor-se entre eles em uma forma diferente da que Sylvia dizia.

Para Eric, o momento em que B.G. pressionava primeiro era sempre poderoso. Ele não sabia como ficar em guarda contra a sensação de rendição, a forma que o fazia sentir-se perdido. Seus nervos zumbiam com prazer enquanto seus músculos se apertavam e logo sucumbiam. O suor desceu rodando pelos braços os quais estavam atados muito bem para fazer mais tensão.

B.G. tinha lubrificado como o inferno a ambos. Embora o ajuste era justo, ele o colocou.

- Relaxe, Eric disse a si mesmo. Pode fazer isto pela Charity.

B.G. grunhiu quando chocou na metade, um som prazeroso que era tão incitante como familiar. Lentamente, deixando Eric sentir cada polegada, ele retrocedeu lentamente pra fora outra vez. Ambos estremeceram quando a coroa de B.G. devorou o cerco apertado de Eric. Quando B.G. falou, as palavras chiaram.



- Darei uma vantagem,- ele disse. - Não irei pela penetração completa até que cheguemos à marca de cinco minutos.

Eric engoliu diante do que B.G. tivesse dito. Charity viu seu pomo de Adão oscilar. Ele tinha fechado seus olhos, virando-os fechados do mesmo modo que seu rosto virou teimosamente para ela. Em cada impulso, os músculos em suas pernas ficaram tensos. O áudio estava desligado, mas ela sabia que ele tinha que gemer. O pensamento fez a sua própria garganta arder.

Era difícil de acreditar que ele pudesse agüentar essa excessiva estimulação.

-Diabos,- Maurice amaldiçoou admiravelmente ao lado dela. -Esses dois dão um novo significado à tortura lenta.

A mão do chofer estava entre suas pernas, brandamente, quase ociosamente, acariciando seus lábios. Sua ereção, apanhada pela elasticidade de suas calças curtas amarelas, pressionava a pele por cima de seu quadril. Apesar da dureza de sua voz, o rugido de seu sangue quase o afogou fora. Quando Sylvia beliscou seu glúteo, justamente se sentiu bem.

B.G. soube o momento no que lhe deu à próstata do Eric, até sem a esfregação do pequeno inchaço sob sua ponta. O gemido de Eric subiu meia oitava e suas costas se arquearam dura. B.G. duvidava que Eric tivesse a intenção de fazê-lo, mas a mudança na posição correta deslizou tão profundo que se realizou completamente. Sua excitação aguilhoando, B.G. gemeu sobre o músculo sólido do pescoço de Eric. A pele de Eric estava febril.

-Se acalme,- B.G. reclamou, puxando e afundando-se outra vez. - Se você tentar impedir o prazer, sentirá até mais. Deixa-o correr através de você. Deixa-o te encher e logo depois sair.

-Não posso,- Eric ficou sem fôlego. Não posso ser como você.

Ninguém podia ser como B.G. Ninguém poderia esfregar simplesmente o lugar que precisava ser esfregado no minuto que necessitava. Ninguém poderia fazer à pressão mais leve uma tortura divina. Eric não sabia o que o relógio mostrava, nem podia dizer quando tinha começado ele a respirar junto com B.G.

-Não há volta ,-não se acalmou seu algoz. – No caminho de volta. Simplesmente relaxe.

Mas Eric não se sentia depravado. Eric se sentia como se ele perdesse sua razão.

- Quero-a,- ele disse, apertando os dentes contra um golpe perfeito.

-Não me faça gozar antes do tempo.



Aparentemente, os dois estavam ébrios de luxúria. A resposta do B.G. fez a sensação tão pequena como a demanda de Eric.

-Você a terá,- ele disse, uma mão deslizando abaixo do peito do Eric com os dedos estendidos como uma estrela de mar. -Você lhe fará tudo o que queira.

Fiel a seu acordo, B.G. não o tocou debaixo da cintura. Ele deixou sua mão em seu peito e se manteve firme. Embora estivesse sem tocar, o pênis de Eric se sentia como chumbo, cada impulso um murro dentro dele. Ao mesmo tempo, as semanas de esperar se acrescentaram. Ele não podia concentrar-se sobre algo exceto conter-se, e sua boca correu beijos nele como consequência.

- Desejo-te, também,- ele disse. - Quero tomá-la com você. Quero que nós a atemos e a fodemos desde atrás enquanto ela lhe fode pela frente. Quero-te indefeso entre nós. Quero que goze até que chore.

Seu corpo se apertou na reação por suas palavras. A pressão que surgiu ameaçadoramente do clímax aumentado.

-Maldição,- B.G. estalou, repentinamente acelerando o passo.

A mudança pegou Eric de surpresa, o suficiente para que ele não soubesse o que tinha ocorrido por outros três golpes estralando. Então soube: B.G. tinha perdido o controle. Indubitavelmente tratando de recuperá-lo, ele alcançou ao redor dos ombros de Eric, suas mãos deslizando laceradoramente aos pulsos de Eric. A tática teria surtido efeito se Eric não tivesse reconhecido o que estava ocorrendo e se armou de valor.

- Darei o controle a ela,- ele disse, captando sua oportunidade. - Darei a ela um consolo e te chuparei completamente. Deixarei ela te surrar como Sylvia. logo que goze, faremos você gozar outra vez.

-Foder,- B.G. grunhiu, tamborilando mais duro, cada golpe deliciosamente rude. Seu pênis era como pedra quente. -Não faça –

-Amarrado,- Eric insistiu, cortando o que fora que B.G. tinha pretendido dizer. Estando pendente por um fio, ele cravou as unhas em sua mão.

- Apanhado. Nada que fazer a não ser tomar o que lhe concedamos. Fodido em cima, Benjamin. Fodido dos pés a cabeça.

Eric não soube se foram as ameaças ou ouvir seu nome de batismo, mas B.G. abriu passagem à força pela beira. Seu fôlego saiu rapidamente enquanto seus quadris se entupiram para frente, seu corpo tremendo com o comprido clímax.

A única coisa que salvou ao Eric foi que B.G. perdesse completamente sua delicadeza.



-Meu Deus,- ele ficou sem fôlego contra o pescoço de Eric. Ele ficou lá um minuto frouxo, doce antes de puxar livre. Mesmo com a pausa para recolher sua respiração, sua primeira tentativa em levantar-se falhou. Eric sorriu abertamente enquanto seu chefe morto em grande número se viu forçado a sentar na beira da cadeira.

Ele olhou ao relógio , logo ao Eric, obviamente ficou perplexo por como lhe tinha dado o troco.

Eric tentou não ver-se muito alegre sobre o fato que ele estava ainda duro como o inferno. Seu intento de modéstia devia ter fracassado, porque B.G. riu.

-Bem,- ele disse. -Por essa atuação, tenho que inventar uma recompensa inteiramente nova.

Capítulo Dez

Nenhum homem alguma vez tinha considerado Charity na forma que Eric fazia, como se ele fosse passar no meio do inferno para tê-la. Talvez ele tinha passado no meio do inferno. Ela não teria adivinhado que poderia resistir a alguém com quem ele tinha tanta química como B.G.

Ele não tinha chegado ao clímax. O rubor em seu rosto e peito era evidência disso – até sem o estado apertado duramente de seu pênis. Aqui estava um homem que brilhava em condições de descolar em um fôlego. Embora ela não soubesse a razão, sabia que ele se conteve por ela.

Apesar disto, ele ficou na soleira. Ela pensou que a camisinha que colocou antes de entrar era um toque agradável.

-Fora,- ele falou com voz áspera a Sylvia e Maurice. -e desliguem a câmera em seu caminho.

Sylvia parecia que queria discutir, mas Maurice tomou o assunto fora de suas mãos. -Não te culpo,- ele disse alegremente, abrindo e fechando um painel camuflado que continha os controles. - Tenham alguma diversão extra por mim.

Piscou o olho a Charity, parodiando disparar uma arma um pouco mais abaixo do que a gente usualmente fazia. Quando Sylvia se esqueceu de se mover, ele a tirou arrastada pelo braço.

-Por que importa a ele?- A massagista vaiou de passagem. - Não é como se qualquer de nós pudéssemos observar o que esta gravado no sistema. Charity necessita que alguém cuide dela.

Charity não escutou a resposta de Maurice ou a respeito da preocupação pelas inquietações



de Sylvia. Ela sabia que estava mais segura com o Eric que com qualquer. Seu olhar estava magnetizado para ele enquanto fechava a porta. A forma de suas costas era uma cunha musculosa clássica, suas pernas tão agraciadas como as de um corredor de fundo. Superior a tudo, ele tinha o traseiro mais forte que ela alguma vez tivesse visto.

-O que se trata isto?- Ela perguntou enquanto ele dava a volta. -por que está aqui?

Seu peito se elevou e caiu duas vezes antes ele pudesse falar. - Temos uma hora.

-Uma hora?

-Uma hora para fazer o que for que queiramos sem testemunhas.

-OH,- ela disse, suas palavras sem passar completamente através da neblina de luxúria. Ela não podia deixar de olhá-lo fixamente de cima abaixo. Não estava segura de que a um homem lhe devesse permitir ter joelhos sexy.

- Ganhei,- ele explicou. - Porque fiz que B.G. gozasse primeiro.

Seu corpo entendido um segundo antes que seu cérebro, voltando-se quente e líquido. Seu tremor involuntário a fez rebolar nas correias. -OH,-ela disse. -Por favor vêm me beijar então.

Ele veio a ela em três largas pernadas, estreitando contra ele arnês e tudo. Esmagada pelo abraço premente, seu pau pressionou seu ventre como uma barra viva de aço.

- Te quero,- ele disse entre beijos se desesperados. - não acredito que possa esperar você tirar isto.

- Não me tire disso. Me possua justo em cima de você.

Ele tinha um gosto tão bom que ela teve que provar a si mesma. Ele gemeu, logo amaldiçoou, mas o arnês se moveu o suficiente para balançar suas pernas ao redor de sua cintura. Apesar da impaciência de ambos, ela teve que rir. A altura em que os grilhões a sustentavam poderia ser perfeita, mas seus braços estavam abertos como um espantalho.

- Okay, ele disse, ecoando de seu sorriso. -Talvez tenha que te desfazer um pouco.

Ela ronronou logo que ela pôde mergulhar seus dedos em seu cabelo grosso, quente. Um segundo mais tarde, uma inclinação de seus quadris a pôs onde ela desejava.

Ele se sacudiu com força enquanto sua ponta ardente se chocava com sua abertura. -Você está realmente molhada.

- Pois bem, estava olhando, grande tipo. Você e B.G. estavam quentes.



Ela podia dizer que gostou de escutar isto. -Meu Deus,- ele disse, suas mãos esticando-se em seu traseiro entre as correias. Ela pensou que a beijaria, mas em lugar disso chocou sua frente com a sua.- Olhe para baixo para nós, Charity. Me observe entrar.

Um acesso repentino de calor varreu seu corpo enquanto o fez. Ele estava apenas nela, a beira de sua coroa dura justo fora. Suas veias estavam escuras e inchadas na espessura de seu eixo, movendo-se visivelmente com seu pulso. Seu corpo se apertou e então relaxou como se não pudesse esperar para empurrar dentro dela. Ela nunca tinha visto um homem assim de duro. Ela estava tão excitada que logo que podia falar.

-Uau,- ela conseguiu respirar. - estou adivinhando um pouco que este será rápido.

-Sim.- Ele acomodou sua mandíbula e empurrou a metade dentro. Charity ficou sem fôlego com a sensação de plenitude. -Não posso fazer de qualquer outra forma.

Seu grunhido de entrada foi música autêntica para seus ouvidos. Querendo facilitar mais do que ela queria sua própria liberação, ela apertou suas pernas e tomou ao resto dele. Estremeceram-se ao unísono quando ele pressionou dentro.

O acoplamento se sentiu incrivelmente bem, mas não havia forma que ele pudesse ficar como estava por muito tempo. Em efeito, um batimento do coração mais tarde, seu agarre se desviou sobre seus quadris.

-Se segure,- ele disse, aliviando-a cuidadosamente de cima de sua longitude. - Sei que não posso durar. Simplesmente deixe ...tomar o que necessito, e você gozará no seguinte.

Mas, para ela, o seguinte era agora. Ela estava tão lubrificada como nunca tinha estado em sua vida, tão suave e úmida e na beira da dor. Ele não apressou a maneira em que ela esperou. Com incrível deliberação, ele se conduziu dentro dela: Os golpes profundos, suaves, perfeitamente tinham como meta tentar cada parte de seu sexo – e provavelmente cada parte dele.

- Moça,- ele ficou sem fôlego. - Carinho. Sim. Se aperte em mim assim.

Ela não podia o advertir. Estava sem fôlego. Mais seis impulsos esteve gozando, ou talvez foi o sexy burburinho em seu peito o que fez o truque. Quando ele a sentiu contrair-se, que fez para ele. Solto de qualquer necessidade de controlar-se, ele ficou selvagem e bombeou. As correias chocavam furiosamente juntas por cima de suas cabeças.

-Sim,- ele chorou. -Agora, Char..., ah –

Ele aspirou em um instante como se ele tivesse queimando, gozando em estalos o suficiente duros para sacudir seu esqueleto. O único som que ele fez foi uma exalação enérgica, mas a fez novamente e outra vez, acrescentando fora as angústias da liberação. O fôlego final foi comprido e silencioso.



- Charity,- ele suspirou, seus joelhos cambaleando.

Ele a conteve e a levantou para cima, fazendo-a ofegar, mas ele só deslizou um elo crucial fora do gancho principal do arnês. O aparelho estava disposto a fim de que soltasse a tensão nas outras correias, permitindo a seu peso ser elevado do piso. Fazendo isto Eric, continuou baixando-a sem escorregar o agarre por seu corpo uma vez.

Ela apenas se acomodou contra o mármore antes que ele começasse a mover-se entre suas pernas.

-Mm,- ele disse, tão duro como a maioria dos homens teriam estado para seu primeiro impulso. -Sim, levanta seus joelhos por minhas costelas.

Ela podia dizer que era mais prazeroso apesar de sua dureza, desfrutar da viagem em vez de correr veloz desesperadamente para seu fim. Ela se balançou ao mesmo tempo com ele, igualando-o impulso por impulso. Ele era alto para ela, mas em certa forma parecia ajustar-se. Ele os fez ajustar-se, empurrando-a acima sobre seus braços para assim poder inclinar seu olhar para a dela. Ele sorria cada vez que suas mãos jogavam ao longo de suas costas.

Seu ritmo rodava como se estivesse lubrificado.

-É tão bonita,- ele disse. - amo a forma em que seu rosto expressa tudo o que você gosta.

- Amo a forma que você faz tudo o que eu gosto.

Ele riu brandamente e se agachou para beijá-la, uma sucção vertiginosa e cativante de línguas. O som a fez ruborizar-se e molhar-se novamente. Quando ele levantou seu braço direito outra vez, seus bíceps inchando-se, desviou seu ângulo para captar um lugar de pressão mais sensível.

-Presumido,- ela brincou com uma dificuldade definitiva em seu fôlego.

Sua resposta só podia chamar-se arrogante

Ela o deixou terminar em seu próprio tempo, a questão decidindo-se com uma sobrelance levantada de sua parte e um assentimento premente da dela. Alegrou-se de que ele não insistisse em que gozasse primeiro, porque ela saboreou a cada segundo: Observando seu rosto voltar-se escuro, sentindo-o esticar-se, ver que seus olhos ficaram pesados com a sensação e logo apertar-se fechados.

Esta é confiança, ela pensou. Isto é nudez.

Ele a moveu a um lado quando ele tinha terminado mas não muito longe, afirmando sua cabeça em uma mão enquanto com a outra acariciava seu cabelo de seu rosto. Enquanto seus dedos se arrastavam sobre seu peito, a curva de sua boca era carinhosa. -Você sabe que vou



assegurar me de que receba o teu.

Não era uma pergunta, mas ela o reconfortou de qualquer maneira.

- Faço-o. Por isso vi, seu sentido da equidade está altamente desenvolvido.

Ele brincou com a fivela que sujeitava sua coxa. -está pronta para sair disto?

- Sim. Acredito que as correias poderiam enredar-se quando estiver acima.

-o que te faz pensar que te deixarei estar acima?

Claramente brincando, ele desfez suas ataduras bem gostosamente. Quando a última foi liberada, ela empurrou para trás e se agachou sobre ele como um gato a ponto de saltar ao ataque. Seus olhos cinza tormenta resplandeceram sobre ela, não menos ofendido por ser apanhado. Ela sabia que não seria muito tempo antes que ele se movesse outra vez.

-Você se relaxa,- ela instruiu, suas pontas dos dedos baixando desde seu peito suarento. - vou explorar todos seus não tão pequenos segredos até você se sentir sozinho .

- Bom plano,- ele disse - Então se estendeu da cabeça aos pés como se fora ele fora libertado da escravidão.

Algun tempo depois, um barulho estridente, repetido trouxe para a cabeça de Charity uns centímetros fora do peito peludo do Eric.

-Se esse for seu "telefone celular", ela disse, sua voz mau articulada pela saciedade extrema, - não quero saber onde o estiveste escondendo.

Eric riu e a ajudou a afastar-se dele. Ela tinha que admirar sua habilidade para levantar-se. Só poderia tombar-se desajeitada no piso negro fresco. Até mais impressionante, ele caminhou a grandes passos para o painel onde Maurice tinha fechado a câmara.

Desta vez, ela jogou um melhor olhar ao que o acústico deslizamento a um lado revelou. Quando o fez, ela teve que suprimir um bufado. A tela de toque complicado parecia algo fora de um filme do James Bond.

Felizmente, os mísseis nesta aventura eram bastante mais divertidos.

Eric se inclinou mais perto para ver o que o computador dizia. - É o sistema de comunicação de Mosswood. Uma pessoa que chama do exterior. Alguém tratando de me localizar.

- Eu poderia haver dito isso,- ela disse, um braço se dobrou prazeroso sobre seus olhos. - dá-me vergonha admitir que não disse a ninguém que estava aqui.



Sua rápida inalação lhe disse que isto o assombrou, mas ele não a repreendeu. Com todo o fundo verificando que ele tinha feito, devia ter sabido que ela não tinha o tipo de amigos que poderiam fazer muito por ajudá-la se metia em água fervente.

-Chama a alguém,- ele disse com uma seriedade comovedora. – Nem que seja para regar suas plantas. Pode lhes deixar saber onde está sem quebrar seu acordo. Enquanto isso, B.G. pode fazer preparativos para reenviar suas chamadas. Ele tem um serviço que marca mensagens. Ninguém espera que esteja completamente isolada.- Lhe sorriu abaixo onde ela jazia, obviamente caída por sua experiência sensual. - Desde que está fora da linha da câmera, me faça um favor e não levante.

Isto não era um problema. O melhor que Charity podia fazer era rodar sobre seu flanco para observar.

Quando Eric pressionou um controle, a tela deu um golpezinho à vida com a imagem de uma mulher em um caro traje Ann Taylor. Seu verde caqui discreto tirava luz o vermelho em seu corte de cabelo liso. Sua maquiagem era simplesmente tão sutil, e de uma vez tão adular. A única jóia que usava era um colar de pérolas. Charity estava disposta a apostar que vieram de ostras verdadeiras.

Apesar da tensão que agarrou seu pescoço, ela não teve muita oportunidade para estar ciumenta. Um olhar no rosto da mulher lhe disse que ela e Eric eram familiares.

-Meu Deus,- foram as primeiras palavras que saíram da boca da mulher. –O que aconteceu a sua camisa?

- E olá para você, também, Sis,- Eric resmungou em voz baixa.

- Não fale entre dentes,- ela disse. -Esta é uma chamada importante.

- Estou descamisado,- ele enunciou, -porque me chamou sem ser anunciada.

Seu rosto perfeitamente definido olhou sisudo à câmera. Ela parecia olhar com atenção a seu redor desconfiada. -É esta linha segura? Preciso te falar em particular.

Eric suspirou e arrastou sua mão através de seu cabelo. – É melhor que seja bom, Dana. Você está atualmente interrompendo os melhores sessenta minutos de minha vida.

-São duas e trinta em uma quarta-feira!

-E seu ponto é...?

- Por Deus, Eric. Não pode manter fechado seu zíper absolutamente?

A forma Eric enrolou suas mãos tentando a Charity a retorcer-se através do piso e lhe



reconfortar.

Claramente esforçando por se controlar, ele desenroscou seus dedos e pressionou uma palma para o lugar entre seu peito e seu ventre. - assumo que você realmente quer falar comigo e não está tratando de me fazer desligar o telefone.

-Me devolva a chamada,- sua irmã disse agudamente. - No trabalho. Quando estiver sozinho.

Ela cortou totalmente o sinal sem um adeus.

- Hm,- disse Charity, tratando soar leve. - percebo um pouquinho de rivalidade de irmãos.

- Tento endurecer com minha irmã, e está correta. Merda. Queria nossos últimos dez minutos.

Sua expressão estava aduladoramente próxima a um aborrecimento. Charity tirou suas mãos, deixando-o ajudá-la a levantar-se. O melhor então pareceu ser abraçá-lo. Ela estava correta porque ele imediatamente colocou sua bochecha em seu cabelo.

-Sinto muito,- ele disse. - Eu em realidade deveria retornar a chamada. Dana pode ser grosseira, mas provavelmente é importante.

O tabuleiro de comando do B.G. faz a todos saltar através de aros para chegar ao final.

- Isso está bem. Não estou segura que pudesse me mover de novo de qualquer maneira.

- Não teria tido que fazê-lo. Desfrutava simplesmente estando ali.

Ela sorriu a isso, e ele inclinou sua cabeça por um beijo.

-Mais tarde,- ele disse. -Prometo.

Ela meneou seus dedos em despedida, mas seu estado de ânimo já tinha caído . Ela tinha ouvido essas palavras muitas vezes antes. Só estranha vez eram verdadeiras. Se isso não fosse o suficientemente mal, Eric tinha exatamente ao tipo de irmã que ela mais temia, o tipo de irmã que olhava a garotas como ela como fiapo de suéter – não odiosa, exatamente, mas sim definitivamente uma vergonha para ser tirada a força.

Era sozinho também que Eric tinha pedido que permanecesse fora da vista. Ela não queria imaginar o que haveria dito Dana se tivesse visto para quem seu irmão baixou o zíper.

Os aposentos de Eric eram quase tão reservadas como as do B.G.. Embora as dele estivessem localizado por cima da terra, as janelas abertas sobre o bosque circundante em vez do vestíbulo. O quarto estava tranquilo, mas depois de ter passado a última hora com Charity, estava



também muito mais vazio.

-Sim,- ele disse em voz alta, passando suas mãos por seu cabelo.

Ele tinha melhor critério que fazer isto. Ela era uma convidada. A convidada do B.G.. Assim toda, sua mente – não – sua pele voltou a recriar seu toque enquanto ele fazia amor com ela essa segunda vez. Suas mãos foram ternas e compassivas. O tato delas havia deslizado através dele tão profundamente como qualquer orgasmo.

Ele tratou de dizer a si mesmo que ela era muito vulnerável. Ele conhecia sua história. Ela havia tocado a homens dessa maneira antes. Charity saltaria primeiro e olharia depois. O amor não a quebrantaria, mas tampouco a faria arder. Ela o necessitava muito para esperar a estar segura. O carinho deste dia poderia desaparecer amanhã.

Sua lógica, embora fora de toda dúvida, não o ajudou. Até na quietude de sangue-frio de seu quarto, ele sabia que queria mais do que tinham compartilhado.

-Tolice,- ele disse, logo trato resolutamente de alcançar uma camisa e calças jeans. Não podia tratar com isto agora. Tinha que ter sua cabeça o suficientemente clara para retornar a chamada a sua irmã. Seja o que for o motivo que ela tinha chamado por telefone, falar com a Dana tendia a requerer mais da metade de seu discernimento.

Desde que ela tinha se formado em Georgetown, ela tinha trabalhado para o governo – a Secretaria de Fazenda, para ser exato. Ele nunca tinha estado seguro precisamente do que ela fazia, exceto que envolvia levar as contas. Ele sabia que ela era melhor nisso que seus colegas. mais de uma vez, ela tinha sido promovida, cada progresso marcado por fazê-la trocar seu guarda-roupa e seu carro por versões mais caras dos mesmos artigos conservadores. Eric não entendia este modo de celebração, mas parecia satisfazê-la. Se ela tinha uma vida pessoal, pensava que era muito pessoal para discuti-la com ele.

A vida pessoal dele, por outra parte, ela se considerava a si mesmo plenamente capacitada para opinar sobre ela. Ele sabia que ela seria mais feliz se ele estivesse certo, mas o único pecado que ela desaprovava em seu rosto era sua "inconstância" – B.G. sendo, segundo ela, a personificação desse traço. Tudo o que ela considerava mau no Eric jogava a culpa nele.

Ou por isso é que ela dizia a si mesmo que ela não gostava de B.G. A verdade era que a irmã mais velha do Eric nunca tinha conseguido superar a sua intimidação adolescente pela genialidade do moço. Dana precisava ser a única e todos voltassem a vê-la com respeito. Dana necessitava um mundo onde a ordem e a responsabilidade fossem apreciadas sobre tudo. B.G. quebrou cada regra em que ela acreditava , como ela dizia, obscenamente recompensado .

O aviso de que o mundo não era como ela desejava nunca seria uma pílula fácil para que Dana devesse engoli-la.

Sabendo isto, Eric preparou a si mesmo para ser paciente enquanto marcava em seu



telefone celular. Sua resposta insolente não lhe fez fácil conservar a calma.

- Por fim!- Ela disse como se ele a tivesse feito esperar horas. -em que diabos está seu anormal chefe agora?

O telefone em sua orelha, Eric estava recostado contra os travesseiros de sua cama. -Sabe algo, Dana? Você não tem treze anos de idade mais . É hora de parar de se referir ao amante de seu irmão como um fenômeno.

-Sinto muito,- ela disse, ouvindo-se o menos um pouco. - Estou simplesmente aturdida. Os homens de trajes me visitaram. A CIA, acredito. Eles ostentaram seu vão o suficiente rápido. Fizeram toda classe de perguntas a respeito de seu chefe – como se eu conhecesse algo sobre ele.

-Isso não tem sentido. Eric ignorou a implicação de que somente saber sobre seu amigo fosse causa de escárnio. - B.G. tem relações no governo. Deixa cair algumas, mas o faz. Se tivessem perguntas, seus contatos as poderiam ter levado diretamente a ele.

- Tudo o que sei é estiveram muito suspeitos a respeito de algo ao que ele se dedicou recentemente, provavelmente algo com aplicações militares. A coisa mais estranha é, que queriam saber se você tinha mencionado ver alguém com roupa passada de moda.

Eric bufou através de seu nariz. -vais ter que ser mais específica que isso.

- É tão ridículo que odeio repeti-lo, mas parecem acreditar que Mosswood tem fantasmas.

-Fantasmas?

- Não me pergunte por que acreditam isso ou por que lhes importa. Sinceramente duvido que a atividade paranormal seja sua preocupação central.

Quanto ao que é, não explicaram mais do que estou dizendo – o que é ridículo quando considera que era comigo que eles falavam. Se fossem preparados, me suplicariam por ajuda. Ninguém é melhor para rastrear atrás do dinheiro que eu. Mas só se mantiveram perguntando se pensava que seu chefe era um americano leal.

Eric mudou o telefone para sua outra orelha. -O que você disse?

- Disse que a última vez que tínhamos discutido sobre política ele tinha seis anos de idade, e certamente não me incomodei em tomar nota. Eric, se B.G. está envolvido em algo, algo, por favor diga que seja cuidadoso. Estes homens eram sérios.

- Direi,-disse Eric, - mas a menos que estejam preocupados com seu estilo de vida, não posso sondar a respeito do que os aborrece. O trabalho que ele faz é primordialmente teórico. Outras pessoas o convertem em tecnologia. Em cima da qual, ele é muito cuidadoso a respeito da segurança. Até eu não conheço os detalhes de seus projetos.



-Você tome cuidado, também,- Dana insistiu. - sei que você ama ao pequeno fenômeno, mas não há ponto em deixá-lo te arrastar à ruína.

Eram ocasiões como esta quando Eric se perguntava se uma nave alienígena tinha deixado cair a sua irmã no ninho familiar. Apesar das lições de compaixão que sua mãe tinha tratado de inculcar, pensar sobre a colocação de afeto ou mesmo de seguir as regras não ocorria a Dana.

-Obrigado,- ele disse através dos dentes apertados, Sabendo isso em sua fodida forma que ela estava preocupada. - chamarei de novo se ouvir algo.

Ele não o queria dizer, mas a promessa a reconfortaria. Isso, ele tinha descoberto, era freqüentemente a melhor forma de tratar com irmãs difíceis.

Capítulo Onze

Charity dificilmente era a garota do pôster do Eddie Bauer. As plantas com as que ela se sentia mais cômoda vinham em vasos de barro. De todos os modos, sentiu uma necessidade repentina estar ao ar livre. Tudo tinha acontecido tão rapidamente. Deixar Future-Tech. Vir aqui. Deitar-se com o Eric. Charity poderia ser "aventureira," mas qualquer garota precisaria limpar sua cabeça depois de tudo isso.

A camisa e as calças do Eric estavam ainda em seu quarto da noite anterior. Resistindo a tentação de tomar emprestado, ela colocou sua calça de brim mais cômodo e sua camisa. Alegrou-se de ter tido a previsão para empacotá-los. Ninguém podia ser um gatinho sexual todo o tempo.

Felizmente, ela não teve problema para deixar a casa. A segurança, parecia que, em sua maioria envolvia o perímetro de Mosswood. O clima de fora era uma névoa chegando quase a garoa, o suficiente fria para fazê-la se encolher em sua blusa encapuzada azul. Ela seguiu caminhando a passo plano o caminho trilhado além da piscina do reservatório, através de um pequeno trecho de grama, dentro do bosque. A presença de camas e bancos de madeira fixos lhe disse que não havia probabilidade de perder-se. As pessoas deveriam andar por aqui. O caminho provavelmente fazia um circuito através das árvores.

Esta hipótese e a quietude tiveram um efeito bem-vindo aos seus nervos. Assim que o que aconteceria se ela estivesse muito atraída pelo Eric? Pela primeira vez ela poderia pensar quanto tempo, ela se sentiu tranqüila.

Estou bem, pensou. Posso dirigir este jogo.

Um descanso nas árvores pelo caminho revelou um longo vale , coberto totalmente de pinheiros. A névoa estava mais espessa em seu ponto mais baixo, uma nuvem condensando-se



perto da terra. Abrigada até agora pelo bosque, tinha esquecido que um mundo inteiramente grande estendia lá fora. O lembrete encorajou-a a conservar a cabeça direto a frente. Seus problemas eram pequenos no esquema das coisas. Um pequeno elétron, B.G. poderia havê-lo dito.

Quando ela detectou que seu anfitrião estava sentado sobre um tronco diante da paisagem, inclusive não a surpreendeu. É obvio que ele estava aqui. Sua presença era como no que Eric disse sobre pensar em alguém momentos antes que chamasse. De qualquer forma que a coincidência ocorresse, B.G. tinha suas costas para a dela e usava fone de ouvido. Ele não se movia pela música como ela tivesse feito. Em lugar disso, via-se como ele estivesse analisando o que fora que se reproduzia, muito enfocado para lembrar-se de desfrutar. Isso, mais que algo, a aguilhoou para intrometer-se.

Ela tocou seu ombro ligeiramente, logo se sentou ao lado dele quando ele se virou ao redor. O tronco talhado era grande o suficientemente para ambos.

-Charity!- Ele exclamou, puxando para baixo os auriculares ao redor de seu pescoço.

Porque ele parecia contente de vê-la, ela se inclinou o suficientemente perto para ouvir a melodia. Sheryl Crow estava tratando de lhe dizer que todos os dias eram uma estrada sinuosa. Charity sorriu. Sua vida recente certamente provava isso.

-Não sei, B.G., não teria adivinhado que tinha queda pelas garotas roqueiras.

-Eric me deu este CD,- ele disse como se ele não queria deixá-la no engano. – Estou aviando o que outras pessoas escutam, mas temo que o século dezoito é mais minha velocidade.

-M-M-Mozart?

Ele riu pela forma em que ela o disse. - Sim. E obrigado por se abster de interpretar o papel de estúpida.

-Sei, bem, só não me pergunte mais nomes de ridículos do século dezoito. - Agradada consigo mesma por adquirir um direito, ela chocou seu ombro com o dele. -Veio aqui fora porque Eric e eu estávamos juntos?

-É muito direta?

- Sim, sou. É difícil encontrar o que quer saber a menos que pergunte.

Ele encontrou a provocação em seu olhar, decisão movendo-se detrás de seus olhos. - Possivelmente evitava a você e ao Eric,- ele disse. - Geralmente falando, encontro mais excitante que incômodo observar Eric agir. Se vocês dois passaram um bom momento, estou satisfeito.



-Obrigado por nos dar a hora.

Em vez de indagar como foi, ele bateu o patch descolorido no tecido dos jeans sobre seu joelho. – Sabe, Charity, você é um presente que dá a conhecer às pessoas e por fazê-los sentir-se em casa contigo.

-Sei, os gatinhos sexuais voltam todos quentes e amaciados.

- Isso não é o que eu quis dizer, e acredito que sabe. Falando como uma pessoa que carece de contato com o povo, posso dar testemunho sobre o valor desse talento natural.

-A você parece funcionar tudo bem.

- Aqui talvez,- ele disse. -Aqui ninguém espera que eu seja normal.

Charity lançou sua mão respectivamente. - A normalidade está super valorizada - e é bastante estranha. Tive chefes na vida real os quais estavam assim de loucos comparados com você.

Ele sorriu a isto, um arqueamento privado de seus lábios com seus olhos inclinados para baixo. - Me diga, Charity: Você gosta de Eric? Você está satisfeita com ele?

Ela não se preparou para esta mudança de rumo. - Seguro, que eu gosto. Ele é... - Ela vacilou enquanto se precaveu que ela não tinha idéia do que recomendaria a “Senhorita Manners” responder ao amante de um homem com o que ela tinha passado a última hora pondo-o a suar. - Ele é um bom tipo.

-Um bom tipo.

- Um tipo realmente bom. Mas eu não devo, você sabe, ter inclinação por ele.

-Não deve.

- Não. Isso seria mais estúpido do que estou acostumada.

B.G. olhava com atenção nela agora, e ela desejou que ele voltasse a manter em privado seus pensamentos. Como se esta conversa exigisse até mais atenção, ele removeu os auriculares de seu pescoço e desligou a música. Ele se inclinou para frente sobre seus joelhos.

-O que? Ela disse, jogando involuntariamente nervosa com o zíper em sua jaqueta. O tronco cortado debaixo dela parecia mais duro.

- Pergunto-me por que diz que ter inclinação pelo Eric seria estúpido.



-Pois bem, né, ele é como o Verão em Hamptons.¹³

- e você é...?

- Virtualmente o lixo do reboque. Digo, Mamãe e eu nunca realmente possuímos um trailer, mas alguns dos lugares em que vivemos eram quase tão maus.

- Não é arcaica essa forma de pensar? Você não crê que as pessoas de boa qualidade possa vir de qualquer ambiente?

- É uma diferença cultural. Saber quais garfos usar, e em que negócios investir, e poder conduzir um iate.

B.G. franziu seu lábio inferior entre seu dedo médio e o polegar. Charity não entendia como poderia sentir-se tão defensiva quando ela estava completamente convencida de estar no correto.

- Concederei os garfos,- ele disse depois de uma pausa, -e o iate, embora não vejo que conexão tem tampouco sobre a conveniência de inclinar-se por alguém.

-Muito bem,- ela disse. - é inconveniente porque pareço uma calamidade.

Este comentário requereu que ele colocasse seu queixo em sua mão. Ele parecia à versão esbelta do Pensador. -por que diz que você parece uma calamidade?

-Agora qual está jogando qual é o mais estúpido? Você leu meu arquivo.

"Sim, e diz como a conta de vinte e quatro anos de idade com energia, inteligência, e não suficientemente direção.

- Sei. Você parece como meu orientador da escola secundária quando me dava nota baixa.

-Desaprova nossa disparidade de idade então?

A pergunta a sobressaltou embora ele tinha estado atuando um pouco tedioso. - De maneira nenhuma. Vocês moços têm, o que, trinta?

-e dois.

- Grande coisa. saí com homens mais velhos que isso - não é que você possa dizer tudo. Essas coisas a respeito de mulheres mais jovens decidindo-se por figuras paternas é antiquado. A metade das vezes, quanto mais idade têm, mas bebes são.

¹³ Hamptons é um balneário de luxo próximo à Nova Iorque, nos Estados Unidos da América com aproximadamente 74,431 habitantes.
Celebidades têm residências em The Hamptons



- Tomarei isso como uma advertência instrutiva.

- Não o quis dizer desse modo. Não penso que você alguma vez tenha a aparência de qualquer idade em particular.

Isto pareceu o divertir. -Você crê que sou imune ao tempo?

-Ou fora disso... Essa era uma piada de física, em caso você não o possa adivinhar".

Seus olhos se enrugaram o suficiente para lhe recordar que ele era um homem sexy - não é que ela pudesse esquecê-lo! - aprecio seu esforço por se comunicar através de nossa grande separação.

-Ah ha,- ela disse. -é bastante gracioso quando quer sê-lo.

Sem lhe dar uma oportunidade para ver o que vinha, ele cavou seu rosto, ficou olhando direto em seus olhos, e tocou com seus lábios os dela.

- Garota doce,- ele sussurrou contra sua boca. -Não é estranho que ninguém possa resistir a você.

Suas mãos eram o mais suave que ela alguma vez havia sentido, e seu beijo a atraiu tão brandamente que ela tremeu, uma resposta que se duplicou quando sua boca se arrastou lentamente abaixo de seu pescoço. Ela lutou por concentrar o suficiente para falar. - Assim é o caminho para te conquistar: Te dizer que entendo suas piadas.

-Quer me conquistar? Quer ser íntima?

Seus dedos procuraram sob a prega de sua camisa para riscar um círculo fazendo cócegas na base de sua coluna vertebral. Apesar do prazer que isto lhe inspirou, sua sensação de que ele simplesmente a tinha deslizado sob seu microscópio a fez puxar de volta.

- Por que está me perguntando isso? Ela demandou.

- Duvida que te desejo?

Começaram-se a olhar um ao outro durante o beijo, suas pernas automaticamente acomodando-se para aproximar-se mais. O que seu joelho chocou agora disse a ela que ele era perfeitamente capaz de tomá-la em seguida. Normalmente ela o teria deixado. Aqui havia uma distração perfeita do Eric. Mais ainda, ela desejava B.G. de volta o suficiente para pensar que seria entretido. É obvio, normalmente não teria estado beijando a dois tipos no mesmo dia, e definitivamente não quando ela o tinha tido um pequeno amor sério na primeira parte.

Sem importar quão estúpidos fossem seus sentimentos, e que nunca lhe importassem as regras do jogo, Charity acreditava na fidelidade em série.



O mais confuso de tudo, era que ela não estava segura do que procurava B.G. que lhe respondesse. Nunca tinha conhecido alguém tão difícil de ler como ele. Enquanto a emoção brilhava em seus olhos cor chocolate amargo, não podia haver dito que era a emoção. O instinto era tudo o que ela tinha para reger-se, e o instinto lhe dizia que sua pergunta era mais uma prova que um convite.

A sobrancelha esquerda de B.G. se elevou enquanto seu silêncio aumentava.

- Não sei o que você quer que diga,- ela confessou. - Se houver uma boa ou má resposta, tenho que te dizer nunca fui hábil nas provas. Sim, sinto-me atraída por você, e sim, penso que eu gostaria de fazer amor, mas você parece mais interessado no desesperado que está seu companheiro.

-Diz que não está desesperada por mim. - Como seu amigo, B.G. tinha uma forma de não fazer completamente uma pergunta. A diferença de seu amigo, ele podia fazer uma pergunta sem aparentar dano.

-Pois bem, como posso estar depois de passar a manhã com Eric?- Ela perguntou razoavelmente. -Isso é o que quer, não é isso? Por estar tão desesperada por você como estive por ele?

B.G. riu, mas parecia ser para si mesmo, alguma ironia privada da que ela duvidava que ele compartilhasse com ela. Ele esfregou sua mão através de sua boca para apagar a perda de controle. - A resposta para isso é sim e não. Apropriadamente quântico, você poderia dizer.

Sua evasão a deveria ter incomodado. Em lugar disso, seu peito se espremeu com simpatia. Não importava que ele fora milhões mais preparado e mais sofisticados do que ela era. Nesse momento, com esse sorriso pesaroso, ele parecia o moço gênio perdido que devia ter sido anos atrás. Tardiamente louca diante de Eric por havê-lo desagradado, ela alisou a única mecha de cabelo de sua testa.

- Poderíamos dar voltas ao jogo,- que ela sugeriu tentativamente. -Ver se posso pô-lo tão desesperado por mim como está por ele.

Ela se ruborizou logo que o disse, assombrando-se, e assombrando-o por distorcer a sua vez. Estava mal de sua parte sugerir que ele estava desesperado pelo Eric - especialmente quando ela esteve bastante segura que era certo?

-Me guarde Deus.- Ele riu outra vez ofegante. -Esquece o que disse a respeito de que faz sentir às pessoas cómodas.

- Poderia me dedicar a isso.

- Me fazer sentir cómodo?



Ela teve que sorrir abertamente enquanto ele oscilou em cima de seu regaço. -Não,- ela disse. - pensava que me dedicaria a te pôr desesperado.

B.G. não sabia como ela tinha virado o jogo tão rápido, nem pôde explicar por que ele consentiu. Ele sinceramente tinha tido a intenção de mantê-la enfocada no Eric, para apresentar-se nada mais como o guardião entre ela e ele. Em sua experiência, os obstáculos agudizavam os interesses. Podia uma hora que lhes tinha dado grátis significar tanto como uma pela que tinham lutado?

Incomodou-lhe que ele não estivesse mais seguro da resposta.

B.G. desejava-a, e ele era o Criador das regras. Não havia obstáculos para aguçar seu interesse. Ele a desejava simplesmente porque ela era amável e quente e beijava de coração. Ele sabia que ela podia representar jogos. Ele a tinha visto fazê-lo. Mas ela não os jogava com ele. Quando ela o envolveu em seus braços e o beijou, ele teria jurado que ela estava só fazendo o que desejava.

Não é possível dar sentido a suas respostas, talvez ele a desejava porque, em sua mente, pertencia ao Eric.

Incapaz de pôr sentido a suas respostas, ele deslizou suas mãos abaixo de suas costas e cavou seu traseiro perto. A pulsação de excitação entre suas pernas pulsou em contraponto com a dela. Assombrosamente, ao menos para ele, ele estava tão duro como tinha estado essa manhã antes de tomar Eric. O único fator que o impedia de obter sua meta de pô-la desesperada era que Eric o tinha deixado seco.

Era ela mágica, perguntou-se, seduzindo-o sem mais que honesto entusiasmo?

-OH, é um bom beijador,- ela disse, liberando-se para acariciar com o nariz sua garganta, a ponta de sua língua enviando saltos inexplicáveis através de seu pulso.

-Muito bom como disse Eric.

Ele reclamou sua boca outra vez, temeroso de ir onde suas palavras guiavam sua mente. Estreitando-a apertado, ele começou a rodar fora do tronco em cima do musgo e folhas enredadas. Ele ansiava pressioná-la na terra, avassalando-a só com resistência física - o mais simples, e o jogo mais antigo, no mundo. Ele era forte, seu corpo robusto sob suas curvas. Quando ela fechou suas panturrilhas bem proporcionadas detrás de suas coxas, seu apertão pico de sensações através de sua virilha.

Sentiu-se melhor sem ter qualquer razão para isso.

Amaldiçoando, ele empurrou sua mão sob o cinto de suas calças jeans descoloridas,



trabalhando-a além de seu traseiro para encontrar seu sexo. Ela fez uma classe nova de ruído quando seu dedo alcançou seu broto escorregadio. Ela nadava com excitação. Encantado pela descoberta, ele desenhava um caminho exploratório ao redor do pequeno inchaço, terminando na ponta do eixo. Não sabendo que tão sensível era, ele não esfregou, somente o pressionou ligeiramente com a gema de seu dedo. Seu fôlego saiu rapidamente contra sua bochecha.

Ele desejava sentir essa urgência outra vez quando ela gozasse.

- OH!- Disse uma voz que ele não se deu conta imediatamente que não era a dela. Que Charity começasse a retorcer-se para escapar deu uma pista.

A contra gosto, ele rompeu seu beijo e olhou para cima. - Sylvia,- ele ofegou, muito vexado de vê-la para simular de outra maneira. -por que está interrompendo quando não foste convidada?

A massagista ficou quase tão vermelha como estava quando Charity a surrou. -Eu... é que precisamente estava passeando.- Ela umedeceu seus lábios, seu olhar indo ao lugar onde sua mão enterrada tocava a Charity. Se ela desejava ser a proprietária da mão ou a vagina era debatível. - poderia ajudar.

- Estamos bem,- ele disse tão brandamente como pôde. -Vá passear em outro lugar.

Ela assentiu e jogou marcha atrás, parecendo mais afligida pelo que seu tom garantia, acovardada de um modo que provocou moléstia. Ele a deixou ir apesar de uma pontada de culpabilidade que ele sabia que ganhou.

Ele a tinha contratado de um spa em Vitória, ofuscou-se por suas mãos de ouro e sua óbvia submissão. Tinha parecido que tinha um montão de espírito para rebatê-lo, e tinha pensado que sua beleza delicada inspiraria ao resto de seu pessoal.

Infelizmente, logo que o jogo de Sylvia começou, ela tinha resultado ser áspera e pouco cooperativa com alguém exceto ele e Eric, rebelando-se em formas que não conduziram ao prazer de ninguém - muito menos ao dela. Ela parecia pensar que era muito boa para jogar com ajudantes. Até mais problemático, tinha um apego à dor além do que ele se sentia confortável administrar. Ao fim, não a podiam agradar, e ela não os podia agradar. Até brigava por tolices com Maurice, quem ela dependia para conviver bem .

Porque B.G. havia-se sentido mau sobre o fracasso de sua experiência, tinha cedido a sua petição para ficar. Agora ele se perguntava se isso tinha sido sábio. Ele se compadecia de sua estupidez, mas a menos que ele ou Eric a observasse como um falcão, ela parecia decidida a pôr seu pé equivocadamente.

Talvez, ele pensou, devo-a excluir de nossos jogos. Talvez a devo restringir aos deveres de seu trabalho oficial.



Quando retornou sua atenção a Charity, ela mordida seu lábio inferior. Embora ele achasse o gesto sexy, ele podia ver que o estado de ânimo estava perdido. Suspirando, ele puxou sua mão da dela e a deixou subir. Até seu corpo, ele soube que ele não deveria ter deixado sua luxúria sair velozmente de controle. Isso só poderia complicar sua atividade de casamenteiro. Irritado com ele mesmo, mas ainda incitado, ele observou que o encontro com Charity o que fica ela poderia estender-se desde seu cabelo e sua parte de atrás.

- Sinto muito,- ele disse, recuperando suas maneiras o suficiente para ajudar. - deveria ter sido mais considerado de sua comodidade.

Ela se via adoravelmente sobressaltada, suas bochechas rosa brilhante e seu cabelo despenteado. Seus lábios estavam inchados de beijá-la tão duro. Vendo-os, sua boca zumbiu. Quando sua cabeça se levantou de seus esforços de limpeza total, seus olhos brilhavam como ametista polida.

-Está bem,- ela disse. - Rodar por ali dessa maneira foi entretido. Só estou preocupada com Sylvia. Eric a despachou esta manhã. Entre vocês dois, penso que ela se sente desprezada.

- Sylvia conhece os termos de seu emprego. Ela tem liberdade de sair sempre que estão trabalhando.

Charity bufou. - Em certa forma duvido que estar livre a faça sentir-se melhor.

B.G. suspeitava que isto era certo, mas não queria Charity preocupando-se. -Como disse, ela sabe o que fazer se estiver descontente. - A forma em que Charity enrugou sua testa o deixou incomodo. Ele pareceu havê-la decepcionado. Talvez ela estivesse certa. Se Sylvia não encaixava, era seu enguiço por escolhê-la. Relutante a discuti-lo, ele estendeu sua mão.

- Voltamos caminhando para casa?

-Sim,- ela disse, a resposta saindo em um suspiro. - acredito que tive minha dose de grandioso ar livre.

Oferecer sua assistência foi um engano. Sua mão foi perturbadoramente pequena e quente, ficando na dele até depois que ela se levantou. O abraço simples o fez apertar-se por dentro e por fora. Não ajudava pensar a respeito de outros lugares que podia lhe sustentar, outros lugares que se sentiriam muito superior se nenhum deles vestisse roupa.

Não ajudou se perguntar como seria fazer amor completamente sem jogos.

- Estive me perguntando,- ele disse, esclarecendo-a voz enquanto se esforçava em devolver sua mente na rota, - se você estaria disposta a se envolver em um experimento.

Ela agitou suas sobrancelhas. -Isso depende que tipo de experimento.- Repentinamente ela deteve em seus passos, uma aparência de horror substituindo sua diversão. - OH, Meu Deus.



Espero que não queira dizer mais coisas de fenômenos paranormais, porque não me apresento realmente para isso.

-Não.- Ele pôs sua mão em seu ombro, estranhamente comovido por quão magra era aí. As mulheres eram criaturas fascinantes, sua natureza tão elusiva como as partículas diminutas que ele estudava. Com os homens era mais fácil estar, ao menos para ele, mas as mulheres possuíam um atrativo que nada mais poderia igualar.

-Não,- ele disse outra vez, sua voz suave a seus ouvidos. - Nenhum mais, os deslocamentos de tempo. Esses fenômenos, interessante tal como estão, não são algo que possa produzir a pedido.

Ela voltou seu rosto até o seu. -Diz como se desejasse que os pudesse produzir.

- Se pudesse- Seu olhar empanado em uma linha distante de árvores sobre os que estava um véu de musgo. - Se pudesse, queria dizer que entenderia mais do que faço até agora. Queria dizer que me aproximaria de controlar um estado de coisas com o potencial de ser arriscado.

- Eric jurou que isso não.

B.G. estremeceu-se a si mesmo. por que estava ele falando a respeito disto? Isto era precioso para estar discutindo seu trabalho mais secreto. - É sozinho potencialmente arriscado,- ele disse em voz alta. - Não realmente, até onde eu sei.

-Menino.- Charity deu uma pequena risada. Que maneira de ser reconfortante.

- Confia em mim, não está em nenhum perigo de ser acidentalmente sugada à Idade Média. Admitirei, entretanto, que quando o deslocamento do tempo ocorreu em sua presença, acoplado com o fato que você acertou a presenciá-lo, a idéia sugere que esta a ponto de me ocorrer .

Ele tomou um fôlego para guardar seu entusiasmo pelo tema sob controle então, ele seguiu. - É minha teoria que certas mentes estão mais abertas, e muito possivelmente são mais condutoras a acontecimentos quânticos anômalos. Alguma qualidade sem identificar em suas ondas cerebrais estimula os fenômenos para que ocorram.

-OH, Deus....

Ele sorriu com a forma que ela pôs os olhos em branco. - Como disse, a condição não é perigosa. Simplesmente quer dizer que você pode, pode, fazer o que cada ser humano faz mais eficazmente.

Com seus dedos empurrados em seus bolsos dianteiros, Charity apoiou um ombro contra uma árvore, olhando - agradecidamente - mais suspeita que espantada. Não podia saber, mas ela



realmente era uma estudante nata.

-O que faz a cada ser humano fazê-lo?

-Troca sua realidade com seus pensamentos.

Ele disse amavelmente, mas isso não ajudou.

-OH, sei,- ela disse.

-Tudo isso se resume ao eletromagnetismo,- ele seguiu adiante, sabendo que suas seguintes poucas frases seriam cruciais. - A energia eletromagnética é a coisa básica de força do universo, as mesmas coisas básicas de força de nossos pensamentos. Nossa matéria cinza, poderia dizer, falam o idioma de quarks. Antes que pergunte, não sou o único que pensa assim. Desde os finais dos anos setenta, muitos físicos acreditam que a consciência desempenha um papel em trabalhar a realidade física, essa atenção - por falta de um melhor término - pode manifestar-se como matéria ou acontecimentos através da ação de um campo enfocado EM. Como William James disse, o poder para mover o mundo está em nossas mentes subconscientes.

-Sei, pois bem, vocês os tipos da ciência se mantêm unidos.

- William James não era exatamente um - OH, não importa. A pergunta é, deveria descontar uma teoria que altera a vida potencialmente sem prová-la em você mesma?

Ela suspirou, e ele esperou que ele não tivesse sido tão fervente para havê-la afastado. Ele conteve seu fôlego enquanto ela arrastava seus dedos de novo através de seu cabelo. Ele tinha a forte suspeita de que o êxito de suas ambições para ela e Eric dependia da escolha deste momento.

-O que teria que fazer?- Ela perguntou cautelosamente.

Ele se esforçou por manter sua excitação separada de sua voz. -Somente praticar o pensar a respeito de você mesma em forma diferente.

-Em forma diferente como?

- Você teria que deixar de se chamar estúpida, em primeiro lugar. Teria que deixar de pensar a respeito de você mesma como uma desordem. É um ser quântico, Charity. Isso quer dizer que você contém todas as possibilidades, incluindo a possibilidade de ser maravilhosa.

"Ouch," ela exclamou com uma intensidade de desgosto que tomou por surpresa. - É esse absurdo pensar positivo. Minha mãe estava todo o tempo fazendo essas coisas, e me deixe te dizer, não funcionam por completo.

-Está certa disto? Ele disse. "Talvez ela não o fazia realmente -



- Eu faço,- ela interrompeu colericamente. - Apesar de saber que é um montão de lixo intelectual. 'Não é tarde, ' digo-me . 'Não é tarde.' E estou alguma vez a tempo? Acredito que não. Em lugar disso, sou a Rainha do Tarde.

-De maneira pouco natural tarde?- Ele disse, seu coração adquirindo um ritmo.

-Eh?

- O que você mesma se diz é só parte da equação. Onde sua crença verdadeira mente, onde você dirige sua energia emocional, o que significa mais. Wolfgang Pauli -ele foi um prêmio Nobel - ganhando o de física - e o psicólogo Carl Jung colaboraram neste mesmo tema. Concluíram que o componente emocional de pensar - o amor, a pena, o medo – Se compacta mais de um golpe forte que o pensamento a sós. São nossas as emoções que cortam através do mar de ondas de probabilidade, as paralisando no que experimentamos como a realidade. Se você temer uma coisa muito intensamente como chegar tarde, então você adequadamente a pode ocasionar.

- Vamos. Somente pelo que o tipo ganhou um prêmio não significa...

-Não é certo isso de que você chega atrasada mais freqüentemente do que parece estatisticamente possível? Não chega atrasada mesmo que tem feito tudo o que uma pessoa razoável faria para chegar a tempo? Ocasionalmente não parece que como se o universo estivesse em coalizão contra seu êxito?

-Eu...

Sua confusão foi sem preço, a forma de sua expressão comunicava o precisamente que tinha dado no prego. Ele sorriu, sabendo que ele a tinha agora.

- Uso estes métodos,- ele disse silenciosamente. - Ninguém entende como, uma e outra vez, saco de entre mãos soluções que outras pessoas geniais perdem. Entendo, entretanto: Que o faço porque acredito que posso. Emotivamente, sinto-me como se tivesse a resposta antes que a tenha.

-Mas você é um gênio,-ela disse, sua objeção débil. - Isso é o que fazem os gênios. Inventam coisas inteligentes.

- Se você conhecesse mais gênios, saberia que esse não é o caso. Alguns de nós são virtualmente inúteis.- Ele passou roçando seus dedos abaixo de sua bochecha suave de pomba. - Somente diga para mim uma vez: 'Sou um ser quântico, e poderia ser maravilhosa'.

Ela lançou para cima suas mãos. - Bom. Sou um ser quântico e, quem sabe, em algum universo alternativo, poderia ser maravilhosa.

Ele riu longamente com sua idéia de conformidade. - Bem. Estou menos que deslumbrado, mas você pode progredir deste ponto de partida.



Ofereceu a ela seu braço. Com uma careta de desgosto, ela tomou e começou a caminhar ao lado dele outra vez. O triunfo fez seus passos tão leves como o ar. Seu seguinte comentário não o incomodou mais o mínimo.

-Você conseguiu ser o gênio mais estranho alguma vez houve.

- Ouvi isso antes.

- Acredito que sim. É obvio, desde que eu gosto de qualquer maneira, pode ser que meu gosto em homens não seja tão pestilento como pensei.

-Agora isso é uma melhora..

-Não estava fazendo nada!

-Sim, fez.- Ele desfrutava por si mesmo muito para silenciar seu regozijo. - Enfrente, Charity. Não pode deter o processo agora. No momento que disse as palavras, sua vida começou a mudar.

Capítulo Doze

B.G.Grantham era um Svengali¹⁴ enlouquecido.

Sem qualquer assistência, Charity conseguiu chegar para almoçar a tempo, onde ela participou de uma conversa sobre os acontecimentos mundiais. A comida era outra vez só para os três, e B.G. e Eric estavam informados. De todos os modos, nenhuma vez ela deixou transparecer sua ignorância. Não importa que tema surgisse, dava a aparência de que ela, fortuitamente, tinha acertado em prestar atenção às notícias. Quão feitos usualmente escapavam estalavam em sua mente.

Era suficiente para fazer a uma pessimista comer seu chapéu.

Em uma oportunidade, B.G. lhe piscou os olhos diante de sua expressão resmungona. - Primeira que ruboriza do êxito,- ele disse. Mantém.

Porque Eric o olhou de esguelha, perplexa, ela assumiu que B.G. não tinha contado a ele sobre seu experimento. Ela estava tentada a negar que tivesse feito algo mais estava muito

¹⁴ Svengali é o nome de uma personagem de ficção no romance *Trilby* de George du Maurier, datado de 1894. O romance criou o estereótipo de um hipnólogo de mau caráter que persiste no tempo, com várias citações na cultura popular. O personagem foi retratado em várias versões cinematográficas da história no cinema mudo e no cinema falado



envergonhada para tirá-lo.

Além disso, tinha que admitir que tinha desfrutado não se vendo tão idiota por uma vez.

Para continuar acrescentando insulto à injúria, embora ela se atrasou e se recusou a observar o relógio, chegou cedo à entrevista que B.G. tinha programado para ela com Sylvia. Considerando o incômodo que se sentia por ver a massagista depois de seu encontro no bosque, sua pontualidade era adversa.

- O bastardo pôs um cubo em mim,- ela resmungou em voz baixa.

O cubo parecia como explicação perfeitamente racionais com a estranha habitação piramidal levantando-se ao redor dela. As paredes seguiam a forma da parte baixa de um lance de escada, com iluminação moderna suavizada debaixo de cada escala. O resplendor aumentava a atmosfera estranha. Ao chefe do Eric seguro gostava de seus arredores exóticos.

Quando Sylvia chegou a acondicionar sua mesa, sua disposição não era mais alegre que a de Charity. Em seguida, Charity se inteirou que B.G. tinha falado com a massagista de manhã, lhe ordenando realizar seus deveres sem "extras".

-Você teria pensado que dar uma volta seria um crime ,- ela soprou de fúria enquanto empurrava suas mãos mágicas acima do declive das costas de Charity. O óleo que ela usou cheirava a chá de jasmim. Assombrou a Charity que uma pessoa tão tensa como Sylvia pudesse fazer a alguém mais suave. -Ele nem sequer ouviu quando eu disse que foi um acidente.

-Sua decisão poderia ser temporária,-disse Charity. -Ele não dá a impressão do tipo de pessoa que guarde rancor.

-Ele é um chefe,- Sylvia declarou, como se ela quase não tivesse chorado quando ele a despachou. - Sem mencionar que é um homem. Lhe dê uma provada de poder, deixa-o descobrir alguns segredos, e ele se esquece completamente das pessoas humildes. Você e eu temos que nos manter juntas, Charity. Os peixes gordos como B.G. Grantham não podem ser confiáveis para que se preocupem conosco.

Charity não estava segura de estar de acordo, mas porque Sylvia estava fazendo algo que derretia a coluna maravilhosa pela parte de trás de suas pernas, ela não desperdiçou energias no debate.

- Bem, ele certamente não a despedirá,- ela disse dentro do travesseiro de seus antebraços. -Ele nunca encontrará outro par de mãos como as tuas.

-Jah!- Disse Sylvia, mas o elogio soou satisfeito.

Quando Eric encontrou B.G., ele estava em sua suíte privada. Ele apenas se virou com a entrada de Eric, sua atenção ocupada por uma entrega de seu comprador pessoal que estava



pulverizada através de sua cama de quatro postes de uso francês. Considerando toda as pessoas na lista de nomes de B.G., ele nunca tinha que deixar Mosswood. Tudo o que ele queria vinha a ele. Com uma cotovelada interior de preocupação, Eric se precaveu que não podia recordar a última vez que seu chefe tinha ido viajar fora dos terrenos. Isso não podia ser bom. B.G. estava acostumado a sair fora ao menos uma vez ao mês.

Na verdade, B.G. parecia perfeitamente contente. Talvez esta preocupação repentina não era a não ser Eric afogando-se. Não ajudou sua relutância a compartilhar as notícias de Dana - não quando ameaçava desestabilizar seu último jogo. O que for que o conflito em seus sentimentos por sua convidada, Eric não quis que seu jogo fosse cortado abruptamente.

- Que pensa sobre este vestido para Charity?- B.G. perguntou, levantando um brocado dourado e branco sem mangas de uma capa caída de fina malha rosa.

Era algo elegante – cerimonioso e modelado por setas pequenas, adequado para ir ao teatro até um jantar em uma embaixada. O desenho combinava atrativo sexual e classe em um pacote. B.G. era freqüentemente misteriosamente intuitivo, assim é que Eric não deveria ter estado surpreso, mas este era exatamente o tipo de vestido que ele visualizou Charity vestindo em suas fantasias.

Ele lutou por responder casualmente. - Acredito que Charity trouxe sua roupa.

- Sim, mas ela não empacotou uma coisa parecida ao traje que você escolheu para ela. Sei que você gosta desse ar retro feminino. B.G. separou-se da generosidade na cama com uma caixa larga, plana e simétrica em uma palma. Ao levantar a tampa revelou um pedaço de cetim cor branca. - Raoul me diz que as luvas de noite estão de volta com estilo. Acredito que gostaria vendo Charity com estes.

Eric gostaria, também, especialmente se ele a despisse de tudo exceto as luvas.

-Dana ligou,- ele disse abruptamente. Houve algum problema em seu escritório.

B.G. colocou o porta-luvas detrás dele, apropriadamente sério. Dana provavelmente estaria surpresa – e vagamente ofendida – de descobrir que seu velho pesado Nêmeses não tinha sua vontade indisposta. - Ela está bem? - Perguntou. -posso ajudar em algo?

Com um suspiro, Eric relatou a conversa de sua irmã. Para sua súbita decepção, seu chefe não estava tão assombrado como deveria ter estado.

-A Agência Central De Inteligência?- B.G. meditou. -não conheço ninguém que trabalhe para eles.

-Mas sabe por que estão preocupados?

- poderia saber,- B.G. esclareceu. - Mas se for o que penso, perdem seu tempo. Não mais de



uma dúzia de pessoas no mundo nem mesmo suspeitaria que estou trabalhando neste projeto. Você sabe como sou sobre segurança.

Eric sabia. Também sabia que nenhum sistema era a prova de tolos.

-Até a Casa Branca tem filtrações.

- Não há nada para filtrar-se. Até agora, os resultados de minha investigação foram imprevisíveis, impossíveis em reproduzir, e estão – até onde eu vejo – isentos de aplicações práticas.

B.G. via-se tão frustrado por isso, que Eric não podia duvidar que ele acreditava no que dizia. Esperando que ele estivesse correto, ele pôs sua mão no braço do B.G.. - Não o investigam por pequenezes. Não temeriam que pudesse ser um traidor porque crêem que o que isto for não tenha uso prático.

- Espero que você saiba que não sou um traidor.

-É obvio que sei. Eric tocou o rosto triste de B.G.. - Confio em você para proteger os interesses deste país – inferno, os interesses deste mundo – mais que em alguém que pudesse nomear. Isso não quer dizer que pense que suas medidas preventivas, embora boas, sejam impossíveis de gretar. O engano humano é sempre um fator, como o é a curiosidade humana. Os rumores se propagam, B.G., até entre cientistas.

-Especialmente entre cientistas,- B.G. disse com uma risada apagada. Apesar de sua diversão, ele pareceu um pouco alarmado pela força da fé de Eric nele. – Eu vou dar a equipe de segurança uns nomes. Vamos fazer eles colocar os narizes no bastão, talvez comprovar duas vezes o perfil do Dave Massey que foi nosso último convidado. Se encontrarem algo, eu mesmo chamarei a sua irmã.

O sorriso torcido que acompanhou esta oferta disse que B.G. tinha ao menos uma suspeita na atitude da Dana.

Charity não chegou tarde, mas sim se perdeu. Embora tivesse encontrado a sala da pirâmide simplesmente muito bem, pôr ao reverso as direções foi uma maior provocação. Agora ela estava em uma passagem subterrânea revestida com painéis em madeira escura que a fez ter a impressão de que se encontrou de repente na casa do pároco do país da Rainha Elizabeth.

Se estivesse de um melhor humor, então poderia ter se maravilhado do gasto de embarcar todos estes trastes velhos da velha a Inglaterra. Não podia duvidar que este foi o acerto verdadeiro. Duas armaduras amolgadas a desafiaram a um ou outro lado de uma chaminé fria, enquanto a cabeça de um grande cervo lançava sombras tristes abaixo de sua capa. O gêmeo da tapeçaria do cervo pendia, roído, na parede oposta. Os cavalheiros e as damas que a seguiam não exibiam nenhuma dúvida as de Charity a respeito de onde ir. Para piorar as coisas, as luzes só se



acendiam quando ela estava debaixo delas. Charity precisava ver mais à frente para conseguir orientar-se.

Muito mau que B.G. não tivesse posto um quantum hexadecimal sobre ela por isso.

-Está bem,- ela murmurou para si mesma, resistindo o desejo de amaldiçoar. - Só volte sobre seus passos. Estará bem uma vez que você retorne aos vestibulos que estão revestidos em pedra.

Ela mordeu seu lábio, olhando a contra gosto fixamente a escuridão da qual ela tinha vindo. Tinha estado tendo sensações arrepiantes desde do momento em que deixou Sylvia - sensações arrepiantes na pele como as que teve a primeira vez que fez um reconhecimento de Mosswood, como se alguém se mantivera deslizando-se simplesmente além de seu campo visão. Naquele momento tinha pensado que era curioso. Esta tarde, teria agradecido até a companhia da Sylvia. Quando algo se moveu errática e ligeiramente diante dela, deixou escapar um chiado.

Um camundongo, pensou através de seus nervos sobressaltados. Um roedor parecia preferível à maioria dos "fenômenos anormais que ela poderia imaginar ocorrendo na casa de B.G. Não podia se tranquilizar, embora soubesse que era muito sugestionável. Supostamente não havia forma de que seu enlouquecido cérebro criasse monstros verdadeiros.

Cautelosamente, ela retornou pelo caminho que ela tinha vindo. Se ela tinha tido seus medos, B.G. deveria ter censurado compartilhar suas teorias com pessoas como ela.

Congelou-se um segundo mais tarde, cada célula tremendo. O que era esse rangente ruído? Não soava como uma saia e anáguas que se arrastavam? B.G. dizia que ela não deveria temer ser sugada acidentalmente na Idade Média, mas isso não descartava a possibilidade de fantasmas.

Talvez tinham sido enviados diretamente junto com os móveis.

-Sylvia? - Ela disse – ou tentou fazê-lo. O nome saiu fora como um grasnido cochichado.

De qualquer maneira, não poderia ser Sylvia. Se uma pessoa realmente viva fizesse esse ruído, as luzes onde parassem teriam chegado adiante. Amaldiçoou ao B.G. de qualquer maneira por preocupar-se tanto por economizar energia.

Irei por outro caminho, ela pensou, dando volta sobre seus calcanhares. Cedo ou tarde, ela acabaria sobre alguma parte que reconhecesse.

Caminhou mais rápido em seu nervosismo, tratando de não correr em pernas que se sentiam tão rígidas como dois por quatro. Ela não estava segura se ainda escutava produzir um som sibilante ou simplesmente a pressa aterrorizada de seu sangue. Ela faz muito tempo tinha apertado firmemente uma mão em seu peito.

Estúpida, ela xingou duramente. Se alguém te visse, ririam completamente.



A bronca poderia não apaziguá-la, mas uma tira de luz de uma porta aberta na escuridão pelo caminho a frente a teve suspirando em rajadas de alívio. Ela rezou para que houvesse uma pessoa lá.

Ou um telefone, ela pensou com uma quebra de onda de esperança. Até se o quarto estivesse vazio, o tabuleiro de comando poderia chamar o Eric para conduzi-la de volta.

O quarto não estava vazio, mas seu ocupante estava muito fascinado para notar sua chegada. Ele foi um alto tipo de espião: Lindo, mas mais como um jogador de futebol que um tecno-nerd. Mas entretanto, seguro que era um tecno-nerd. Ele estava sentado em uma cadeira que deixava o número de sua ergonômica atrás no Future Tech para envergonhar-se. Era de aço inoxidável brilhante com suspensão de gás, um assento inclinado, e rodas motorizadas. Além disso, tinha um leva taça. Charity impressionada, parou-se enquanto ele navegava por um console com forma de ferradura coroada por um monitor enorme. De um lado a outro, O tipo tocava os controles como um produtor de discos em um estúdio, dividindo a tela, logo quadruplicando, logo aproximando-a sobre diferentes áreas.

A princípio, Charity percebeu que todos os filmes mostravam Sylvia. Sylvia dando massagem a membros diversos do grupo familiar. Sylvia fazendo caretas enquanto estava atada a uma coluna completamente nua. Sylvia – aqui Charity se ruborizou – sendo surrada até o orgasmo ao lado da piscina. Finalmente, como um viciado de TV encontrando sua função favorita, o tecno-nerd permitiu que uma imagem de Sylvia montando Maurice enchesse a tela. O chofer, cujas mãos estavam sujeitas com grilhões em um cabeceio de estilo de missão, parecia como se a massagista estivesse fazendo um trabalho particularmente inspirador. Seu rosto estava retorcido, suas pernas crispando-se espasmodicamente.

Se este drama ocorria agora, Sylvia ou desobedecia as novas ordens do B.G., ou ela tinha sido absolvida delas. Notou Charity quão determinada a massagista aparecia. Não o faça, seus lábios muito claramente disseram ao Maurice, a ordem chegou seguida por uma palmada. Charity assumiu que ele devia ter dado alguma sinal de que estava a ponto de gozar. Não importava que regras Sylvia seguia ou não seguia, ela "não vivia para agradar a" Maurice.

Ela se assombrou de que Maurice a deixasse tratá-lo assim, mas talvez ele foi amarrado por alguém mais e não tinha tido opção. Talvez, agora que Sylvia foi excluída do jogo, Ela se tomou satisfação de desafogar-se causando estragos a esses com os que ainda lhe permitia jogar. Maurice tinha a aparência de um homem vendo-se forçado a desfrutar de algo contra sua vontade.

-Isto está ao vivo? Charity perguntou.

A sacudida de surpresa do tecno-espião pôs-se a voar seu café fora de seu lugar. Agora que virou para ela, Charity o olhou curiosamente. Um minuto mais e ele teria derramado mais que café. Sua braguilha tinha estado aberta todo o tempo, revelando uma ereção tão rígida como era alta. Seu pênis não era tão grosso como o do Maurice, mas tinha um matiz impressionante



vermelho vivo. Charity notou que ele estava circuncidado. Seu prepúcio estava estirado ao redor da metade da cabeça como se ele estivesse tão inchado que ficou obstruído.

Ruborizando-se ferozmente, ele fez virar sua cadeira longe para subir o zíper.

-Não se supõe que esteja aqui,- ele disse sobre seu ombro, obviamente lutando por conseguir retornar tudo dentro. -O Sr. Grantham não sabe.

- A porta estava aberta. Me informou que poderia passar em qualquer lugar que não estivesse sob chave.

- Deveria ter estado sob chave,- ele soprou de fúria. -e você deveria haver batido.

Ele tinha dado a volta para enfrentá-la, seu dedo agitando-se em seu rosto. Sua ereção parecia não ter descido em intensidade, pressionando detrás de seu zíper como um tubo curvo. A protuberância estava em conflito com sua atitude de arrogância moral, e ela não pôde resistir a brincar. Inclinou sua cabeça na tela silenciosa onde na imagem Maurice estava boquiaberto como um peixe. Não importa que conseqüências ele confrontasse, o chofer estava a ponto de explodir.

-Essa Sylvia com certeza está quente,- ela comentou casualmente. -posso ver por que queria observá-la trabalhar.

- Comprovava arquivos,- disse seu acusador, seu olhar claramente querendo seguir o dela para a tela. -Examinava se tinha sido registrado corretamente.

Charity sorriu com a frágil mentira. Ela pôs sua mão em seu ombro, sentindo que tão perto estava sua camisa esporte de estar molhada de suor. Com seu toque, seu fôlego chegou mais rápido, possivelmente com medo, possivelmente com a excitação de ser apanhado. Tinha algum tipo de excitação ela mesma, A costura interior de suas calças jeans fincando insistentemente entre suas pernas. Ela não pensava que este homem fosse um dos jogadores do B.G., mas não teria duvidado que ela o pudesse ter seduzido. Ele estava muito aceso para escolher um caminho cuidadoso. Por estranho que parecesse, ela não desejava arriscar-se. Mantê-lo em suspense parecia igualmente interessante. Imaginava que esta era uma sombra da emoção que Eric e B.G. experimentavam.

-Me diga,- ela disse, sua voz morta de calor. -Qual é seu nome?

-Michael,- ele respondeu suspeito.

- Pois bem, Michael, eu acredito que você e Maurice parecem um pouco igual. Talvez você estivesse visualizando em seu lugar... enquanto você ' checa os arquivos.'

-Não a meta em problemas!

Sua súplica a confundiu. Franzindo o cenho, Charity situou em cima da beira curva de seu



console. -por que colocaria Sylvia em problemas? Maurice poderia queixar-se tão facilmente como eu poderia. A menos que... – Michael empalideceu enquanto ela fez uma pausa, causando um arrebatamento de adrenalina quente em suas veias. -...a menos que você a tenha estado deixando observar aqui dentro contigo?

No momento em que ela o disse, Charity soube que era certo. De que outra forma podia saber a massagista de sua taça saltadora? Ela duvidava que houvesse câmeras nos quartos do B.G., mas Sylvia podia havê-los ouvido a ela e ao Eric discutir o incidente no dela.

- Foram só um par de vezes,- Michael implorou. - Sylvia merece um presente de vez em quando. Não acredito que o senhor Grantham e o senhor Berne realmente até a vejam. A maioria das vezes, tratam-na como um móvel.

-Isso pode ser,- Charity disse, -mas quebrar a segurança de Mosswood não é seu encargo.

Escutando a si mesma, Charity logo que podia dar crédito a seus ouvidos. Não importava que não gostasse do pensamento da Sylvia observando-a sem saber, Charity soou tão afetada como algum antigo sabichão da escola. Apesar de sua consternação, ela esteve agradecida quando o escrúpulo cumpriu com seu encargo.

-Sei,- Michael disse, sua cabeça pendurando. -Por favor não me denuncie.

Se ele tivesse sido parte do jogo, esta poderia ter sido um convite para o atormentar mais formalmente. Em lugar disso, Charity se viu obrigada a fazer uma escolha da vida real. Ela sabia quão persuasiva Sylvia podia ser, até se B.G. não soubesse. Possivelmente era algo feminino, ou talvez os peixes gordos nunca compreendiam o dano que uma pequena reprimenda podia fazer. Da extremidade do olho, viu Sylvia lamentar-se fora do Mauricio enquanto que ele se lançava impressionantemente no ar a ajudou muito para sua decisão, entretanto esperava que ele não terminasse arrependendo-se de seu prazer.

- Se mantiver em privado isto,-ela disse, - tem que prometer não fazê-lo nunca novamente.

-Absolutamente,- ele disse, muito facilmente.

- Quero dizer.- Em um ataque de engenho, ela agarrou a que tinha que ser a chave do quarto de um cabide. Ela a sacudiu como advertência em sua direção. – posso te investigar sem te avisar.

Michael jurou que nunca sonharia faltando a sua palavra. Este era o melhor trabalho que ele alguma vez tivesse tido. Não quis arriscar perdê-lo. Charity acreditou... até certo ponto. Sua promessa se extinguiria eventualmente, especialmente se Sylvia assim o quisesse.

Devo dizer ao B.G., ela pensou, logo negou com a cabeça. Não importava como esse Svengali tratasse de reconstruí-la. Nenhuma vontade de alguém faria que Charity se convertesse em uma fofqueira.



Pela reação covarde depois de que se perdeu, Charity sentiu a necessidade de reafirmar sua audácia. Um traje que ela tinha empacotado satisfazia seu propósito perfeitamente. Comprado por rebeldia depois de ser despedida de seu trabalho de atendente, incluía brilhantes panos vermelhos feitos de PVC com cordões uso nudista correndo acima das pernas. As coisas requeriam vinte minutos para vestir e ela levou a satisfação de estar atrasada como consequência. Tristemente, seu triunfo atávico foi arruinado pelo fato de que o jantar tinha sido mudado da suíte de B.G. para o salão. Quando ela chegou aí, nem ele nem Eric estavam.

O espaço ao que tinha sido transferido o jantar era dramático: O pólo oposto do horripilante vestibulo isabelino, com janelas de duas portas e um forro tão elevado que poderia lançar um bungee¹⁵ fora do lustre colorido Dave Chihuly¹⁶. Ambas as mesa e cadeiras eram cópias de plástico claras de Luis Something¹⁷ originais. Móveis espectrais ela pensou, empurrando atrás um estremecimento. A larga linha de cadeiras se via curiosa com apenas dois assentos ocupados.

-Só nós,- disse Maurice com um sorriso de potencia inferior do acostumado. Um trio de arranhões recentes em seu pescoço sugeriu que a cena que Charity presenciou podia ter sido recente - isso, e os dois assentos vazios entre ele e Sylvia. O senhor B. e O senhor G. tiveram um assunto que não podia esperar.

Pelo bem dos sentimentos do chofer, Charity silenciou sua súbita desilusão. As oportunidades eram, que ele estava contente que B.G. não estivesse ali, até não tinha importado seu castigo prévio. Sylvia, a instigadora provável de seu pecado, simplesmente parecia sombria. Ela agitou seu garfo em saudação, já dobrando-se sobre um bife enegrecido de atum.

A comida era boa, mas a massagista comia como se temesse que alguém roubasse seu prato, seus antebraços defendendo de cada lado. Não obstante, talvez ela não sabia que comeria com ela e com Maurice. Charity considerou mencionar seu bate-papo com o Michael, logo decidiu não fazer. Sylvia era muito propensa a tomar sua interferência como uma provocação. Dada a volatilidade de seu estado de ânimo, a descrição pareceu o melhor para Charity.

Ela terminou seu jantar com tão pouca conversa como pôde dirigir, declinando o convite de Maurice para uma ronda amigável na piscina. Tudo parecia plano sem o Eric e B.G., o jogo apenas se considerava de valor a menos que estivessem por aí ao redor.

Não lamentou rechaçar ao Maurice até que retornou a seu quarto onde a quietude e as sombras eram a última coisa que queria confrontar. Decidida a manter sua mente ocupada, tomou uma ducha e se vestiu com uma regata amarela de seda e conjunto de calça. Suas pernas estavam

¹⁵ videogame

¹⁶ - O renomado artista Dale Chihuly revolucionou o movimento Studio Glass e elevou a categoria do vidro, que deixou de ser um material secundário para ser usado em obras de arte.

¹⁷ Referece a moveis estilo Luiz xv



depiladas, sua pele lindamente umedecida. Ela considerou repintar suas unhas, mas não estavam estilhaçadas. Suspirou forte quando viu a hora. Oito e trinta e dois. Se a preocupasse, avançaria lentamente à biblioteca para conseguir um livro. Francamente, ela duvidava que a habitação do Sherlock Holmes aliviasse seus medos.

Desde que era pequena, tinha tido um terror irracional de fantasmas. Um dos namorados de sua mãe se inteirou da fobia e decidiu que seria entretido fingir que cada chiado na velha casa de granja de Massachusetts era assombrada por sua avó morta. Charity tinha tido doze anos, o suficiente maior para atuar como se pensasse que as brincadeiras eram idiotas. Não obstante, o fracasso de sua mãe para intervir, unido ao feito de que ela riu junto com ele, tinha deixado cicatriz. A um estranho supunha que tivesse medo. Por que não pôde a mãe de Charity?

Até o dia de hoje, ela não poderia observar um anúncio publicitário de um filme de horror sem querer apagá-lo.

- Sou um ser quântico,- ela recitou enquanto se sentava no centro de sua cama abraçando seus joelhos. - desprezo aos fantasmas.

Era uma medida do reverso que estava seu mundo que este mantra a fizesse sentir-se melhor.

- Sou um ser quântico,- disse outra vez para o teto. - sou incrivelmente valente e maravilhosa.

Infelizmente, quando ela se moveu torpemente atrás sobre os travesseiros, estava ainda sozinha.

-Se for um ser quântico,- ela se repetiu mais duramente, -meus poderes mentais assombrosos chamarão o Eric a meu quarto.

Ela quase se sufocou em um estertor quando uma batida soou em sua porta. -Quem é?- Ela disse, tendo falhado de ver a pessoa cruzar a janela de sua parede.

-Sou eu Eric. Com quem está falando aí dentro?

Ela se levantou de um salto da cama com as bochechas tornando-se quentes e seu coração palpitante. Disse a si mesma que não fora tola. Eric já tinha estado na porta. Não havia forma de que suas palavras pudessem haver chamado. Não obstante, deu-lhe volta a maçaneta com uma mão suarenta. Eric a olhou curiosamente enquanto entrava.

- Falava comigo mesma- ela disse. -Como qualquer louca digna de respeito.

-Me alegro de ouvir. Não queria pensar que se metesse em problemas com alguém mais.- Ele sustentou no alto uma pequena bolsa de mão acolchoado com tecido fino. - trouxe um presente - caso você pense que abandonei meus deveres como seu guardião.



-Um Presente!- Ela se deixou cair na cama e estendeu suas mãos. Sorrindo abertamente, Eric lhe deu o presente.

-Vejam, - ela disse, rebuscando entre o envoltório. -algemas rosadas de veludo - muito feminino - alguma classe de lubrificante de aroma mentolado, e -uau - um par primoroso de luvas de noite!

-B.G. escolheu esses.

-B.G. tem bom gosto - não é que possa duvidar sobre os teus.

Com uma careta encantadora de negativa, Eric se sentou ao lado dela.

- Percebi que você gostou de estar atada. Pensei que poderia desfrutar de uma variação do tema

-Simplesmente por me manter acelerada ao máximo, correto?

-Sim, somente para esta noite.

Olharam-se, olhos azuis ficando cinzas, a eletricidade entre eles abruptamente forte. Ela soube que ambos estavam lembrando desta manhã - estando pele com pele, esforçando-se ao uníssono por um clímax explosivo mais.

O impulso a teve tocando seu joelho. -Sabe que o que sinto é mais que o jogo.

Seu olhar caiu sobre seu dedo sob a correia escorregadia de sua regata. O estímulo fez às pontas de seus seios apertar-se. A contra gosto, ele olhou para cima. - É sempre mais que o jogo. Às pessoas não lhe ajudam ser humano.

- Sente-se sempre assim?

-Não,- ele admitiu, recuperando o fôlego quando ela deslizou sua mão acima de sua coxa. Ele já estava duro. Uma cordilheira larga, firme chocou com a pressão de sua palma. Ela desejava que ele dissesse mais que não, mas ele se dobrou a beijá-la em lugar disso, a aspereza de sua boca, a paixão ligeiramente menos controlada foi um contraste agradável a de B.G.

-Você gostaria de fazer aqui? Ele perguntou uma vez que fez a seu pulso tremer. "ou preferia que tome em alguma outra parte?

Seu quarto, ela quis dizer, mas seu anterior silêncio o impossibilitou.

-Aqui está bem,- ela disse, -ou em qualquer lugar daqui que não se vejam fantasmas.

As palavras escaparam irreflexivamente. Eric se via alarmado.



- Pensei que ouvi um,- ela explicou. -Quando me perdi no vestíbulo com a grande cabeça do cervo.

Suas mãos moldando-se apaziguadoramente sobre seus ombros. Ele parecia decidir o que dizer. - Tivemos convidados assustados antes,- ele disse cuidadosamente. -Mosswood pode ser um lugar intimidante, mas sempre resultou ser um esquilo ou algo entrando às escondidas de fora.

-Isso é o que esperava.- Ela não mencionou que devia ter sido um esquilo gigante com anáguas. Não podia reconhecer isso diante de Eric, embora suspeitasse que ela haveria dito ao B.G. ele não falaria com ela como se a resposta equivocada segasse seu agarre muito frágil da realidade.

- Talvez devesse te distrair?- Eric sugeriu. -Tirar os medos de sua mente?

Ele pareceu um pouco ansioso de pô-la fora do tema dos fantasmas. Não gostando disso muito, deslizou seus braços ao redor de seu pescoço voluntariamente. Seu estado de ânimo aperfeiçoado o momento que ele a puxou mais perto. Seu beijo foi delicioso. O problema era, como seu entrelaçamento ficou entusiasmado, que se sentiu como se tivesse viajado pelo tempo de volta à escola secundária e se visse forçada atuar como o tipo de menina boa que nunca foi, retorcendo-se em seus pequenos calções sem qualquer esperança de alívio.

Eric era melhor nestas coisas de retardar a gratificação do que ela era, mas logo até ele necessitou mais tentar através de sua roupa. - quero tirar isto,- ele ofegou, devorando a prega de sua regata.

Charity estava muito ofegante para fazer mais que inclinar a cabeça e levantar os braços. Ela o deixou tirá-la, seguida pela calça . Logo, com dois pontos de cor resplandecendo em suas bochechas, ele estendeu as luvas de noite. Ela poderia dizer o pensamento de ver-se neles empurrado alguns botões. Quando ele falou, sua voz era rouca.

- Ponha estes primeiro, por favor. As algemas precisam ir por cima.

Labaredas de fogo dançaram ao longo de sua pele. Ela queria ser atada de novo, queria que lhe fizesse algo e tudo a respeito do que ele pudesse pensar - não é que ela tivesse a intenção de ceder sem negociar.

- Tire seu cinturão,- ela disse, - e abra as calças. Quero ver quanto você gosta de me observar com essas luvas.

Ele cravou os olhos nela, logo fez como lhe pediu em movimentos corcoveantes. A fivela do cinturão ressonou e foi atirado descuidadamente. Colocando a mão em sua cueca branca apertada, ele situou sua grossa ereção em cima do cinto, suas bolas inchando impressionantemente atrás do tecido. O impulso para frente de seu eixo era agressivo, até sentada justo ali. Observando-o, ela recordava ao tecno-espião com seu prepúcio apanhado em sua glândula. A lembrança enviou mais efeito de cascata de calor ao seu sexo. Sem ser dito, Eric



desabotoou sua camisa igualmente. Seu abdominal era digno de olhar sem dissimulação, mas até melhor era a forma que seus músculos se moviam rápida e ligeiramente como o toque de seu olhar.

- É tão ardente,- ela disse, incapaz de conter um sorriso aberto. - poderia te comer.

Seus pulmões trabalharam mais rápido enquanto ela se virou para colocar as luvas em um estimulante strip-tease ao reverso, primeiro o esquerda e logo a direita. Suas pregas chegaram por cima de seus cotovelos - um suave, abraço de formas ajustadas. Um por um, ela empurrou os dedos ajustados.

Nua exceto por isso, ela se perguntou se parecia uma dama agora. Parecia com que era, mas com a reação do Eric como recompensa, acreditou que o faria.

-Bom,- ele disse, um rouco fôlego de som. - Agora você está pronta para o lubrificante. Sente-se sobre seus calcanhares e aplanar suas mãos em suas coxas.

- Preferiria te tocar. Preferiria sujeitar seu pênis em minha luva.

Sua ereção saltou, mas ele negou com a cabeça. -Mais tarde,- ele disse. -Primeiro vou te preparar.

Enquanto ela se acomodou a sua petição, ela teve a sensação de que felizmente poderiam intercambiar ordens como esta toda a noite, desviando o controle de frente para trás, ficando mais excitada enquanto prosseguissem. Seus mamilos zumbiram quando ele abriu o pote de ungüento, logo ficou ardente quando o alisou ao redor. Seus círculos caíram como um chumbo sob lubrificante de hortelã. O perfume era muito distintivo para não reconhecê-lo.

-Isto é o que usou B.G. em você.

-Sim,- ele disse. Seu aviso teve a suas pupilas dilatando-se até que não foi mais que um anel de íris o que permaneceu - o azul que adoçava seu cinza. - Não te insensibilizará. É seguro de usar sobre outras coisas.

Ele inundou seu dedo no pote, logo arrastou uma linha de calor desde seu peito até seu umbigo. Ali ele rodeou, molhou seus lábios, e pediu permissão com seus olhos.

Ele queria esfregá-la entre suas pernas.

-Sim,- ela disse. Segue adiante.

Ele tomou o capuz de seus clitoris entre seu dedo e o polegar, trabalhando com o ungüento. depois de toda sua estimulação, a estimulação direta chegou como uma sacudida. -Ali,- ele disse, - isso te deveria fazer sentir agradável e quente.



Fez sentir-se agradável e louca, a mentolada coisa sensibilizando cada nervo de botão quente sexual que tinha. Repentinamente ela entendeu como os homens podiam pensar a respeito de seus pênis como separados deles mesmos.

-Já basta,- ela ficou sem fôlego quando sua fricção gentil ameaçou ficando muito boa. Sua vagina estava tão molhada que se sentiu disposta a gozar. Para seu alívio, ele aliviou seu toque, agora somente atraiu a gema de um dedo ao redor de seus lábios exteriores.

- É bela,- ele disse, sua ereção muito rígida para fazer mais que vibrar.

-Toda ruborizada e aparecendo fora.

-Apostaria,- ela ofegou. -Sinto-me o dobro de grande do normal.

Ele a beijou como com gentileza como B.G. faria, alcançando detrás dela as algemas rosadas de veludo.

-Espera,- ela disse, roubando sua linha. -Me deixe te tocar.

Ele negou com a cabeça.

-Sim,- ela insistiu, acariciando a luva abaixo de seu rosto. -não poderei uma vez que você me amarre.

-Eu estou a cargo.

Suas palavras foram suaves, mas sua resposta foi inclusive mais assim. - Nós estamos a cargo. Juntos o faremos melhor para o outro. Vamos, Eric.- Ela se levantou em seus joelhos para lambar o lóbulo de sua orelha, tirando um tremor diminuto de seus ombros. -me deixe esfregar este cetim acima e abaixo de seu pênis.

Ele riu da palavra, logo afrouxou de volta. – Faz ligeiramente,- ele disse: Seu compromisso.

- Muito,- ela esteve de acordo.

-E lentamente.

-Tão lentamente como posso.

Ela o abraçou estremeando em sua mão, logo fez a única interpretação que ela podia levar a cabo. -É tão grande, Sr. Presidente,- ela disse como uma moça. -acredito que poderia necessitar duas mãos".

-Sim ,- ele disse, reconhecendo sua voz de Marilyn.

Não existe duas maneiras, ela pensou. Este é o botão que explica sua fascinação por estas



luvas.

-Posso te beijar?- Ela ceceou, deleitando-se com o êxito de seu fingimento. - Sei que é desrespeitoso, sendo um homem tão importante, mas realmente eu gostaria de saborear essa conta pequena.

Um estremecimento foi sua única resposta. Ela se dobrou, seus seios passaram roçando suas coxas, a ponta de sua língua rodou fora. A coroa dele era suave como a seda.

-OH, Meu Deus,- ele respirou, as palavras vibrando.

-Sim, Sr. Presidente?

Ele pôs suas mãos detrás de sua cabeça. -Suga a ponta,- ele disse.

- Simplesmente isso. Sujeita o resto de mim com suas luvas.

Ela o fez, o mais gentil, mais lento de repente trabalhado que ela alguma vez tivesse dado, um que não estava suposto para acabar no clímax. Mesmo assim, ela não poderia atraí-lo por um longo tempo. Cada vez que o acariciava, ele se sacudia. A ele pareceu gostar do ligeiro roçar das luvas tanto como se de sua língua. Depois de afastar-se muito poucos minutos, ela ficou reta para deixar a ambos afrouxar sua excitação. Ele realmente estava respirando duro agora, seu cabelo pegando-se a seu rosto com suor. Ela empurrou para trás uma mecha.

- Estive tentando te perguntar,- ela disse. - A respeito do B.G. Ele parece ter um controle sexual completamente olímpico. Assim é que me pergunto, esta manhã, como o fez gozar primeiro ?

Eric piscou rapidamente. -Como?

Sua pergunta preguiçosa, desenhada para manter a tensão que havia entre eles. Quando falhou em responder imediatamente, ela desejava o segredo de verdade. Ela deslizou suas palmas quentes, cobertas em seda dentro de sua camisa aberta. O tecido raspava tentadoramente em seu cabelo.

-Sim,- ela disse, o prazer de tocá-lo assobiando diretamente para seu sexo. -Estava curiosa por escutar seu método para derrotar ao grande gênio.

Capítulo Treze

Eric vacilou.



-Não tem que me dizer,- ela disse, seu sorriso desvanecendo-se. Entendo se for muito privado.

Ele cobriu suas mãos onde pressionavam seu peito. As luvas onde não estavam úmidas de seu suor eram deliciosamente escorregadias. -Não,- ele disse. - está bem.

Ela sorriu e mordeu os lábios ao mesmo tempo. - Seu coração palpita mais rápido. Esta história deve ser boa.

- ... Ameacei-o. Disse que você e eu uniríamos forças para lhe avassalar. Eu, acredito que fiz alguma menção a você usando um consolo nele.

Seus dedos inconscientemente se encolheram, como um gato dispondo-se a amassar um lugar adormecido. -e gostou dessa idéia?

-Aparentemente.

Sua voz era mais fraca do que ele esperava. Se ela tinha pensado que seu pulso se aliviou antes, estava tamborilando agora. Sua cabeça era de fato leve.

Ela olhou para baixo em suas luvas, suas pestanas escuras e glamorosas, então se levantaram . - Deveríamos fazê-lo,- ela disse decisivamente.

-O que? A palavra poderia ter sido arrancada dele.

-Deveríamos nos juntar para avassalá-lo. Não fique tão horrorizado, - ela adicionou enquanto ele chupava uma respiração. -Sabe que esta idéia esteve mais que cruzando sua mente.

Para provar, ela deixou cair uma mão para cavar suas bolas. A pressão, embora fosse ligeira, foi suficiente provocar uma maldição.

- A ele poderia não agradar,- ele disse, estendendo-se pela razão. - Nós algumas vezes temos fantasias que ele realmente não quer jogar.

Charity sorriu enquanto arrastava dois dedos sobre sua cordilheira.

- Suspeito que poderemos ser capazes de uma que ele desfrute. É um esporte, Eric. Não é bom para ninguém que saia com o seu todo o tempo. Acredito que seu camarada precisa deixar de ser o chefe alguma vez .

Eric estremeceu enquanto seus dedos se arrastaram sobre sua tremente ponta. Muito sensível para jogar com ele, ele afastou sua mão pelo pulso. Ele não podia acreditar que estivesse considerando prosseguir. Seu organismo podia acreditar, entretanto. Sua ereção se sentia sobre-saturada, e sua pele zumbia do couro cabeludo até os dedos dos pés.

_ Faz, ordenou sua libido. Lamentará- se não fizer.



- Teríamos que lhe reportar uma palavra de segurança.

- Seguro. 'O corvo voa na meia-noite.' -

Ele teve que rir. -Essa não é uma palavra de segurança.

-O que seja,- ela disse com um frívolo encolhimento de ombros, ombros belos e nus indo de cima a abaixo. -Tem que admitir que seria difícil dizer por acidente.

Eric não estava preparado para admitir algo... exceto não podia afastar-se desta oportunidade.

- Vamos entrar,- Eric disse no telefone- fora da porta de B.G.

B.G. pensou que esta era uma maneira peculiar de pedir para entrar. Ele tirou o arquivo que continha o último relatório, fechou a seu laptop, e cravou os olhos por um momento na entrada de sua suíte. Ele estava disposto a jurar que Charity era sincera. Sua comprovação de fundo sobre ela tinha sido meticulosa. De nenhuma maneira, forma, ou modo poderia ser ela uma candidata para a intriga. Não possuía nem a experiência nem os contatos.

A solução com o grau mais alto de probabilidade era uma que ele especialmente não queria confrontar, em parte porque queria dizer que seu julgamento não era tão bom como ele acreditava. Se suas suspeitas fossem certas, então ainda não se imaginou como tinha sido dirigido o truque. Mas isso era para que sua equipe o descobrisse. Se tratava de investigar o assunto diretamente, então simplesmente alertaria à pessoa pelo fato de que o nervosismo estivesse acima.

Apesar de saber que sua equipe estava qualificada para dirigir tais situações, permaneceria fora da ordem. Ele tinha estado assim ainda desde que Eric revelou as notícias da chamada de sua irmã, como se os átomos dos que ele parecia tratar de formar órbitas novas. Sua longa ducha quente cura tudo não tinha ajudado. Achava altamente desconcertante ter que fazer a um lado seu jogo por uma suspeita e, por agora inexplicável, ameaça.

B.G. não tinha mentido a Eric. Sua investigação assim de distância era inútil. Não obstante, se alguém tivesse descoberto seu projeto secreto, então teria que suspender a operação, por nenhuma outra razão que para impedir que mãos menos peritas fizessem mal inadvertido. Este era um remédio que ele estava relutante para decretar. Odiava pensar em afastar-se de um desafio. Era melhor pensar que os federais estavam paranóicos. Tinha ocorrido antes, depois de tudo- especialmente quando os cientista em questão não se ajustavam a seu molde de como os cidadãos confiáveis se conduziam. Para os homens com a forma de pensar dos 'ternos', as pessoas como B.G. sempre seria de cuidado.



-B.G .,-" a voz do Eric disse mais insistentemente. - Abre.

Perante esta demanda, um tremor de uma vez delicado e sensual deslizou como água de chuva abaixo de seu pescoço.

Ele tirou de cima enquanto se levantava responder à porta, sua túnica branca de tecido de toalha roçando sua pele. Eric e Charity entraram logo que ele deu um passo para trás.

A diferença dele, estavam envoltos em quimonos magros de seda de cor café terra. O padrão de cada um era diferente, mas os nós nos cinturões se mostraram idênticos. B.G. tinha lido que os amantes fortemente atraídos freqüentemente exibiam um efeito de "germinação", um que provocava vestir-se em moda similar ou inconscientemente imitar a linguagem corporal do outro.

Parecia que este efeito se fazia sentir em Eric e Charity. O par formava uma frente visualmente unido.

-Do que se trata isto?- B.G. perguntou. -Parecem como se estivessem a ponto de encenar uma façanha- Sem estar brincando completamente, ele era incapaz de resistir um desejo primitivo a dobrar seus braços defensivamente através de seu peito.

Quando Charity fez o mesmo um segundo mais tarde, seu coração deu uma pequena inclinação brusca. -A negativa não é quão único faz gozar às pessoas,- ela disse. -A pergunta é, confia em nós?

-Confiar em vocês?

- Para cuidar de seu prazer. Para estar seguro de que não será machucado.

-Eu- Momentaneamente mudo, voltou-se para Eric. Seu velho amigo ofereceu um sorriso inesperadamente doce, lento.

B.G. nunca o tinha visto usar realmente essa expressão. Estava... aberto, seguro de si mesmo, e muito carinhoso. Se Charity tirava isto dele, então B.G. tinha escolhido seu caminho melhor de que sabia.

-Sim,- Eric disse.- Confia em nós?

B.G. examinou-o ao longo e ao largo, perguntando-se o que poderia estar diferente sobre seu amigo. Ele advertiu algo enchendo o bolso da túnica do Eric, algo com o que sua mão brincava.

- B.G.?- Eric aguilhoou.

Ele encontrou os olhos cinza escuro de Eric. -Sim,- disse antes que soubesse que o faria. - confio em você implicitamente.



Era nada mais que a verdade, mas quando Charity deu um passo para frente para tomar suas mãos, a gentil pressão que ela pôs em seus dedos incitou um pouco de medo.

Ele estava deixando-a pôr tudo ao reverso.

-É nosso,-ela disse. - vamos cuidar de você.

-Pode escolher onde,- Eric adicionou. -Se você gostar..

B.G. não sabia que seu coração estivesse em sua garganta. Isto não era nada como Eric tinha ameaçado fazer esta manhã -não dureza, não violência, só uma insistência suave a fazê-lo a sua maneira. Ele sabia que poderia detê-lo em qualquer momento que o desejasse.

-Aqui,- ele disse. -Em meu dormitório.

-Em seu dormitório,- Charity ronronou, extraindo as palavras.

-Que escolha tão conveniente.

Ela o puxou para sua cama de quatro postes com o que sentiu como um cambaleante passo. Ele estava sentado sobre o colchão antes que seus joelhos cedessem

-Você faz as honras,- Eric disse, lançando a ela um molho de tecido de veludo rosa. A mente do B.G rapidamente identificou o que era. As algemas. O interior acolchoado. Com largas fitas arrastando-se. Devia ter sido isso que Eric brincava em seu bolso.

Charity as apanhou pulcramente para seu peito. -Obrigado, Senhor Presidente.

Eric riu pelo que B.G. assumiu que foi uma piada privada. - Basta. Não preciso me fazer passar por ninguém aqui a não ser eu.

Seus olhos resplandeceram em Eric. Então ela se virou para ele. -Aonde guarda seus brinquedos pessoais?

A parte dele que sempre mantinha o controle considerou não responder.

Ele não podia ver como este rompimento das tradições fomentaria seus planos. Ele desejava jogar até o final, entretanto, mais do que tinha sabido que poderia. Ter ao dois tomando-o, para entregar-se a sua liderança era um convite que não poderia recusar.

-Há um gabinete,- ele disse, -escondido na parede por cima de minha cabeceira.

Ele soava acalmado. Lhe concederia isso. Só seus olhos deixavam transparecer um indício de nervosismo. Seguiram-na, brilhando intensamente, enquanto ela segurou um poste da cama de mogno e saltou em cima do colchão. Bonitas flores de gesso adornavam uma seção da parede, como ela tinha visto em fotos de chateaux na França. Ela correu seus dedos através deles, esperando que alguém provocasse a liberação.



-A seguinte,- Eric e B.G. disseram ao unísono.

- Vire-a,- B.G. terminou. -À direita

Virar a rosa de gesso causou que uma seção da parede balançasse silenciosamente a um lado. O buraco atrás disso era inclinado, laqueado em vermelho escarlate, e iluminado.

-Estupendo,- disse Charity, apreciando a engenhosidade do mecanismo. Ela se levantou nas pontas dos pés para olhar fixamente a prateleira superiora. - e olhe, que agradável coleção de consolos!

Sentindo-se um pouco como cachinhos dourados, ela começou a tirá-los. -Muito gordo,- ela disse, lançando o primeiro ao pé do colchão. Os seguintes tinham acessórios, com os que ela não teria sabido o que fazer.

- Muito complicado. Também verde.

-Esse é de jade,- disse Eric, a nota mais escura que tinha introduzido em seu tom dizendo a ela que o reconsiderasse.

Ela considerou seu presumido descarte mais cuidadosamente. Sua pedra era muito suave, quase translúcida na meia luz. Não muito grande, ela pensava. Mais, a aba na raiz podia ter sido desenhada para calçar bem em sua mão. Desfrutou da maneira em que ambos Eric e B.G. vaiaram através de seus dentes quando ela esbofeteou o eixo contra sua palma.

Já fora que ela fora ameaçadora com uma peça valiosa de arte erótica, ou imaginar isso diretamente contra sua pele.

-Este jade não é quebradiço? Ela perguntou para estar segura de que o mais recente era o do caso.

-OH, não,- B.G. assegurou a ela. -Se assim fosse, então teria quebrado para estas datas.

Eric e B.G. trocaram olhares sorridentes. -O velho favorito então?- Ela sugeriu.

-Um bom ajuste,-disse Eric, -e fácil para manobrar.

- Bom. Então não deveria ser muito difícil para mim.

-OH, moço,- B.G. disse com uma risada sem fôlego.

Charity amou completamente ser capaz de estremecê-lo, embora ela não queria dar este longe. -Okay,- ela disse energicamente. Atemo-lo.

Ela avaliou ao seu redor com o que ela esperava parecer como um olho experiente. Embora estivesse de pé na colcha, a cama era extremamente estável, provavelmente fixada com parafusos



ao piso. O colchão chiava, mas nada mais. O dossel, um substancioso brocado de prata e azul, cobria um similarmente robusto marco. As tiras de ar, grossas e de madeira formavam um quadriculado estendendo-se no alto.

- Sujeitarei-te aqui,- ela disse, apontando para seu centro. Porque nós definitivamente queremos acessar você inteiro.

-Bem pensado- B.G. disse com um sorriso pequeno, sardônico.

Charity decidiu que se ele estava divertido, então não sabia completamente quem era o chefe.- tire sua túnica,- disse a Eric a maneira de arrumar isto. - e qualquer outra coisa que tenha debaixo.

Não tinha nada debaixo, claro está, nada a não ser pele lisamente musciosa. Algum dia ela o faria explicar como tirava seu pêlo do corpo sem deixar crescimento incipiente. Por agora, o deixou oferecer seu pulso. O ato simples de envolver o punho ao redor de seu pulso mandou rajadas suaves de calor rodando através de seu sexo.

Ele ofereceu sua segunda mão igual de obediente. Ela parou diante dele para assegurar seus braços por cima de sua cabeça. Enquanto fazia, seus peitos roçaram seu seio através de sua túnica. O ungüento que Eric tinha esfregado neles deixou seus mamilos apertados. Lutando para não distrair-se, ela deixou suficiente frouxas as tiras para que assim B.G. pudesse ajoelhar.

-Que há sobre uma almofada para seus joelhos?

-Que, obrigado,- Charity disse. -É mais útil.

B.G. bufou, mas Charity tomou o som com um grão de sal. O grande B.G. Grantham não estava tão frio como fingia. Suas bochechas estavam ruborizadas, e seus dedos se abriam e fechavam compulsivamente nos largos laços rosados. Esta pequena revelação incitou seu apetite.

Ela deixou a seus olhos ir à deriva para sua ereção, tal como um homem poderia cravar os olhos no seio de uma mulher. Parecia bom como ele estava, preparado, mas ela estava convencida de poderia fazer as coisas melhor.

-Cômodo?- Ela perguntou, um dedo golpeando ligeiramente seu queixo.

-Bastante,- ele respondeu, mas ela pensou que sua mandíbula estava tensa.

- Os laços não estão muito apertados? O quarto não muito frio?

- Acenderei um fogo,- Eric ofereceu antes que B.G. pudesse responder. A madeira tinha sido colocada já, e ele logo a teve rangendo. B.G. olhou-o trabalhar com olhos fascinados. Charity sabia que ele não perdeu esta mudança da quem lhe respondia Eric. Isto, mais que algo, parecia balançá-lo para trás.



-Melhor?- Ela perguntou quando Eric retornou.

B.G. só podia assentir. Ela sabia como ele se sentia como se ela estivesse dentro dele: Excitação nervosa, a sensação estranha de liberdade completa. A emoção fechou sua garganta, uma simpatia tão potente que podia ter sido amor. Ela não tinha antecipado quanto queria lhe dar este presente. Por agora muda, ela colocou sua mão contra seu peito. Seus músculos estendidos e levantados pela colocação de seus braços. Ela poderia ver o que nadar fazia por seu físico, como alisava e apertava tudo. Sua pele era suave como o veludo, quente como pedra exposta ao sol. Sob suas costelas, seu coração palpitava rápido.

- Temos o posto nervoso,- ela disse. - espero que não tenha medo.

Lentamente ele negou com a cabeça.

Eric murmurou alguma blasfêmia, obviamente cativado por sua resposta.

- Vamos te dar prazer,- ela disse, fazendo sua voz até mais suave.

- Você não terá que fazer uma coisa. Por outra parte... - Ela começou a rodeá-lo, arrastando seus dedos ao redor de seus quadris estreitos. -Se não posso te inspirar a brigar ao menos um pouco, então poderia sentir como se tivesse falhado.

Ele era menor que ela agora. Ela teve que apoiar-se abaixo para escutar a última parte em sua orelha.

-Brigar?- Ele murmurou de novo.

Seu traseiro apertado com força, convidando-a, desafiando-a. Certamente ele tinha que ter adivinhado o que planejavam. Em vez da resposta em letras, ela sublinhou seu significado com uma palmada enérgica, dura.

-Charity !- ele exclamou, soando genuinamente horrorizado.

-Sylvia levou mais que isso,- ela disse com um pouco de desprezo, mergulhando-se em seu papel com facilidade inesperada. -e Eric me disse que te prometeu que o faria.

-Eric... ofereceu... um montão de coisas.

Ela adorou o modo em que seu peito se elevou no ar. -Sua palavra segura é 'verde', ela cortou, acrescentando outra palmada. -Diga-a e tudo se detém.

-Tenho-a,- ele ficou sem fôlego. -Não a diria por equívoco.

Ela teve que rir do triunfo jovial puro de estar na direção.



Charity era uma revelação, uma força estranha, de natureza feroz. Ela se ajoelhou atrás dele agora, firmemente estalando suas nádegas com sua picante palma cavada. Sua pele faiscava com cada golpe, a sensação propagando-se como pólvora. A força que ela usava enviava vibrações profundas de formigamentos, diretamente através de seu pênis. Eric nunca o tinha golpeado tão duro como isto. Considerando o gentil que B.G. era com ele, Eric não teria se atrevido.

B.G. gemeu em uma reação que ele não podia controlar.

-Ali,- ela disse, ferozmente aprovando enquanto ela o agarrava sob uma bochecha. -Sente que é para render-se.

Ele pensou que poderia chorar, apesar de ser incapaz de pensar em uma razão para fazê-lo. Como seu corpo, suas emoções pareciam subir vertiginosamente fora de seu controle.

Ela estalou sua outra nádega, logo depois de acima abaixo pela parte posterior de suas coxas. Ele tinha calor em todas partes, pulsando, como se suas bordas dilatassem e contraindo imprevisivelmente.

-Doce,- ela cantou docemente, o som tão pouco definido como um sonho. -Doce, doce Benjamim.

Um soluço se obstruiu sem prévio aviso dentro de sua garganta.

Ela se deteve então, colocando seu rosto contra a parte pequena de suas costas. Quando ela beijou seu glúteo, seus lábios se sentiram frescos.

-Já basta,- ela disse, murmurando contra sua flama. -Agora precisa sentir algo agradável.

Ele abriu os olhos, só dando-se então conta de que tinham estado fechados. Eric se ajoelhou diante dele, sorridente. Parecia que havia diversão em seus olhos? Admiração? O julgamento de B.G. estava muito alterado para dizer. Tudo o que ele sabia era que quando Eric abraçou seu rosto e tocou seus lábios juntos, nenhum gesto nunca tinha sido tão doce. Seu beijo foi tão terno como o de Charity tinha sido rude, contraste perfeito, como se tivessem previsto entre eles adiantado. Talvez tivessem planejado, ou talvez se tornaram tão harmonizados que ocorreu naturalmente.

Qual possibilidade era mais desestabilizadora, B.G. não poderia dizer.

Ele gemeu enquanto a boca de Eric se apartava em uma última lambida lenta.

- Vou ajudar a tomar,- ele disse a um centímetro de distância. -Ela nunca usou um consolo em um homem antes.

A revelação de que ele seria o primeiro, feriu-o com um pequeno golpe erótico, um muito



em cima do resto. B.G. não podia responder, seja em louvor ou protesto.

Ele era grandemente hábil na bio feedback e a meditação, e alguns métodos de controle físico que ele tinha inventado por sua conta. Todas suas ferramentas foram inúteis agora. Ele não poderia invocar uma sozinho.

Ele se sentia - não mais que- isso como se a sensação fosse uma condição de ser realmente tal como líquido ou gás. Ele estava sob sua misericórdia. Se quisessem que ele gozasse, então o faria.

Ele estremeceu enquanto Eric instruiu a Charity na lubrificação correta do brinquedo.

-O segredo é ir devagar ,- ele disse. - Esse jade não pode sentir onde vai, assim é que precisa lhe dar abundante tempo para relaxar. Não empurre contra a resistência. Espere até que o eixo deslize dentro naturalmente.

As palavras sós produziram como resposta um estertor de desejo. Charity beijou a nuca de B.G antes que ela começasse, uma pressão terna que ela seguiu com um beliscão. A forma em que a dentada correu através dele o teve inclinando a cabeça.

Nada nele resistiu. Parecia como se nada pudesse. O jade deslizou nele centímetro a centímetro e logo estava quieto. A pressão se sentia bem. Muito bem. Ele quis gemer, mas o som se entupiu em sua garganta.

-Bom,- Eric disse.- Agora, recorda, o primeiro centímetro está carregado de nervos e, logo, ele sentirá a fricção mais sobre sua próstata, a qual está para a frente. Não o leve a extremos, entretanto. Quanto mais tempo dure isto, seu clímax será melhor.

-Posso mover agora?- Ela perguntou, em voz baixa.

-Ainda não,-disse Eric. -Espera até que comece.

Suas palavras revelaram uma verdade importante: Charity não estava completamente na direção; Realmente estavam fazendo isto juntos. Fisicamente, Eric podia ter afligido ao B.G. em qualquer momento. Emocionalmente, nem ele nem Charity poderiam ter êxito individualmente.

Enquanto B.G. tratava de absorver isto, Eric retornou ao redor dele, sentando-se sobre seus calcanhares com seus joelhos estendidos em um V. Ele estava o suficientemente perto para que B.G. pudesse sentir sua respiração em sua virilha.

-Xiii,- ele disse, esfregando o quadril de B.G enquanto ele estremeceu.- você não tem ainda frio?

-Não,- B.G. ficou sem fôlego, tudo o que ele podia tirar.



Ele não tinha frio, mas se alegrou quando Charity envolveu seu corpo quente, suave contra seu flanco. Ele necessitou o reforço adicional quando Eric pôs sua cabeça em seu pênis. A boca de Eric estava molhada e firme, o avanço lento de lábios e língua uma pressão muito bem-vinda.

Ele tinha acreditado que nada poderia ultrapassar isso, mas então a forma suave do jade jogou marcha atrás dentro dele, e tudo ficou claro. Isto era pelo que tinha estado esperando, o que ele tinha estado temendo: Quando o prazer roubasse sua vontade. Sua cabeça caiu para trás no ombro de Charity enquanto seus dedos se torceram incontrolavelmente em suas algemas. Sem ainda pensar, Ele enrolou o frouxo dos laços ao redor de seus pulsos. Levantava seus joelhos fora da almofada, o esforço tão necessário como a respiração. As vigas do dossel chiaram enquanto ele rebojava.

-Exato,- ela disse em seu ouvido enquanto empurrava para trás o brinquedo dentro. -Me mostre como briga.

Talvez estivesse brigando. Talvez isto fosse o melhor que poderia fazer. Eric o estava levando mais profundo em sua boca, sua mão vindo ao redor para ajudar a Charity. Com seu guia, seu manejo do consolo ficou mais hábil, as sensações que provocou mais intensas. Se ela sabia ou não, alcançava sua próstata com cada deslizamento. B.G. fez um som, um grito meio tragado. As pernas dela montaram escarranchado seu quadril, dividindo a parte dianteira de sua túnica. Ele podia sentir quão molhada estava, suave e feminina. Seus mamilos o pressionavam através da seda. Ele deveria ter gozado. Suas bolas estavam apertadas com isso, seu pênis doendo em ondas com seu pulso.

Alguém beliscou seu mamilo, e ele não soube quem foi.

-Retorce-o,- a voz do Eric zumbiu contra sua coroa. -ele gosta disso.

A torção o fez tragar saliva por ar, fez avançar dando sacudidas e avançar a saltos dentro da boca de Eric. Ele rebojou, mas estava o mundo tão parecido a inclinar-se. Charity estava beijando seu caminho para baixo de seu peito, flexionando-se mais à frente e mais à frente para frente, chupando o suficiente duro para deixar marcas. Ele elevou a voz enquanto o consolo acelerava o passo.

Quando ela acomodou sua cabeça ao lado da do Eric, soube que estava quase gozando. Ela inclusive na teve que chupar o lado de seu escroto que podia alcançar. Quando o fez, entretanto, quando ela o fez, agarrou o primeiro desdobramento violento de relâmpago que era seu clímax e enviou uma super onda. O orgasmo literalmente o cegou, com ligeiras explosões detrás de seus olhos enquanto o êxtase tratava de pôr ao reverso seu corpo. Ele gozou tão duro que não poderia respirar até que estivesse terminado, suas costelas apertando muito mais duro contra seus pulmões.

-Senhor,- ele disse quando finalmente pôde respirar.

Eric o tinha solto, e Charity se recostou igualmente, Sorrindo acima dele em certo modo era



de uma vez tímida e alegre. Ele não pôde resistir a combinação. Ele se contorsionou ao redor para beijá-la até que teve que deter-se para respirar outra vez. Quando ele a deixou ir, Eric estava tomando sua mão.

B.G. Parecia pois bem, aturdido era a única palavra que Eric poderia pensar que não infeliz, mas como se ele não estivesse seguro do que tinha acontecido.

-Esta bem?- Eric disse.

B.G. cravava os olhos em sua mão. Até esse momento, Eric não se precaveu de que ele tinha tratado de alcançar a Charity. O gesto tinha sido muito natural para pensar.

Agora ele deixou cair os dedos dela. Isso, por estranho que parecesse, sentiu-se incomodado.

-Me deixe tirar estas algemas,- Eric disse, elevando-se cobrir sua estranheza. Foi difícil desfazer as ataduras. A pressão que B.G. tinha exercido as tinha apertado mais, recordando a Eric quão desacostumado estava sobre estar recebendo sujeição. Quando seu amigo rodou sua cabeça ao redor de seus ombros, Eric se preocupou porque ele se incomodou com o atraso.

- Poderia se cortar,- ele ofereceu.

-Não há necessidade,- B.G. disse com um sorriso secreto que era mais como o usual nele. - posso esperar.

Esfregou seus pulsos quando foi finalmente livre. As sobrancelhas de Eric se elevaram diante dos vergões. -Irritou a você mesmo.

-Está bem,- B.G. disse, logo sorriu completamente fora. -Poderia dizer que não pensava.

Eric já se balançava fora da cama. - Trarei algo para pôr sobre isso. Algo afresco.

Enquanto ele procurava no gabinete do banheiro, ele ouviu Charity falar com o B.G.

-Está bem?

-Sim,- ele disse, calor e indulgência distorcendo sua voz.

-Se o enlouquecemos...

-Só em uma boa maneira.

Quando Eric voltou com o anti-séptico, Charity estava sentada sobre a cama enquanto B.G.



estava ao lado dela. B.G. apertava seu ombro reconfortantemente. Ela olhou além dele para Eric, e seus passos vacilaram. Sua expressão era simplesmente um sorriso, mas algo nela o fez deter-se.

Ela me ama, Eric pensou, muito estupefato para reagir. Ela poderia não saber, e quem sabia quanto tempo duraria, mas nesse instante, ela o amava.

Tinha sabido que havia uma oportunidade de que isto pudesse ocorrer, mas nunca teria adivinhado que o golpearia como um raio.

- ... Encontrei um aerossol,- ele disse, mantendo-o fora.

Charity saltou acima para tomar isso dele. - Farei. Esta classe de coisas é trabalho de garotas.

B.G. ofereceu a ela suas mãos tão confidencialmente como o fez antes, Mas Eric poderia dizer completamente que ele se dominou outra vez. Ele observou a parte superior da cabeça de Charity enquanto ela se concentrava sobre ele.

-Deveríamos ficar ?-Ela perguntou.

-Ficar? -Isto sobressaltou a B.G. A mão que ela logo tinha terminado de orvalhar se sacudido com força de volta.

-Sim,- ela disse. - Até que amanheça.

B.G. tocou seu cabelo, logo encontrou seu olhar quando se levantou. Nesse momento, Eric viu seu amigo como se ele fosse um desconhecido um desconhecido digno, soberanamente isolado. Eric se perguntou se alguém alguma vez se levou bem com ele tão facilmente como Charity.

Ele não se conteve. Ele sempre tinha temido ao grande gênio, sempre tinha estado ligeiramente subordinado. Ao mesmo tempo, isso pareceu um engano terrível.

- Nós gostaríamos de ficar,- ele disse enquanto dava um passo adiante.

Só a cabeça de B.G virou. A luz do fogo jogou sobre os planos de seu rosto, seus olhos inescrutáveis tão escuros como tinta. Eric sentiu o giro de suas engrenagens interiores, embora B.G. pensava que somente sabia.

-Então, -ele disse depois da vacilação mais leve. -Ambos deveriam ficar.

Capítulo Quatorze



Tiveram uma segunda ronda, de certo modo. Eric a rodou embaixo dele na cama de B.G, empurrando lenta e lisamente nela. Ele estava duro como aço por esperar, pelas coisas que tinha visto e tinham feito ao B.G., e Charity quase se derreteu com a sensação dele deslizando dentro dela. Ela supunha que fazer amor uso missionário, direto era tudo o que seu corpo podia dirigir. Podia dizer que ele estava nisso. Sua mandíbula estava apertada, e seu olhar nunca deixou o seu. Esses olhos cinzas eram intensos, sua atenção tão excitante como algo que viesse antes. Apesar da atenção, ela sabia que ele estava longe de esquecer a seu amigo.

B.G. se esticou ao lado deles com sua cabeça apoiada em uma desinteressada mão, como um gato, e mais que o suficiente perto para tocar. Em certa forma ela sabia que ele não poderia, um pormenorizado Eric parecia compartilhar.

B.G. estava ali para observar.

O acerto era estranho mas sexy. B.G. pareceu aprender de cor o que Eric fazia, talvez tirando claro o que a tinha encontrado Eric que lhe gostava. A conclusão tentadora era que tentava usar o conhecimento para receber de novo a vantagem que algumas pessoas poderiam dizer que tinha perdido.

Exceto ele não atuava em desvantagem. Atuava interessado.

Quando Eric a fez gozar o suficiente forte como para que se arqueasse acima, tudo o que ele fez foi sorrir.

A vulnerabilidade que ela tinha visto nele antes parecia tanto um sonho como os fantasmas de Mosswood.

Ele esperou até que Eric estremecesse no clímax, logo tocou a curva inferior de suas costas.
- Dorme, -disse, deslizando uma mão para seu peito.

Eric estava suspenso sobre ela sobre seus cotovelos, tremendo da força de sua liberação longamente atrasada. Uma conta de suor rodou fora da ponta de seu nariz. - estou acordado,- ele disse, mas seus olhos foram à deriva mesmo assim.

-Está bem,- B.G. reconfortou-o. – me encarregarei do suave abraço post coital e conversarei.

-Sabia! Charity riu dissimuladamente. - necessitam-se dois homens para tratar a uma mulher bem.

Eric resmungou algo e se retirou, já tão depravado que teve que segurar a camisinha com uma mão. Ele o lançou em um pote de lixo com cuja posição ele devia ter estado familiarizado.

-Obrigado,- ele disse, possivelmente a ambos, depois do qual ele a beijou encovadamente na bochecha. Então, como só um homem faria, deu-se volta e se deixou cair, tão longe como ela pôde dizer sem sequer pensar ainda sobre uma ducha.



Charity pensou nisso, e se decidiu por uma volta rápida sob o chuveiro e uma massagem com uma toalha molhada em água quente. O banheiro de B.G era luxuoso. Ele tinha abandonado seu tema francês por um estilo mais monolítico, moderno. As mesmas paredes de terra apertada que adornavam seu dormitório estavam presentes aqui. Os pisos eram de concreto selado, permitindo aos múltiplos chuveiros permanecer abertos. Intrigada por este vislumbre do santuário mais privado de B.G, ela bisbilhotou o suficiente para encontrar portas conduzindo a um sauna e uma Jacuzzi.

Aparentemente, viver o grande mundo te mantinha limpo.

Apesar de sua demora, seu anfitrião estava sentado quando retornou. Ele levantou um braço a ela e sorriu, lhe fazendo impossível fazer algo exceto se enroscar em seu afeto. Não é que tivesse qualquer afã particular para resistir. Eric estava no outro lado, dormindo como um bebê. B.G. tinha posto o lençol sobre ele, e agora a cobriu. Os travesseiros detrás deles eram suaves como nuvens.

Como se tivessem feito isto todas as noites durante anos, seus dedos pentearam amavelmente, apaziguadoramente através de seu cabelo.

-Isto é bonito,- ela disse, sentindo-se estranhamente de uma vez alerta e tranqüila.

- Sim, é ,- B.G. esteve de acordo. -Quase o suficiente agradável para fazer a um homem acreditar que outras pessoas o podem fazer feliz.

Charity esticou sua cabeça em cima de seu peito. -está dizendo que não podem?

- Estritamente falando, Como entes emotivos, os seres humanos são auto-suficientes. Acreditam que as ações alheias inspiram que nós sejamos felizes ou miseráveis, como pode ser o caso mas são nossos pensamentos sobre suas ações os que criam as respostas hormonais que interpretamos como a felicidade.

Este bocado fez a Charity pensar que ela e Eric realmente o haviam posto nervoso já seja isso ou o tinham ficado à vontade excessivamente. B.G. não tinha tirado sua conversa nerd por algum momento.

-Assim é que cada homem é uma ilha?- Ela tratou de perguntar inteligentemente.

- Só de uma perspectiva Newtoniana, onde as pessoas são consideradas como objetos discretos. A visão quântica diria que existimos em uma contínua sopa de energia, onde as pessoas em realidade, todas as formas da matéria são somente áreas de mais alta vibração concentradas que conduzem e são conduzidas enquanto se esperaria que fossem coisas sólidas. Porque esta solidez é uma ilusão, nossas ondas cerebrais não têm problema para irradiar para fora, comunicando assim nossos pensamentos ao universo. Parece como se pensássemos que estamos separados, mas não estamos.



Charity não ajudou rindo. - B.G ., qualquer homem ou é uma ilha ou uma sopa. Você não pode contar com ambas as alternativas.

- Sim, posso. Ambos os pontos de vista são válidos dentro de seu contexto. Além disso, ocasionam a mesma conclusão. Se formos autônomos, então nada pode ' nos fazer ' felizes. Se formos concentrações de ondas dentro de uma continuidade, logo então atraímos acontecimentos que inspiram felicidade fortalecendo nossa atenção nessa emoção. Alegria atrai alegria, e o sofrimento faz o mesmo. Qualquer cara da moeda, nós estamos a cargo de nossa condição.

Se ela não tivesse estado encostada contra ele, então ela estava convencida de que ele teria os braços cruzados. Então de novo, com uma filosofia como essa precisava ser duro. Para levar sua premissa a sua lógica conclusão, cada experiência que saísse ao encontro poderia ser de sua própria preparação. Ele não teria a ninguém para culpar por nada exceto a si mesmo o qual pareceu bastante rude, se lhe perguntassem.

Divertida por tal extremismo, ela bateu no músculo duro, plano de seu peitoral direito. - Bem, Senhor Gênio, conta com ambas as alternativas. Mas se uma pessoa pode fazer feliz a outra pessoa, Estaria honrada por ter dado um tiro para você.

Ela realmente o tinha deixado estupefato. Sua boca se abriu ligeiramente, e ele cravou o olhar nela com os olhos suspeitosamente brilhantes de lágrimas.

-Bem,- ele disse, piscando ao mesmo de volta à compostura.-Isso... é muito amável.

Ela ocultou seu sorriso colocando sua bochecha contra de seu peito. - Não há problema. Com exceção das taças que saltam e os fantasmas, você me tem feito feliz-

-Fantasmas?

- OH, Sim. Esqueci-me de te dizer. Esta tarde pensei que ouvi um abaixo em seu horripilante vestíbulo isabelino. Soando como um traje de noite varrendo o piso.

Sua mão se aquietou em seu cabelo, logo se moveu outra vez.

-Provavelmente um esquilo,- ele disse, relaxando-se baixo ela. - sempre entram.

B.G. não souu como se ele acreditasse isto. De fato, ele soava como se soubesse que as coisas não eram assim. Charity abriu a boca para desmenti-lo, logo decidiu que preferia manter sua posição de negativa. Se ele tinha motivos para acreditar em fantasmas, então ela não queria sabê-lo.

Verdadeiro para restabelecer seu novo e melhorado ego quântico, Charity despertou antes de qualquer dos homens.



A clarabóia na sala de estar de B.G anunciava uma manhã cinza aquosa. Sem um relógio, ou instruções sobre como encontrar um, Charity não tinha idéia se era o momento para levantar-se.

Seu estômago decidiu o assunto rugindo.

De algum jeito ela tinha ido parar no centro da cama. Quando ela saiu com dificuldade de entre os dois mornos corpos masculinos, B.G. queixou-se em seu sonho e imediatamente se aconchegou mais junto ao Eric.

O movimento a fez sorrir embora fosse ofensivo ser tão facilmente substituída. Mas quem se preocupava por isso? Ela seria duplamente popular quando retornasse. Era um fato conhecido na vida de Seattle que você não podia julgar a um novo amante até que o tivesse visto antes do café.

A cozinheira de B.G a ajudou em sua missão carregando um carrinho com omeletes à espanholas, dividiu laranjas em quatro , e um grande bule de café rápido. Sentindo-se extremamente agradada com seu carregamento, Charity o empurrou no dormitório de B.G.

-Comida,- Eric gemeu em seu travesseiro.

B.G. ficou de barriga para cima e cobriu seus olhos com seu braço. Sua cabeça na cama era menos graciosa que a Eric, mas seu rosto era definitivamente pálido na manhã. Ele esclareceu a voz antes de falar. -me diga que ali há café.

- Há ,- ela disse. -Recém feito.- Ela inclinou a tampa do bule cheia de vapor e deixou o aroma flutuar. - Mm. Cheira como duplo torrado.

Os olhos ainda fechados, B.G. estendeu sua mão.

-Por favor,-disse. -Negro.

-O que me dará por isso?

- Meu filho primogênito.

-Até onde sei, não tem um.

Pela maneira em que seus olhos se entreabriram, ela decidiu que o tinha empurrado além de seu limite de pré café. -Não importa,- ela disse, passando por cima uma xícara. - Cobrarei meu favor mais tarde.

Ele inspirou, logo tragou, e então deixou escapar o suspiro de um viciado. Eric estava mais interessado na comida, mas como ela pôs uma bandeja de cama por cima de seu regaço repleta, ele foi igualmente apreciativo.



-É uma deusa,- disse, sua boca cheia de omelete quente.

-Sim, sou.- Charity sentada na beira ao lado de seu quadril. -Embora a senhora Alvarez merece algum crédito.

Sentindo-se agradavelmente como uma esposa, ela encheu de novo a xícara de B.G, logo ajudou com a torrada de Eric.

-Sinto muito 'pelo turno de migalhas, -disse Eric, mas B.G. ondeou as mãos afastando a preocupação. Ele parecia menos pálido, até seu nariz estava sepultado em sua xícara.

-Mantém às criadas sem aborrecer-se, - ele disse, e tudo o que Charity pôde pensar foi, deve Ser agradável!

Quando ele tinha tomado sua segunda xícara, voltou-se para ela. Ela não estava preparada para sua seguinte pergunta. -Me diga, Charity,- ele disse. -quantos estrangeiros nacionalizados seduziu?

-B.G .,- Eric arreganhou.

-Sinto muito,- B.G. disse.- A forma em que ela negociou com esse café a fez parecer ardilosa. Decidi que seria irresponsável não perguntar.

- Saí em um encontro com um esquiador canadense uma vez,- ela ofereceu, embora não entendia o que ele precisava saber.

-Canadá.- Ele esfregou seu queixo reflexivamente. - Não. Isso não o faria.

-Fazer o que?

-Nada.- B.G. entregou-lhe um de seus doces sorrisos semi tolos .- Não teremos conversa negativa esta manhã. A menos que - ele pressionou o lado de um dedo a sua boca - você não aceitou presentes de casualidade do esquiador que valham mais que cem dólares?

-Né,- ela disse, agora a fundo confundida. -O máximo que consegui foi algumas rosas. De fato, agora que lembro, ele me deu algumas rosas com o nome da noiva equivocada no cartão. Enviou ambas ao mesmo tempo e as mesclou.

-Nada bem.

-Nada bem por completo embora foi algo gracioso pensar que ele teve a duas garotas furiosas de uma vez, tudo porque não pôde ser original.

-A espontaneidade pode ser um desafio para alguns homens.- B.G. meneou sua cabeça como se este fosse seu problema, também. Talvez fosse. B.G. seguro tinha algo para planejar.



- Sei o que poderíamos fazer,- ela disse, -se não se sentir como se fosse escravo da rotina.

-"OH, meu Deus,- Eric disse, parecendo divertido.

Ela empurrou sua coxa. - Tira sua mente da sarjeta. Acredito que poderíamos ir jogar boliche.

-Hm,- disse B.G. -Mosswood tem muitas comodidades, mas lamento informar que uma quadra de esportes de boliche não está entre elas.

- Não, vamos jogar boliche. Fora do imóvel. Estou segura que vi algumas ruelas em um dos povoados em nosso trajeto aqui. Deveríamos fazer isso, B.G. Todo mundo necessita um descanso ocasional do sexo que altera a mente.

Isto inspirou um sorriso. -Você sabe,- B.G. disse, - não acredito que alguma vez tenha jogado boliche em minha vida.

- Tão melhor. Esfregarei o piso contigo. OH !- Ela empurrou o café de Eric ricocheteando sobre a cama. -Podemos levar Maurice? Sei que Sylvia está no canil, mas apostaria Maurice sabe em quais buracos colocar seus dedos.

-E até mais,- Eric disse sarcasticamente enquanto balançava sua xícara.

Os olhos de B.G se ampliaram. -quer que meu chofer se una a nós?

-Garantido.- Quanto mais pensava nisso, melhor lhe parecia a idéia. -Não é Maurice uma parte importante de sua sopa quântica? Você não quereria descuidar das suas batatas-

-Não, certamente,- o genial cientista disse. -Descuidar minhas batatas seria um descuido grave.

Jogar boliches foi um alvoroço total mesmo que, contrário de suas expectativas, Maurice resultou ter dois polegares esquerdos. B.G. fez bem uma vez que começou a fazer gráficos das trajetórias, mas foi Eric o que surpreendeu a todos, alcançando peças de reposição e golpes quase todo o tempo. Levou a Charity todas sua matemática recordar como manter a pontuação.

-Joguei em uma liga na universidade,- ele disse com brilho secreto em seus olhos-.

-Um botão de chamada!- B.G. exclamou, obviamente desfrutando do triunfo de seu amigo.
-Dê uma vantagem !

Ao pouco tempo de que chegaram, o corredor ao lado deles estava tomado por um grupo



de adolescentes. Com a foto do B.G grampeado nos textos de ciência da escola secundária, era só questão de tempo antes que começassem a percorrer o olhar a seu aspecto. Quando tiraram claro quem era ele, insistiram em lhe convidar a uma gordurenta pizza, que ele comeu com condimento extra, usando o peperoni para dar uma demonstração extemporânea a respeito da natureza do que segundo ele chamava "as multi ramificações do multi universo", onde se dividia a realidade segundo se comia a fatia ou o punha abaixo.

-Tio!- disse um dos adolescentes quando ele começou a entrar nas multidimensões. Aparentemente, B.G. Grantham era um herói para o conjunto da preparatória. O único momento mais brilhante foi quando Maurice foi reconhecido de seus dias de luta. -Bad Mo,- como ele tinha sido conhecido, redimiu-se de suas bolas baixas assinando autógrafos em todas partes. Ruborizando-se, ele foi assinando o sutiã de uma garota.

A tudo isto, foi um dia para os livros de records.

- Jah!- Charity cacarejo enquanto ela e Eric caminhavam amigavelmente para seu quarto. - Quem diz que não pode fazer felizes a outras pessoas?

-Certamente não eu.

Eles estavam diante de sua porta, balançando as mãos de um modo de uma vez tática dilatória e desejo. B.G. afastou-se, murmurando algo vago a respeito de "ver o negócio" Charity queria que Eric ficasse, mas estava pedindo muito?

Tinham passado uma tremenda quantidade de tempo juntos. Talvez ainda um guardião erótico necessitasse de tempo livre.

Quanto a isso, ela deveria estar necessitando tempo livre para si mesmo. Nunca tinha sido alguém que queria estar unida ao quadril com um homem.

É obvio, não eram seus quadris no que estava mais interessada. Pelo fulgor nos olhos do Eric, ela não era a única cujo instinto sexual se recuperou da noite anterior.

Se ela punha os movimentos sobre ele, era o melhor que poderia esperar para mais estímulo? Ela não estava segura de haver-se apresentado para isso. Talvez não perguntar era melhor que ter que conter-se.

Incapaz de decidir-se, ela deixou cair seu olhar para olhar seus pés arrastando-se pelo piso. - Foi bonito da parte do B.G. comprar a todos sapatos novos,- ela disse, admirando a pele-vermelha e creme.

Eric deslizou suas mãos para seu peito, as deixando descansar agilmente sobre sua camisa. - Suspeito que pensar em todos os pés que tinham estado nos de aluguel antes de nós lhe deu tremor. Além disso, poderia querer ver nestes outra vez.



-OH, carinho,- ela disse com uma risada. -Seu amigo tem algumas excentricidades estranhas.

-Ele não é o único.

- Não, não o é. Ontem à noite foi divertido.

As rugas ao redor de seus quentes olhos cinzas fizeram coisas perigosas a seu coração. Ela teve que afirmar-se quando seus polegares esfregaram círculos sob sua palmas.

-Mais que divertido,- ele disse. -e hoje esteve bem, também.- Ele tomou fôlego como se ele necessitasse coragem. -Foi uma coisa realmente linda a que fez.

Embora ela o desejava ardentemente, sua aprovação a envergonhou. Ela se encolheu de ombros encurvadamente. - só jogar boliches.

-Só não jogar ao boliche. Você o tirou de casa. Recordou-lhe que pode divertir-se na vida real. Confesso, não me teria ocorrido fazer isso. Não teria esperado que ele me permitisse isso.

-Por que não? Ele não é seu chefe vinte e quatro horas os sete dias. Na hora da verdade, é seu amigo.

Desta vez, Eric encolheu de ombros. - As amizades têm dinâmica. Adivinho que isso somos nós.

- Isso é tolo. Você me disse que não gosta de ser mimado. Se você pensar que ele esta voltando-se muito hermético, deveria falar sem temor. -As mãos de Eric se levantaram para alisar seu cabelo, mas Charity não estava com ânimo para ser reconfortada. - Foder as regras, de qualquer maneira. Por que não podemos ser somente pessoas?

Ele sorriu, parecendo saber que ela queria dizer as regras que se aplicavam a ele e ao B.G. - ainda somos pessoas até com as regras.

-Sim, mas com as regras não sempre pode dizer o que seja real e o que é jogo.

Ele agachou sua cabeça para beijá-la, começando suave e ao final intenso. Seus joelhos se voltaram instáveis dentro de segundos. Muito cedo, ele se apartou, seus ombros assegurados em suas mãos. -Isto é real.

Poderia ter sido real, mas era somente um beijo. Até o enrouquecimento em sua voz não dizia o que queria averiguar. Já sabia que se sentia atraído por ela. A pergunta era, estava-o como ela? Pensava que era o suficientemente boa para mais que jogar? Divertido era, que por um momento, ele estava olhando em seus olhos como se desejasse saber o mesmo.

- Deveria ir,- ele disse, soando relutante. – Está em pé desde cedo. Você querará descansar.



-Correto,-que ela disse, dando um passo para trás torpemente.
– Obrigado.

Ela apertou sua mandíbula enquanto girava, determinava a disfarçar tanto seu dano e como sua sensação de estupidez. Ser muito direto parecia não ser seu problema agora.

Imbecil, Eric pensou, observando suas costas ficar rígida. Ele não tinha tido a intenção de que se sentisse rechaçada. Ele tinha tratado de dizer que as coisas que tinha visto em seus olhos a noite anterior deviam ser ditas em voz alta.

Não é que tivesse qualquer direito a querer que ela admitisse que o amava. Não é que ele soubesse o que lhe diria de volta.

Um homem que poderia estar tão ciumento dela e do B.G. logo que qualificava como espaçoso em sua mente.

-Charity,- ele disse, sua mão estendendo-se para seu braço. Ela se voltou pela metade, o olhar em seus olhos cautelosa. Ele desejava que seu tom fora suave. - Me alegre de que esteja aqui. Me alegre que transforme as coisas.

Seu sorriso não era tão segura de si mesmo como podia ter sido. -Bom,- que ela disse sobre seu ombro. - verei o que posso transformar esta noite.

Seu sangue bombeio mais rápido com a promessa. Ele não teve dúvida de que ela tratou de dizer o que disse.

B.G. deu uma tapa apagando a imagem na tela, caminhou quatro passos para sua cadeira favorita, e recolheu um copo de pinot noir ¹⁸parcialmente bebido. Estava vagamente consciente de que seu rosto estava fervendo quente.

Eric e Charity pensavam que era um ermitão. A excursão do hoje tinha sido por lástima, não amizade.

Ele empunhou sua mão ao redor do caule do copo. Ele não podia culpar a ninguém a não ser a si mesmo por este conhecimento não desejado. Ele não deveria ter observado. Deveria haver-se voltado no momento que viu que sua interação era pessoal. Deveria ter recordado quão fácil as pessoas esqueciam a presença das câmeras. Se nada mais, essa função do estúpido Mundo Real deveria lhe haver repartido esse ensinamento.

Sem beber um gole, baixou o vinho e se sentou. Os sapatos de boliche apertavam seus pés. Talvez os de aluguel tivessem sido melhores. Talvez uma pessoa normal não teria se preocupado

¹⁸ - A pinot noir é uma uva tinta da família das Vitis vinifera, originária da França.



por uns quantos velhos germes.

Honestamente, entretanto, no que estava pensando Eric? Por que não expressou seus sentimentos? Qualquer poderia ver que Charity ficou impactada, mas B.G. sabia que as mulheres necessitavam palavras. Se Charity não as recebesse, então não se sentiria o suficientemente segura para dar as suas de volta. O intercâmbio de confidências emocionais era uma etapa crucial dentro do desenvolvimento de uma relação!

A cólera propiciava um maior calor mais confortável que a humilhação. Deixando-a levantar-se, B.G. Tirou com as pontas dos pés os sapatos e os chutou através do tapete.

Eram idiotas, os dois. B.G. não era romântico, e não tinha problema vendo-os felizes, a solução tão clara como qualquer teorema científico que alguma vez tivesse solucionado. Ele se moveu em seu assento enquanto a imagem surgia. Eric e Charity compravam um pequeno lar uso Craftsman¹⁹ nos pendentes do Queen Anne Hill. Estavam sentados no alpendre cada manhã, bebendo café e olhando a paisagem. B.G. os visitaria nos dias de festa platonicamente, é obvio, porque estariam casados para então. Naturalmente seu sonho não faria jogo ponto por ponto com a realidade- as pessoas não podiam dar ditados ao universo mas ele sabia que seus instintos eram lógicos.

Esses dois eram adequados um ao outro: A responsabilidade de Eric, a ferocidade de Charity , a forma em que trabalhavam em equipe. Embora o jogo saiu fora dos trilhos ultimamente, sua estrutura básica aumentava suas reações admiravelmente. B.G. não deveria ter tido qualquer dificuldade aproximando-os juntos. Ele o faria provando seus métodos exitosamente muitas vezes para pô-los em dúvida agora.

Ele incomodou seu lábio inferior entre seu dedo e o polegar, apesar de saber o pouco que esta agitação ajudaria a sua causa. Ele esperava não haver-se equivocado por apresentar seus métodos a Charity. A ela pareceu funcionar, mas possivelmente seu comprido hábito de indecisão fora obstrutivo.

Deixa-o ir, ele pensou, fechando seus olhos e forçando-se a respirar mais lento. Se sua confiança permanecida firme, então o universo faria o trabalho por ele. A casualidade favorável operava melhor do que um humano faria.

Mesmo que ele tinha afastado sua frustração, sua ferida permanecia. Não importava. Ele era uma criatura de hábitos, um ermitão, como haviam dito. Sempre estava mais cômodo aqui que fora no mundo. Fazia as pazes com isto, mais que fazer as pazes, ele o tinha convertido em um ativo.

Sua calma era um ativo, também, deixando a sua mente vagar livre. A resposta já existia no reino quântico. Encontraria-a e relaxaria.

Ermitão ou não, Charity não era a única que poderia transformar as coisas.

¹⁹ -Estilo de casas .



-Viu isto?- Sylvia demandou.

Ela retirou uma folha dobrada da parede fora do quarto de Charity para agitá-la em seu rosto. Claramente, tinha estado acampando esperando que Charity retornasse de nadar.

Tal como claramente, ela tinha passado a espera enfurecendo-se.

Relutante a abrir porta e permitir à outra mulher continuar seu discurso acalorado dentro, Charity tomou a missiva de sua mão. Suas sobrancelhas subiram enquanto lia.

- Parece como se B.G. tivesse perdido as esperanças a respeito de impor regras. 'Até novo aviso, os convidados e o pessoal podem formar algo que disponham pessoalmente sem que as disposições que escolham falem negativamente afetando os termos de seu emprego.'- Charity olhou da missiva pulcramente impressa para a fúria de Sylvia. - Pois bem, não sei por que o fez, mas admito que tampouco sei por que está desgostada. Como pode ser isto algo mau?

-Ele não me disse isso,- Sylvia disse. -Isto – ela golpeou ligeiramente o papel – foi pego com cima da sua porta. Eu tive que escutar as notícias através de Michael.

-O tipo de vigilância?

- Sim. Ele é pessoal auxiliar como o eu, embora ele valoriza um aviso.- Sua boca se torceu para um lado. -Aparentemente, ao elevado e capitalista B.G. Grantham já não importa o que faço.

- Estou segura que aprecia suas habilidades. Possivelmente ele descuidou de sua cópia porque, hum, suas responsabilidades mudaram recentemente.

Sylvia olhou endurecidamente ao aviso, provocando a Charity puxar sua túnica de tecido de toalha mais próxima a seu pescoço.

-É um porco capitalista,- Sylvia estalou, -trocando as regras para que venham bem com ele mesmo.

- Pensei que você gostava.

-Eu gosto!-" Ela disse, logo pressionou seu punho em sua boca. -A maioria das vezes.

Apesar de sua moléstia, Charity se abrandou quando viu os olhos da outra mulher lacrimejar. Sylvia era uma rainha do drama, e estranha para começar, mas ninguém gostava de sentir-se desprezada. Esperando acalmá-la, pôs sua mão nos bíceps impressionantemente duros de Sylvia. -Não pode tirar partido disso? Ter sua diversão e ignorar o resto? Digo, agora pode ver o Michael tudo o que queira sem se mover furtivamente ao redor.



Charity se deu conta que mover-se furtivamente ao redor poderia ser parte da atração, mas não esperava a avaliação abruptamente glacial da Sylvia. -Michael me disse que você caiu sobre ele,- ela disse. -Ele me disse que adivinhou que ele ocultava fitas de vigilância para mim.

-Não contei a B.G., se for isso que se preocupa. Só pedi que não o faça novamente.

Sylvia continuou fixando o olhar, seus braços agora dobrados através de seu peito, sua expressão avaliadora. Seus dedos magros golpearam ligeiramente seus cotovelos. Quando ela esquecia de franzir o cenho, ela era uma das mulheres mais preciosas que alguma vez Charity tinha visto: Uma verdadeira princesa esculpida em gelo. Ela podia entender como poderia o melhor julgamento de um homem ser deslumbrado.

Finalmente, Sylvia deixou de tamborilar. -Sinto muito,- disse. - Não deveria estar desgostosa contigo. Você só está tratando de ser agradável. É sozinho que Michael não é o ponto.

-Ele é lindo,- Charity disse. -e preparado em seu trabalho.

Nisto, Sylvia se esfregou seu lábio inferior. -Quer? Ela perguntou. - Michael desfruta de ser dominado. Acha muito excitante.

Charity não podia ajudá-lo: O pensamento de aceitar passou como um relâmpago por sua mente. Se Eric ou B.G. queriam observar, ela poderia ter estado mais inclinada para picar o anzol, mas tinha a impressão bem definida que não era o que Sylvia sugeria. Já seja que esta fora a idéia da Sylvia de um gesto acolhedor, ou que ela esperasse participar.

-Hum, meu, prato está variadamente cheio neste momento .

-Sim,- Sylvia disse com uma expressão que ela não pôde ler. -Adivinho que está. É bem-vinda se mudar de idéia, você sabe. Não o tenho agarrado.

Por isso tinha visto, Charity duvidava . Michael estava tão obcecado com a massagista loira como um homem poderia estar.

- Agradeço a oferta,- ela disse, esperando evitar ofender.

-Hmpf,- Sylvia bufou e se afastou dando a volta. Ela estava vestindo calças jeans apertadas de couro negro, e sua pequena concha se sacudia enquanto ela caminhava. Como se soubesse que Charity observava, ela meneou um dedo no ar. -É também bem-vinda a mudar de idéia sobre mim.

Ela disse isto sem voltar, mas Charity ainda fez o melhor que pôde para silenciar sua reação – no caso da massagista tinha olhos atrás de sua cabeça. Bonita ou não, lastimosa ou não, Sylvia não era alguém com quem ela queria enredar-se... sobre qualquer base.

Ela negou com a cabeça, logo notou que sem dar-se conta tinha espremido a carta de B.G. pela metade. Aqui havia outro mistério. A mudança de parecer de B.G. queria dizer que tinha



passado uma prova ou a tinha falhado? Parar o jogo faria incrementar ou diminuir a cercania entre o três? Sobre tudo, o que queria ela realmente que acontecesse?

Incapaz de responder, começou a abrir sua porta. Introduzi-la em uma situação não a fazia melhor do que era Sylvia. Em vez de salto a conclusões, poderia perguntar ao B.G. o que ele queria dizer.

Com tudo o que sabia, ele simplesmente tinha decidido que jogar boliche era melhor que o sexo.

Capítulo Quinze

O vapor rodou através da sauna privada de B.G como névoa de horror de Hollywood. As costas do B.G e Eric estavam apoiadas em esquinas opostas, suas pernas esticadas abaixo do mesmo banco de cedro. Com a facilidade da larga relação, seus joelhos pendiam juntas prazerosamente.

-Está certo disto?- Eric perguntou, a tensão de sua conversa com Charity quase suada fora. Sua tensão pela decisão de B.G era uma questão diferente. Isso coabitava como foi pedido com o mormaço. - Quer atirar as regras pela janela. Nenhuma espera mais. Todo mundo pode pedir o que quiserem e dizer ' sim ' ou ' não ' como querem.

-Todo mundo sempre poderia dizer ' sim ' ou ' não.'- Os olhos do B.G foram fechados, suas mãos dobradas amplamente através de seu ventre plano. Como Eric, seus quadris estavam envoltos em uma toalha. Apesar da conta de suor em seu rosto, parecia a ponto de começar a dormir.

-Só me diga por que,- Eric disse, inexplicavelmente frustrado. Não era seu trabalho estar aborrecido ou contente pelas opções do B.G.

-Possivelmente penso que nossa convidada tem direito de conhecer a diferença entre o que sente cada um de nós verdadeiramente e o que fazemos pelo jogo.- As pálpebras de B.G entreabriram, mas entre nuvens de vapor e o talento de seu chefe para a dissimulação, Eric não podia ler suas emoções.

-Você nos ouviu falando,- disse, adivinhando isso.

-Sim,- B.G. admitiu.

-Merda- Eric ficou reto e pressionou seus punhos em suas coxas. - Ouviu o que não dissemos a respeito de que não sai o suficiente.



-Sim, mas isso não tem nada haver com isto.

- O inferno que não o tem. Está um pouco zangado e ferido.

B.G. fechou seus olhos outra vez. -Se o estiver, então me concerne .

- Está mijando em nós. Quer nos separar.

-Se eu quisesse separá-los, por que faria possível para nós estarmos juntos sem limites?

-Não sei.- Eric balançou seus pés em cima do piso do concreto selado. - Talvez Charity te faz incomodar. Talvez espera que se canse dela se pode ter tudo o que você queira.

- É esse cenários o que parece provável?

- Não, mas eu não sou você.

B.G. pareceu gostar desta resposta, áspera apesar de tudo. - é um experimento,- ele disse com um sorriso gentil. - Quero observar os efeitos desta mudança. Você sabe que estou sempre interessado no comportamento humano.

-Charity não é seu porco de Guiné!

B.G. desenhou seu dedo e polegar abaixo de cada lado de seu sorriso.

-Por que assume que experimento nela?

Eric não tinha a resposta. Como podia tê-la quando B.G. poderia manter em privado a maioria dos processos de seu pensamento? Bloqueado, ele se situou de volta em sua esquina, seus joelhos girados mais perto a seu peito. Algumas vezes realmente batia que não entendia melhor a este homem que ele amava.

-Você não tem que ficar comigo,- B.G. disse. - estou perfeitamente bem por mim mesmo.

-Está você me tirando a patadas?

- É obvio que não o estou. Somente pensei que você quereria passar o tempo com ela agora que não tem que se conter.

-A gente sempre mantêm algo atrás,- Eric replicou. - é a natureza humana como você deve saber.

B.G. colocou sua mão sobre o tornozelo do Eric. Seus dedos estavam escorregadios com suor, sua expressão alerta e tranqüila. -Talvez tenha medo do que aconteceria se fizesse acessível.



Eric se retorceu fora e ficou de pé.- Se essa não fora a panela chamando o caldeirão negro!- Bom,- ele disse. -Desde que está assim se pondo ansioso por te desembaraçar de mim, sairei a foder a nossa ' convidada ' sem sentido.

- Nunca estarei ansioso por te despachar. Amo-te muitíssimo.

Eric penteou seu cabelo para trás e grunhiu, logo se dobrou ao beijo revoltante de seu chefe. – te verei mais tarde,-" ele disse, varrendo sua mão abaixo da bochecha do B.G em uma carícia arruda. -Deixa as câmeras apagadas.

-Sim,- B.G. esteve de acordo. - acredito que aprendi minha lição com consideração a isso.

Poderia ter sido a imaginação do Eric, mas ele pensou que B.G. estava triste quando ele se tornou para atrás.

Ironicamente, Eric teve que recorrer às câmeras para encontrar a Charity. Ela apareceu no último lugar que Michael revisou: A passarela com forma de V de vidro pendurando em cima da sala de estar ultramoderna de B.G. equipada com auriculares e um reproduutor de música enganchado a um cinturão, ela girava de cima abaixo pelo caminho como uma louca, completamente fora, dançando na forma que ela vivia. Quando balançava seu corpo ao redor um dos firmes cabos de aço que o mantinha levantado, o coração de Eric cambaleou em seu peito.

Deus ajuda-o, ela era o Evel Knievel²⁰ do tubo para dançar.

A ponte era muito bem desenhado para inclinar-se, mas isso não deteve o enjôo de Eric. Ele pôs sua mão no console de vigilância para equilibrar a si mesmo. A entrada do arquivo mencionando seu baile exótico cravou seu cotovelo metafórico em suas costas. Sua cabeça se meneou energicamente, seus quadris rodando como se sua coluna vertebral fora feitas de borracha. O Joffrey²¹ poderia não havê-la contratado, mas ninguém poderia culpá-la por sua confiança.

-Uau,- Michael respirou enquanto ela fez dois passeios triunfais que congelam sangue em fila. - Lhe poderia pagar por isso.

-Fez-o. Brevemente. - Eric tragou, distraído pelo modo em que Charity enchia seu sutiã azul brilhante e short apertados de correr, short uso moço que a faziam mostrar seu traseiro o suficiente lindo para mordê-lo. Ele sacudiu a si mesmo de retorno aonde estava. - Você pode fechar isto agora. Sinto-o por te arrastar de seu livro.

Michael começou a olhá-lo. -Está seguro de que não deveria deixar ligada as câmeras? O sistema está completamente programado. Pode ficar em piloto automático-

²⁰ Knievel era um duble conhecido por suas performances com motos e também por ter quebrado mais de 40 ossos em seu corpo. Ele se aposentou da atividade em 1981.

²¹ -Musico de Zouk



-Não há necessidade,- Eric disse. - A segurança conservará o que for que precisem correr. Você pode fazer uma pausa no trabalho até que escute algo diferente de B.G. ou de mim.

-Se você o disser então.- Michael soava inseguro, mas Eric não se tomou a moléstia de preocupar-se com sua dúvida. portanto como o jogo fora suspenso, estavam autorizados todos à privacidade.

-Quer descer daí? Eric gritou desde o piso de mármore altamente gentil.

Felizmente, Charity o ouviu através de suas mãos cavadas. -De maneira nenhuma,- ela riu. - Você sobe.

Eric suspirou e tomou a escada anexa, andando pesadamente a contra gosto acima de cada degrau estreito. Ele supunha que deveria ter estado agradecido de que não se oferecesse como voluntária para saltar abaixo, mas ele estava úmido e pegajoso quando se obrigou a dar um passo em cima do vidro translúcido, tinto de verde.

O limite máximo de 9 metros fazia o quarto parecer com um cérebro.

-OH, homem,- Charity disse, instantaneamente notando sua condição tremente. Ela tirou seus auriculares e se jogou para frente. - Sinto muito. Deveria haver dito que tinha medo de altura.

- Não é tão mau,- ele negou ainda enquanto a deixou ajudá-lo a sentar-se sobre o piso. Sentiu-se melhor logo que deu um agarre de morte a um dos suportes do corrimão. Quando Charity se sentou de cara a ele, seus joelhos chocando os dele, isso foi melhor, também.

Ele disse que era só sua imaginação que o quarto se inclinava como um navio em alto mar.

-Uau- Sua mão esfregou um círculo reconfortante em sua coxa. - Está tão pálido como um de meus fantasmas. Como pode agüentar caminhar em Seattle ?

- Faço um esforço comum para não olhar abaixo da rua. O suficientemente estranho, está bem quando vou em um carro.- Ele conseguiu encontrar seu olhar. - B.G. não sabe, e por favor não o diga. Não descobri que tinha este problema até que vim aqui. Estou seguro que acostumarei a isso eventualmente.

-Quanto tempo está aqui?

Ele esfregou seu nariz e riu. -Três anos.

-Assim é que quando você diz ' eventualmente, ' você trata de dizer 'isso espero'.



Ele apreciou ambos o humor e a compreensão em seus olhos. Charity era o bastante boa para não julgar.

-Quer descer agora?- Ela ofereceu depois de um pouco.

-OH, não,- ele disse, sua voz uma fração mais alto do usual. - Estou bem. Bem, realmente, necessito alguns minutos para me recuperar de subir.

Ela se inclinou sobre a mão que não agarrava o suporte e os deu a seus nódulos um beijo risonho. – Posso te fazer uma pergunta? Se não te distrair de se agarrar?

- Acredita em mim, nada poderia fazer isso. O que quer saber?

- Como exatamente fez para terminar trabalhando para o B.G.? Sei que vocês são amigos, mas parece fora do ordinário para alguém de seu ambiente.

-Ah, minha colher de prata ergue sobre sua cabeça feia outra vez.- Ele sorriu ante seu coice de desculpa, nada tanto temendo como resignado. -você realmente quer saber?

-Se não se importar.

- Não me importa. Neste ponto, acredito que tem o direito de perguntar. Advirto-te, entretanto, que não é uma história adulatora. De fato, é um período de minha vida que somente espero esquecer.

-Não me diga que foi despedido!

Ele negou com a cabeça com sua incredulidade. -Não. Mas muito possivelmente o deveria ter sido.

-O que fez?

-Meu trabalho,- ele disse e liberou sua respiração pesadamente. Ela tinha deixado sua mão em cima da dele. Ele os voltou para assim entrelaçar seus dedos. - Fui diretor de comunicações para uma empresa de Internet chamada FineEats.com. Como minha mãe gosta de pô-lo, ' Os Berne não ficam parados, ' assim é que tinha estado trabalhando por algum tempo, Mas este foi meu primeiro grande contrato de trabalho de gerência da graduação. Íamos entregar produtos gourmet para pessoas que nos encarregavam em linha. Tínhamos nossa própria frota de caminhões com imagens de queijo brie e caviar ao lado.

- O presidente era o pai de um velho companheiro da escola, e ele fez um esforço extraordinário por me recrutar. Grande salário. Opções de assinatura. Estava adulado por não mencionar que ávido em afundar meus dentes no desafio. Era responsável em conseguir comunicar nossa mensagem para os meios e, através deles, para os compradores de nossas ações. Me deixe te dizer, que era bom nisso.



- Até agora não vejo por que te despediriam. Tomo como que algo saiu mau.

Esquecendo que precisava sujeitar-se, esfregou sua segunda mão através da dela. -O que saiu mal foi que os banqueiros decidiram que nossa projeção do fluxo de caixa negativo não era o suficientemente alta.

-Projeção do fluxo de caixa negativa é com que rapidez passa através do dinheiro?

-Correto. Quiseram que nós gastássemos mais, pedíssemos emprestado mais, e reportássemos aos investidores a quem eles tinham alinhado mais oportunidades de arrecadar interesses. Assim era como as coisas funcionavam nesses dias. Todo mundo queria outro Yahoo ! ou outro Amazon. Ninguém levava a sério a menos que gastasse em grande.

-Como consequência, pressionaram sobre nosso presidente para expandir-se em áreas que ele não entendia, áreas que nossos empregados não tinham a experiência ou os números para suportar. O que teria sido uma grande companhia pequena se converteu em uma desordem gigante, E meu trabalho virou desonesto pelo fato que, atrás da fumaça e os espelhos, tínhamos ido para as tolices. Por mim, pelo tão enlouquecedoramente bem que o que fiz, não houve virtualmente nada que ficasse para resgatar quando a Comissão de Valores e Bolsas entrou.

-Foi acusado de algo?

Eric fechou os olhos e negou com a cabeça, o movimento enjoando-o.

-Tive um pouco de negação. Depois de um ponto, sabia que o que dizia às pessoas não era certo, mas não tinha sido informado oficialmente que era uma mentira. Felizmente para mim, B.G. deu um passo à frente. Não tinha estado em contato com ele em anos. Não sei como ouviu que estava em problemas. Ele moveu alguns fios e fez acertos para que eu entregasse evidência em troca de imunidade. Ao fim, tive o privilégio único de não só trair às empresas de meus companheiros– uns quantos dos quais está sem emprego – mas também consegui romper o compromisso com meus chefes também. Então me afastei impunemente.

Aflito, ele esfregou seu rosto. - Pensei que se só continuava dizendo que tudo era genial, se só conservava esses pratos dando voltas no ar, poderia comprar para a companhia bastante tempo para dar a volta. Em lugar disso, piorei as coisas.

- Tive aos amigos nesse lugar. Bons amigos. Não falariam comigo depois disso.

Para não explicar, por não ouvir minhas ofertas em lhes dar uma mão com dinheiro – o qual, adivinho, não ajudou a que ainda os tivesse. Todas as vezes tínhamos passado o tempo trabalhando até tarde, os sonhos, as caixas intermináveis de pizza, poderia também ter sido compartilhado com desconhecidos.

-De acordo,- Charity disse depois de uma pausa. - Acredito que entendo isto. Embora mentiu pelo que pensou que era uma boa razão, te remói a consciência por fazê-lo. Também te remói a consciência por dizer a verdade. Então, para encher esta culpabilidade, pensa que deve se



fazer responsável pelo fato de que, em três longos anos, alguns jovens preparados não recuperaram a compostura e seguiram adiante. Finalmente, está convencido de que em certa forma ajudaria se sofresse tanto como eles.

Eric estava muito alarmado para dar-se por ofendido. -Esqueceu de mencionar meu pecado de orgulho.

- OH, sim. Aí é onde parte da razão de que minta é porque te dá vergonha admitir que uniu a uma equipe com um vagão perdedor. Arrumado que tinha estado esperando superar ainda os lucros de sua irmã mais velha com seu êxito.

Sua compenetração em seu caráter era suficiente para emocioná-lo , mas para seu assombro, ela estava sorrindo.

-Você desfruta disto,- ele disse. "Você gosta de ouvir que o arruinei.

- Sou o suficiente pequena para admiti-lo... ou talvez é o suficientemente grande. De qualquer maneira, sim, dá-me gosto ouvir que é humano. Admiro o fato de que se sintam tão mal pelo que fez, até se pensar ser sua culpa classificada de inútil. Se você em realidade quer ajudar às pessoas que ficaram sem trabalho, deveria começar uma nova companhia e contratá-los. Por isso respeita a seu amigos. Rompeu relação com eles... - a Charity soprou através de seus lábios. - As pessoas como essas sempre caem de pé. As oportunidades são, que querem sonhos alheios enquanto falemos.

-Você não pode me fazer ver como" bom tipo,- Eric protestou. - Minha própria irmã pensou que estava muito comprometido para lhe advertir quando ela captou rumores de que a investigação baixava. Se não tivesse sido pelo B.G., teria estado fodido.

Charity chegou a frente para apertar seus pulsos. - Sei que não tenho um irmão, mas pelo que ouvi, não são os juizes mais objetivos de caráter. B.G. pensa que é um bom tipo, e assim também o faço eu. Você não é justamente um tipo perfeito, o que te chateia suspeito, mas eles infringem as regras.

-Sim, eles as infringem.- Sua estimativa o deprimiu, mas também suportava um certo alívio. Ele não era perfeito, e isso estava bem com Charity. Ele não resistiu quando ela puxou suas mãos em cima de seus joelhos.

- Entendo que B.G. contratou você depois disso.

- Não podia confrontar tentar em qualquer outra parte. Com razão ou sem ela, Tinha um pouco de má fama depois de que meus chefes se desviaram do bom caminho.

- Posso ver como podia ocorrer isso. É obvio, trabalhar para o B.G. tem suas vantagens.

Seu sorriso se abriu de novo. Ele tinha vindo aqui para fazer amor com ela. Em lugar disso,



ele se sentia como se ela tivesse afrouxado uma corrente que ele tivesse ao redor de seu pescoço. Sua gratidão era alarmante, seu sentido de conexão. Olhou perdidamente para seus suaves olhos violetas com um apertão indefeso em seu intestino, os mesmos apertões indefesos que dúzias de varões deviam ter experimentado desde que ela tocou a puberdade.

-Você sabe, ele disse, sua voz rouca com emoção embora tratasse de conservá-la baixa, - É bastante esperta para ser uma garota que pensa que não pode sobreviver a Harvard.

Charity deu a sua cabeça uma sacudida arrogante. - Sou um ser quântico. Você nunca sabe o que controlarei

Ele sorria, mas não o fez por sua piada. O respeito em seus olhos a fez sentir-se graciosa. Ela tinha se preocupado de que ele pudesse estar furioso com ela por ser rude.

-Então,- ela disse.

-Então,- ele respondeu, sua boca curvando-se mais acima. Quando seus dedos desenharam arranhões ligeiros como pluma em seus joelhos nus, um apertão de desejo correu para sua virilha. Além da passarela, um banco de janelas modernas enchia o quarto de luz úmida de rocio. As pestanas do Eric caíram, leques café no prata que defendia seu olhar. Felizmente para ela, não tudo estava protegido. O sangue elevando-se à altura de suas bochechas insinuou um interesse comum.

- Hum,- ela disse, retorcendo-se um pouco, -desde que nós podemos fazer o que nós gostamos por agora, seria muito esperar que seja um pouco escoteiro por caminhar aqui?

Ele a olhou com tal afeto, que seu pulso começou a saltar.

-Não,- ele disse, - não seria muito esperar.- Ele aplaudiu seu bolso, o qual enrugou de modo promotor. -Considerando o ardente que parecia nesse traje, resistiu a pedir que ele se despiu , mas realmente desejou que o fizesse.

-Aqui? Ela gesticulou para seu cabide tão longe sobre o chão. - não estará nervoso?

Sua voz era baixa, sua enganosamente casual. Se não fora pela protuberância levantando-se em suas calças, então poderia haver-se sentido insegura.

-Talvez fazer amor aqui em cima efetuará uma cura.

-Uma cura para algo de qualquer modo.

-Sim, Certamente.- Ele rodou para frente sobre seus joelhos, o movimento rápido e depredador. -Uma cura para uma coisa muito grande.

Ela se inclinou para trás por ele instintivamente, a mulher nela sem responder à ameaça carnal implícita, não é que se importasse que ele a apertasse. Recuperando-se sem muito esforço,



Puxou para trás o top nadador sobre sua cabeça.

Ele estava o suficientemente perto para que ela ouvisse a rajada de ar através de seu nariz.

-Os shorts, também,- disse, começando a esvaziar o conteúdo de seu bolso.

Para tirar os shorts, ela teve que levantar-se. Ela quase tropeçou quando quatro camisinhas envoltas em papel alumínio estavam junto com um tubo de lubrificante.

-Otimista,- ela disse.

Seus olhos se inclinaram com diversão enquanto ele a ajudava a arrastar os shorts elásticos abaixo de suas pernas. - adquiri uma tendência para a indulgência excessiva quando estou contigo.

-De todos os modos, quatro são muito.

Ele riu e beijou seu ventre. -Talvez,- murmurou contra seu piercing do umbigo, -meus olhos são maiores que meu ... estômago.

Quando ele puxou sua perfuração com a ponta de sua língua, um pequeno tremor correu abaixo de sua coluna vertebral. Sentindo sua reação, suas mãos apertaram seus quadris. Ele usou o agarre para colocá-la em seus joelhos, a prova de que estava em abundância o suficiente grande passou roçando seu abdômen. Com um braço para sustentar suas costas e o outro levantando sua parte posterior, ele tomou sua boca em um beijo profundo, apertado.

Pois deseja, momentos deliciosos, ela o deixou sair-se com a sua.

-Você ainda está vestindo sua roupa,- ela apontou quando pôde suportar interromper o beijo.

-Tire-me isso ele disse. - quero que você me dispa.

Ela estava feliz por agradá-lo, botão por botão e peça por peça, correndo suas mãos sobre cada pedaço de pele que ela despia. Seu peito era assombrosamente sólido, seu pêlo encaracolado e ardente. Esse sobre seus braços era sedoso, em suas pernas encaracoladas, e em sua virilha onde rodeava seu pênis curvado para cima era o mais áspero de tudo. Ela se alegrou ele não se barbeou como B.G. Teria sido uma lástima esconder quão masculino ele era.

Ela até amava quando a barba enchente de suas bochechas raspavam de através de seus seios.

Ele disse seu nome entre lambidas e beijos suaves, suas mãos gentilmente lhe cavando as omoplatas. -OH, Charity, como posso obter suficiente de você?

Não haveria dito embora soubesse. Suspirou com prazer enquanto ele colocava suas costas



e reclamava sua boca outra vez. O vidro da passarela era frio debaixo dela, um contraste impactante para o calor de seu grande corpo. Ela agarrou suas nádegas para puxá-lo mais perto, deleitando-se pela forma em que seus fortes músculos se apertavam.

-Não desta maneira,- disse, o empurrando-se gentilmente atrás de seu agarre. -eu gostaria de tomar da maneira que não pude essa primeira vez.

Sua pele pareceu pulsar em paralelo com seu coração. Não tinha esquecido deitar sobre sua cama com ele detrás dela, contar a história a ela de seu primeiro sexo com o B.G. Agora ele estava de joelhos, coxas estendidas, sexo duro, sua pele fálica tão ricamente vermelha que a cor necessitava um nome diferente. Sem uma só palavra, ela estendeu a mão, desenhou o círculo de seus dedos abaixo de seu eixo sedoso, logo o moveu sobre seu ventre.

-Charity- ele respirou, claramente sacudido por sua docilidade.

- Sou tua,- ela disse, tratando de dizer mais do que ela alguma vez tinha querido dizer algo. - Pode tomar de qualquer forma que queira.

Ele chupou em uma respiração mas não respondeu. Em lugar disso, ele pressionou sua boca na depressão onde a parte superior de suas nádegas encontrava sua coluna vertebral. dali, ele arrastou beijos lentos, úmidos abaixo da parte posterior de suas pernas. Seus tornozelos mereceram uma dentada suave. Ela se esticou mas não pôde conter um gemido quando ele alcançou seus pés. A pressão de seus polegares fez coisas mágicas a seus arcos. Quando massageou as almofadinhas sob seus dedos do pé, os zumbidos varreram diretamente dali para sua virilha. Surpreendida pela força do efeito, teve que ficar sem fôlego.

-Justo o que amo,- ele riu misteriosamente. -Uma garota com pés sensíveis.

Quando ele beijou um caminho de volta acima de sua coluna vertebral, ela estava mais que um pouco molhada, seu corpo contorsionando inquietamente no vidro. Ele fez um apoio para seus quadris com suas calças enroladas, ainda agradavelmente quentes por ele vestidas. Satisfeito com sua posição, ele baixou seu peso sobre ela. Ele devia haver-se embainhado a si mesmo em algum ponto. Sua coroa coberta com a camisinha estimulou a ponta de seus clitóris, escorregando com facilidade vergonhosa por sua excitação.

-Agradável,-ele grunhiu, o som excitando através dela à medida que ele afrouxou a cabeça larga, curvada apenas para dentro de sua capa.

- Pensei...

-Chis,- ele disse, silenciando sua confusão com um beijo justo sob sua orelha. - Isso é para mais tarde. Quando estiver relaxada.

Gostou de seu método para induzi-lo. Ele a encheu lisamente, espessamente, em um só golpe que roubou sua respiração.



Agora dentro dela, seu pulso golpeou tão estável como um metrônomo.

-Oh, menino,- lhe disse ao senti-lo sorrir em seu cabelo.

Suas mãos se deslizaram em cima de seus braços para trançar seus dedos em punhos. Ela se perguntou se seus olhos estavam fechados, se ele se atreveu a ver através do cristal por volta do quarto da galeria de baixo. Logo simplesmente se perguntou quando se moveria. Ela suspirou de alívio quando o fez.

-Me diga quando necessitar que te esfregue,- disse. - eu gostaria de te esquentar um pouco antes que goze.

Ela estava quente já, mas não o suficiente para apressar-se. Ele se sentia muito bem empurrando firmemente dentro e fora, crescendo mais duro por segundo. Quase a fez chegar ao clímax por isso, parecendo saber exatamente onde era ela sensível. Antes ele sempre tinha estado um pouco fora de controle. Agora sua experiência estava em exibição. Quando finalmente ajudou a ela por cima com sua mão, seu orgasmo foi explosivo.

Ele a abraçou a ele, inclinando-a perfeitamente contra seus quadris.

Bom,- ele elogiou ao lado de sua orelha. Vejamos se não poder fazer isso um par de vezes mais.

Ele tinha uma surpresa para assegurá-lo. Ele soltou seu agarre sobre a suavidade entre suas pernas, mediu no bolso do peito de sua camisa descartada, logo trouxe de volta sua mão com o que se sentiu como dedais flexíveis que cobriu cada uma das pontas de seus dedos.

-O que- ela teve tempo de dizer justo enquanto os dedais começaram a zumbir. Então não pôde falar absolutamente.

- Impulsionada a baterias para ajudar à massagem,- ele disse, a diversão esquentando sua voz. -Os amigos do B.G no Scarlet Creations querem chamá-lo de Handy Kit.

-Hum,- ela disse, arqueando-a para trás incontrolavelmente enquanto ele deslizou seus dedos em uma colocação diferente, ainda mais efetiva. Que ele estivesse dentro dela ao mesmo tempo, rígido e pulsando, melhorou as sensações.

Ele riu com sua reação, encontrando todos os bons lugares, uns aos que gostavam de uma palmadinha e outros que gostavam de uma dura pressão, cada dedo vibrante pulverizando o prazer que até ela teve que chorar com a doce intensidade fortalecendo-se. Arrebentou no que sentiu como punhados de orgasmos ao mesmo tempo.

-Seu turno,- ela articulou mal em desossada seqüela. - juro que estou o suficientemente relaxada.



Ele saiu e trocou a camisinha, o segundo marcadamente mais grosso que o primeiro. Apesar de sua lassidão, ela pôde estirar sua cabeça justo o suficiente longe para observá-lo lubrificar em cima.

- Isso eu amo,- ela disse em desfrute sonolento. - Algum dia você terá que me deixar te observar te levantar. Talvez possa usar esse Handy Kit em você mesmo.

- Terei isso em mente,- ele disse, as excitantes palavras tensas. -e talvez você me devolva o favor.

Preparou-se a si mesmo para tolerar o que fizesse ele depois. Este prazer particular parecia mais adequado para os homens. De todos os modos, quando seus polegares bem lubrificados encontraram um conjunto de nervos que tinha sabido que tinha, não ajudou mas se sacudiu com força.

Seu corpo estava repentinamente mais ansioso do que ela tinha esperado.

-Tudo completamente bem? -Ele perguntou.

-Hum, sim, - ela disse, abanando o rabo um pouco. -Isso se sente bem.

Ele escutou sua surpresa, e o fez rir. -você não tinha feito isto antes?

Ela negou com a cabeça e mordeu os lábios.

- Me alegre- Ele se apoiou mais perto. - dizem que as mulheres recordam todas suas primeiras vezes.

Ela não pensou que pudesse esquecer algo que ele fizesse, mas a forma em que ele gemeu quando ele se entreteve dentro foi memorável. Ele parecia maior deste modo. Mais duro. A pressão foi estranha por um momento, mas rapidamente se ficou interessante. Uma vez que ele estava completamente dentro, os pequenos tremores que o transpassaram se sentiram elétricos. Ele estava tão excitado, que teve que deter-se um pouco.

-Isto será lento,- ele aviso. “quero estar seguro que não machucarei você”

Ela viu pouco perigo disso, não com sua cautela. Cada golpe foi uma viagem lenta, um que pulverizou e multiplicou as sensações tão fascinadas de seu sexo. Seu desejo por um orgasmo foi logo alarmanamente forte.

-Me toque,- ela disse, procurando provas sua mão. -Ponha seus dedos dentro de mim.

Ela não queria o brinquedo dessa vez, só seu toque nu. Parecendo saber isto, ele deslizou



dois dedos nela tão gentilmente quando empurrava. Seu cuidado não a salvou de suas emoções.

Sem prévio aviso, ela estava afligida. Estava como se ele a possuísse agora, como se tivesse entregue mais que seu corpo. Ele a elevou atrás enquanto ela estremecia, inclinando-a acima até que estava sentada sobre seu regaço. Sua segunda mão chegou ao redor dela para cavar seu seio.

Ela não poderia falar; só podia ofegar enquanto ele empurrava nela desde ambos os lados. Seu polegar apanhou seus clitoris sob sua almofadinha. O prazer se moveu a grande velocidade sobre seus nervos.

-Exato,- ele disse, sentindo-a tremer. - De seu doce para mim. Se molhe. Desejei-te tanto, Charity. OH, Meu Deus, sente-se bem.

Ela culminou sob sua mão, seu grito chegando como um soluço. Tanto como o tinha esperado, isto foi muito para Eric. Nem sequer teve que empurrar outra vez. Ela o sentiu inchar-se dentro dela e logo ele gozou, também. Seu prazer foi duro e comprido, quase silencioso mas intenso. Quando terminou, tomou um minuto afrouxar seu agarre. Infelizmente para ela, o final de seu prazer não deteve sua tormenta hormonal.

-Não chore,- ele cantou docemente, arrancando-se dela e lhe dando a volta ao redor. - Está bem, carinho. Está bem.

Envergonhada, ela avançou lentamente para sua mão através de sua bochecha. - Sinto muito. Não sei por que estou chorando.

-Porque confiar em mim tem feito isto um grande compromisso.

- Agradou-me,- ela admitiu.

Ele riu e beijou a seguinte lágrima fora. - Sei que te agradou. Estava ali. Estou muito agradecido e muito feliz.

Ela jogou com um dos cachos enredados em seu peito. - Você o fez fácil. Foi agradável.

-Contigo é fácil ser agradável.

Suas palavras caíram docemente em seu ouvido, talvez também docemente. Antes que olhar furtivamente sua expressão, ela deixou seus dedos derivar a sua metade inferior. - Aí ainda ficam duas camisinhas.

-Assim há - Ele se dobrou a acariciar seu pescoço com o nariz. -o que diz se encontrarmos um chuveiro e vê como bem funcionam molhados?

Ela assentiu, feliz mas tímida. Agora que podia pedir algo, encontrou-o estranhamente difícil de dizer. Ela vacilou, logo se afundou diante.

- Poderíamos ver se o chuveiro do B.G está disponível.



- Poderíamos,- ele esteve de acordo.

Pelo calor de sua expressão, sentiu que tinha sugerido a coisa perfeita.

Capítulo Dezesseis

As seguintes duas semanas foram a coisa mais próxima ao céu que Charity alguma vez tinha conhecido. O que a preocupava era não poder ter o controle mais leve em sua mente. A Eric importava ela além de um carinho temporário? A queria em sua vida uma vez que retornasse a dela? E o que dizia a respeito de seu caráter que fora progressivamente atraída ao B.G.?

Estas perguntas pareciam pouco importantes frente a ter dois homens fortes, sexys atentos a seus desejos eróticos. Suas lembranças se por acaso somente lhe subministrariam fantasias por anos. Não seria brilhante admiti-lo, mas um amante meio decente fomentava o ego de uma garota. Um par de uns realmente bons disparou o seu até a estratosfera. No meio dos dois, ela se sentiu assombrosamente mimada e assombrosamente motivada a mimar os de volta.

Este, ela pensou, era um vislumbre do melhor que ela poderia ser. Ela se defendia com eles na cama e fora, como se a vara mágica de B.G tivesse sido ondeada sobre seu cérebro. Ela nunca seria tão preparada como ele mas, no momento, sentia-se o suficientemente pronta.

Com essa raridade para respirá-la, nada poderia desmoralizar seu bom estado de ânimo, nem mesmo a compreensão de que era imprudente se apaixonar por ambos os homens. Ela era simplesmente muito feliz para calcular o custo potencial.

Para o fim da segunda semana, estava sorrindo em todas partes que ia, seu corpo tão tenso e depravado como fazer amor freqüentemente podia fazer. Seus pensamentos estavam relaxados, também. Quanto mais praticava o método excêntrico de B.G de pensar positivo, mais alterou seu humor até que ela se sentiu muito agradavelmente displicente. Estava começando a esperar ter deixado atrás sua fobia de fantasmas.

- Sou um gatinho sexual quântico,- ela se gracejou a si mesmo, lançando uma maçã que ela tinha pego da senhora Álvarez. - Sou um pequeno pacote ardente de coisas felizes.

No lançamento final, a fruta saiu dando tombos das pontas de seus dedos. Ela tinha estado caminhando pelo corredor para seu quarto, contemplando os possíveis benefícios de uma sesta antes do jantar uma importante consideração quando tão poucas noites estavam ocupadas pelo sono. Quando seu sanduíche rodou para deter-se na porta da biblioteca românica de B.G, precaveu-se que poderia começar seu descanso com alguma leitura amena.

Quem sabia que fantasias novas poderia adquirir? Parecia inteligente armazenar uns



quantos com a oportunidade para as realizar tão ao alcance da mão.

Ela se dobrou para recolher sua maçã, logo abriu a porta. A possibilidade de descobrir a alguém dentro foi a coisa mais remota em sua mente. Como consequência, quando a figura na janela se voltou, quase deteve seu coração.

- B.G.!- Ela exclamou, sua mão em sua garganta. -Sinto muito. Não tinha a intenção de me intrometer.

- Não o faz.- Antes que ela pudesse retirar-se, ele arrancou uma cadeira debaixo de uma mesa coberta com toalha. -Estava pensando em tomar chá.

Porque obviamente quis dizer que tomasse assento, ela o fez. -O chá soa agradável.

-E biscoito,- ele murmurou, sentando-se em frente. Ele não se moveu para chamar tampouco, somente sorriu em sua forma gentilmente interessada. Charity combateu uma pontada de estupidez. Apesar de tudo o que ela tinha feito com o Eric e B.G., não tinha passado muito tempo com seu anfitrião a sós. Ele não parecia cômodo entre a decoração do quarto, não menos masculino mas inconsciente de qualquer ameaça a sua identidade.

Mendigando conversa, ela inclinou a cabeça nos livros de massa branda coloridos nas prateleiras. -Lê estes livros?

- Ocasionalmente- Ele acariciou a toalha ociosamente. - eu gosto de ter uma janela para mentes das mulheres.

- Imagino que você não é um romântico sério então.

Ele encolheu um ombro magro. - Mais sérios que alguns. Menos sério que outros.

Charity riu. Essa é uma resposta agradável, comprometida.

Ele segurou seu queixo em sua mão, uma inclinação pesarosa introduzindo seu sorriso. - Pensei que você teria notado para este momento que comprometido não é meu segundo nome.

- Está seguro? Porque parece bastante comprometido com seu trabalho, sem mencionar leal a seus amigos.

-Essas são uma espécie diferente de compromisso sobre o que as mulheres escrevem nestes livros.

- Bom, admito que não os tenho lido todos eles, mas dos que tenho lido, suspeito que sua idéia de compromisso não é completamente afastada da tua. Você nunca sabe, poderia encontrar um felizmente alguma vez você mesmo.



B.G. estremeceu-se comicamente, para dizer, Deus me guarde. Desde que seus olhos ficaram tristes, ela deixou cair o assunto. Ela mesma tinha reações diversas sobre o compromisso, Assim é que se ela e Eric – e B.G., respeito a isso – fossem navios passando na noite? Talvez ser os navios realmente excelentes não era nada para espirrar.

Eric e B.G. eram tipos pouco comuns. Charity tinha citado outras pessoas o suficiente para saber isso com segurança. Se ela os tivesse conhecido sob circunstâncias diferentes, se tivessem estado seguindo mais tradicionais finais românticos, Eric podia ter contado com que ela conservasse suas mãos fora de B.G. O que ela não tivesse prometido seria que um sonho ou dois mostrando ao bonito físico nunca cruzou sua mente. Embora ela tinha chegado a conhecer o B.G. melhor, ele era ainda um mistério profundo, escuro, sexy.

Sua realidade sendo o que era, parecia idiota desperdiçar a oportunidade de investigar.

- Notei algo,- ela disse, deslizando seus dedos entre os seu sobre o tecido de encaixe. -Você não se aproximou de mim a sós desde que suspendeu as regras.

Em um batimento do coração, o olhar de B.G. voltou-se de plácido a penetrante. A força completa de sua atenção arrepiou sua pele como um zumbido elétrico. Levou um momento antes que ele falasse. -" pensei que você desfrutava de nós três juntos.

- Faço. Eu somente me pergunto se a pergunta que você uma vez me fez ainda está vigente.

Ela sabia que ele recordaria o que tratava de dizer. Uma mente como a dele se aferrava a tudo. O que ela não tivesse adivinhado foi que quando ele respondeu, sua voz seria rouca e tímida.

-Você insinuou que você teria intimidade comigo até que estivesse desesperado.

- Talvez não deseje o desespero. Talvez te deseje.

Ele piscou como se seu cérebro ficasse sacudindo-se ligeiramente de novo, Seus dedos retirando uma polegada dele. -Você me quer por agora, queira dizer.

Outra vez essa aspereza passou roçando os nervos de seu ouvido.

-Não é agora suficiente?

A sua pergunta, sua cabeça se sacudi ligeiramente para trás. Ela se sentiu como um esgrimista anotando um toque, sabendo que o tinha pilhado embora não poderia dizer como.

-Sim,- ele disse lentamente, ficando de pé enquanto o fez. -Suponho que agora não poderia doer.



B.G. sabia que era perigoso. Cada movimento que tinha feito ultimamente parecia que não obtinha o que ele aspirava. A última coisa que tinha esperado quando descartou as regras foi que Eric e Charity quisessem passar o tempo com ele. Disposta atenção, não se queixava. Estas últimas poucas semanas tinham sido realmente gratificantes. Riu mais, relaxou mais e certamente que lhe deu mais prazer do que poderia recordar que ocorresse antes. Com eles, uma tarde simples diante do fogo se converteu na bênção de um anjo. Sua companhia era aditiva, e ali dentro residia o problema.

Ele tinha que preparar-se para deixá-los ir. Sem ser apanhado interferindo, tinha que persuadir Eric para seguir o que B.G. sabia que queria: Para encarcerar-se, como Charity o põe, e demandar seu final feliz pessoal.

Aceitar a oferta de Charity parecia pouco provável que ocasionasse isto, a menos que uma coisa infantil como o ciúmes pudessem pôr Eric completamente fora de seu ponto de união.

Mais provavelmente, Se Charity tivesse sexo com ele sobre o dela, sem encanto inerente de seu trio, ela veria de uma vez por todas a quem preferia ela.

-Aqui? -Ele disse.

Ela sorriu com a sua pergunta, a expressão suavizando seu rosto feminina.

-Em qualquer lugar é bom, vaqueiro, contanto que esteja cômodo.

Gostou do termo carinhoso. Ela poderia dizer completamente pela forma em que ele abaixou sua cabeça e sorriu. Ela não teve que esperar por muito tempo para que ele se movesse. Ele se ajoelhou diante de sua cadeira, começando uma sedução tão única como ele era. Uma saia vincada amarela brilhante cobria suas coxas, um coisa frívola e alegre que fazia jogo com seu humor. As mãos de B.G esquentaram seus joelhos, logo deslizaram sob o tecido. Seus dedos provocaram círculos excitantes no interior de suas coxas . -Isso faz cócegas,- ela disse.

Ele sorriu mas não pôde resistir a dar uma ordem. -Não fale,- ele disse, beijando um joelho para suavizar as palavras. - quero que escute através do silêncio.

Ela escutou enquanto ele a despia: O sussurro e o deslizamento da saia, o som de sua camisa abotoada, o estalo de seu sutiã, o suave golpe seco que seus sapatos fizeram sobre a toalha de mesa enquanto ele os deixou a um lado cuidadosamente. Sua deliberação a fascinou, especialmente quando se virou sobre si mesmo. Sabia o adorável que ficava nu. Não tinha sabido o adorável que se veria despindo-se. Ela especialmente amou que debaixo de toda essa calma, seu pênis estava alto e disposto.

Ela não tratou de tocá-lo, somente o deixou levantá-la rapidamente sobre seus braços e levá-la para um pesado sofá rosado. As molas chiaram debaixo dela enquanto a descia. Quando ele tomou assento ao lado dela, seu joelho chocou com o seu. Sua mão deslizou abaixo da curva



de seu seio. A carícia foi tão educada que ela quis rir. Com exceção de estar nu, podiam ter sido vitorianos em um caramanchão perfumado. Nem mais nem menos, que amantes de dias passados que poderiam ter escutado os sons de sua respiração acelerada ou poderiam ter procurado a prova de um rubor aprofundando-se. B.G. inclinou-se para frente e os baixou a ambos, sua respiração apressando-se suave como mariposas através de sua bochecha.

Assim ele começou seu beijo.

Merecia uma letra maiúscula, ao menos em sua mente, demonstrando como nada poderia quanto tinha ajustado seu estilo natural para ela e Eric. Este beijo era a gentileza mesma, a exploração de um cego dos planos e as curvas de seu rosto. Suas sobrançelas foram elogiadas, depois suas têmporas, logo a ponta de seu nariz formigou. Desejou que os minutos de encantamento passassem antes que ele assentasse sua boca sobre a dela, e mesmo assim falou sutilmente. O desejo estava ali, e a ternura, e uma paciência desinteressada que ela não estava segura que alguma vez entenderia. Pouco a pouco, seu beijo apagou sua estupidez, despertando-a em câmera lenta até que cada pulso suave de sentimento estremeceu seu corpo.

Ele a conhecia, como as pessoas antigas gostavam de dizer, sem sua carne convertendo-se em uma.

Esperando atrair essa parte do processo mais perto, ela se balançou sobre seu regaço. Até com sua ânsia, ela se encontrou movendo-se mais lento que o normal.

A sensação era valiosa para saboreá-la. Enquanto ela se deslizou a ele, um joelho a cada lado de seus quadris, sua ereção passou roçando seu ventre, tão firme e quente como seu beijo era suave. Ela arrastou suas unhas ao longo de seu couro cabeludo até que sua cabeça caiu para trás. Quando se endireitou outra vez, seus olhos escuros resplandeceram.

-O prato de caramelos,- ele disse, as únicas palavras que ele tinha falado desde que tinha começado.

O prato estava situado sobre a mesa a sua esquerda. Ela tirou sua tampa de cerâmica floreada para encontrar uma seleção de camisinhas. Caramelos envoltos, certamente. Sorrindo abertamente, ela abriu um. O silêncio aumentou sua antecipação enquanto ela rodava a capa abaixo de seu eixo endurecido. Sua ponta era já pegajosa. Ela beliscou o látex agilmente contra ele pelo prazer de fazê-lo ofegar.

Ela quase o tinha. Ele tomou fôlego para falar mas então se conteve.

Ela se levantou em cima de seu corpo, impaciente por tê-lo dentro dela de uma vez por todas. B.G. deteve-a antes que se enlaçassem, agarrando sua cintura e elevando-a do mesmo modo enquanto veio a seus pés. Ele era mais forte do que ela esperava. Puxando ela acima contra ele parecia que sem nenhum esforço.

Ela se pegou a ele, olhando seus olhos brilhantes por algum indício do que seguiria.



Ele olhou seus lábios e lambeu os próprios. Carregou-a além da mesa de chá e um banquinho rosado estofado. Ela agarrou firmemente seus ombros e tentou não hiper-ventilar, seus esforços o suficiente óbvios para fazer as esquinas de sua boca levantar-se.

Quando ele a apoio contra a parede ao lado do retrato de marco dourado de algum dissoluto de peruca empoeirada da Regência, ela sabia que tinham alcançado sua meta.

Se eles não o tinham feito, duvidou, então ele tivesse usado qualquer força de tudo.

Cravada por seu peso, ela tremeu justo como uma heroína romântica. Seu olhar se deixou cair a seus peitos, logo ao lugar onde seu púbis rodava contra os músculos de sua cintura.

Ela o apertava tão estreitamente, que não era fácil para ele mover para trás seus quadris. Feito isto, ele estendeu suas coxas, pressionou seu pênis abaixo com seu polegar, e empurrou a si mesmo dentro de sua fenda.

Ela gemeu com a entrada lenta, grossa, com a prolongada retirada e volta. Agora que ele tomava, ele a sujeitou apanhada à parede, o veludo cheio sobre o papel suave detrás de suas costas.

Ela teria acrescentado sua força para a dele se tivesse sido capaz, mas seu agarre sobre seus quadris lhe advertiu de tomar mais do que lhe dava. Ele a movia. Ele escolheu sua penetração e ângulo. Era uma escravidão do tipo mais simples, essa da força masculina superior. Não era tampouco uma escravidão amável, nada do que fez foi remotamente capaz de causar dano.

Ela queria prolongá-lo para sempre, mas até o genial B.G. tinha seus limites.

Ela soube quando os alcançou. A mudança em sua respiração teria sido outra maldição de prazer masculino; O apertamento de suas nádegas, o gemido alguém mais.

Enquanto lutava por ficar silenciosa, que ela afundou seus dentes em seu lábio inferior. Finalmente, rendeu-se.

-Por favor,- ela murmurou, necessitando o fim tanto como ela necessitava de respiração.

A palavra o transpassou como uma bofetada, mas até então não falou. Ele empurrou um pouco mais alto seu interior, um pouco mais forte, suas mãos duras em sua suavidade. Outro minuto passou neste passo, durante qual ele a manteve a um fragmento dolorido do orgasmo, até que literalmente ofegava por ele.

Seus olhos trementes se fecharam com o som, e sua mandíbula se apertou com força o suficiente duro para fazer clique. Ele se apurou um pouco mais do que ela necessitava. Seu corpo se apertou e estirou. Logo, como se uma mão quântica enorme os tivessem cativado a ambos, o clímax explodiu como relâmpago de calor, relampejando sobre eles no mesmo instante,



detonando uma rajada de puxadores sentimentos um depois de outro.

Ao final, um só som rompeu desço em sua garganta.

Ela pensou que poderia ter sido seu nome, mas não estava em qualquer condição para dizê-lo. Sua voz tinha sido roubada pelo prazer, suas orelhas quase ensurdecidas pela precipitação de seu sangue. Ela gozou até que seus ossos se sentiram frouxos.

Quando seus pequenos tremores se detiveram, ele tocou com seus lábios os seus outra vez.

Sem nenhum motivo que pudesse explicar, seu beijo se sentiu como uma desculpa.

B.G. descansou seu queixo sobre sua cabeça, seus braços ainda travados sob seus quadris. Seu peso era uma carga que ele sentia estranhamente cômoda de suportar.

Isto não é bom, ele pensou, sua mente tendo problemas para construir mais que estas palavras simples. Sim, unir o corpo de um ao de outro tendia a impressionar a um emocionalmente, mas seu peito estava quase muito apertado para respirar. Ele queria chorar da forma que o fez a noite que ela o surrou o qual parecia uma reação menos que apropriada.

Ele não podia apaixonar-se por ela. Isso seria perverso.

-Está bem,- ele disse, involuntariamente fazendo-a mais uma ordem que pergunta.

-Sim,- ela disse, marcadamente desconcertada por seu tom.

Ele os separou tão amavelmente como pôde e a pôs sobre seus pés. A camisinha tomou só um momento ser retirado e jogada no lixo. Charity tocou seu decaído eixo para serená-lo enquanto ele caiu. Uma ponta do dedo seguiu uma veia pesada, o gesto o suficiente íntimo para desestabilizá-lo.

-Bem,- ele disse. Verdadeiramente nu agora, ele aplaudiu seu ombro nu. Estava tão quente, ... um rubor tão suave como uma rosa francesa resplandecia na costa de seus peitos.

Seus mamilos estremeceram com tremores secundários diminutos de excitação. Apesar de sua recente satisfação, seu corpo começou a voltar ao normal. Nesse momento, ele conheceu o arrependimento verdadeiro.

Não a poderia tomar outra vez. Um acoplamento mais como este somente a poderia gravar em seu coração. Suas esperanças para o futuro não incluíam sentir-se nostálgico depois de que não fora dela.

Com um esforço, ele atraiu sua atenção de volta ao seu cérebro. - Deveria ir. Tenho alguma



correspondência que preciso ver.

Ele recolheu suas roupas tão rapidamente como pôde, fazendo uma pausa só para colocar as calças. Considerando sua omissão de roupa interior, sem mencionar sua condição agitada, ele teve sorte de não fazer mal a si mesmo. Charity observou em silêncio, seu olhar fixo como carregada de fogo.

-B.G.- Sua voz o deteve na porta. -estas realmente tão incômodo sem suas regras?

Esta foi a mesma acusação que Eric tinha feito. Desde ela, neste momento em particular, a flecha golpeou uma bagatela muito perto do alvo.

- Estou bem,- ele disse, sua mão descansando sobre a verga para apoiar-se. - tenho algum trabalho que fazer.

O deixou sair sem maior desafio. Por isso, ele estava assombrosamente aliviado.

Charity tentou não se sentir rechaçada, mas B.G. podia também cravar com a ponta seu dedo na borbulha de sua felicidade. Com cada passo que ela dava para seu quarto, seu espírito se afundava.

Ela tinha pensado... tinha esperado que pudesse conservar ao B.G. e ao Eric por algum tempo. Não para sempre, a não ser por um tempo. Justo agora como as vezes quando a caçada de homens de sua mãe tinham feito a menina nova na escola onde teria que brigar para ser aceita outra vez. Ela tinha que começar em todas partes desde um nada.

Não entendia como o que tinham compartilhado poderia fazer querer correr B.G.. Para ela, fazer amor tinha sido assombroso, um verdadeiramente especial contato de almas... a menos que sua alma fora muito pouco profunda para que valesse o contato.

Ela tinha estado brincando consigo mesma, aparentemente, a respeito de renovar-se e melhorar.

-Estúpida,- ela disse, empurrando sua porta fechando detrás dela. As dobradiças estavam desenhadas para não fechar de repente, ou ela teria deleitado no ruído. Tudo o que tinha temido era certo. Ela era uma puta sobre-emocional, pouco profunda, estúpida algo assim como sua mãe.

-Detém ,- ela ordenou, dando um tapa às lágrimas que tinham saltado às esquinas de seus olhos. Ela estalava assim completamente fora de proporção. Ela deixava que a reação de B.G a entristecesse quando ele podia ter tido umas mil razões para o que fez. Por isso sabia, sua hipótese a respeito de que as regras eram sua manta de segurança estava no certo.

Talvez B.G. queria separar-se dela porque gostou do que compartilharam muito. O homem podia ser um gênio, mas ela desde fazia muito tinha aprendido que qualquer com um



cromossomo E poderia ser idiota ocasionalmente.

Ela se deixou cair sobre a cama e envolveu o cobertor ao redor dela, até sentindo-se miserável mas em controle. Decidida a refazer-se, ela obrigou sua respiração a acalmar-se.

Ela era o que era. Se Deus ou o universo ou o que fosse que dirigisse assim o mundo não poderia obter que fora amada, então com ou sem melhora, não valia preocupar-se com isso.

Bem, disse uma zombadora voz interior. Não te importa se você for amada.

- Tolice,- ela disse e atirou um travesseiro contra a parede.

O acesso não a fez sentir-se melhor, mas tratou de fingir que o fez. Ela tinha tido a um namorado uma vez, um hippie retrógrado que a tinha ensinado a meditar. Não tinha adquirido o hábito, mas ainda recordava como. Ela aspirou, logo exalou, retendo o ar e lentamente soltando-o. O quarto se foi obscurecendo, o sol ficando do outro lado da casa. O jardim do pátio se via coberto de ervas daninhas. Apesar de ser propensa ao medo, estava condenada se ela ia levantar e acender a luz. Se não era um ser quântico, se seus pensamentos não tinham o poder de alterar a realidade, seu medo aos fantasmas não poderia atraí-los a ela.

Esta conclusão não impediu que sua nuca se apertasse ante o som de pegadas arrastando-se no vestíbulo. Um comichão de corpo completo varreu sua pele. Esses não eram as pisadas de Eric, ou de B.G; Arrastavam os pés ao longo dos azulejos muito para isso.

Ela se fez consciente de que o quarto estava gelado. O silêncio se propagou através da casa ao redor do som dos pés arrastando-se, descendo sem advertência como uma névoa de algodão. Nenhum dos relógios fazia tic tac. Nenhuma voz falava. Nada se moveu a não ser o estranho ruído de pegadas aproximando-se.

Charity respirou mais rápido, sua cabeça ficou estranhamente leve. A sensação era tão como em transe que foi quando notou que poderia ver sua respiração transformando-se em nuvens brancas, ela não poderia trazer sua mente para processar por que isso era mau. A porta começou a resplandecer ao redor de seus borde um instante antes que fosse empurrada.

Aí foi quando ela descobriu que estava paralisada.

Uma figura se moveu através da luz, familiar mas sombria.

-Estúpida,- disse com uma risada sardônica de repugnância suprema. Logo tentou fechar de repente a porta do dormitório.

“OH, Meu deus”, Charity pensou enquanto a figura cobria o rosto.

Parecia algo assim como ela. Estava parada ali, tremendo: Uma representação do sofrimento lutando para não gritar.



-Pare,- disse, e enxugo as lágrimas fora. Parecia tão zangada que Charity esteve orgulhosa.

“Se zangue, estúpido cromossomo Y.”

Mas a figura não estava desgostada com o B.G. Estava afligida, fixando o olhar com total desamparo no espaço como se não lhe importasse se o mundo acabasse.

“Pobrezinha,” pensou Charity. Ela precisa recuperar-se disso.

Logo seu duplo se precipitou em cima da cama e no mesmo espaço que Charity ocupava. Cada cabelo que ela tinha, se arrepiou. A outra envolveu a colcha ao redor de si mesmo, tal como Charity fazia antes. A outra soprou fora sua tensão. A outra obrigou a sua respiração a acalmar-se.

“Sou o que sou”, Charity ouviu sua idéia e todo o resto que entendeu. Embora ela tivesse concebido essas palavras por si mesmo, pareceram estranhas.

Ela estava fora de seus pensamentos. Ou talvez ela era maior que o que podia conter seu cérebro. Talvez as idéias que se moveram rapidamente através de sua mente consciente fossem só a ponta do iceberg de quem ela era. Era o tipo de revelação que tinha quando estava embriagada, mas sóbria não era como se sentia ela. Este era um nível diferente de condição alterada, um no qual ela estava absolutamente descabelada. Seus átomos pareciam pulverizar-se para as esquinas distantes do cosmos, entrelaçados contudo. Se ela guardava silêncio, então poderia tocar cada linha de energia sendo arrastada pelas linhas que cruzavam, uma rede radiante enorme de consciência. Ela teve consciência de estar aterrorizada, mas a emoção parecia não só removida mas também irrelevante.

Sou um ser quântico, ela pensou enquanto seu duplo atirava o travesseiro contra a parede.

O feitiço, ou o que seja que fora, rompeu-se no mesmo instante em que o travesseiro chocou.

A duplo desapareceu. Charity estava sozinha.

-Céu santo,- ela ficou sem fôlego, coberta em um suor úmido e pegajoso. Ela teve que apoiar suas mãos no colchão para manter-se reta. Então o ouviu: Lentas pegadas arrastando-se vindo abaixo do vestíbulo. Seus pés. Aproximando-se do quarto outra vez.

-Foda,- ela disse, logo resmungou uma oração apressada. O vapor de sua respiração saiu branco invernal.

Desta vez, antes que a porta pudesse abrir-se, ela reuniu sua vontade e gritou.



B.G. estava dando a volta ao corredor para sua ala particular quando ouviu o grito de Charity. Uma mil causas possíveis formaram redemoinhos através de sua mente enquanto se apressava para seu quarto.

Apesar de sua pressa, Eric estava ali antes dele, na cama abraçando-a apertado. Charity estava gritando e agarrando-se de volta. A pontada que B.G. experimentou foi irônica. Ele tinha estado pensando em ciúmes, e aqui estavam. Simplesmente não tinha esperado que fossem deles.

-O que é isso? - perguntou, tomando assento na beira do futon. -Por que gritou?

Levou uns poucos intentos a contar seu conto de duplo fantasmas e acontecimentos dando volta em espirais. Ela parecia envergonhada por sua histeria mas incapaz para refreá-la.

Quando ela explicou que longo tempo atrás o noivo que sua mãe tinha, inspirou este pânico tratando de convencê-la que sua casa tinha fantasmas, o temperamento do B.G explodiu.

-Isso é revoltante!- ele exclamo. - A má cobertura de chumbo é minha hipótese. Por Deus, a imensa maioria supõe que os fenômenos espectrais não resultam ser outra coisa mais que instalações de tubos chiando.

-B.G.,- Eric disse acautelando-o.

- Mas é uma farsa. Aterrorizar a alguém de doze anos de idade. Como pôde perdoá-lo sua mãe?

-Não sei,- Eric disse, evidentemente tratando de enviar uma mensagem com seus olhos. -O ponto é, você certamente não queria sugerir a Charity que você crê em fantasmas.

-OH,- ele disse, repentinamente desejando ter caído na conta imediatamente. Por essa questão, desejou que Charity tivesse divulgado esta história antes. Ele teria feito algumas coisas diferentemente. Esperando desfazer o dano, ele requereu de sua mais confiada conduta profissional. - não tenho absolutamente nenhuma prova dificilmente científica para apoiar a existência de fantasmas conscientes.

Por alguma razão, esta declaração inspirou uma risada. Foi como esse filme O Grande dia da marmota. Pensei que ia se reproduzir repetidas vezes até o infinito.

Com seu pranto ressurgindo, Eric lhe bateu nas suas costas enquanto B.G. tentou não sentir-se inútil. Não lhe ajudou que este fora seu defeito. Rompeu seu coração ver essas lágrimas manchando suas bochechas.

- Não poderia ter sido uma verdadeira espiral de tempo,- ele disse, oferecendo a ela um lenço limpo.

Este não foi o correto para dizer.



-Como diabos o chamaria você? Ela arrebatou o lenço, soou o nariz, logo se viu morta de calor. - Sinto muito. Não estou desgostada contigo."

Isso era debatível, mas B.G. preferiu mas bem fazer como que lhe acreditava. - Fortes campos eletromagnéticos foram mostrados que afetam o lóbulo temporário do cérebro, o qual, a sua vez, pode produzir alucinações. O que viu pôde ter sido um devaneio.

Em seu desejo de ser útil, tinha falado incautamente. Quando Eric começou a cravar os olhos nele, B.G. temeu que seu velho amigo juntasse as peças de um quadro que ele tinha esperado que se mantivera indistinto.

-Fortes campos eletromagnéticos?- Eric repetiu. -me corrija se estou equivocado, mas você não fala do tipo de campo EM que você encontra ao redor de um secador de cabelo.

-Não,- B.G. admitiu.

-Diabos, B.G. , com o que estiveste jogando?

Os ombros do B.G se esticaram defensivamente. - Fechei o projeto quando sua irmã nos contou sobre o problema. Os campos deveriam haver-se dissipado para estas datas.

O rosto do Eric estava sombrio. -exatamente o que fez que o fechasse?

B.G. vacilou, então decidiu que não poderia piorar a situação e Charity provavelmente tinha direito ou seja. -Já verá,- ele disse. - Vocês dois. Mas deve jurar nunca mais ir lá sozinha.

Charity falou através do lenço enrugado que tinha pressionado em seu nariz.- Se algo causou o que seja que isso fora, então tem meu juramento solene. Não o faria enquanto não volte a visitar a Dimensão Desconhecida.

B.G. apreciou seu breve intento de humor. Esperava que pudesse agarrar-se por isso através do resto.

Capítulo Dezessete

Ela podia caminhar, mas apenas. Embora a ameaça que tinha encarado não foi física, seus joelhos ainda se estremeciam. Muita adrenalina, supôs. Enquanto se afastava da cama, suas pernas quase se dobravam.



A mão do Eric foi para seu cotovelo.-" Deveríamos fazer isto mais tarde. Não está em nenhuma condição para ir em uma excursão.

Sua parte quis render-se, mas sabia que se permitia a si mesma, nunca superaria seu medo. - quero ir,- disse. - preciso ver o que for que fez que isto decorresse.

-Necessita novas roupas,- B.G. adicionou. -Essas estão molhadas.

Charity percorreu o olhar abaixo sobre elas surpreendida. Tinha assumido que estava úmida e pegajosa por suar, mas nenhum suor poderia pôr sua roupa tão uniformemente molhada.

-Fazia frio,-ela disse lentamente. -Justo antes que ocorresse, o quarto ficou frio como gelo..

B.G. assentiu. - Provavelmente uma mudança de vibração devido ao campo de energia. Isso pode ocasionar transferência de calor e condensação. Ele manuseou a alça de seu Top ajustado de forma acanalado. O material que uma vez tinha sido verde claro estava agora escuro. -Talvez o que ocorreu aqui não estava em sua mente.

-Sabe, -Charity disse, -você ao menos pode fingir ser um pouco mais compassivo e estar um pouco menos cientificamente intrigado.

Ela tinha tentado brincar, mas o dano se deslizou silenciosamente em seus olhos antes que ele pudesse ocultá-lo. -Minhas desculpas.- disse, vendo-se distante. -Algumas vezes esqueço que a outras pessoas não são experimentos.

Charity estalou sua língua. - Tenho melhor critério que acreditar nisso. Também sei que não pode ajudar tendo interesse. Ela esfregou sua manga quando não esteve segura que sua tranquilidade foi passada. - Ponho uma bata. Estarei bem fora.

Não sabendo onde iam, ela apanhou um par de calças jeans também. Quando ela saiu do banheiro, os homens estavam de pé desajeitadamente lado a lado. Seus tipos, como ela tinha começado a falar deles em sua mente. Ela duvidava que houvessem dito uma só palavra enquanto esteve ausente.

- Sapatos,- B.G. recomendou, e ela apanhou um par de Nikes.

Caminhar através da casa era diferente com o B.G. Uma vez que passaram dentro da seção debaixo da terra, as luzes já não se acenderam para ele. Eric e Charity seguiam uns poucos passos atrás dele, e um pequeno mas definitivo atraso marcou o tempo que tomou a eles disparar os sensores.

-Um pouco equivocado com sua fiação?- Eric perguntou, notando o atraso.

Muito preocupado para responder, B.G. negou com a cabeça. Ele estava tão preocupado como Charity jamais o tinha visto. Dado que este era o Grande Inescrutável B.G., sua expressão teria passado por meio preocupado em qualquer outro.



-Isso o faz invisível,- Charity deduziu. -Programado o sistema para não anunciar sua presença. Arrumado que não há câmeras aqui embaixo. Ele pode arrastar-se ao redor de tudo o que queira sem ser visto.

B.G. elevou uma sobrancelha mas não negou sua hipótese.

Eric a puxou mais perto de seu corpo, seu braço quente e protetor ao redor de suas costas. - está isso muito mais longe?

-Não,- B.G. disse. Tinham alcançado uma passagem abobadada aberto sob o qual estava uma pequena mesa de marchetaria. Uma estatueta de bronze de uma mulher grega com uma urna estava situada sobre a madeira estampada. Mesmo que as luzes estavam adiante, este vestíbulo era lóbrego. O que fora que jazesse atrás do arco estava escondido pela escuridão.

Charity observou enquanto B.G. tocou algo na estátua para soltar uma gaveta escondida na mesa.

- Lentes de visão noturna,- ele disse, entregando um par.

Viam-se pequenos para Charity. As lentes eram do tamanho de óculos de nadar, assentados em círculos de metal flexível possivelmente uma melhora sobre tecnologia prévia a que B.G. tinha dado seus dois centavos. Quando ela os pôs, o mundo voltou verde fantasmal. De qualquer maneira que funcionasse, emitiram um zumbido apenas audível, agudo.

-Não é isto um pouco capa e espada? Eric perguntou enquanto se instalou os óculos no nariz.

-Aparentemente não, disse B.G. jovialmente.

Charity assumiu que sua resposta tinha a ver com o que fora "o problema" que o tinha levado a derrubar seu projeto secreto. Não tinha estado escutando atentamente no momento, mas agora perguntou-se o que a irmã do Eric tinha que ver com isso.

-Por este caminho,- B.G. disse-lhes, chamando-os a gestos na acesa escuridão. - Fique perto de mim, por favor. Enquanto estiverem a menos de três pés de mim, não acionará os detectores.

Agruparam-se como meninos avançando cautelosamente através de uma casa enfeitiçada. A comparação a divertiu, mas seu humor decaiu logo que a primeira armadura a alertou adiante de onde iam. Suspirou o suficientemente forte para que Eric apertasse seu ombro. Imaginou que isto implicava voltar a visitar seu último cenário de terror.

A cabeça do cervo com o olhar vidrado não se via melhor na luz sobrenatural dos óculos.

-Sinto muito,-disse B.G. enquanto ela apertava os dentes contra queixar-se. Quando ele



deslizou a um lado de uma tapeçaria, entretanto, com um ruído distintivo de sussurro, sua tolerância se esgotou.

- Você foi o fantasma que ouvi! Por que não me diz isso? Podia ter me liberado do medo.

- Esperava que acreditasse na história sobre o esquilo.

Resmungava uma maldição quando Eric a envolveu em seus braços desde atrás. - Podemos discutir sobre isto depois. Deixa ao B.G. abrir a porta para que possamos nos mover aonde não estejamos em perigo de ser escutados.

A porta tinha um painel oculto que analisou as impressões digitais da mão e a retina. Isto checado, a madeira encerada de trás, selada a pressão se balançou para dentro para revelar um corredor de concreto para baixo. Dentro estava tranquilo e frio. Parecia familiar mas o aroma era um que ela não podia se localizar. Quando a porta se fechou detrás deles, as luzes aéreas os seguiram. Tiraram-se os óculos.

-Uau,- Eric disse, assimilando a vista do bunker nuclear. -quando construiu tudo isto ?

- A construção acabou um ano antes que chegasse. As permissões para a equipe foram um desafio, mas me arrumei para manter a tão poucas pessoas como foi possível nos arredores.

B.G. inclinou a cabeça para indicar que deveriam caminhar. Continuaram pelo que se sentiu uns 40 metros, tudo isso em declive. No caminho passaram dois extintores de incêndio e três portas arrebidadas de metal. Uma rotulada "Refúgio de Emergência" essa estava marcada com chamativas raias inclinadas amarelo e negro. Os nervos de Charity não se sentiram reconfortados pela sugestão de que as crises poderiam ocorrer. Uns 30 metros mais à frente, a seguinte porta estava similarmente raiada. Para o alívio de Charity esta só dizia: "plataforma de observação.

B.G. abriu-a, e entraram.

O quarto estava repleto de equipamento que Charity não teria sabido como reconhecer. Os cabos elétricos enredados em ninhos no piso, e uma meia dúzia de batas brancas de laboratório que penduravam de cabides na parede.

Um duplo quadrado grosso de vidro reforçado com cabos deixava passar um vazio tão negro e sem rasgos como uma caverna. B.G. selecionou entre os cabos, deu um passo ao redor de uma cadeira que parecia usada e atirou de um interruptor grande da parede. Com um oco rangido, as luzes além da janela se acenderam.

-Merda Santa,- Charity exalou.

A plataforma de observação olhava para um buraco de concreto do tamanho de um iate. Situado dentro estava um aparelho enorme. Parecia o encanamento da boca-de-lobo conectada em suas uniões por caixas brilhantemente coloridas, formando um anel que rodeava mais fileiras de equipamento. Os computadores, ela supunha, não eram do tipo que tinha usado mas sim como



gabinets altos de metal. Outro círculo menor de sistemas de tubos fazia um circuito sobre o que estava debaixo.

Muito assombrada para ter medo, ela deu um passo mais perto para a janela para uma melhor olhar. -Que diabos é isso?

Eric subiu ao lado dela. -A menos que perdesse meu tempo folheando todo esse assunto do Discovery, é o sincrotrón pessoal de Benjamim Grantham.

Apesar de saber a resposta, ele soou tão estupefato como ela se sentia. Charity arranhou a ponta de seu nariz. Posso perguntar que é um sincrotrón?

- é um acelerador de partículas,- B.G. acrescentou.

- Usamos para apressar a marcha de correntes de partículas subatômicas com pulsos eletromagnéticos capitalistas. Quando as correntes de partículas saem o suficientemente rápido, extraímos umas poucas e as esmagamos juntas. A maioria dos cientistas estudam as partículas menores que são produzidas, mas eu estou mais interessado nos efeitos secundários.

-Como os laços de tempo.

-Sim,- ele disse, - a maioria dos fenômenos induzidos implicam a distorção do tempo ordinário. Isto é porque as radiações emitidas pelas colisões viajam à velocidade da luz. Einstein predisse em sua teoria da relatividade que isto significa que, desde nossa perspectiva, estas ondas de energia liberada têm energia maciça, infinita, e nenhum tamanho absolutamente. Estão também livres dos limites do tempo linear. Em essência, atraímos bruscamente um pouco de coisas puras, indigestas e quânticas em nossa dimensão.

Ele tinha se unido a ela e Eric enquanto falava, agora dobrou sua palma ao redor de sua nuca onde o pescoço de seda de sua túnica se dobrava abaixo. Com o roçar de seu polegar sob seu cabelo, Charity tremeu, mas não de medo. Era o tipo de tremor que pensou que poderia ter experimentado se Einstein mesmo tivesse movido sua mão. Naturalmente, ela não tinha forma de julgar se B.G. era tão preparado como isso, mas para ela o era. Pela primeira vez, sentiu-se privilegiada por ter podido ver o que tinha. Assustadiça ou não, ela tinha sido admitida em um círculo da elite. Ela tinha presenciado o que outras pessoas só se perguntavam a respeito disso.

Ela começou a contemplar o perfil de B.G: O nariz largo, os olhos emotivos, a boca assombrosamente sensível.

Amo-o, ela pensou, Deixando sua negativa. Ela não soube se amaldiçoava ou ria, especialmente desde que isto devia querer dizer que amava Eric, também. Os nós que ambos os homens punham em seu estômago eram muito maus para assimilar.

-Alguém deve ter advertido destas coisas estranhas antes,- ela disse em voz alta. -Você não pode ser o único.



Principalmente civis,- B.G. reconheceu. - Infelizmente, se um cidadão ordinário sustenta ter visto algo do futuro ou o passado, ou se estiverem em uma situação onde sua experiência de tempo esteja anômala, então suas histórias são geralmente descartadas como pitorescas não mais reais que uma lenda folclórica. Naturalmente, os cientistas que trabalham em instalações subatômicas preferem fingir que os fenômenos não existem. Relutantes como estão para admitir que seu trabalho está interferindo com o contínuo espaço tempo, dificilmente iriam procurar as provas. Prefeririam não fazer, como você o põe, dar um passo dentro da Dimensão Desconhecida.

-Mas ninguém foi ferido trabalhando aqui?

- Só pudemos produzir pequenos sucessos, menos dramáticos que nos que você se viu. Mudanças na atividade cerebral. Condições alteradas que podem produzir nada mais que alucinações. Documentamos tudo, claro está, e tentamos repetir o efeito, mas de longe o processo foi caótico. A menor mudança nas condições iniciais, e não obtemos os resultados do todo,B.G. coçou a cabeça na frustração. - Nós tivemos um técnico de laboratório que ganhou algum dinheiro na loteria quando ficou dormindo em seu escritório e sonhou o número correto. Tenho que admitir, entretanto, não validamos isso como um acontecimento pré cognitivo verdadeiro.

Charity levou sua mão para seu peito. -Tem um 'nós'. Isso é agradável.

- É obvio que o tenho. Não posso correr com tudo por mim mesmo.

Falando do qual,- Eric disse. -seus empregados?

B.G. -esclarecido,- reconfortou-lhe.

-Esclarecido o que? Charity perguntou.

B.G. olhou-a, enrugou sua testa, logo pareceu tomar uma decisão.

- Foram esclarecidos riscos de segurança. Segundo a irmã de Eric, quem trabalha na Secretaria da Fazenda, alguém na CIA pensa que temos um espião.

A conclusão chegou a Charity chegou rapidamente mas vacilou antes de ventilá-la.- Você Não crê... digo, a menos que você conheça alguma razão pela que isso não possa ser certo, não pensa que a espiã possa ser Sylvia?

B.G. suspirou. - Espero que esteja no correto, embora odeio acreditar nisso.

Ser emocionalmente torpe e inepta consegue aproximar às pessoas que escassamente faz um espião. Na verdade, é difícil imaginar o professor de espionagem que a contrataria. Em cima disso, abordei-a para vir aqui em primeiro lugar, sob condições que não acredito que pudessem ter sido planejadas, naquele momento, não pedi mais que um relatório superficial dela porque, irônico como pode resultar, pensei que poderia confiar em meu julgamento. Ela tinha estado dentro desse spa por um ano, um spa que só tinha visitado uma vez antes. Estaria disposto a apostar ela é genuinamente retorcida. É difícil fingir prazer pelo que ela faz.



Ele sacudiu a cabeça com pesar. - Suponho que esses argumentos não têm importância agora.

Minha equipe de segurança vai sobre seus antecedentes com um pente fino. Até agora surgiram vazios, mas fica assegurar que se houver algo que encontrar, então o fará. Enquanto isso, a menos que Sylvia faça algo abertamente suspeito, vou tratá-la como faria normalmente.

Charity intranquilizou seu lábio inferior, repentinamente cravada pela culpabilidade. - Poderia o suspeito ter um cúmplice ?

- "O que?. Isto veio de ambos Eric e B.G.

- O tipo que encontrei fora por acidente. Esse tipo da câmera, Michael, está completamente obcecado com ela. Ele esteve obtendo favores sexuais para examinar gravações em segredo para ela.

Ela teve que lutar para não diminuir-se quando B.G. voltou-se severo. - Por que não me contou tudo isto imediatamente?

- Pela mesma razão que não me disse que andava procurando um espião. Não pensei que precisasse saber. Não sou fofqueira. De qualquer maneira, Michael disse que não faria outra vez. Agarrei a chave para assim poder fazer uma dupla comprovação.

- Meu Deus,- disse Eric ao teto, embora ele se via mais exasperado que zangado.

- Provavelmente não deveria estar muito zangado com ele.- ela adicionou - Sylvia tem um talento natural para aproveitar-se da simpatia das pessoas. Ele pensou que dava a ela um presente para compensá-la por sofrer desprezo por... né vocês dois.

- Principalmente eu, suspeito,- B.G. disse. - parece que Sylvia não foi minha única eleição imprudente para contratar.

- Ele não...

- Sei. A mão do B.G. situou-se em seu ombro - não quis causar qualquer dano.

Charity teve um desejo reflito de suplicar a favor de que Michael não fora despedido. Em lugar disso, ela fez a pergunta da que ela temia a resposta.- Pôde encontrar Sylvia algo importante?

B.G. suspirou fora um pesado fôlego. - Acredito que não. Mantemos nossos dados isolados nos servidores aqui, e não tivemos qualquer brecha. Estaria mais preocupado se ela fosse embora. Porque não o tem feito. Ainda pode tratar de descobrir como localizar e ganhar acesso ao laboratório.



Isto soou razoável para Charity. - Ela parecia como se esperasse ser uma amiga para mim. Talvez pensou que poderia ajudar a encontrar isso que havia dito que era uma perda de tempo, exceto aqui estou.

-Aqui está, -B.G. esteve de acordo e, apesar de tudo, deixou sair um sorriso beatificado.

- Temos que investigar isto,- Eric interrompido com inquietação.

-Acredito que temos que fazer mais que investigar.- B.G. tirou um telefone de um dos escritórios desordenados e pressionou um código de dois botões. -Sela a fazenda, - ele disse a qualquer que respondeu. - E chama a seus contatos locais das leis locais. Temos uma situação que exclui permitir que qualquer pessoa saia dos terrenos.

Quando pendurou o telefone sem mais palavras que essas, Charity soube que eles tinham terminado de brincar.

Esqueceram-se de colocar seus óculos e se agruparam juntos para a saída, mas não importou. A tapeçaria que escondia a porta do túnel tinha sido devorado à parte, e as luzes já estavam acesas. Como um pesadelo tirado de seus medos, Sylvia parada fora dentro de calças de pele negras e bustiê. Apesar de sua beleza e a vibra fetichista de sua roupa, Ela apresentava tão precisamente a classe de fêmea má que Charity não queria encontrar em um beco escuro.

Merda, ela pensou, congelando-se em seus rastros. Desejou ter vestido algo exceto essa estúpida bata larga até o tornozelo e calças jeans ... e isso foi advertir a pistola.

Não houve uma má palavra o suficiente grande para expressar seu abatimento diante disso.

-Fora,- Sylvia ladrou, usando a arma de fogo para gesticular. - Em fila contra a parede.

B.G. deu um passo adiante em lugar disso, esfregando sua têmpora como um professor distraído. Não tão distraído Charity não acreditou. Quando ele se moveu a porta para o laboratório automaticamente se balançou fechado.

Agora que ela o escutava, Charity podia ouvir o mecanismo de fechado.

-Alto!-Sylvia ordenou. -Te quero contra a parede!

B.G. deteve-se mas não voltou atrás. -O que está fazendo aqui? Ele perguntou, soando confuso.

Charity teria pensado que a resposta era óbvia, mas Sylvia estava o suficientemente desejosa de explicar, jogou para trás a cabeça e fez o melhor para olhar abaixo de seu nariz. - Michael foi o suficientemente amável para me informar do fechamento. Ele se preocupou de que



tivesse medo. Acreditei que esta era minha última oportunidade para me mover.

-E soube que estaríamos aqui por que...?

Isto fez a Sylvia correr sua língua através de seu sorriso. - Sugeri que ele instalasse câmeras infravermelhas aqui embaixo falei não perdíamos a ninguém ficando a trabalhar em qualquer lugar.- Seu braço com a arma chegou um pouco mais reto.- Vê que ocorre quando esquece que as pessoas pequenas têm poder?

-Onde está Michael. Eric perguntou. Ele está bem?

Sylvia pareceu não advertir que ele tinha dado um passo adiante ao lado de B.G. - Ele está um pouco amarrado lá encima no momento.

Ele se alterou quando se deu conta que não tinha feito amizade com ele pelo sexo.

-Por que está fazendo isto?- Charity perguntou quando se precaveu que o objetivo parecia ser manter a Sylvia falando.

Sylvia virou para ela, seus olhos tão vazios e frios como pedacinhos de gelo verde. Olhando dentro desse olhar estranho, desconectado, Charity soube que o que fora que acreditasse ter compreendido sobre a massagista, não tinha sido a história completa. Sylvia esteve silenciosa portanto tempo, que Charity pensou que não lhe responderia.

-Estou fazendo isto para impedir aos americanos controlar este descobrimento completamente para eles mesmos,- ela disse ao fim.

- Realmente não podem ser confiáveis, sabe. Olhe o problema que causam no mundo. Certamente até você pode ver que precisam ser mantidos a raia.

-Não sou, né muito política,-disse Charity.

-Não.- O olhar da Sylvia a varreu de acima a abaixo.- imagino que não seja.

-Não quero soar trilhado Sylvia,- B.G. acrescentou - mas realmente não pode escapar com isto. Se a casa não está rodeada, então estará logo.

-Esse seria um problema,- Sylvia disse, - se não soubesse que aí em seu laboratório tem uma saída secreta, para permitir a entrada de seus empregados e sair sem ser visto. Arrumado que você não disse a seus guardas que bloqueassem essa. - Com um estalo detestável, ela tirou o seguro da pistola. Sua mão estremecia, um pequeno tremor sutil nervoso. Infelizmente, não estremecia o suficiente para sugerir que tivesse má pontaria. -Abre a porta B.G. Quero ver seu verdadeiro quarto de jogos.

-Sinto Sylvia.- B.G. soou verdadeiramente triste. - O que você queira não me preocupa muito.

Lhe disparou tão rapidamente e com tão pouco ruído que Charity não se precaveu do que



tinha ocorrido até que B.G. cambaleou-se para trás com um desdobramento violento de vermelho florescendo em sua manga. Sylvia tinha pego a seu antebraço. Eric se moveu para despachá-la prontamente, mas B.G. conteve-o mesmo que sangrava. Para sua parte, Charity não pôde conter um grito de medo. Sylvia tinha ambas as mãos sobre a culatra da pistola agora, e seus olhos estavam travados no B.G.

-Me deixe entrar nesse laboratório,- ela disse, escuro e baixo.

-Sabe que não posso, Sylvia. Minha investigação não pode cair nas mãos equivocadas.

Sem prévio aviso, seu rosto ficou escarlate. - As tuas são as mãos equivocadas!- ela gritou. - as tuas, as tuas, as tuas!

O coração de Charity estava ameaçando estrangular o fluxo de sua garganta. Ela se moveu mais perto sem pensar. Sylvia estava descontrolada. Os músculos de seu antebraço estavam passados os laços. Ela ia disparar ao B.G. outra vez, talvez em alguma parte crucial. - Sylvia- ela começou.

Ela não teve uma oportunidade de dizer outra palavra, útil ou diferente. Com um ruído que soou como um grunhido, Sylvia agarrou seu pulso, voltando suas costas contra seu peito, e empurrando a pistola sob sua mandíbula.

-O que há sobre ela!- Sylvia demandou. Abriria a porta para sua preciosa Charity?

Não o faça, Charity tratou de vocalizar, mas B.G. não observava. Em lugar disso, ele caminhou arrastando os pés adiante de Sylvia, sua mão direita sujeitando a seu braço ferido. Sylvia retrocedeu para que assim ele não a pudesse alcançar, mas o movimento a distraiu de advertir que Eric estava retirando-se pouco a pouco.

Sim, pensou Charity. Vá consegue ajuda.

- Deveria se render,- B.G. dizia com sua voz mais calma, mais apazível. O único sinal de que lhe tinham disparado era sua ligeira respiração entrecortada.- Vamos conseguir alguma ajuda para você. Se continuar isto, então sabe que falhará. É impossível que termine de qualquer outra forma.

Um tremor deslizou abaixo da coluna vertebral de Charity seguido por uma inundação geral de frio. Atrás dela, Sylvia estremeceu, também. O mesmo aroma indefinível que tinha enchido o túnel para o laboratório fez cócegas em seu nariz, mas agora pareceu rodar fora de B.G. Estava ele tratando de perturbar a Sylvia, ou podia tratar de persuadir à dimensão quântica de dar uma cotovelada aos acontecimentos a seu favor? Se o fazia, então o medo de Charity só podia interferir. Ela aspirou por confiança em lugar disso.

-Ele está correto,- ela disse tão claramente como pôde com a mordaca entupindo-se em seu pescoço. - Sei que está zangada, mas opor-se B.G. é inútil. Ele sempre obtém o que quer. De certa forma, alguma forma, sairá com a sua desta vez, também. Talvez a pistola errará o tiro ou sua mão



estremecerá. Talvez o poder repentinamente sairá. De qualquer forma que ocorra, estará apanhada.

Poderia ter sido sua imaginação, mas as luzes pareceram titilar só um pingo diminuto.

- Cale-se,- Sylvia estalou. -Pensa que é melhor que eu. Pensa que pode separá-los e recolher ao que você queira. Mas sempre se amarão mais que a você. Você não é nada para eles a não ser uma prostituta estúpida.

Tudo o que ela disse poderia ter sido certo, mas Charity nunca havia sentido menos estúpida. Ligeiramente mais alta que Charity, Sylvia se tinha apoiado abaixo para vaiar o insulto em sua orelha, inclinando a pistola fora enquanto o fazia. Entretanto este não foi o corte que Charity tinha estado imaginando, ela não estava completamente surpreendida quando um peso chocou violentamente contra elas desde atrás, as conduzindo impotentemente para o piso.

Ainda quando o ar se apressou de seus pulmões sob o impacto dos dois corpos, Charity sorriu abertamente. A pistola voou da mão da Sylvia como se tivesse sido jogada. B.G. agarrou-a e logo levantou o peso de suas costas.

-Filho de puta,- Sylvia amaldiçoou, saltando para Eric.

Por uma vez o par estava lutando corpo a corpo através do vestibulo, rodando muito grosseiramente para que B.G. conseguisse um alvo claro. Charity conseguiu levantar-se, mas tudo o que podia fazer foi observar. Sylvia procurava sangue, arranhando e mordendo algo que pudesse alcançar. Eric parecia tratar de dobrá-la sem feri-la. Isto, e sua falta subjacente de loucura, puseram-no em desvantagem. Enquanto lutavam, uma das armaduras caiu sobre eles com um choque. A cabeça do Eric recebeu uma navalhada.

Charity tinha recuperado uma quantidade suficiente de ar para ficar sem fôlego.

-Maldição,- B.G. exclamou. -deixa de ser um cavalheiro!

-Muito bem,- Eric disse e deixou Sylvia inconsciente com um só golpe, disparando direto seu cotovelo.

Embora ela tinha estado tratando de lhe tirar os olhos, ele se sobressaltou enquanto ela se encolhia.

-Obrigado,- B.G. soprou. - pensei que ia ter que permanecer aqui para sempre e morrer sangrando.

-Merece isso,- Eric ofegou, justo como furioso. Era a primeira vez que Charity tinha visto qualquer deles zangado. -o que planejavam vocês dois fazer, usar seu ' poder assombroso ' da mente ' para hipnotizá-la dentro da submissão?



- Demos-lhe uma fresta.
- Deu-me um acidente!

A discussão parecia provavelmente continuar, uma liberação da tensão, Charity supôs, mas justo então o que devia ser a equipe de segurança do B.G, e um montão de tipos do comando do governo, martelaram no vestíbulo revestido de painéis vestindo camuflagem e botas de sola grossa. Havia pelo menos uma dúzia de cada classe, e os fuzis que levavam eram suficientes para fazer que seus pulmões se amarrassem em estado de choque. Charity atraiu seus joelhos para seu peito e tratou de parecer inofensiva. Um dos homens armados, possivelmente um médico, ajoelhou-se imediatamente ao lado de Sylvia. Ela tinha começado a voltar em si mas devia ter estado nocauteada de seu bom julgamento assumindo que ainda tivesse um. Ela gemia algo a respeito de que B.G. tinha perdido sua oportunidade.

-Teria me esforçado por você,- ela jurou. Teria deixado a missão inteira.

Suas palavras deram início a uma espetada de simpatia. Aparentemente, Sylvia tinha estado esperando interpor-se entre o Eric e B.G. mesmo.

Enquanto o primeiro médico tratou de tranquilizá-la, outro foi para o B.G. O resto dos soldados se dispersaram. Com tudo isso, Charity encontrou sua disciplina impressionante. Enquanto os capitães do contingente terminaram de resmungar em seus aparelhos de comunicação que a área era segura, uma mulher vagamente familiar em um conservador mas elegante traje lindo caminhou com precisão delicada através da multidão carregada de testosterona.

Sua atenção se desviou para onde Charity estava encolhida no piso, logo se moveu respectivamente adiante.

Ela se deteve em frente a Eric.

O sangue gotejava de sua sobrancelha para sua orelha, e seu cabelo se sobressaiu em mechas como sempre estava primeiro na manhã. Sylvia também tinha conseguido abrir de um puxão sua camisa. A Charity não ajudou desfrutando da vista de seus abdominais, mas a mulher parecia horrorizada.

-Meu deus,- Dana disse, assimilando sua desarrumação. -no que te colocaste agora?

Capítulo Dezoito

B.G. encontrou Charity em seu quarto, dobrando seus trajes provocadores dentro de uma



bolsa grande. Seus movimentos eram lentamente preguiçosos, ele podia ter que dizer, como se sua atenção não estivesse completamente ali, como se contra toda lógica que ela não tinha nenhuma pressa por deixar Mosswood. Ele não sabia se estar aliviado ou triste por que ela tivesse calculado que não poderia ficar com o Tio Sam tomando a residência em preparação para passar sobre o laboratório do B.G com um microscópio.

Apanhar a espiã não tinha sido suficiente.

Ao menos ele sabia o que tinha posto à CIA em alerta, apesar de não ter intenção de revelar-lhe a Charity.

Parecia que Maurice, seu chofer, tivesse estado contando histórias de fantasmas em um bar local, jurando que tinha visto pessoas em vestidos antigos movendo-se rapidamente através dos vestibulos. B.G. sinceramente duvidava que estes "fantasmas" fossem algo mais que gravações de acontecimentos passados que se imprimiram em suas antiguidades, coisas inofensivas sem mais realidade que fotografias. Os experimentos acontecendo debaixo de Mosswood os poderiam ter acionado a reproduzir-se, mas é obvio que Maurice não sabia nada desse projeto. Ele não se deu conta da bandeira vermelha que suas histórias levantariam, chegando como o fizeram da casa de um físico conhecido por explorar a natureza do tempo.

Quando os observadores de B.G não interceptaram o mesmo não tão grande conto através de canais menos agradáveis, concluíram que não eram o único país com sua atenção no progresso de B.G. Pior, o detalhe acrescentado no segundo acontecimento os fez acreditar que seus competidores tinham uma pista dentro. Maurice não tinha pronunciado uma olhada a respeito da cristaleira mudando-se por si mesma.

As teorias de conspiração estavam apoiadas em tais pequenas coincidências.

Sua reunião com a Sylvia no spa em Vitória resultou não ter sido uma delas. Sua equipe de segurança se redimiou descobrindo que ela tinha estado visitando um número de lugares que B.G. - tinha estado conhecendo - isto de acordo com a esperança de algum dia encontrar-se de repente com ele.

Semelhante paciência requeria que ela se mantivera até que ela o encontrou, e de que modo melhor que em um estabelecimento que ele tinha auspiciado? Para B.G., isto pareceu um método ineficiente para orquestrar um encontro, mas tinha funcionado, assim é que quem era ele para criticar? Certamente não era o juiz infalível de caráter que tinha pensado.

Eventualmente, B.G. estava seguro que se inteiraria como uma massagista de Genebra se enredou com o bando internacional que tinha querido roubar seu trabalho. Tristemente, sempre haveria gente no mundo quem queteria acessar a segredos que não tinham a mais débil noção de como usar. Quanto a isso, ele especulava que havia uns quantos em seu governo.

Seus contatos do FBI, cujo trabalho era realmente proteger tecnologia sensível, disseram-lhe que não tinham sido consultados sobre o que chamaram "esta operação vaqueiro".

Por qualquer razão, a CIA pareceu ter deslocado fora sobre o seu. Agora, provocativamente, ele tinha que negociar com ambos os braços da inteligência.



Com um suspiro interior silencioso, alisou o cabelo de Charity detrás de sua orelha. -Sua entrevista foi bem?

Ela virou quando ele a tocou, ainda movendo-se como se fosse um submarino, deixando cair um par de sapatos de salto agulha vermelhos na cama. - Estava bem. Seu advogado foi muito útil. Ele não deixou que respondesse aos tipos valentões da CIA algo que realmente não precisassem saber.

-Esse é o trabalho de Samuel.

-E ele o fez bem super bem.- Ela colocou uma mão sobre suas costelas, seu calor um intenso choque.. -Sinto que sua casa foi invadida. Sei que aprecia sua privacidade.

- Tenho mais advogados, e algumas amizades em altos postos. Espero que possamos minimizar a intrusão. Algumas vezes uma mão ou um ramo do governo, neste caso verdadeiramente não querem que a outra saiba o que está fazendo.

-Conveniente,- ela disse, seu pequeno sorriso desajeitado.

Quando ela deixou cair seu olhar, ele abraçou seus ombros para trazê-la para cima outra vez. Seu braço doeu sob sua vendagem onde a bala tinha castigado sua carne, mas a dor foi curiosamente bem-vinda. Ele estava vivo. Todos eles estavam. -Quero que saiba que não teria deixado a Sylvia disparar em você.

Teria aberto a porta antes que chegasse a isso. Teria tratado de encontrar algum outro modo para manter segura a investigação. Escolhi minha estratégia porque acreditei que ela pensava em você, em algum nível, como alguém que a entendia. Acreditei que não machucaria a alguém que tinha dado a ela tal prazer.

Charity encolheu um envergonhado ombro. - É gracioso como, ao final, a pessoa que mais queria Sylvia era a que ela não podia ter. Esses jogos de vocês são bastante engenhosos

Não o suficiente engenhoso, ele pensou. Ou talvez muito engenhoso para seu bem. Ele correu o dorso de seus dedos abaixo de sua bochecha. Não esperava que ela falasse depois.

- Tratei de te dizer que não,- ela disse, seus olhos fervorosos.

- não A...?

- Não a deixasse te assustar para abrir o laboratório. Eu te murmurei não o faça, mas olhava a ela.

-Ah,- ele disse, estupefato e não estupefato ao mesmo tempo. -Isso foi muito valente.

Charity enrugou o nariz diante do louvor. - Não pensei realmente sobre isso. Só sabia que



seu projeto era perigoso e não só ninguém deveria jogar com isso, especialmente antes que você tenha conseguido decifrá-lo mais.

Ele sorriu, comovido por sua modéstia e sua confiança.

-Posso perguntar algo?- Ela perguntou timidamente.

-É obvio.

-Quando disse a Sylvia que estava condenada a falhar, estava você tratando de atrair um truque quântico?

- Acredito que você devia ter sabido que estava, ou não teria feito o melhor para ajudar.

-Pois bem, figurava-me isso mas não estava segura.

-Se assegure,- ele disse, cavando seu rosto. -Que é geralmente mais preparada do que você compreende.

Seus olhos ficaram brilhantes, tais olhos formosos que o provérbio antigo a respeito de afogar-se neles ganhou renovado crédito. -Menino,- ela exclamou, - vou te perder!

Sua garganta se fechou sobre sua promessa de manter-se em contato, nunca perder o contato em primeiro lugar. Essas palavras não tinham a intenção de ser vocalizadas. Charity não era para ele. Talvez ninguém fosse. Seu julgamento errôneo, sobre Sylvia e Michael, demonstrava o insuficientemente adequado que era para qualquer relação. Sendo assim isso, ele sabia que deveria deixar Charity ir. Perversamente, seus polegares pareciam inclinar-se por riscar o arco de suas sobrancelhas. Finalmente, uma vez que deslizaram abaixo de suas maçãs do rosto, ele pôde deixá-los cair. -Eric querará te ver antes que vá.

-Assumo que sua irmã não o enviou a gritar no bosque.

-Dana tem um dom para assumir o pior.

- Ela é intimidante,- Charity disse com um tremor fingido. - Penso que Eric ia nos apresentar, mas meus nervos não estavam completamente para isso.

Logo ela o assombrou puxando-o em um abraço.

-Obrigado,- ela disse, sua bochecha pressionada apertadamente a seu peito. -Por tudo.

Ele trouxe suas mãos lentamente para suas costas, as aplanando simplesmente sob os planos de suas omoplatas. Pensou em quanto amava a curva dela aqui, a combinação de força e feminilidade. Ele cravou os olhos no modelo de caos pendurando sobre sua cama. Perguntou-se se ela tinha advertido que o programa se reproduziu através para revelar sua formalidade final, um



caos dos padrões teóricos chamado “estranho elemento atrativo.” Embora desordenado e imprevisível o caminho que o ligeiro ponto de luz desenhava parecia com o princípio, pelas regras que obedecia, que sempre viajava sobre a superfície desta forma previamente invisível, gravando-o fora pouco a pouco até que brilhou claro. O elemento atrativo estranho para este modelo do computador parecia uma complicada flor aberta, alternando lentamente através das três dimensões virtuais da tela plana.

Charity era a flor, ele pensou. Possivelmente tinha estado sempre, sem precisar ser fixada tanto como mostrava sua imagem verdadeira

- Transferi o dinheiro que necessitará para a escola em sua conta,- ele disse.

- Não estou preocupada por isso.- Ela o contemplou sem soltar seu abraço, seu meio sorriso torcido devorando seu coração prematuramente dolorido. - Espero,- ele disse ligeiramente, -que ali haja muito pouca oportunidade disso.

-Esta indo,- Eric disse.

Charity olhou para cima de fechando o zíper de sua bolsa. Não estava pronta para isto. Logo que tinha recuperado a compostura depois de dizer adeus a B.G. Eric estava parado em sua entrada, sua sobrançelha levando o mesmo pinga de preocupação que tinha o dia em que ele a tinha arrebatado fora de Future Tech. Ele tinha parecido intocável então, um menino dourado privilegiado que se dignou a descer das colinas. Ele era mais querido para ela agora, menos perfeito mas mais real.

As contusões da briga faziam coisas divertidas a seu instinto feminino. Ela não podia decidir-se já seja a lhe dizer "pobre bebê" ou saltar seus ossos.

Não esperava perdê-lo.

-Sim,-ela disse, obrigando-se a sorrir. -É momento de deixar atrás o reino mágico de B.G.

Eric abriu sua boca, fechou-a, logo esfregou o sulco em sua testa o que não fez nada para apagá-lo. A única comunicação que dirigiu foi um inclemente suspiro.

-Está bem?- Ela perguntou.

Seus ombros foram acima e abaixo. -Trata de dizer além de passar a última meia hora com minha irmã, escutando-a me exortar sobre tudo o que está mal com minha vida?- Claramente sem esperar uma resposta, ele chegou a sua cama e lançou as abas de sua bolsa atrás e adiante.

- Ela manobrou sua entrada aqui, você sabe: Provar que o que fora no que eu estivesse comprometido, ela estivesse do lado correto.



- Provavelmente estava um pouco preocupada com você.

-Sei,- disse e ofegou fora dos ocos de suas bochechas. - Sinto muito. Não vim aqui para me queixar. Vim me assegurar que estivesse completamente bem.

-Estou, -Sua mão encontrou seu caminho ao meio botão de sua camisa. O tecido era azul, um complemento ao cinza suave de seus olhos e mais seguro para enfocar adiante. -foi... foi sua irmã capaz de te dizer como se envolveu Sylvia em tratar de roubar o trabalho de B.G?

- Não sabem ainda. A questionarão, estou seguro. Dana disse que me diria se ela ouvisse algo antes que eu o faça. -Apertou os lábios e negou sacudiu a cabeça. -Essas coisas que Sylvia disse, a respeito de esquecer às pessoas pequenas, nós a tratamos um pouco como uma conveniência.

-Quer dizer, como a uma empregada?- Quando ele começou a objetar, Charity pressionou seus dedos a sua boca. - Olhe, Eric, eu sei que sua mamãe te inculcou cheio de valores. Se fôssemos Santos, então suponho que cada um de nós teria tratado a Sylvia como nossa melhor amiga. Se o fizéssemos então talvez teria deixado seu plano, ou talvez tivesse chegado ainda mais longe a coisa é, que não pode se culpar por suas decisões. Você só pode decidir como quer agir de agora em diante.

- Correto.- disse e se sacudiu resolutamente.

Ele era um Galahad sem esperança, machucados e demais, que Charity não pôde evitar gracejá-lo.- Tanto quer ser perfeito,- ela disse. -eu posso dizer.

- Não me importaria, - ele admitiu com uma risada tímida. Ele observou seu sapato arrastar o piso antes de olhar acima. - Imagino que gostará estar em casa outra vez, depois de toda esta perturbação.

Ele era um moço então tão fácil de ler e tão tímido. Seu olhar procurou o seu, envergonhado por admitir que pescava seguranças. Nesse momento, sua colher de prata não podia ter importado menos. Ele e Charity eram mais semelhantes do que eram diferentes.

Poderia funcionar entre nós, ela pensou, o conhecimento apertando suas cordas vocais.

Ela alisou suas mãos através do algodão caro que cobria seu peito.

- Recordarei tudo o que aconteceu aqui toda minha vida. Estar aqui foi o melhor tempo que alguma vez tive.

-Eu, também,- ele murmurou.

A confissão baixa rompeu algo que o contivera. Ele tomou seu rosto em suas mãos e a beijou, sua palmas cobrindo suas orelhas, sua fome fazendo-o rude. Seu pulso começou a correr



em uma maneira completamente nova. Quantas vezes tinha feito isto, a magia do ter necessitando-a nunca aborrecia . Desta vez, essa necessidade parecia especialmente aguda. Seus dentes chocaram antes que sua língua se dobrasse dentro de sua boca para saborear.

Depois sujeitou seus braços debaixo de suas nádegas e a levantou fora de seus pés. Como ela, devia ter temido que esta fosse a última vez.

-Tome uma ducha- ele disse, já movendo-se para isso.-Tire a roupa.

Sua ordem convocou a sua imprudência. Que diabos, ela pensou. Porque se contém agora? Ela estava passando sua camisa sobre a cabeça enquanto o a levava para dentro. Estava nua baixo isso. Seus mamilos apertados. Estremeceu com desfrute quando ele arrastou seu rosto através de seus seios. Seus bigodes eram ligeiramente ásperos, sua boca suave.

Com os ossos do quadril balançados sobre seu ventre, ele tomou dentro para amamentá-la. Enterrar os dedos em seu cabelo era o céu absoluto. Sua cabeça caiu para trás com as sensações combinadas, seu cabelo lhe roçando os ombros.

Ambos gemeram ao mesmo tempo.

Quando ele a colocou nos azulejos, seu olhar ardia como chama de prata. –Me quer?-Ele perguntou, a pergunta brusca. -Quer que te tome duro?

-Mais duro que duro,- ela disse, e as pálpebras dele se fecharam com seu intento de dominar sua reação.

Ela não podia dizer o que ele faria depois. Saíram com ímpeto de sua roupa em tempo record, deixando-a onde caía .

A calcinha de Charity se anelaram a um candelabro de parede, e a cueca de Eric aterrissou no lixo. Ela se arrancou de um puxão a camisa, dispersando botões através do piso. Felizmente para sua falta de coordenação luxuriosa, a ducha era um desenho cristalino, aberto. Eric fez girar os jorros múltiplos a quente, sua ereção ricocheteando com vontades. Ela quis agarrá-lo, adorá-lo com suas mãos, mas em lugar disso se deteve para olhar.

Ela sacudiu a cabeça a si mesma, tomando todo esse músculo belo, excitado. Seus braços. Seu peito. Suas preciosas pernas longas, firmes. Certamente estava muito bem para considerar ainda deixá-la atrás

-O que?- Ele perguntou, notando seu olhar.

- Recordava o delicioso que pensei que era a primeira vez que te vi no Future Tech.

O comentário poderia ter sido o único que o poderia deter. -Delicioso, né?

Com as sobrancelhas levantadas e um sorriso sugestivo, ele olhou intencionalmente a seu



pênis, agora quase vertical. Charity reconhecia um convite quando a via. Ela o devorou sob a aspersão, enlaçou suas mãos, e ficou de joelhos. A pesar do dilúvio quente, seu eixo se estendeu mais longo.

-Olhe isso,- ela advertiu em brincadeira. - é mais que um bocado tal como está.

-Toma o que possa,- ele disse. Seu gemido enquanto ela o fez saiu uma oitava mais baixo.

Com seus dedos agarraram apertado pelo dele, ela o deslizou dentro e fora do meio de seus lábios, sua espessura empurrando através de sua língua e seu paladar com vitalidade quente. Ela trabalhou seu eixo com toda a habilidade que possuía, chupando e lambendo em todas partes, estimulando suas sardas mais ardentes, querendo produzir mais prazer do que ele alguma vez poderia esquecer-se. Ela suspeitou que ele tratava de conter-se, mas logo seus quadris começaram a rodar nela impotentemente. Com suas mãos incapazes de balançá-lo, esta foi a única forma para obter mais pressão. Ela soube que ele observava o que ela fazia a partir da forma em que ele gemeu. Sua boca o fez brilhar tanto como a ducha.

Esperando tirá-lo fora do sério, ela estimulou com a ponta de sua língua em sua fenda .

-Charity,- ele ficou sem fôlego. -Espera.

Ela se recostou em seus calcanhares e riu. - Sempre com a espera. Pensei que queria me foder duro.

Seus olhos ficaram escuros, assimilando suas palavras, acolhendo a vista de seu corpo ajoelhado no piso. -Faço-o,- ele disse. -Sempre.

Ele resgatou uma camisinha de uma lata de prata pelo lavabo, abrindo o envoltório com os dentes e rodando-o em cima com caretas convincentes de sensibilidade. Ele estava preparado para começar a rodar então, e ela estava ansiosa por permitir-lhe mas tudo o que fez foi alcançar o sabão e chamá-la gestos acima.

Ele a ensaboou da cabeça até as pontas dos pés longos, lentos minutos de amá-la com suas mãos até que ela pensou que gritaria de frustração.

-Eu, também,- ela finalmente demandou, estendendo sua mão e tratando de manter unido seu pequeno cérebro enquanto suas palmas espremiavam e escorregavam seu caminho repetidamente levantado seus seios.

Ela ficou sem fôlego quando ele beliscou seus mamilos entre seus dedos. - quero te ensaboar.

-Aqui.- Ele a transportou apertada contra sua parte dianteira. -Agora você pode.

Seus corpos deslizaram juntos na lubrificação da espuma: pênis a quadril, os peitos a seio.



Os abdominais duros, firmes como paralelepípedo do Eric se sacudiram dentro e fora com seu fôlego. Abraçada muito estreitamente para ensaboar sua frente, ensaboou suas largas costas. Logo, quando suas mãos deslizaram ao redor de suas nádegas e entre suas pernas, ela perdeu o sabão para sempre no piso.

Era difícil pensar. Ele estava beijando-a outra vez, com maravilhosos gemidos ruídos, roubando os restos que ficavam de seu poder para pensar. Ela logo que poderia retornar o beijo e respirar ao mesmo tempo. Muito desesperado para ser suave, ele a apertou contra a parede com um sólido ruído surdo.

Uma prateleira construída na esquina colidiu seu flanco. Eric sabia o que foi por tão bem como ela desempenhasse. Ele a desviou para isso com o dois deles ainda se apertou. Seu sexo estava tão molhado, ele não poderia perder sua presteza contra o músculo de sua coxa. Sua ereção pulsou como se soubesse onde ia. Gemendo, ele a enlaçou fora dos azulejos e ainda por cima do suporte.

Era justamente a altura correta para que a ponta dele se aproximasse de sua entrada.

-Estende suas pernas,- ele grunhiu. -Amplas.

Evidentemente, ele não a queria agarrando sua cintura com suas coxas. Ele empurrou seus joelhos contra as paredes contíguas e empurrou para dentro dela com sua extensão aberta, penetrando tão facilmente como se sua vagina tivesse sido ensaboada, também. Seu tamanho, sua espessura não importava. Em um golpe esplêndido, ele a encheu até sua beira. O efeito era mais que bom. Se ele não a tivesse estado sujeitando no lugar, então teria sido um convite para desenfrear-se.

Com isso foi, sua cabeça rodou contra os azulejos, seu corpo apertando codicionadamente em sua longitude.

-Meu Deus.- Ele exalou uma respiração longa, trememente. -De acordo, agora se agarre.

Seus dedos agarraram seus ombros enquanto seus quadris se tornaram para trás.

-Vêm,- ela implorou, tratando de assegurar que ele realmente o faria. -Vêm.

Ele empurrou tão fortemente como tinha prometido golpes velozes, profundos de força pura, dirigida que a golpeava justo o suficientemente duro, justo o suficiente rápido para enviá-la gemendo sobre o ápice. Ele teve mais controle do que ela tinha. Embora inchasse dentro dela, não gozou.

-Outra vez,- ele disse, cada um de seu músculos apertados com determinação. -Vem para mim outra vez.

Ela agarrou a próxima cabeça da ducha e se sujeitou.



Uma mão tinha que ser suficiente para elogiar as partes dele que ela podia alcançar.

Pareceu sê-lo. Ele se crispou inspiradamente com suas carícias, mas ele era incansável, sua pele estava vermelha pelo tamborilar de calor sobre ele por dentro e por fora. Ele empurrou o suficientemente duro para que a umidade de sua pele chiasse contra o azulejo. Ele agarrou sua raiz mais firmemente. Não lhe importava que pudesse terminar machucada. A pressão dele dentro dela era incrível, e a aspersão os encerrou em um mundo erótico privado. Só ele. Só ela. Só a elevação de sensações e a necessidade. Ela ergueu seus quadris para ajudá-lo a ir mais profundo, uma assistência que o fez grunhir.

-Sim,- ela gemeu, acariciando sua mandíbula apertada. -Todo o caminho.

Ele não desistiu enquanto voltava sua cabeça para morder sua mão. Em lugar disso, ele cunhou sua palma entre seus ventres, seu polegar estirando-se abaixo para esfregar seus clitoris. Ele sabia exatamente como fazê-la gozar, como pressionar seu púbis completo até que a sensação se disparava para seu centro. Ela ofegou seu nome no tamborilar da água, seu corpo aprisionando o seu em um orgasmo comprido, apertado.

Isto, finalmente, trouxe o humano fora da máquina.

-Te amo,- ele gemeu, urgindo a seus joelhos acima de seus flancos enquanto seus empurrões trocaram dentro de alta velocidade. – Te amo, Charity... te amo.

Ele gozou em meio das palavras, as rompendo, seu corpo se encurvou mais perto com rajadas de liberação. Sua mão cavou seu cabelo empapado contra seu pescoço.

Ele suspirou, suas pálpebras suaves e fechadas.

Ele tinha deixado escapar mais que seu clímax.

Sacudida em mais de uma forma, Charity pressionou sua cabeça até seu ombro e abraçou suas costas. A água desceu correndo por seus corpos como uma chuva dura, tropical. Até o dia anterior, dizer que a amava teria sido o muito estimado desejo de seu coração. Agora ela lutava por recordar as frágeis lições que tinha aprendido nas últimas poucas horas.

Não tomou muito sentir que algo estava mau. Ele a colocou sobre o chão cuidadosamente, estirando-se detrás dela a fechar a água. A perda do ruído causou um grande impacto. A destilação se uniu a sua respiração no eco através do quarto cheio de vapor.

Seu fracasso em responder sua declaração se voltou mais óbvio por segundos.

Ele inclinou sua cabeça para um lado. -Digo que o expresse forte, correto?

Ela teve que sorrir por quão lindo ele era. -Sim.



- Bom, porque isso é o que tratei de dizer. Te amo, Charity. Sei que não podemos ficar em Mosswood, mas quero que se mude ao meu condomínio no centro. Não te quero retornando a sua antiga vida.

Ela estava relutante em negar com a cabeça por medo de que isso o machucasse. - Não posso voltar para minha vida antiga de todas formas. Para isso, teria que ser a mesma pessoa que era antes.

Ele a estudou, suas mãos deslizando desassossegadamente acima de seus braços molhados. - Acredito que você me ama, também,- ele disse ao final. -Talvez esteja equivocado, mas acredito que o faz.

- Acredito que está correto.

-Então?

Era difícil encarar sua pergunta, mas ela se obrigou a fazê-lo. Ironicamente, o afeto que ele tinha nela a estabilizava. -Toda minha vida,- ela disse, - tive namorados. Disse a mim mesma que não era como minha mamãe porque não saltava quantas vezes dissessem ' bú, ' mas talvez a minha maneira os necessitava tanto como ela necessitou aos seus. Os homens me faziam sentir capitalista quando nada mais podia fazê-lo.

- Não sou eles,- ele disse. -Você e eu seremos diferentes.

Ela estendeu um toque através do púrpuro inchaço por seu olho Os médicos tinham posto três pontos onde a armadura caiu tinha cortado profundamente sua pele. Ele não se sobressaltou com o contato. Ele estava muito focado nela para isso.

-Me diga,- ele disse. -me faça entender.

-Tentarei. Só eu começo a entender. Temo... - Ela recolheu suas palavras tão bem como pôde. - Não posso confiar em alguém mais para me fazer pensar que amadurecido. Até se o amo. Até se ele for o melhor namorado no planeta. Ter a você e ao B.G. eu gostei do menino, era tão bom para minha auto-estima! Infelizmente, no minuto que algo ocorreu para me fazer pensar que não tinha mudado realmente, justo assim, cada pinga de minha confiança se escavou. Minha fantástica nova imagem de mim mesma era um castelo de cartas. Até que aprenda a voar com minhas próprias asas, isso é tudo o que pode ser.

Eric tinha olhado o piso enquanto escutava. Agora, quando suas pestanas se levantaram, seus olhos estavam avermelhados.

-Jesus,- ele disse com uma exalação tremente. - desejaria não saber sobre o que está falando.

-Mas o faz.



- Se eu não soubesse, teria passado minha vida esbanjando meu fundo fiduciário. Não teria tratado de ser algo.

Sua compreensão a fez amá-lo ainda mais, fez sentir-se agradecida e pesarosa. Como podia duvidar de si mesmo? Assim, o que acontece tinha saído mal o negócio uma vez? Deveria tentá-lo outra vez, quantas vezes fossem necessárias. Ele podia fazer algo. Ser algo. Recordar que esta era sua linha e a do B.G. fez a suas emoções aguilhoar detrás de seus olhos. O sentimento devia ter sido contagioso.

Enquanto ela lutava por impedir de deixar sair de seus sentimentos, uma lágrima se uniu à água que corria por sua bochecha. Ele riu envergonhado, mas não a enxugou. Quando falou, ele trouxe toda sua persuasão famosa de apoio.

-Não deixe Seattle,- ele disse baixo. - Esquece o que disse a respeito de Harvard. A Universidade de Washington é uma escola perfeitamente boa. Mais adiante.

- Não posso me permitir viver para mais adiante. Isso é simplesmente outra muleta.

Ele apertou sua boca e deu um passo atrás. Seus ombros estavam abruptamente frios, e ela teve que lutar para não estremecer. Recordou-se a si mesmo que estava fazendo o correto.

- Posso te esperar se quiser,- ele disse, ou talvez muito ameno. -Essa é minha opção.

Seu coração cheio, ela pôs as mãos em seu peito e o beijou, lábio a lábio, equilibrando-se nas pontas dos pés.

- É minha escolha, -ele repetiu, e ela pediu que este ânimo, doce promessa não a fodesse mais adiante.

Capítulo Dezenove

Fora da cortesia, Eric se ofereceu a deixar B.G. estar com ele enquanto os agentes especiais do governo passavam através de sua casa. Para sua surpresa, seu amigo aceitou.

-Está certo você não quer fiscalizar em que esquina estão bisbilhotando?

-Não,- B.G. negou, apesar de parecer inquieto com a idéia. - Entre meus advogados e o encarregado de meu laboratório, devem manter-se dentro de limites passíveis. Além disso, poderia ser melhor que não esteja ali para conceder autorização para incursões além dos limites de sua autorização.



Assim é que B.G. e Eric retornaram de carro a Seattle juntos. Foi um dia brilhante, espaçoso e agradavelmente quente, o tipo de dia que conduzia aos nativos ao ar livre em hordas. Eric pensou sobre a inclinação do Rolls de B.G a favor de seu amolgado mas amado Porsche, um remanescente de seu apogeu trabalhando no P.R.. O dinheiro da família lhe tinha devotado muitos luxos, mas a este brinquedo ele tinha comprado por si mesmo. A sensação da brunida máquina poderosa era uma comodidade para suas esticadas emoções. Este carro não podia rechaçar, não podia afirmar que necessitava "espaço para encontrar-se a si mesmo.- Quando Eric lhe dava gás, simplesmente ia.

Com suas mãos roçando agradavelmente sobre o volante e a posição do sol sobre suas costas, ele decidiu que veria se o criminalmente descuidado Isotta Fraschini 1930 de seu velho companheiro de squash estava ainda disponível à venda. Conseguindo que o velho automóvel clássico corresse ao menos o manteria ocupado. Eric necessitaria algo que fazer e quem sabia por quanto tempo?

De qualquer forma que as coisas resultassem com Charity, ele estava bastante seguro que não poderia voltar a jogar guardião para os jogos de B.G. Seu coração tinha desenvolvido algumas preferências muito exclusivas referentes a onde que seu corpo queria estar. Ainda não podia sentir pesar. Os obstáculos a um lado, Charity era um objeto maravilhoso de desejo.

Para o alívio de Eric dado que ele não tinha decidido como expor seus planos a longo prazo, B.G. era capaz de entreter-se a si mesmo. Ele enchia seus dias passeando ao redor da cidade, longas chamadas telefônicas com seus advogados, e ao igual a longos períodos onde se encerrava no quarto de hóspedes que Eric tinha lhe dado uso como escritório. Eric assumiu que estava trabalhando, embora B.G. não disse.

Enquanto Eric estava contente de que seu amigo saísse, ele esperava que toda esta atividade não fora para querer demonstrar algo a ele. B.G. até citou a anteriores amantes, aparentemente, a respeito dos que Eric não tinha conhecido nada. Eram de classe atraente da sociedade, homens e mulheres, que chegavam à porta de Eric em traje de noite lustroso. Nenhum retornava com ele ao final da noite, e poucos apareciam mais de uma vez, mas Eric sabia que a omissão deixava fora pouco.

B.G. estava saltando de volta à circulação com uma vingança.

Apesar do pingo de moléstia que isto causou por que deveria B.G. ser sexualmente ativo quando Eric não fazia?- O par deslizou em uma relativamente simples relação de companheiros de quarto.

Compartilharam uma cama, usualmente, tomavam o café da manhã juntos, sempre, e trocavam capítulos do Post-Intelligencer como um velho casal de casados. Nas noites nas que B.G. não saía para se divertir, alugavam filmes e comiam pipocas de milho. Qualquer diferença em seus níveis de limpeza era apagada por Garçonetes Alegres. Eric em particular perdeu ao Mrs. Alvarez, mas ambos eram o suficientemente felizes de levar. Convenientemente, B.G. tinha descoberto uma garagem em um de seus passeios onde Eric podia alugar uma baía para trabalhar em seus



carros, agora até uma frota de três. Se Eric se rendia e comprava o Studebaker que ele tinha estado vendo, então teria que vender um seu arrumado e admitir que este passatempo se convertesse em um negócio. Ao B.G. gostava de brincar com Eric de que estava a beira de converter-se em um vendedor de automóveis usados.

A tudo isto, para um par que nunca tinha vivido em tão próxima residência, Eric pensou que estavam enganando-lhe famosamente.

Exceto por uma queixa. B.G. não deixava de falar sobre Charity. A desculpa mais fraca era suficiente para empreender uma relação de suas muitas boas qualidades. Um dia sim e um dia não, a atenção de Eric estava dirigida às roupas nas que ela teria brilhado bem, os comentários que ela poderia ter feito, mais menções incontáveis de maravilhas que ela realmente tinha representado.

Recordava Eric quando tomou o dia livre a Senhora Alvarez, e Charity queimou uma barra inteira de pão torrado tratando de alimentá-los?

O que há sobre a vez que ela golpeou ao Maurice em um jogo de strip pool?

E certamente ele recordava esse ruído lindo que ela algumas vezes fazia no clímax. Chamaria Eric mais como um soluço ou um grito? B.G. não podia decidir-se, mas sempre a golpeava como se o prazer a tivesse pego por surpresa.

Se isso não fosse o bastante, então B.G. também se sentia forçado a compartilhar os relatórios periódicos do progresso que ele recebia de seu tutor atribuído. Charity estava trabalhando duro, dizia o tutor. Nunca pedia ajuda além do que era justo. Até impressionou a alguns de seus professores com seu talento natural para liderar uma discussão. Mais atormentador, ao menos para o Eric, ela não tinha deixado a área. Como ele tinha sugerido, ela tinha solicitado a Universidade de Washington. Ainda vivia em seu antigo apartamento. Ele podia ter caminhado ali em seu tempo dedicado ao almoço. Para isso, ele podia ter trotado ali qualquer meia-noite solitária que sentisse a urgência.

Para alguém que tratava de respeitar os desejos de Charity e permanecer afastado, estes avisos de que ela estava perto eram pouco mais que tortura. Como diabos saberia Eric quanto tempo tomaria voar com suas próprias asas? Até que Charity ficou em comunicação com ele era sua hipótese.

Finalmente, uma manhã de domingo ele pôs o grito no céu.

-Chame a Charity,- ele estalou, -se essa fodida significar muito para você.

O tom do Eric foi mais rude do que ele tinha tentado, produto de muitas noites passadas dolorido pelo toque de Charity. B.G. ficou rígido por ouvi-lo e se retirou para o quarto de hóspedes, onde ele ficava no que interpretou Eric como um silêncio acusatório durante as seguintes duas horas.



Diabos, Eric pensou.

la ter que desculpar-se.

Ele deu um golpe suave à porta antes de abri-la, mas B.G. não o advertiu. Ele estava na cadeira giratória com as costas para o Eric. Seu laptop estava desligado, e ele olhava um DVD com os auriculares conectados. Eric assumiu que era um filme até que se aproximou. Então viu que era uma gravação de Mosswood, uma que ele não tinha sabido tinha feito, da noite que ele e Charity fizeram dupla para amarrar B.G. a sua cama, e Charity o surrou enquanto Eric o chupou completamente.

Logo que reconheceu a cena, o sangue se apressou em compassos iguais para sua cabeça e sua virilha: excitação, coibição, e mais que tudo consciência. A câmera devia ter estado escondida na cabeceira. Tinha uma vista direta do rosto de B.G. O prazer absoluto, indefeso de sua expressão, a devastação de seus limites normais, disse ao Eric algo que deveria ter adivinhado faz muito tempo.

-Merda,- ele disse, muito assombrado para vigiar suas palavras. -Está apaixonado por ela, também.

B.G. fechou de repente o laptop e fez virar a cadeira ao redor.

Por um momento, nenhum deles disse uma só palavra. Eric não podia recordar ter visto seu amigo semelhante a uma perda antes. B.G. sentia-se culpado, imagine, como se Eric o tivesse apanhado fazendo algo mau.

Eric sabia o que isso parecia. Desde o começo, de sua atração por Charity havia se sentido desleal. Agora sua súbita desilusão o fez. Me valha Deus, que fodido era isto. Contra toda lógica, contra toda justiça, Eric queria a ambos ao B.G. e a Charity para que o amassem.

B.G. arrancou os auriculares. - Suponho que não preciso dizer que deveria ter batido na porta, por que provavelmente o fez.

-Sim ... B.G., Michael teve acesso a esta gravação?

B.G. negou com a cabeça. -Não. Esta foi somente para mim.

Somente para você. Eric apertou uma mão por cima de seus olhos, tratando de encontrar palavras que não piorasse isto. -Por que você não disse algo? Por que estiveste me empurrando para Charity quando tem sentimentos por ela você mesmo?

-Você a escolheu.

-Isso não significa que a possua! Olhe, não é como tratar de recrutar à competência.



Suspeito que pus bastante disso em seu estado atual. Mas se você a ama.

- Não a amo.- A negativa do B.G foi tão veloz como pouco convincente, um fato que ele leu nas sobrancelhas duvidosamente levantadas de Eric. -Só trouxe o único disco. Não estive observando todo este tempo. Estava intrigado por seu efeito em mim.

Eric bufou. -Para você, ' intrigado é tão bom como apaixonado.

- Penso que você e Charity fazem um casal excelente. Não trato de me interpor entre vocês.

-Sei, pois bem, pode que seja o que deveria fazer.- Eric estava sentado sobre a cama dupla do quarto de hóspedes e se inclinou sobre seus joelhos. Ele se sentiu desnucado por este descobrimento, esmagado como o coiole da caricatura. B.G. estava apaixonado por Charity, e em vez de acozá-la, ele tinha decidido guardar em segredo seus sentimentos.

-Você me ama ainda?- Ele perguntou, necessitando uma afirmativa mais do que tinha qualquer direito a pedir.

B.G. via-se genuinamente horrorizado. -Por que pensa que estou fazendo isto? Por que pensa que esperei que tivesse inclinação por ela desde o começo?

- Você me ama, e esperava que me saísse mal no amor com alguém mais? B.G., eu sei que você é o gênio, mas isso está louco.

-Me deixe te contar uma história,-disse B.G..

-OH, Meu Deus.- Eric pressionou sua cabeça dolorida com ambas as mãos.

-Você gostará desta história,-disse B.G., -ou ao menos Charity gostaria.

-Muito bem.- Eric tratou de atrair um pouco de paciência em sua voz. -Me diga que esta história explica que você pense que eu deveria me apaixonar, mas para você não está permitido.

B.G. olhou para ele sombriamente. -Você vai me escutar?

- Vou,- Eric disse. - sempre escuto a todo mundo.

B.G. recostou-se sobre seus joelhos, imitando a postura de Eric irreflexivamente. Ele supunha que havia algo que dizer por uma residência com um estilo único, coesivo, mas que Eric tinha utilizado pouca imaginação neste quarto. O inócuo tapete azul marinho estendido entre eles, fazia jogo perfeitamente com a inócua colcha azul marinho na cama. Coordenados travesseiros arrojados, embora fossem agradáveis, podiam ter sido selecionadas pela mamãe de Eric. Naturalmente, a roupa de cama era de boa qualidade. Gostos simples ou não, Eric se apegava ao



credo da senhora Berne de que os convidados mereciam o melhor. B.G. tinha provado os lençóis as poucas vezes que se precaveu de que não podia passar uma noite mais mentindo platonicamente ao lado de Eric, por mais que ele pensasse que deveria fazer-se a um lado e deixar o campo aberto.

Eric era em parte da vida de B.G, uma parte muito boa. Deixá-lo ir não era fácil. Agora B.G. sentia-se apanhado entre mundos, seus elétrons pessoais incapazes de julgar qual salto quântico fazer. Neste caminho tinha a felicidade, neste o sofrimento, e entre eles penduravam todos seus sonhos por seu muito querido amigo.

-Fala,-disse Eric, uma risada em sua voz, ou conserva sua paz para sempre.

B.G. quase trocou de idéia com a escolha de palavras do Eric.

-Siga,- Eric disse, vendo as dúvidas em seus olhos.

- Esta é uma história de antes que nos conhecêssemos. Não estou certo se soube como era minha vida, como era eu naquele tempo. Não lhe digo isso para que isto te cause piedade, mas não tinha a um só amigo de minha própria idade. O ensino em casa era parte do problema, embora culpasse a minha inteligência. Os outros meninos estavam ciumentos, raciocinei, e em todo caso, eram muito estúpidos para que me interessasse. Só interatuava com adultos, a maioria deles professores da universidade onde minha mãe trabalhava. Disse-me mesmo que estes adultos eram minhas amizades, mas na verdade sabia que não eram. Eram amigáveis, sim, e freqüentemente tomavam seu tempo para ter conversas acadêmicas. Parte de mim, entretanto, não ajudava mas podia comentar que as relações que tinham com pares eram diferentes à relação que tinham comigo. Embora era preparado, pensavam em mim como um menino. Assim foi que à idade de oito fui obrigado a aprender uma lição que eu resisti com todo meu poder.

-Deveria perguntar? -disse Eric, seu olhar tão amável que B.G. teve que evitar seu olhar.

- A lição era que não tinha amigos devido a mim. Quem fora o que causasse a primeira ofensa, eu mesmo ou algum menino da vizinhança, a situação persistiu porque eu estava zangado e inseguro e gastava toda minha energia tratando de provar que era superior a esta gente pequena com quem não sabia como me comunicar. Não era sua responsabilidade elevar-se à altura de meu nível. Era a minha me abrir ao deles.

- Não sei, B.G. Essa é uma lição bastante grande para um menino de oito anos.

- Muito grande para mim, asseguro. Estava no parque um dia com a suja bicicleta completamente nova que minha mãe tinha comprado com a esperança de que me ajudaria a encaixar. Porque não podia dirigir, esta esperança era infundada, mas você sabe como é ela. Os processos do pensamento de minha mãe, embora bem-intencionados, nunca foram excessivamente lineares. Quanto a mim, acreditei que simplesmente podia levar sobre rodas a bicicleta ao redor e me fazer parecer mais atraente aos meninos de minha idade.



-E isso não funcionou?

- Bem, tive êxito em congregar a um grupo, mas os membros do grupo da mesma idade cronológica não eram tão estúpidos como tinha assumido. Um deles pensou me pedir que fizesse um truque. Uma cambalhota, como lembra. Quando me recusei, com dignidade impressionante pensei, ele roubou minha bicicleta e se foi. Estava o suficiente zangado para brigar então, mas devido a que três dos companheiros do ladrão permaneceram, cheguei a ser solidamente espancado.

Eric deslizou fora da cama e se sentou no tapete, o dedo de seu pé se aproximando do tornozelo de B.G. -situação desagradável,- ele disse, -como Charity teria comentado se estivesse aqui.

-Sim,- B.G. esteve de acordo. - Ser golpeado foi uma grande situação desagradável.

Desde pouco serve que me desse conta de que era também a interação da infância mais normal que tivesse experimentado até a data, não é que o conhecimento me tivesse animado então. Furioso e quase cego pelas lágrimas, andei para o centro do parque, onde um banco de madeira pequeno situado sob um grande salgueiro. Ali, oculto de meus atormentadores, jurei que nunca falaria com um menino outra vez. Não os necessitava. Não necessitava de ninguém.

- Aí foi quando as coisas ficaram estranhas. Embora o parque estava normalmente abarrotado, desse ponto em diante, ninguém interrompeu o que aconteceu, nem posso recordar um só ruído além dos que eu fiz. Nenhuma ave. Nenhum carro. Nenhum cão ladrando. Era como se tivesse sido encerrado em minha borbulha. A mesma brisa deixou de soprar.

- É possível que chorasse muito forte para advertir a aparição da mulher, mas repentinamente uma estava sentada no extremo oposto do banco. Minha lembrança dela é extremamente vívida. Ela estava vestida com um limpo macacão cáqui, algo que um empregado de limpeza poderia ter vestido, embora ela não parecesse uma. Ela era bonita em uma forma tranqüila, com o cabelo vermelho profundo que não vê freqüentemente. Dá a casualidade que, seus olhos eram provavelmente como os de Charity, uma lavanda tão rica que eram quase violetas. Lembro ter pensado que era estranho que sua expressão fosse de uma vez amável e fria.

'É sua obra, ' ela disse antes que pudesse falar. 'Suas condições não podem alterar a menos que mude a si mesmo.'

- Assumindo que ela tinha presenciado minha humilhação, respondi-lhe mas bem grosseiramente.

'A cólera é sem sentido,- ela disse serenamente como antes.

-Estorva ao que você quer.'

- Sem dúvida deveria haver me dado conta de que algo estranho acontecia, mas meu temperamento tinha disparado mais à frente do ponto limite. 'Não quero ser um fenômeno!'



Gritei. 'Não quero que os outros meninos me ponham apelidos!'

'Bem, mas você é um fenômeno, Benjamim, ' ela disse, ' e no centro de seu coração, não penso que queira mudar. Você gosta de ser mais preparado. Sua segunda preocupação, entretanto, está dentro de seu poder para falar. Se você trabalhar em agradar a outros meninos, realmente trabalha nisso em lugar de sempre focar esse teu cérebro em suas imperfeições, alguns deles os que são verdadeiramente adequados para ser seus companheiros começarão a gostar de estar a sua volta.'

- Sobressaltou-me ouvir um estranho usar meu nome, mas eu era algo uma celebridade em nosso bairro e concluí que ela me conhecia disso.

- 'Você diz tolices, ' disse com orgulho desmedido de oito anos.

- 'Agrade a você mesmo.' Ela encolheu de ombros com displicência que desejei poder imitar. ' Mas um cientista verdadeiro não declararia sem lugar minha reclamação sem uma prova.'

'É puro conto, ' insisti. 'tolices da Delicada-gratificação da Nova Era.'

- Ela sorriu em uma forma condescendente que verdadeiramente aguilhoou minha fúria. 'Quando sua mãe ouvir o que aconteceu, ' ela disse, ' ela vai tratar de te ajudar outra vez, e esta vez seu intento terá uma probabilidade maior de êxito. Se você fizer um esforço de boa fé para prosseguir, então o que ocorra depois te porá no caminho para obter tudo o que você queira e mais.'

- Com este insulto maior para meu sentido comum, levantei-me de um salto, completamente tentando a atacar. Antes que chegasse a mais que um passo, a parte mais estranha do encontro completamente estranho ocorreu. A mulher tocou meu braço. Ela não agarrou ou trato de me sujeitar, simplesmente colocou sua palma sobre minha pele. Instantaneamente, senti como se alguém vertesse uma corrente fortemente elétrica através de meu corpo. Meu cabelo flutuou direito acima de meu couro cabeludo, e meus pés se magnetizaram à erva. Não os podia ter levantado nem para salvar a vida.

'Coloco a prova em seu bolso, ' ela disse. 'Quando você o olhe amanhã, saberá.'

-O que era a prova?- Eric perguntou, sua voz o suficientemente rouca para que ele precisasse esclarecê-la .

Apesar de si mesmo, B.G. sorriu. - Bem, não soube ainda. Primeiro tive que ir para casa, onde deliberadamente me recusei a contar a minha mãe sobre o roubo de minha bicicleta. Isso, assim o pensei, frustraria a minha adivinha não convidada.

-E o fez?

- No mais mínimo. Essa noite no supermercado, três pessoas por separado disseram a



minha mãe o que aconteceu, tendo ouvido a história através dos rumores que circulavam no bairro. Porque minha mãe estava aborrecida, em sua escapatória ela investiu com seu carro contra o pára-choque da mesma mulher que ela tinha estado considerando pedir ajuda, uma mulher que ela não conhecia muito bem mas que tinha um filho justamente de minha idade.

-OH,- Eric disse com um tremor o suficiente grande para vê-lo.

-Sim, ' OH.' Normalmente sua mãe não ia às compras a esse supermercado. Ela veio essa noite como uma oportunidade quando seu cozinheiro ficou sem molho inglês na metade de um churrasco. Felizmente para mim, apesar de seu carro amassado, sua mãe tinha uma crença firme em imbuir um sentido do dever em seus filhos e mais ou menos te ordenou me ensinar a andar em minha bicicleta.

-Sim.- Eric passou sua mão através de seu cabelo. -Mamãe nunca me contou essa parte da história.

- Só uni essa peça mais tarde. Nesse momento, não estava inclinado a estar de acordo. Agradei a minha mãe mas não o agradei. Logo, na seguinte manhã, senti uma coisa enrugada no bolso das calças de brim que vestia no dia anterior. Tirando isso fora, Descobri a capa dobrada de uma cópia da revista Science Weekly, a tiragem para a terceira semana de novembro. Como estávamos a princípios de abril, pode imaginar que captou minha atenção. Era consciente de que as revistas tomavam tempo com as tirar adiante, mas certamente não as adiantavam tanto. O mais interessante de tudo, a etiqueta da direção era para nossa casa.

-Até muito teimoso para ficar convencido, decidi que era, não obstante, bastante prova a favor da desconhecida para tomar seu conselho seriamente para ' provar sua reclamação ' como ela o pôs. Estava de acordo com a petição de minha mãe com o de conhecer e tratar de ser ameno. Para minha surpresa, eu gostei muito. Embora não simpatizou comigo imediatamente, você, meu velho amigo, foi o mais educado de oito anos que alguma vez me tivesse interceptado. Nenhuma vez me pôs apelidos ou perdeu a paciência por minha estupidez. Quando finalmente senti afeto por mim, estava tão apanhado sobre o prazer singular de ter um amigo de minha mesma idade que o mistério da capa da revista ficou completamente fora de minha cabeça. Não pensei nisso outra vez até que a terceira semana de novembro chegou. Por ser o que recebeu o correio e, olhei, nossa revista do Science Weekly rasgada de sua capa dianteira completamente. Quando rebusquei entre meu quarto e encontrei a capa da desconhecida, o padrão das marcas da rasgadura encaixava perfeitamente.

-Uau,- Eric disse.-Isto é extremamente estranho. Encontrou alguma vez uma explicação?

- Não o fiz, embora isso não prova que não exista nenhuma.

Suponho que nestes dias alguém chamaria a minha desconhecida um anjo. Meu sentimento pessoal, com o qual você é bem-vindo a dissentir, é que ela era do futuro, uma viajante do tempo que, por qualquer razão, desejava que eu não escolhesse meu caminho, ou ao menos não permanecesse sobre o caminho no que estava. Quem sabe? Poderia ter permanecido muito



ressentido para conseguir algo útil.

-Uma viajante do tempo,- Eric disse, soando aturdido. -Assim é que você pensa que seu projeto secreto poderia resultar ser algo.

- Ou algo que conduz a algo. Possivelmente minhas teorias serão os alicerces nas quais outros construam. O que realmente importa, no momento de qualquer maneira, é que acreditar nesta interpretação, assim como também as outras coisas que a desconhecida disse, inspiraram-me a mudar a direção de minha vida. Fiz amigos que tem sido, como minha estranha prometeu bons companheiros. Tenho uma dívida com ela, e contigo, mais do que alguma vez pudesse recompensar.

-É o que você pensa? Que tem que desistir de ter a Charity porque me deve algo? Eric começou a dobrar-se para frente o suficiente longe para pôr suas mãos nos joelhos de B.G.

- Até se tivesse uma dívida comigo, a qual não deve, essa seria uma dívida que nunca, alguma vez cobraria. Você me deu muito. Demônios, você podia ter me salvado de cumprir uma condenação. Se ama Charity, expressou o respeito de deixá-la escolher.

- Mas deveria te escolher. Você é com quem ela será feliz.

- Me perdoe, B.G ., mas é um idiota. Como pode acreditar em viagens pelo tempo e essas alucinantes coisas do poder da mente, mas não pode fazer feliz a uma garota ordinária? Digo, esse é um ponto cego do tamanho do Monte Rainier!²²

- Eu me conheço, -disse B.G., sua mandíbula e sua garganta sentindo-se como se estivessem em um tenaz. Duvida a respeito de seu visitante do futuro ele teria esperado, mas não um debate sobre isto. Ele fechou suas mãos em punhos teimosos. - Sei como sou a respeito das relações. Ponho-me em guarda. Contenho-me mesmo da forma de conexão que você e Charity podem ter.

- OH, de verdade? Você se contém de conectar. Por isso é que a ama. Por isso, pelo bem de nossa amizade, está disposto a sacrificar a alguém que você realmente quer em sua vida. Porque você é tão foddidamente mau para se relacionar.

-Olhe o que aconteceu com a Sylvia!

Eric realmente riu. - Sylvia escolheu seu caminho. Você não é mau para se conectar. Tem somente medo. Mas como, como sua desconhecida viajante do tempo diria, é injustificado. Permanece da maneira que quer.

²² - O Monte Rainier é uma montanha no estado norte-americano de Washington, a mais alta daquele estado e uma das mais altas do país fora do Alasca. Forma parte da Cordilheira das Cascatas. Sua elevação é de 4,392 m, e em dias de tempo claro seu pico permanentemente nevado pode ser facilmente avistado de Seattle e outras cidades da região. Seu nome é uma homenagem a um almirante britânico, Peter Rainier. Toda a montanha, assim como as zonas circundantes, está integrada num parque nacional, o "Mount Rainier National Park", de excepcional beleza natural, com florestas virgens, cataratas, prados alpinos, e outras atrações.



-Você não entende.

- Entendo. Eu simplesmente ' não entendo ' a forma em que você me quer.

-Eric, eu penso que você...

- Se cale já. Você esteve pensando suficiente. Vou ter que arrumar isto pelos dois.

- Que você vai A..."

Eric beijou o que fora que ele tinha querido dizer de retorno à boca de B.G, a única forma segura de silenciá-lo. Naturalmente, Eric desfrutou. Ele não pensava que ele alguma vez tivesse beijado ao B.G. para mais que segundos sem exaltar-se. Ao B.G. não ia muito melhor, mas sim logo que um gemido ofegante retumbo em seu peito, Eric o empurrou para trás.

Basta, ele pensou. Muda o turno de que alguém com sentido comum se faça cargo a esta desordem romântica.

-Vai esperar até que solucione isto,- ele disse, sua voz rouca mas firme. -Vai jogar chave a essa pequena "lista negra" tua e tomar uma dose de seu próprio remédio.

B.G. cruzou os braços e arqueou suas sobrancelhas.

-Esquece, -disse Eric rotundamente. - Você não me cobre de neve com isso de que conheço cada pose. Por uma só vez, vai confiar em que eu sei o que é o melhor para você.

Capítulo Vinte

A tarde continha um pingo de inverno enquanto Charity descia do ônibus na zona residencial perto de seu apartamento. As nuvens penduravam baixas e ameaçadoras, e o ar, apesar de frio, possuía uma suavidade que acariciava a pele que só uma garoa incipiente poderia trazer. Era o clima clássico de Seattle, garantido para fazer às pessoas suspirar por condições ensolaradas.

Charity pendurou sua mochila pesada sobre seu ombro, preparou suas coxas a caminhada sobre a colina próxima, e deixou a sua boca curvar-se em um sorriso aberto.

Os últimos poucos meses tinham sido os melhores e piores de sua vida. Ela tinha passado mais noites chorando sozinha em seu travesseiro e mais dias sentindo-se satisfeita consigo mesma do que ela teria pensado possível. Até hoje, tinha sobrevivido ao primeiro semestre na



Universidade de Washington sem chegar tarde a uma só aula. Sobre tudo, graças a adoravelmente nerd garota de laboratório que B.G. emprestou-lhe como tutora, suas qualificações estavam a um chiado breve do A. Ela tinha tido precisamente um encontro para interromper os estudos, e esse tinha sido um acidente, um assistente educativo a tinha convidado para o que ela pensou que seria uma reunião de almoço para discutir um exame futuro. Ela o havia posposto tão atentamente como pôde e aprendido um lição valiosa durante o processo.

Acadêmicos eram pessoas algo assim como ela. Poderiam ter começado com uma melhor educação, mas alguns deles de seguro não tinha seu bom sentido.

A realização realmente libertava.

A vida era boa, ela pensou. Não perfeita, a não ser mais que o suficiente prometedora para permitir-se desfrutar do prazer de entreter possibilidades. Ela tinha percorrido um longo caminho e não havia razão para pensar que não iria ainda mais à frente.

Ela não lamentava nada. Nunca prestou atenção a seu travesseiro manchado de lágrimas; Ela não teria apagado o tempo com Eric ou B.G. ou a tola taça saltadora por algo. Verdadeiramente, nesse instante, se ela pudesse ter pressionado um botão para fazê-lo ocorrer, então o faria.

Justo enquanto ela teve o pensamento, um pequeno pássaro café se equilibrou através de seu caminho, Assim baixa e próxima a brisa de suas asas passou roçando suas calças jeans. Seu pulso se moveu rapidamente em sua passagem, mas quase ao mesmo tempo riu. Talvez o universo enviasse um sinal que este momento, com seu pequeno murro de emoção, era o que traria de volta o jantar para fazer saltar o tempo.

Ela soprava prazerosamente quando chegou às escadas gretadas de cimento de seu apartamento, a fadiga em seus músculos tão satisfatória como seu estado de ânimo.

- Sou uma garota dura quântica,- ela murmurou humoristicamente para si mesmo.

Seu sorriso escorregou de seu rosto quando viu o carro. Estacionado diante de seu edifício, estava um carro conversível clássico de antes da Segunda guerra mundial. Obviamente em condição cor cereja, tinha tapeçaria vermelha de pele, uma cor creme na grande capota, e uma dama alada como ornamento. O que pareciam ser raios relampejando se disparavam através da grade brilhante de cromo. O carro era, ela pensou, completamente estupendo. Isso não foi, entretanto, o que pôs a seu coração a martelar contra suas costelas.

Essa honra pertenceu ao condutor do carro, quem tinha deslizado de trás do volante e descansava seus quadris sobre a lateral do carro casualmente.

-Eric,-ela disse, seu nome saindo desalentadamente. - quase não te reconheci nessa roupa.

Ele vestia calças de treinamento negras e uma camisa cinza ajustada que não fazia nada



para esconder a impressionante parte superior de seu corpo. Pelo avultamento de seus braços enquanto ele apoiava seu peso na capota, ele tinha passado algum tempo em um ginásio da última vez que o viu. Ele não estava mais volumoso, simplesmente um pouco mais marcado. Suas calças eram soltas ao menos, Mas o modo em que suas longas pernas estavam cruzadas atraiu sua atenção à parte mas que deliciosa que pendurava no meio.

Charity engoliu e tratou de sorrir brilhantemente.

- Espero que esteja bem eu estar aqui,- ele disse, seus olhos tão cinzas como a cinza na sombria luz. Seu olhar era muito firme, como se ele pudesse estar trabalhando para se mostrar tranqüilo. Trabalhando ou não, superava a Charity.

Seus lábios estavam ainda mais beijáveis do que ela recordava.

- Está bem,- ela disse, agitando sua mão. -É perfeitamente natural para você e B.G. querer comprovar como estou fazendo.

-Realmente- Eric se apartou com a mão do carro e rodou adiante. - Esperamos que passe algum tempo conosco em seu descanso.

Seu aroma a alcançou antes que ele o fizesse, junto com mil lembranças eróticas. A ducha. O dormitório de B.G.. Sendo levado em um arnês de couro em um pequeno quarto negro A boca de Charity estava seca. Ela tratou de manter seu olhar no dele, em vez de deixar cair à condição que ela estava bastante segura se desenvolvia em suas calças.

- Em meu descanso?- Ela repetiu. Para sua súbita desilusão, a palavra final foi um chiado.

Ouvindo isso, Eric sorriu e devorou uma mecha ondeante de seu cabelo. Imediatamente, o rubor que ela tinha estado tratando de suplicar dentro do esquecimento ardeu através de seu rosto. Até pior, uma comporta de umidade quente, cremosa molhou seus calções.

- Senti saudades,- ele disse em um tom baixo, grunhido que fez a seu corpo apertar-se em outro jorro. - Sinto saudades tanto que garanto que me voltarei demente se tiver que esperar a que você se forme par te ver outra vez.

-Realmente? Seus olhos estavam perdendo sua batalha. Suas calças penduravam tentadoramente abaixo em seus quadris, a corda atada descuidadamente. Aparentemente por elas mesmos, suas mãos tinham encontrado seu rumo para sua cintura. Infelizmente, ela não o estava afastando.

Isto sendo assim, ela não podia culpar ao Eric por inclinar-se abaixo.

-Realmente,- ele disse em sua orelha. -De fato, penso que me ficarei louco se não te levar a alguma parte realmente privada, realmente rápido.



Charity ficou sem fôlego enquanto seus dentes pressionaram delicadamente, lentamente, na pele entre seu pescoço e o ombro onde seu suéter pescoço em v de talha muito grande escorregava. A dentada não podia ser confundida com algo a não ser uma reclamação sexual e um primitivo tudo isso. Suas mãos deslizaram abaixo de seus braços para insistir que ela tocasse a pele quente, nua sob sua camisa.

Quando ele retrocedeu, ela tinha perdido seu fôlego completamente.

O brilho em seus olhos disse que ele sabia exatamente o que tinha feito.

- Assumo seguiu, -que está interessada em estar juntos.

Ela bufou, é obvio que o estava. -Só uma visita?- Ela perguntou, olhando com atenção acima nele através de suas pestanas.

Ele encolheu de ombros, o brilho em seu olho brilharam. - Uma visita é um lugar para começar.

-Aqui?

Embora ele se unisse a ela para percorrer o olhar em cima do edifício velho de tijolos para sua janela, ele não se moveu para a porta.

- Estou o suficientemente preparado para aqui,- ele disse, -como poderia ter adivinhado, mas isso não seria justo para o B.G. ele esteve perdendo você, também, já vê, e insisti que estivesse tranquilo até que te convencesse a retornar.

-Estas brincando outra vez?- Ela não esteve segura de como sentir-se sobre isso. Excitada? Decepcionada? Um pouco de ambos?

Eric sacudiu a cabeça antes que ela pudesse decidir-se por uma resposta.

-Nenhum jogo,- ele disse. - queremos que venha porque você queira passar o tempo conosco.

Ela pensou por dois segundos completos.

- Faço,- ela disse, -mas não prometo nada.

Sua chegada era um tipo de promessa, não importava o que ela dissesse. Eric abriu a porta do lado do passageiro e segurou seu cotovelo para ajudá-la a entrar. Ao ver deslizar-se no carro que ele tinha restaurado com suas duas mãos ofereceu uma satisfação que conduzi-la à limusine do B.G. não podia ter igualado.



Quando ela disse, -Este é doce,- e passou sua palma através do painel , ela também podia estar acariciando a ele. Ele teve que acomodar-se antes que pudesse sentar-se.

- Arrumei-a,- ele disse depois de esclarecer a voz. - Acredito que restaurar carros velhos vai ser meu novo negócio.

- Sério . Preparado para experimentar sendo um chefe.

-Só meu próprio chefe,- ele disse, secretamente feliz por sua aprovação. -Ao menos por agora.

Pareceu muito cedo mencionar que Maurice tinha estado deixando cair sugerindo sobre dar uma mão, mas Eric certamente não lhe importou quando ela ronronou algo mais enquanto ele conduzia, retorcendo-se ao redor para revisar todos os detalhes. Seu vislumbre ocasional de seu traseiro vestido em brim lhe subministrou uma distração bem-vinda da queda vertiginosa ao Puget Sound. Ela estava vestida em suas calças de brim do uniforme escolar oficial, suéter, uma larga camisa branca por baixo . As roupas eram indistinguíveis de milhares de outros exceto pelo delicioso modo que ela o enchia.

Entretido pela Nova Ela, ele passou as concessionárias de automóveis e o Space Needle, logo foi rumo ao sul sobre a Segunda, atravessando o centro da cidade direto para seu edifício.

-B.G. está em seu apartamento?- Ela perguntou.

-Ele esteve ficando comigo desde que foi embora.- Ele voltou a cabeça para comprovar como ela reagia. Parecia que aceitando mas nervosa. Ele esperava estar fazendo o correto. B.G. era o que usualmente tinha que assegurar cada coisa. Acredita nisso e o poderá fazer, era seu lema. Eric era o apreensivo, sempre o tinha sido e talvez sempre o seria. Ele tinha utilizado mais vontade que confiança para convencer B.G. de estar de acordo com seu plano. As oportunidades eram, de fato, que ele tinha convencido ao B.G. porque B.G. estava convencido. Se a idéia de Eric funcionava, poderia ser o momento decisivo mais gratificante de suas vidas.

Se não...

Eric mordeu seu lábio e moderou à Isotta sob a rampa para sua garagem.

Se não funcionasse, ele supunha que sobreviveria, mas esperava que não chegasse a isso. Apaixonar-se pela Charity tinha ensinado que a vida podia ser muitíssimo melhor que sobreviver.

O primeiro pensamento de Charity ao entrar no décimo segundo andar do Eric onde o condomínio estava, Caraca, este lugar é grande. O segundo foi, Menino, você gosta do marinho. Com a exceção da madeira loira-como nova que ainda cheirava a serragem, azul marinho era a única cor no lugar. A moderna poltrona com forma de L, as cadeiras que se viam dinamarquesas,



até as caixas de exibição rigorosamente desenhadas na parede eram azul meia-noite. Um monte de travesseiros de tiro albergava estampas de zebra em branco e negro. Gostou do efeito, embora além do estampado de zebra que não era o que ela tivesse escolhido.

-A vista é bonita,- ela disse, virando para as janelas do piso ao teto, todas as que se protegiam com persianas verticais magras.

Eric pôs a mão em seu ombro, talvez para sujeitar-se a si mesmo. -A cidade e o som,- ele disse, logo franziu o rosto. -Este foi o andar mas baixo que pude conseguir.

Ela riu, recordando quanto tinha gostado de estar com ele quando ele relaxava.- Adivinho que nosso encontro na passarela do B.G. não aliviou seu problema.

-Não.- Seus dedos encontraram a curva de seu pescoço, seus olhos suaves e sorridentes enquanto ele riscou seus tendões para sua clavícula. -Se você quisesse, estaria disposto a fazer outra tentativa.

-E tentar e tentar,- ela disse sarcasticamente. Sua pele formigava onde ele a havia tocado, uma maré de emoções levantando-se impotentemente em seu peito. Não importava o que ela tivesse pensado, ela não o tinha deixado atrás. Tinha-o levado em seu coração todo o tempo.

A expressão de Eric trocou enquanto ele lia seu olhar. -Charity,- ele murmurou, claramente o prelúdio para uma coisa mais íntima.

-Tentar e tentar o que?- B.G. perguntou com perfeito sentido da oportunidade, caminhando silenciosamente fora do quarto de trás.

Ridiculamente, suas emoções despertaram muito ao momento justo de vê-lo.

Ele levava uma folha de papel e uma caneta, e se via mais acessível do que ela alguma vez o tinha visto. Suas calças de treinamento eram um reflexo de Eric exceto em cinza. Ele também tinha renunciado a uma camisa, o qual deu a ela uma vista completa de seu físico magro. Até permitindo este espetáculo desacostumado de pele, ele se via diferente: Mais sexy, menos etéreo.

Tendo passado os últimos meses com ele, Eric estava menos deslumbrado. Ele gesticulou para a folha de papel e caneta. -Por que está trabalhando?

- Meu cérebro não se desativa a minha conveniência. Tive uma idéia para um experimento novo do sincrotrón.

-Deixou crescer o pêlo outra vez,- Charity interrompeu, repentinamente dando-se conta de que era o novo. Seus peitorais estavam peludos, uma bonita neblina negra que se estreitava sob seu abdome antes de inundar-se sob seu cinto.

-Er, sim,- ele disse, esfregando seu peito. -espero que não objete.



Sua insegurança a fez fechar a distância entre eles, a fez atraí-lo em um abraço e pressionar sua bochecha na penugem viril. -Eu gosto,- ela disse. -Muitíssimo.

Ele correspondeu a seu abraço mais apertadamente do que ela esperava, a folha que ele tinha estado levando cravando-se em suas costas. -Charity,- ele disse em seu cabelo. - é bom te ver outra vez.

Talvez fosse tolo, mas ela não podia obrigar-se a retirar-se. Em lugar disso, ela o sujeitou e rebolou, deixando escapar um suspiro quando sua mão se curvou atrás de seu pescoço. Considerando tudo o que tinham passado, era gracioso e segura que se sentiu em seus braços.

-Onde estão as velas? Eric perguntou. Alguns homens podiam ter estado ciumentos de que saudasse ao B.G. tão calorosamente, mas ele soou como se estivesse a ponto de rir. B.G. inspirou agudamente e se fez para trás.

- Merda,- ele dizia. - Esqueci-me.- Ele enredou suas mãos magras em seu cabelo negro tinta. -e a champanha!

-Tipos,- Charity arreganhou duramente. - Esta sou eu. Você não tem que pôr uma grande cena de sedução. Honestamente, ter vocês dois no mesmo quarto é sedução suficiente.

- Queríamos criar um cenário condizente,- B.G. esclareceu. -Porque nós...- ele dirigiu um olhar suplicante a Eric.

-Porque temos coisas importantes que te dizer, B.G. em particular.- Obviamente até divertido, Eric ondeou a mão a ele. - Adiante. Diga a Charity o que quer dizer.

A careta de desgosto de B.G era tão cômica Charity teve que rir. -Sinto muito,- ela disse, sua mão diante de sua boca. - Sinto-me como um comerciante, e você é o menino cuja mãe está a ponto de fazê-lo desculpar-se por roubar um pacote de chiclete.

- Não é questão de 'me fazer'- B.G. puxou seus ombros mais retos com a afronta. -Eric foi o suficientemente amável para me prover de uma oportunidade para confessar que te amo.

Charity tinha estado esforçando-se para reprimir mais risada com o que fosse que tivesse que dizer. Em lugar disso, sua mandíbula caiu como se tivesse começado a levar a frente. Ela tinha sabido que B.G. tinha afeto por ela a seu excêntrico modo, mas amá-la? Quando ela estendeu a mão para estabilizar-se, Eric tomou seu braço.

-Além disso,-" disse B.G., o pressionando rigidamente a frente, - ambos Eric e eu estaríamos agradecidos se você tivesse um espaço para nós em sua vida assumindo que você não tenha o desejo de escolher entre nós ou, um, nos evitar por completo em sua busca pela independência. Quanto a isso, a mim mesmo, devo gostar de expressar minha crença de que está com seus pés firmes no chão e, em sua maioria provavelmente, sempre foi assim. Há, depois de tudo, só seus pés sob suas pernas.



Por um momento, Charity estava muito sufocada para falar.

-Isso,- ela disse, sua visão brilhando com lágrimas, -é a coisa estranha mais bonita que qualquer alguma vez me tenha dito.

- Poderia repetir a parte a respeito de meu carinho por você, se isso te parecer mais apropriado.

Eric abraçou seus ombros, mas foi B.G. que a reconfortou. - Gostou de todas as partes,- ele disse. -Fez bem.

- Bem. Então.- B.G. colocou sua folha e sua caneta no extremo de uma mesa negra brilhante. -Possivelmente Se importaria em nos ilustrar a respeito de seus sentimentos.

Seu tom foi sedutoramente defensivo.

- Te amo também,- ela disse, sua voz se voltou grossa. - Os amo a ambos.

-Mas? - B.G. advertiu.

Agora ela se permitiu sorrir abertamente. -Ali não há nenhum ' mas.' Sobrevivi meu primeiro semestre. Não tive encontros, bem, exceto para sair com amigas, mas estava sempre de volta antes da meia-noite. Não cheguei tarde. Quase consegui A, o qual não foi tão duro como esperava porque, me deixe te dizer, a universidade é bastante mais interessante que a escola secundária! De qualquer maneira, penso que estou pronta para estar com vocês moços. -Afligida com a emoção, ela cruzou suas mãos em cima de seu coração. -Meus moços.

-Assim é que se mudará?- Eric disse. -Você pode ter seu quarto, seu banheiro, se você gostar.

-Você sabe o caminho ao coração de uma mulher- Ela começou a apertar o músculo de seu ombro. - mudar-me, mas se minhas qualificações vão rumo ao sul, então esse será o fim disso.

Eric riu e se dobrou a beijar sua testa, seus olhos cintilando como estrelas. -B.G. nunca deixara que isso ocorra. Ele pode absolutamente, te pôr na lista do decano.

-Tolices,-disse B.G.. -Ela tem que fazê-lo por si mesma.

Ele tinha dado um passo para onde ela pudesse vê-lo, e sobre o ombro do Eric seus olhares se encontraram. Ela sentiu como se suas almas estivessem olhando uma à outra, entretanto o que diziam estava em uma linguagem que não conhecia. De todos os modos, alguma comunicação estava sendo trocada. Repentinamente, o ar se voltou pesado e quente. Um rubor se moveu sobre o rosto de B.G, e a mão do Eric deslizou em seu cabelo. O pulso em seu pulso foi marcadamente rápido. Sua atração pelo B.G. tinha-o atraído. A luxúria que apertou dentro dela como



consequência podia havê-la assustado se não tivessem sido pelo que ela sentia por estes homens.

Ela sabia que não a deixariam insatisfeita.

- Tenho que fazer cada coisa por mim mesma?- Ela perguntou.- Porque, considerando minha própria, não disposta, política de encontros, isso é ao que estive muito comprometida por todo o semestre.

Eric gemeu diante de sua implicação e enterrou o rosto em seu pescoço.

-OH, não,- B.G. reconfortou-a a ela brandamente. - acredito que o dois poderemos ajudar efetivamente um pouco.

Reclamasse do Eric era uma variação no tema do resto do apartamento. As paredes eram negro mate, a roupa de cama azul poeirento, e o tapete um nata texturizado. Marinho transparente punha cortinas as janelas largas, quase mas não o suficiente para bloquear completamente a visão da paisagem. Por cima da cama, qual estava muito no chão, um só quadro pendurava orgulhoso do lugar, uma foto misteriosamente preciosa branca e negra de um carvalho silvestre de velho crescimento encaixotado no gelo, provavelmente capturado depois de uma tormenta.

Uma vez que ela se sobrepôs à sacudida inicial das paredes negras, Charity decidiu que era um dos quartos mais tranquilos nos que ela alguma vez tivesse estado. Vê-lo a fez precaver-se de que este homem que ela amava tinha profundidades, que então ela não tinha explorado.

No momento, claro está, estava mais interessada em explorar a cama king size.

O colcha de pluma de ganso a seus pés parecia especialmente incitante.

-Espera,- Eric e B.G. disseram enquanto ela avançava.

Logo os dois riram.

- Queremos te despir,- Eric disse. -Pouco a pouco.

-Pouco a pouco rapidamente,- Charity urgiu. -foram meses.

Apesar de suas palavras, não se apressaram muito, embora ela supunha que o processo de despi-la poderia lhes haver parecido rápido. Ela teve que admitir que era agradável vê-los trabalhando em silêncio coordenado, para tremer sob as carícias gentis de suas mãos, ouvir as mudanças em sua respiração quando as partes diferentes suas se mostravam.

Sendo tratada assim, uma garota poderia chegar a pensar que era uma deusa.



Quando suas roupas se foram até o último as meias três quarto, Eric se ajoelhou a seus pés. -Belo,- ele disse, seu toque ligeiro como pluma acima a parte de atrás de suas panturrilha.

B.G. acariciou com o nariz seu cabelo a um lado para beijar sua nuca. Suas mãos alisaram círculos ao redor de seus quadris enquanto a cordilheira detrás de seu zíper roçava seu traseiro. Que estivessem vestidos e ela estivesse nua a fez sentir vulnerável.

-Nos diga o que você quer,- B.G. murmurou contra suas vértebras. Seremos seus servidores.

Eric se inclinou o suficientemente perto para chupar seu ventre. Ela sabia, que se o deixava, isso não seria tudo o que ele saborearia.

Antes que fraquejasse a vontade, ela se deslizou entre eles e se sentou com as pernas cruzadas sobre a cama.

-Dispam-se um ao outro,- quero vê-los.

Para sua desilusão, fizeram-no rapidamente, com umas poucas mais maldições e menos graça que a que eles usaram com ela. Logo que importou para seu desfrute. Eram espécimes belos de seu sexo, ambos musculosos até B.G. que era mais enxuto e ambos imponentemente excitados. A vista de suas ereções a fez chupar os lábios, Mas não fizeram mais que roçar-se ligeiramente um ao outro enquanto se despiram, uma restrição pela que teve um montão de simpatia. Quando ambos estiveram expostos e ofegando, Eric a olhou, logo ao B.G. , e logo devorou seu companheiro em um beijo boquiaberto profundo.

B.G. vacilou que um segundo, então retornou o beijou, gemendo enquanto ele cedia ao prazer. O som deslizou por ela como ouro derretido, unindo-se baixo e pesado entre suas pernas. Ela ficou sem fôlego com a força com a qual seus braços envolveram as costas do outro, No apertado de seus tendões bem desenvolvidos. Sua intensidade lhe disse que não tinham estado jogando muito enquanto ela se foi, que estavam perto do desespero. Ela podia ter observado por mais tempo, especialmente quando começaram a deslizar a seus pênis juntos um ao lado do outro. Algo para sua desilusão, logo que a fricção se voltou entusiasta, separaram-se e se voltaram ao uníssono para ela. Ambos os rostos estavam obscuros.

-A quem quer dentro de você?- B.G. perguntou miseravelmente. -Você nos pode ter a ambos se o desejar, mas um de nós tem que ir primeiro.

Apenas consciente do que perguntavam, ela percorreu com o olhar a Eric. Ele esfregava sua palma através de seu diafragma como se desejasse que esfregar alguma outra coisa. Ele estava certamente preparado; Sua ereção era enorme, a ponta tensa e vermelha. Quando o três tinham jogado em Mosswood, Eric usualmente tinha sido o que devia levá-la. Tinha parecido mais cômodo para todos. Agora que ela sabia que B.G. amava-a, ela se perguntou se "a comodidade" era realmente do que esse acerto esteve tratando. Talvez B.G. tinha concedido essa intimidade a seu amigo porque ele pensava que não tinha o direito de ficar em evidência.



Como se ele pudesse ler sua mente, Eric sorriu e deu a ela um assentimento diminuto. Seu amigo era mais importante que sua dureza.

-Você,- disse ao B.G. -Você me tomará da forma que queira.

Ele queria ser lento e amável, mas no minuto que lhe disse você, o desejo rodou como uma avalanche através de seu corpo e fechou seu cérebro. Ele a empurrou para baixo na cama e tomou sua boca como um saqueador que nunca tinha sabido que poderia ser. Suas coxas subiram por cada lado de sua cintura, suaves, quentes, lhe abraçando tão apertadamente como ele a abraçava. Não podia evitar amassar sua ereção contra seu abdômen, mesmo que o fez inchar-se perigosamente.

O som de seus gemidos o envergonhou, mas o som dos dela não o deixariam deter-se. Ele a amava. Amava a ela e ao Eric, e iriam todos foder uma ao outro como loucos.

Se Eric não tivesse jogado o envoltório da camisinha contra sua orelha, então ele a teria esquecido completamente.

-Me deixe por,- Charity disse, uma súplica cujo poder para agradar era só excedido pelos movimentos meticulosos de suas mãos.

Ele teve que recostar-se para lhe dar espaço para manobrar. Agora os músculos se apertaram por todo seu corpo enquanto ela o embainhava.

-Ali,- ela disse, aplaudindo seu quadril. -Tudo preparado para o rock and roll.

Ele a beijou porque ele tinha que fazê-lo, beijando-a até que ela tremeu tão duro como ele, beijou-a até que seus braços o agarraram firmemente de volta. Quando Eric se sentou sobre a cama ao lado deles, a excitação de B.G aumentou. O calor do Eric foi evidente, o som de sua respiração pouco profunda mais sexy que um gemido. B.G. teve que deixar de beijar a Charity então porque não podia recuperar o fôlego. Ela devia ter sabido que Eric estava ali, mas o olhou só a ele, sua palma acariciando sua bochecha, seus olhos grandes e brilhantes.

- Te amo,- ela murmurou. -Tem seu lugar em meu coração, e é tão importante como o seu.

Ele não podia duvidar dela. Ele entendia exatamente como se sentia ela.

-Faz uma cópia,- ele disse, ou trata de fazê-lo. Ele soava como um menino pequeno asmático à maturação.

Lhe devia ter entendido, porque riu.



-Está preparada? Ele perguntou, e ela assentiu com cativante ansiedade.

Como ele desceu de volta para colocar-se entre suas pernas, Eric se sentou o suficientemente perto para que seu quadril nu pressionasse o ombro de Charity. Sua ereção estava alta e pulsante, cada veia serpenteada gravada por uma caneta .

-É lindo,- Charity disse, notando a distração de B.G.

Com o comentário, o pênis do Eric deu um pequeno rebote, claramente gostando da atenção de ambos. B.G. sentiu como se estivesse atuando sobre os desejos de seu amigo tanto como os seus. Ele pressionou para frente automaticamente, só detendo-se quando suas pregas se fecharam ao redor de sua coroa. Diante deste prazer singular, B.G. recordou que não queria apressar-se.

Nenhum, aparentemente, enganou a Eric. - Quero te sentir empurrar dentro dela ... se isso estiver bem.

-Seja nosso convidado,- B.G. falou com voz áspera de volta. - não acredito que um de nós se queixe.

Eric facilitou seu braço entre seus corpos, passou roçando os cachos púbicos de Charity com o passar do caminho. Quando alcançou a brandura de sua fenda, ela se crispou, logo jorrou contra a ponta de B.G.

Foi muito. Eric o tinha obrigado a ficar sem nada por muito tempo. Duplamente sustentado por seu corpo e pelo círculo do dedo do Eric e polegar, do B.G. pressionou lisamente dentro. A sensação de ser engolido foi deliciosa, não só porque aqui estava tão suave, mas sim pela mulher suave, molhada, sexy que era ela: Uma mulher que ele amava e que o amava em troca. Que presente era. Que milagre tão estranho.

As pálpebras do B.G se foram à deriva fechando-se enquanto estremecimentos de prazer rodaram abaixo de sua coluna vertebral. Eric devia ter sabido quão próximo estava de perder o controle. Seu agarre ficou dolorosamente tirante em sua base, acalmando as advertências de iminência.

Todos eles se detiveram então, contendo a respiração, apertando os músculos, nenhum deles querendo reduzir este presente. Charity foi a primeira a relaxar.

- Acredito que pode deixar B.G. gozar agora,- ela disse brandamente ao Eric. - Acredito que está preparado para mover-se.

B.G. moveu-se no momento em que Eric o soltou, profundamente dentro e profundamente fora, saboreando cada milímetro de cada golpe. Ele amava a maneira em que Charity se retorceu abaixo ele, robustecendo e ampliando sua impaciência. Torturar a uma mulher com lentidão era sua idéia do paraíso, seus suspiros de desejo seu elogio favorito.



Ele a reduziu finalmente, assombrosamente para grunhir com frustração e diversão. Ela voltou seus corpos unidos, a cama tão grande que não estavam em nenhum perigo de cair. Quando a rotação acabou com ela em cima, ele estava ainda dentro dela, uma vitória que pareceu desfrutar.

B.G. retornou o sorriso, estirando sua coluna vertebral e arqueando seu pescoço, deixando seu pênis dobrar-se profundamente dentro de sua capa. Ela fazia um quadro muito sexy montando-o escarranchado. Ela plantou suas mãos em seu peito para mantê-lo deitado.

-Você gosta disto,- ela disse, Sua vagina dando um puxão delicioso, ambicioso. -te agrada quando te violo.

B.G. estava enjoado com a verdade do que afirmava ela.

Ele quis fazer uma prece para que ele pudesse conhecer este prazer toda sua vida.

-Talvez,- ele disse em lugar disso. Ele colocou suas mãos na curva de suas coxas e a agarrou, ancorando-a firmemente ao fundo de seu golpe. -e talvez eu gostaria de dar uma oportunidade ao Eric de brincar.

Eric tinha estado acariciando o cabelo de Charity antes que ela rodasse, mas ele se moveu detrás dela e do B.G.. Que eles tinham planejado esta parte adiantado estava claro. Eric recuperou uma garrafa que ela não tinha advertido que estava na cama. Derramou-se quando ele a inclinou, então de novo quando colocou isso abaixo. Até sem tocá-la, seu corpo parecia vibrar contra suas costas. As mãos que ele deixou cair para seus ombros estavam quentes e lubrificadas. Quando começaram a amassá-la, ela soube que era uma pessoa sem esperança.

-OH,- ela disse, nunca tendo recebido uma massagem enquanto tinha sexo. Eric sabia justamente quão duro tinha que pressionar e onde, encontrando todos os nós que ela tinha compilado estudando.

Se Sylvia não tivesse sido descartada já, então Charity lhe teria sugerido ao B.G. que a deixasse ir-se.

-OH, menino,- ela disse enquanto os polegares do Eric navegaram abaixo de sua coluna vertebral, seus quadris balançando-se indolentemente no pênis do B.G. -Este chegou a ser o nirvana.

Eric não se deteve com sua coluna vertebral. O lubrificante estava lubrificando sua parte dianteira e roçado dentro até que ela se sentiu tão relaxada como se tivesse estado assando-se sob um sol caribenho. Os movimentos detrás dela eram como a maré e o banho das ondas. Sua ereção deslizou no lubrificante, sobre suas curvas e entre suas bochechas, fazendo a seu bumbum



zumbir com sua passagem.

Eric não empurrou dentro, mas logo que precisou fazê-lo para enviar seu libido dentro a velocidade ultra alta. Ela advertiu seu corpo inteiro deste modo, em vez de simplesmente seu pênis. Ele a esfregou com suas mãos, com seus braços, com o cabelo quente, crespo de seu peito. Todo ele se converteu em um órgão sexual para ela.

Mais tarde, ela pensou com um sorriso privado, provaremos o resto dos planos.

Parecendo cativado, B.G. observou tudo o que Eric fazia: Cada puxão de seus mamilos apertados, brilhantes, cada grupamento dos músculos em suas coxas. Suas coxas estavam ainda detidos pelas mãos do B.G, e seus dedos só apertado enquanto sua tensão rodava. Ele não empurrava, mas seu pênis estava tão rígido e cheio que se sentiu como osso.

Ao cabo de um momento, o físico solitário mordeu o lábio. -Ele não está dentro de você,- murmurou, -e a seguir te asseguro que não me sinto acima representado.

Charity sorriu diante da forma em que suas intenções diferentes poderiam seguir a mesma pista. - Ele não deve ter escutado, mas ele me tirou dessa forma em sua casa. Minha primeira vez em toda a vida.

O suor brilhou intensamente de repente na frente do B.G era tão excitante como seu anterior sussurro. -Sinto que perdi. Ele é bom nisso.

-OH, Sim,- Charity esteve de acordo. -Muito.

-A próxima vez, definitivamente observarei.

-Silêncio, vocês dois,- Eric disse enquanto Charity ria . - interessa-me tocar montão de coisas esta noite.- Para prová-lo, ele usou seus dedos para tocar abaixo de seu eixo rígido, deslizando a superfície superior entre suas pernas até que sua coroa chocou as bolas do B.G.

B.G. e Charity que ambos lhes saiu um -Ooh.

Logo ele se deslizou para trás de outra maneira.

-Agora que tenho sua atenção,- Eric disse, empurrando para frente com a parte superior de seu corpo e, durante o processo, forçando a Charity abaixo, - quero a Charity empurrando ao mesmo tempo comigo.

Nisto, B.G. liberou seu agarre em seus quadris. Ela podia mover-se outra vez, mas Eric controlava como. Cada vez que ele lançava sua pélvis contra seu bumbum, ela foi empurrada ao longo da longitude do B.G. Cada vez que ele se moveu para trás, ela tomou sua oportunidade para levantar-se.



O ex-menino gênio estava mais que o suficiente perto para lhe ler os olhos. -você gosta disto,- ele murmurou, ecoando de sua certeza anterior. - você gosta de ter poder e ser dominada.

Ela foi e se balançou em seus antebraços e dobrou suas pernas, com o Eric apoiando-se por cima dela para protegê-la de seu peso completo. Seus seios estavam brandamente assentados sobre o peito recém coberto de pêlo do B.G, seus mamilos assombrosamente sensíveis a sua textura. Para ilustrar seu ponto, B.G. empunhou-a ao redor de suas axilas. Embora esta submissão era a humilde, a adição deste prazer a todos outros a enviou a uma condição alterada.

Ela... se rendeu. Não houve outra palavra para o que aconteceu a seu corpo, nenhuma outra palavra para explicar seu sentido entristecedor de confiança. Ela e Eric se moveram juntos, respiraram juntos como uma pessoa. Ela poderia rir com alegria, mas não necessitava isso. Quando B.G. uniu-se a seu ritmo, quando começou a empurrar para cima e dobrar-se para encontrar seus impulsos, ela entregou o último de sua necessidade que tinha mantido separado.

Ela não podia ficar em guarda, sem importa o que o futuro trouxesse.

-Mais rápido,- ele gemeu, não como seu eu usual. -OH, Meu Deus, por favor.

Nem ela nem Eric puderam resistir a sua súplica. Aceleraram o passo, levaram ao B.G. mais profundo, percebiam sua respiração ao unísono enquanto B.G. endureceu-se e se estremeceu e retorceu seu rosto e seu corpo em dura liberação.

-Sim,- Eric disse como se ele fora o que tivesse explodido, e ela tivesse que dizê-lo, também.

Seu ânimo fez gemer ao B.G., ainda tremendo com o prazer interminável de um clímax bastante negado. Os dedos preparados do Eric encontraram seus clitóris, mas foi o êxtase do B.G o que devoro o dela como se levasse correias. Nenhum medo marcando sua queda. Seu orgasmo desceu em picada de suave a forte, de suar em terra a céu brilhante. Os braços a sujeitaram. Os peitos a esquentaram. Eric a esmagou a ele enquanto sua semente saía a jorros em suas costas. Ela se cravou uma última vez e se voltou frouxa.

O som de dois homens soprando na culminação era doce certamente.

-Senhor,- Eric gemeu, como se ele não poderia acreditar o bem que se haviam sentido.

Tomou um minuto, mas ele se afrouxou fora dela com um suspiro, as conexões rígidas de esticar-se tão duro. Paralisou ao lado de B.G., lhe deixando seu lado contrário para que ela se aproximasse. O suor esfriando-se em sua pele a fez agradecer o calor de seu corpo.

-Deus,- B.G. queixou-se. -Isso realmente foi estimulante.

-Completamente,- Eric esteve de acordo com um pequeno bufado carinhoso.

-Completamente,- disse Charity, e puxou a colcha sobre todos eles.



Capítulo Vinte e um

Eric despertou com seu estômago retumbando e Charity ausente da cama. A noite tinha caído enquanto dormiram o sono dos bem saciados. À luz do relógio a um lado da cama, ele viu o B.G. sorrindo em seus sonhos. Divertido mas também Eric meio tocado, puxou o lençol sobre seu ombro e andou nas pontas dos pés fora.

Charity não estava na cozinha ou na sala de estar. Os banheiros estavam vazios igualmente, mas uma colcha faltava do segundo quarto de hóspedes. Isto o conduziu a contra gosto ao balcão.

Suficiente seguro, sua sombra enchia a usada cadeira de sala de espera. Ele empurrou a janela corrediça aberta, agarrou-se no marco, e tremeu. A que mais cedo era garoa tinha chegado a ser uma névoa, embaçando as janelas iluminadas da cidade em estrelas. Porque ele não poderia ver o chão, isto fazia parecer como se eles estivessem mais acima que a altura de doze andares. Eric se perguntou que oportunidade tinha que Charity o deixasse ficar onde estava.

-Ouça,- ela disse, seu sorriso lhe dando a bem-vinda. -Vêem compartilhar a minha coberta.- Ela atirou a um lado uma dobra, revelando um brilho de peito precioso, de mamilo suave. -Vamos,- ela disse, a compreensão quente em seus olhos. -Se sustentar isto aberto muito tempo, vou ser descarada.

-Ou presa.- Apesar da possibilidade, e de sua fobia, ele estava sorridente enquanto ele se introduzia no bolso de calor sob o acolchoado. Havia justo a adequada quantidade de espaço sobre a almofadada estrutura de ferro fundido para ambos os traseiros.

-Mm,- ela disse quando notou que ele estava nu, também._ Boa coisa que esta coberta seja grande.

-Minha avó a fez.- Sua voz soou normal, o qual era bom. Embora ele estava tenso, seu ritmo cardíaco era constante. Satisfeito de que não ia envergonhar se a si mesmo, ele colocou a cabeça de Charity sob seu queixo. Com tal de que ninguém lhe pedisse que fizesse como Homem Aranha e escalasse o edifício, ele pensava que estaria bem.

-Minha avó era um costureira,- Charity disse como se ela soubesse que ele necessitava alguma outra coisa sobre a qual pensar. Sua mão se instalou comodamente em sua cintura. - Ela estava acostumada a competir em competição de malha nacionais. Não sei por que, mas tudo o que ela fazia era verde. A minha mãe dava medo ela, assim é que não a víamos muito freqüentemente. - Eu, entretanto, consegui alguma roupa realmente esplendorosa de Barbie como presente.

Esta revelação parecia merecer uma em troca. -A Avó Berne era cleptomaníaca.
- Não!



- Sim. Não podíamos fazer suas compras em qualquer lugar. E ela estava estranhamente obcecada com as figurinhas Hummel. Quando minha irmã tinha quatorze anos de idade, ela estava tão envergonhada que queria que ela sumisse.

-OH, muito gracioso.

- Mami não acreditou assim. Ela estava consternada pela falta de sentimento fraternal de Dana.- Ela fez pó a coleção de minha avó três meses seguidos. Então a avó decidiu que Dana era sua neta favorita, ela não sabia que as visitas fossem um castigo e começou a convidá-la especialmente. Dana gostou que até a avó deixou a ela todos os Hummels em seu poder.

-Ainda os Hummels furtados?

- Tentamos não investigar muito estreitamente a respeito disso. E Dana é uma contadora para desfazer-se deles. Algumas das figuras antigas subiram muito de valor. A meu papai gosta de incomodá-la lhe dando peças novas no Natal preferivelmente os mais bregas que pode encontrar.

Sob a manta, as pontas dos dedos de Charity começaram a acariciar sobre seu flanco, fazendo cócegas agradavelmente ao longo de suas costelas. -Seu pai soa como o único membro de sua família com quem poderia me levar bem.

Eric esfregou um círculo em suas costas. -A minha mãe gostara de você, embora não posso te assegurar que ocasionalmente não coloque a pata. Sua família é ainda mais rica que a de papai como Rockefeller.²³ Casar-se com papai a fez baixar a conectar-se à terra um pouco, mas algumas vezes ela não entende o regular que vive as pessoas.

A cabeça de Charity se levantou de seu peito, seus olhos se ampliaram. Ele esperava que ela entendesse o significado de que lhe falasse a respeito de sua família. Ele tentava por completo que fossem parte de sua vida, também.

- Ricos como Rockefeller,- ela disse com uma sacudida pequena de incredulidade. - nem sequer posso imaginar.

- A família de mamãe tem um castelo em Gales. Passamos alguns verões ali quando éramos crianças. Estava desmoronando mas era bastante divertido.

-Ooh,- ela disse e caiu em um sonho.

Eric a deixou assimilar o que lhe tinha revelado antes que ele falasse outra vez. -Me diga que não saiu daqui porque estava tendo dúvidas.

²³ - John Davison Rockefeller Nixon, nascido a 8 de Julho de 1839 em Richford, no estado de Nova Iorque, falecido em 1937, foi um homem de negócios norte-americano, um self-made-man, fundador da primeira companhia petrolífera norte americana, a Standard Oil. Um homem religioso (calvinista), foi também um importante filantropo do seu tempo. Eternamente o ser humano mais rico de todos os tempos.



-A respeito de você e B.G.? Depois desta noite? De maneira nenhuma! Vocês meninos estão irremediavelmente comprometidos comigo por algum tempo.

-Bom,- ele disse, tratando de decidir se agora era o momento para admitir o que queria realmente. Ela se retorceu ao redor e o olhou antes que ele pudesse fazê-lo.

- Pensava na Sylvia,- ela disse. -O que aconteceu com ela depois de que se foi?

-Bom, eventualmente ela será deportada.

- Tão assim?

- Exato. Podiam-na ter acusado de espionagem.

-Ou intenção de assassinato!

- Suponho. Mas não acredito que ninguém queira que falasse sobre o motivo pelo que veio a Mosswood. Se ela for outra vez balbuciando sobre máquinas distorsionadoras do tempo, então a maioria das pessoas assumirá que ela está louca. Por outra parte, se levantar um caso contra ela em um tribunal dos Estados Unidos...

-Alguém a poderia tomar a sério.- Charity se incorporou mais reta na cadeira, um raio de luz nebulosa atravessando a abertura na colcha. Eric se perguntou se ela se dava conta de que a beleza dela não era sozinho a de uma gatinha sexual, mas sim de uma mulher bela com um espírito forte.

Sentindo mais por ela do que ele sabia como manter dentro, ele a abraçou gentilmente ao redor da cintura. -Sylvia tinha um meio-irmão mais novo,- ele seguiu. - Não uma relação de sangue de fato, seus pais não pode que não estivessem legalmente casados mas se criaram juntos. Por como isso parece, não foram exatamente irmão e irmã. fraternais.

Charity estalou os dedos. - Arne. Isso é o que ela me chamou por equívoco quando a surrava.

- Acredito que esse é seu nome,- Eric disse, impressionado por sua memória. - De qualquer maneira, o meio-irmão forma parte de um grupo estudantil anti-americano radical que algumas vezes dispõe seus serviços a facções mais organizadas.

-Não estou informado de todas as curvas do caminho, mas depois de que Sylvia chegou a América, o meio-irmão a convenceu em se infiltrar no grupo de convidados de B.G.

- Está alguém tratando de suspender a operação do grupo?

-Estarão vigiados,-disse Eric. - Felizmente para eles, não foram terrivelmente efetivos. Dana



diz que nosso governo espera usá-los para encontrar aos organizadores mais acima da cadeia.

Tudo isso parece irreal agora.

-Sim, é.

-É terrível de minha parte esperar que Sylvia esteja bem?

Eric riu. - Não é terrível. É doce.- Querendo sua atenção completa, ele colocou sua mão sobre sua bochecha. Há algo que preciso te dizer, entre você e eu. Ele deixou escapar sua respiração, logo aspirou. Não importava seu nervosismo. Charity tinha direito ou seja o que ele planejava.

- O que é isso? Ela perguntou, sua mão subindo a tocar seu pulso. -Por que está como se estivesse frente a um pelotão de fuzilamento?

Ele sacudiu a cabeça diante do que ia perguntar. Considerando o importante que ele sabia que era sua independência, ele realmente tinha algum maldito nervosismo.

-Não sei quando quererá B.G. retornar a Mosswood,- ele começou, - mas espero me casar contigo, te fazer promessas e fazer que você me faça isso. Eu gostaria de reter o B.G. se puder, mas qualquer que sejam seus sentimentos sobre isso, acredito que deve saber que meu objetivo final inclui que você traga posto meu anel.

Ela cravou os olhos nele sem falar, logo pressionou seus lábios nos dele com sua palmas emoldurando cada lado de sua mandíbula. Esse era o beijo de uma mulher com amor em seu coração. Delicado. Até um pouco temeroso. O que não era foi um beijo que lhe desse uma resposta cristalina.

-Decoraste realmente bonito aqui dentro,- ela disse quando se fez para trás, - mas necessita algumas plantas. Vejo palmas anãs, acredito, e talvez orquídeas. uns quantos desses Taipei Golds²⁴ poderia colocar sua aparência bem acima. Poderia instalar para você. Meus polegares sempre foram verdes, e agora que tomei algumas aulas de botânica, sou realmente bastante impressionante.

Por um momento, sua resposta o confundiu. O que tinham que ver as orquídeas casando-se? Logo registrou a implicação possível. Se seus instintos de adivinhação tinham sido comprometidos... Por estranho que pareça, então considerando o serenamente que ele tinha dado um passo sobre este balcão, agora seu coração galopava.

-Esta urgência de ajardinar meu apartamento significa um 'sim'?

Charity sorriu e desenhou um dedo abaixo do centro de sua boca. - significa uma promessa





de pensar nisso, e um agradecimento, e possivelmente um grande 'uau'.

-Não vai me dizer que teria que deixar ao B.G.?

Seu sorriso continha um indício inconfundível de gato de Cheshire.²⁵

-OH, não,- lhe assegurou, arrastando a mão abaixo de seu torso para seu pênis esperando.

No momento em que ela o tocou, começou a inchar-se.

-Para que veja, espero conservar B.G., também.

Dentro no saguão, fora de sua vista, B.G. ria baixo e em silêncio ao redor de uma fatia de pizza fria. Que desenvolvimento tão interessante. Ele poderia ter tudo o que ele queria sem uma pontada de dor de culpabilidade: Seu amigo feliz, o mesmo conectado, sem mencionar o benefício aplique de que Charity teria todo o suporte e a guia que necessitava para obter que lhe desse amplitude a seu potencial. Ele se perguntou se ela tomava a sério a botânica. Um campo admirável de estudo. Porque, as plantas eram quase tão fascinantes como as partículas!

Até com seu coeficiente intelectual., B.G. não podia ter imaginado um final mais agradável.

Enquanto ele olhava às carícias de seus amigos voltar-se mas decididas, contou suas bênçãos de que ele não fora o único que soubesse como sonhar.

FIM



²⁵ -Gato da historia Alice no pais das maravilhas